

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

VINÍCIUS DE OLIVEIRA JUBERTE

**A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil:
Da Legalidade ao Golpe (1944-1964)**

Versão corrigida

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

VINÍCIUS DE OLIVEIRA JUBERTE

**A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil:
Da Legalidade ao Golpe (1944-1964)**

Versão corrigida

Trabalho apresentado à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em História.

Orientadora:
Profa. Dra. Marisa Midori Deaecto

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

091e Oliveira Juberte, Vinícius de
A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no
Brasil: Da Legalidade ao Golpe (1944-1964) / Vinícius
de Oliveira Juberte; orientador Marisa Midori Deaecto
- São Paulo, 2023.
399 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Econômica.

1. História do Brasil. 2. História do Livro. 3.
Partido Comunista do Brasil. 4. Comunismo. 5.
Editoras. I. Deaecto, Marisa Midori, orient. II.
Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

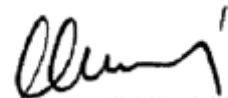
Nome do (a) aluno (a): Vinícius de Oliveira Juberte

Data da defesa: 17/04/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Marisa Midori Deaecto

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 08/05/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Para Livia, meu amor.

Em memória de minha mãe Margareth, que sempre acreditou.

Para meu pai Paulo, que continua acreditando.

*Ao professor Edgard Carone, pioneiro nos estudos da difusão
da literatura marxista no Brasil.*

Agradecimentos

Não sei nem mensurar o quanto me alegra escrever os agradecimentos desse trabalho, que sem o apoio de inúmeras pessoas incríveis jamais teria sido possível. Ele foi gestado em um período de turbulência do país, em que a ciência virou alvo do pior obscurantismo, ao qual se somaram o desalento e o medo da pandemia, além de uma imensurável perda pessoal. Me acalenta o fato desse trabalho conhecer a luz do dia em um momento em que, finalmente, a vida parece ter tomado rumo novamente e as esperanças se renovam.

Aqui começo a agradecer as inúmeras pessoas incríveis das quais falei no parágrafo anterior: a minha orientadora, Marisa Midori Deaecto, por ter me acolhido nessa jornada da pós-graduação desde o mestrado, com quem aprendi não só por meio das conversas e orientações, mas também por seu exemplo de profissional séria e dedicada. Agradeço imensamente aos professores Vera Ferlini e Marcelo Candido por terem me concedido a bolsa de estágio de pesquisa em Portugal do Instituto Camões, oferecida pela Cátedra Jaime Cortesão, que tanto enriqueceu minha pesquisa. Ainda nesse processo agradeço imensamente a ajuda das professoras Natália Tammone e Helena Wakim, dos professores Lincoln Secco e Maurício Cardoso, além do professor Nuno Medeiros, por toda gentileza com a qual me recebeu em Lisboa.

Aos membros da minha banca de qualificação, Flamarion Maués e Dainis Karepovs, pela leitura generosa do meu trabalho ainda em fase preliminar. Aos membros da minha banca de defesa, Nuno Medeiros, Lincoln Secco e, novamente, Dainis Karepovs pelos valiosos apontamentos que foram determinantes para essa versão final. A esse último deixo um especial abraço pela doação de inúmeros livros e materiais da Vitória, além da disponibilidade para tirar dúvidas deste jovem pesquisador sempre que necessário. Da mesma forma, agradeço ao professor Antônio Albino Canelas Rubim, sempre tão solícito comigo.

Deixo também meus agradecimentos a todos os funcionários de arquivos que tornaram minha pesquisa possível, em especial a Alzira e o José Renato Galvão, que tanto me ajudaram a garimpar as obras da Editorial Vitória na Biblioteca Edgard Carone do Museu Republicano de Itu.

À minha companheira Lívia, meu amor e pessoa fundamental para que esse trabalho se tornasse realidade. Não teria conseguido sem seu apoio diário incondicional.

À minha família, meu porto seguro: meu pai Paulo, meu irmão Diego, minha cunhada Laura, a Marta e meus sobrinhos Gustavo e Helena, meus amores. Minha madrinha Vera Lúcia e minha tia Vera Alice, meu tio Jaime, meus primos Fabiano, Juliano, Juninho, Du, Rique, Taci, Amanda, Kleber, Kilson, Kelsey, Katleen, Kevin, Kenny, Kauã, Karol, Kael, Andréa, Susana e Terê. À minha segunda família, meus sogros Marisa e Leonel, meu cunhado Giovanni, às tias Laís e Leda, aos primos Fausto, Gabi e Igor. Aos meus amigos que elegi também como família: André e Paula, Evandro e Jéssica, Camila e Ari. A vida fica mais leve e bonita ao lado de vocês. Obrigado pelo apoio incondicional e pela compreensão com as ausências nos momentos que esse trabalho exigiu.

À Carolina Bednarek, pela amizade, pelas conversas, por ter ajudado a tornar esse processo de pesquisa e escrita menos solitário, e claro, pelo trabalho incrível na formatação desse trabalho. Ao Wagner Miranda, que já era meu amigo antes mesmo dele saber, responsável pelo abstract. À Carol Benazzato, por todo carinho e parceria. Ao André Moraes, ao Ádamo e ao Gilson Bizerra, saudades da nossa parceria musical. Ao Guilherme Monteiro, pela camaradagem política e futebolística. Aos camaradas Maurício Parisi e Gustavo Velloso pela consideração e respeito, e ao Leonardo Perim Saad, pela parceria nos dias e noites lisboetas.

Por fim, mas não menos importante, deixo aqui o agradecimento aos meus queridos colegas da Escola Morumbi – Unidade Moema/Colégio MOR, que estendo para todos os funcionários da escola: meu muito obrigado ao Francisco e à Lia Cerialle, pela parceria e humanidade com que tratam o projeto escolar e as pessoas envolvidas nele, algo tão em falta por aí. Aos educadores com quem tanto aprendi e aprendo, que tenho orgulho de chamar de amigos e espero levar comigo para a vida toda: Ana Paula Souza, André Galindo, Anita Guimarães, Carlos Daniel Vieira, Carlos Gontijo, Maria Elisabeth Queijo, Fabrício Spósito, Fernanda de Moraes, Fidel Fernandez, Giovanna Pissolato, Hilton Silveira, Kassiane Dirani, Luciana Cordeiro, Osvaldo Venezuela, Patrícia de Souza, Ricardo “Richard” Zimmermann, Renato Mendonça, Renê de Barros, Rosana Baú, Rose Samoel, Sônia Regina, Takeshi Kamieda e Vitor Mizuki. Obrigado por tanto!

Acreditávamos no Brasil, acreditávamos nas imensas possibilidades de nosso povo avançar rumo à sua plena realização, desde que fossem eliminados de seu caminho os empecilhos tradicionais – miséria, fome, doenças, incultura – resultantes da exploração cruel a que sempre esteve submetido, tanto pelas classes dominantes nacionais como pelas potências imperialistas que, por sua vez, as controlavam. Para alcançar a eliminação desses empecilhos púnhamos (e ainda pomos) muita fé na eficiência dessa arma branca, silenciosa e paciente, que é o livro. A despeito da extrema perseguição que em todas as épocas e sociedades sempre lhe movem as forças do obscurantismo e da prepotência, ele é instrumento capaz de revolver o mundo e levar os homens a repensá-lo criadoramente. Convencidos disso, agimos. [...]

ÊNIO SILVEIRA

(HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 593)

[...] Ele lia a longa ancestralidade do livro que estava lendo, pois os livros que lemos são também os livros que outros leram. Não me refiro ao prazer vicário de segurar nas mãos um volume que pertenceu a outro leitor, evocado como um fantasma por meio do murmúrio de umas poucas palavras rabiscadas na margem, uma assinatura na guarda do livro, uma folha seca usada como marcador, uma mancha de vinho reveladora. Quero dizer que cada livro foi gerado por uma longa sucessão de outros livros cujas capas talvez jamais tenhamos visto e cujos autores talvez jamais conheçamos, mas que ressoa naquele que temos em mãos. [...]

(MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*, p. 280)

Uma editora a serviço do povo.

LEMA DA EDITORIAL VITÓRIA

Resumo

A pesquisa procura analisar a trajetória da Editorial Vitória Limitada entre 1944 e 1964, principal empreitada editorial da história do PCB (Partido Comunista do Brasil). Esse período compreende da legalidade do partido nos anos 1940 até o Golpe Civil-Militar de 1964. Inicia analisando o surgimento da editora e os agentes envolvidos em sua consolidação nos anos 1940, sua estrutura de distribuidoras e livrarias, abordando posteriormente a circulação de seus livros pelo Brasil, por meio do reembolso postal, e pelo espaço transatlântico, com a chegada de suas edições em Portugal. Posteriormente, a análise tem como foco o catálogo da editora por meio do design gráfico de suas capas e outros paratextos, considerando dois momentos distintos: o período stalinista de 1944 até 1956 e o período da desestalinização de 1956 até 1964. Enfim, busca-se compreender a relação entre linha editorial e linha política partidária e o papel da editora na difusão da literatura marxista no Brasil.

Linha de Pesquisa: Economia da Cultura

Palavras-Chave: Editorial Vitória; Partido Comunista do Brasil; Literatura Marxista;

Mercado Editorial Brasileiro; Realismo Socialista

Abstract

This thesis aims to analyze the trajectory of Editorial Vitória Limitada, the main enterprise in the history of the Brazilian Communist Party (PCB) in the publishing field between 1944 and 1964. This period goes from the lawfulness of the party in the 1940s to the civil-military coup in 1964. It starts by analyzing the inception of the publishing house and the agents involved in its consolidation in the 40s, its network of distributors and bookstores, and later approaching its books distribution around Brazil via postal reimbursement and in the transatlantic space, culminating in its arrival in Portugal. Later on, the analysis focuses on the publishing house's catalog from the perspective of their books' graphic design and paratext, considering two different moments: the Stalinist period (1944-1956) and the de-Stalinization period (1956-1964). Ultimately, the objective is to understand the relation between the editorial line and the proponent political line and the role of this publishing house in the diffusion of Marxist literature in Brazil.

Line of Research: Cultural Economy

Keywords: Editorial Vitória; Brazilian Communist Party; Marxist Literature; Brazilian Publishing Market; Socialist Realism

Sumário

<i>Introdução</i>	12
1. Os livros e suas revoluções	12
2. Edições comunistas no Brasil	23
<i>Capítulo 1. A Editorial Vitória nos anos 1940: Início e Consolidação</i>	34
1. A Editorial Vitória: uma empresa para além do lucro	34
2. Salomão Tabak e Henrique Cordeiro: a edição como tarefa militante	57
2.1. Salomão Tabak: professor, intelectual e militante	58
2.2. Henrique Cordeiro: um militante entre jornais e livros	63
3. José Maria Nunes Pereira: um militante no espaço transatlântico	67
<i>Capítulo 2. A Geografia da Literatura Marxista: Os Caminhos das Edições da Editorial Vitória</i>	83
1. Boletins e Periódicos	83
2. Pedidos por Reembolso Postal	95
2.1. Pedidos avulsos	96
2.2. Pedidos de livreiros e distribuidores	105
2.3. Cartas de Reclamação	113
2.4. Repressão Policial	118
2.5. Pedidos de Livros de Outras Editoras	123
2.6. Cartas de Cobrança	127
2.7. Cartas da Editora para o Exterior	130
2.8. Outros Temas	134
2.9. A Circulação dos Livros	141
3. A Circulação dos Livros em Portugal	152
<i>Capítulo 3. Design Gráfico e Luta Política: a Identidade Visual dos livros da Editorial Vitória</i>	166
1. Selos	168
2. Capas	169

<i>Capítulo 4. O Catálogo da Editorial Vitória: O Período Stalinista (1944-1956)</i>	204
1. Anos 1940	206
1.1. Testando a repressão: romances, livros sobre a Guerra e antifascistas	206
1.2. As primeiras obras do marxismo-leninismo: A Coleção Unidade e a Coleção Clássicos do Marxismo	216
1.3. O agravamento da luta política e a predominância dos panfletos	230
2. Anos 1950	240
2.1. A retomada	246
2.2. Biblioteca da Nova Cultura	271
2.2. Coleção Romances do Povo	276
2.2.1. <i>Jorge Amado e o realismo socialista</i>	277
2.2.2. <i>“Os romances da paz e da esperança”</i>	280
<i>Capítulo 5. O Catálogo da Editorial Vitória:</i>	
<i>O Período da Desestalinização (1956-1964)</i>	315
1. 1956-1959: Rupturas e Continuidades no Catálogo da Editorial Vitória	318
2. Anos 1960	325
<i>Considerações Finais</i>	355
<i>Bibliografia e Fontes</i>	361
Bibliografia	361
Arquivos e Fontes	369
<i>Apêndice</i>	371
1. Livros Editados pela Editorial Vitória (1944-1964)	371
2. Livros Anunciados pela Editorial Vitória e Não Editados	393
3. Autores Mais Publicados pela Editorial Vitória	396
4. Livros Editados pela Editorial Vitória por Ano (considerando reedições)	398

Introdução

1. Os livros e suas revoluções

Não é exagero afirmar que os livros são parte fundamental das grandes transformações pelas quais passou a humanidade desde o seu surgimento. Na verdade, o próprio nascimento do livro impresso foi uma enorme revolução. Quando, no século XV, Gutenberg desenvolve o processo de produção do livro baseado nos tipos móveis e na prensa, tudo muda. Com o barateamento na produção (graças à distribuição das despesas pela totalidade da tiragem) e a redução do tempo de produção por meio do trabalho tipográfico¹, os livros passam a alcançar espaços e pessoas como em nenhum outro momento anterior.

Daí em diante, a “aventura do livro” passa a ser uma constante na história humana. A difusão da Bíblia em línguas vernáculas pela Europa tem papel fundamental na quebra do monopólio das Escrituras pela Igreja Católica e na profusão pelo velho continente da Reforma Protestante. Nessa toada, os livros em formatos médios garantem a profusão das ideias humanistas e a retomada dos clássicos antigos, formando o caldo de cultura da nascente Idade Moderna e de seus renascimentos culturais e científicos. Da mesma forma, a Revolução Industrial estrutura a divisão do trabalho editorial que será predominante no mundo contemporâneo, trazendo à tona a separação entre tarefas e profissões: autor, editor, tipógrafo, distribuidor e livreiro².

Dessa forma, os livros projetam no tempo muito mais do que o discurso do autor, trazendo em si um conjunto de práticas culturais, industriais, comerciais e econômicas do período em que foram concebidos. A presença das edições no mercado livreiro ou nas

¹ CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: Do Leitor ao Navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 7.

² *Idem*, pp. 16-17.

bibliotecas ampliam a influência dessas obras para muito além dos consumidores contemporâneos, tornando o livro um processo de comunicação potencialmente atemporal³.

No século XVIII, os contemporâneos à Revolução Francesa se questionavam sobre o poder subversivo dos livros⁴. Esse processo revolucionário eleva a um outro patamar a relação entre as edições e as mudanças na sociedade, criando definitivamente o paradigma do livro como força transformadora⁵. É o “Século das Luzes” o responsável pela concepção do livro como uma realidade dupla, com duas acepções distintas e inseparáveis, uma material e outra espiritual⁶. Os livros de bolso, libelos que bradavam contra o Antigo Regime, os desmandos e a degradação moral da monarquia francesa, foram presença marcante e circularam de mão em mão pelas ruas de uma França sublevada, prestes a redefinir os rumos do mundo ocidental.

Essa tradição não só permanece viva como se fortalece e se aprofunda nos séculos XIX e XX, agora sob o manto daqueles que, herdeiros espirituais dos revolucionários jacobinos, procuram fazer dos livros parte intrínseca na superação das antigas estruturas e na construção de uma nova sociedade: os comunistas.

Essa tendência fica evidente desde os primórdios do movimento comunista, com o lançamento em 1848 do *Manifesto do Partido Comunista* por Marx e Engels. O interesse das lideranças marxistas pelos meios de produção e difusão cultural foi uma constante, transformando em traço distintivo da cultura comunista sua tradição editorial. Como movimento político-ideológico que necessita formar e educar os militantes dentro

³ MAUÉS, Flamarion. *Livros Que Tomam Partido: Edição e Revolução em Portugal: 1968-1980*. Lisboa: Edições Parsifal, 2019, p. 48.

⁴ DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2019, p. 24.

⁵ DEAECTO, Marisa Midori. “A Batalha do Livro”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo Horizonte: Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013, p.14.

⁶ MAUÉS, Flamarion. *Livros Que Tomam Partido*, op. cit., p. 51.

de sua doutrina, atingir as massas trabalhadores e influenciar a sociedade, jornais, revistas e livros tornam-se os meios fundamentais para essa tarefa⁷.

Ainda que a difusão editorial marxista tenha se iniciado na Europa Ocidental durante o século XIX, é só após a Revolução Russa de 1917 que a literatura marxista irá romper essas fronteiras e ganhar o restante do mundo. O grande líder dessa revolução, Lenin, há tempos defendia a necessidade de fazer os escritos marxistas chegarem até os trabalhadores. Entre 1905 e 1907, o Partido Social-Democrata Russo cria seus primeiros periódicos e organizações para a venda de livros. Ainda no final do século XIX, afirmava Lenin:

Os social-democratas russos veem como sua tarefa, antes de tudo, “propagar” a doutrina do socialismo científico, difundir entre os operários conceitos justos sobre a ordem social e econômica contemporânea, sobre suas bases e seu desenvolvimento, sobre as diversas “classes” da sociedade russa, sobre suas relações, sobre a luta dessas classes entre si, sobre o papel da classe operária nesta luta, sobre sua atitude para com as classes que degeneram e as que se desenvolvem, para com o passado e o futuro do capitalismo, sobre a tarefa histórica da social-democracia internacional e da classe operária russa⁸.

Lenin sempre será defensor de uma visão instrumentalizada da escrita e da literatura nos debates travados com aqueles que defendiam uma visão vanguardista da cultura e da arte. Para ele, o livro é o suporte por excelência da pedagogia revolucionária e o meio pelo qual o Estado Soviético deveria se fazer compreender pelo maior número de pessoas⁹.

Após a tomada do poder pelos bolcheviques na Rússia, e principalmente, com a fundação da III Internacional (1919-1943), se consolida a estratégia de Agitação e

⁷ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 1986, p. 1.

⁸ PANKRATOVA, A. “Lênin Como Propagandista”. *Problemas. Revista Mensal de Cultura Política*, n. 26, p. 2, maio 1950. Disponível em: http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/26/lenin.htm, Acesso em: 2 ago. 2022.

⁹ WOLIKOW, Serge. “História do Comunismo e da Edição no Mundo Comunista Europeu”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*, op. cit., p. 317.

Propaganda, conhecida no jargão militante por *agitprop*, que será responsável pela formação da militância comunista. A juventude alcançada pelos PCs pelo mundo seria forjada no “espírito e na fisionomia do bolchevismo”¹⁰, compartilhando entre si valores e símbolos construídos pela doutrina soviética, consolidada e batizada no período de Stalin de “marxismo-leninismo”. Era parte intrínseca dessa estratégia a construção pelos comunistas, mundo afora, de estruturas de comunicação (propaganda) e formação de quadros (agitação)¹¹, com importante destaque para os jornais, as revistas e as editoras.

No domínio internacional, a construção de um sistema editorial que associa a produção de livros e a imprensa acompanha a estruturação da Internacional Comunista. Essa estruturação se dá em Moscou e de forma acessória em Berlim, além dos partidos comunistas fundados nacionalmente a partir de 1920¹². As primeiras estruturas internacionais de edição de livros vêm acompanhadas por uma revista, a *Internationale Communiste*, que tinha a função de difundir os documentos e os estudos produzidos pela IC. Paralelamente, um primeiro catálogo de livros a serem traduzidos e editados é organizado pela comissão de propaganda, e em 1923 começa a ser enviada aos partidos comunistas. Constam na lista obras como *Que Fazer?*, de Lenin, textos de Zinoviev e de Radek sobre a revolução alemã, textos antigos de Bakunin ou Martinov, *Dez Dias Que Abalaram o Mundo*, do jornalista americano John Reed, brochuras sobre a guerra civil e a questão nacional¹³.

Os PCs mundo afora se mostraram incapazes de assegurar por seus próprios meios uma política de edição de livros, a partir daí assumida pela IC, que fornece traduções e manuscritos prontos para publicação, com um grupo de tradutores e datilógrafos

¹⁰ DEAECTO, Marisa Midori. “A Batalha do Livro”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*, *op. cit.*, p. 15.

¹¹ *Idem, ibidem.*

¹² WOLIKOW, Serge. “História do Comunismo e da Edição no Mundo Comunista Europeu”, *op. cit.*, p. 317.

¹³ *Idem*, p. 318.

trabalhando em Moscou. É lançado um plano de edição compreendendo a publicação de obras de Lenin e Marx, ao lado de outras obras teóricas, ligadas à política geral da Internacional, sobre as questões da organização dos partidos, a história do movimento operário, a economia política da URSS e dos países capitalistas.

No décimo aniversário da fundação da Internacional, M. Kreps, responsável pelo setor editorial até 1936, faz um primeiro balanço dessa atividade, enfatizando a realização dos objetivos iniciais em alguns países, como a Alemanha, a França, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Apesar disso, ele reconhece a dificuldade de alcançar esses objetivos nos países colonizados, em razão dos problemas de tradução e da diferença entre língua literária e língua falada, como, por exemplo, no Oriente Médio. A estratégia de traduzir em diversas línguas os mesmos autores permite enfrentar a falta de obras marxistas.

Nesse período o sistema editorial dos partidos comunistas comporta três níveis: o das obras teóricas de caráter geral, destinadas aos quadros dos partidos, o das brochuras, destinadas prioritariamente aos militantes, e o das revistas internacionais, que alimentavam os jornais das seções nacionais¹⁴.

A partir de 1936, as formas de controle são reforçadas e sistematizadas não mais nos princípios, mas na prática, e a repressão recai sobre os quadros da Internacional, principalmente no domínio da edição. Uma série de autores soviéticos desaparecem, riscados dos catálogos em razão de sua efetiva ou suposta oposição à política stalinista. Nas publicações soviéticas, há um empobrecimento das temáticas e dos campos abordados: a sociologia, a economia política, a história contemporânea e a filosofia praticamente desaparecem, deixando espaço para obras centradas na atividade política, na organização do partido e na construção do socialismo na União Soviética. Dessa forma,

¹⁴ *Idem*, pp. 319-319.

as edições refletem de maneiras caricaturais a mudança operada na Internacional Comunista no início dos anos 1930¹⁵.

Segundo Antônio Albino Canelas Rubim, o sistema de imprensa leninista preconizava a seguinte estrutura:

- 1) Um órgão central e uma revista teórica, centros ideológicos do partido, diretamente vinculados ao Comitê Central e cujo público seria os militantes/operários avançados. A distribuição de materiais, temas e questões entre a revista e o jornal central levaria em conta não só a dimensão destas publicações, como também o caráter do material: a revista deve servir principalmente para propaganda e o órgão central para a agitação;
- 2) Um ou de preferência vários jornais populares/de massas. Estes jornais devem ser a síntese do movimento socialista (na época de Lenin corporificado no Partido Social-Democrata) e movimento operário, buscando atingir os chamados operários de consciência média. Estes jornais devem ter suplementos especializados (sindical etc.) e estar ligados ao órgão central por uma unidade de consignas, já que é tarefa dos jornais locais de massas popularizar e adaptar estas “palavras de ordem” às condições de cada local.
- 3) Por fim, para chegar aos operários mais atrasados, os meios preferenciais são folhetos populares e agitação verbal e, por vezes, os jornais de massa legais¹⁶.

Para além da imprensa, as editoras também tiveram papel relevante na política de *agitprop*. A União Soviética montará uma impressionante estrutura editorial, com a publicação de livros em diversas línguas, sendo a Edições em Línguas Estrangeiras sua editora mais bem-sucedida. Dessa forma, o livro se torna uma questão de Estado para os soviéticos, e, conseqüentemente, para os países que passam a fazer parte de sua órbita após o fim da Segunda Guerra Mundial. Não é difícil imaginar o impacto que essa política teve nos altos níveis de escolaridade e de livros produzidos e consumidos no mundo comunista¹⁷.

Após o “comunismo de guerra”, em 1921, a produção de livros tem um aumento de 60%, com mais de duas mil organizações sociais de caráter partidário e/ou

¹⁵ *Idem*, p. 320.

¹⁶ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p. 6.

¹⁷ DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*, op. cit., p. 15.

cooperativo atuando nesse campo, ainda que a estrutura seja centralizada. Os circuitos do livro soviético contavam com edições de formação política, autores da vanguarda russa e autores tradicionais como Tolstoi e Máximo Gorki. Ambos alcançaram a tiragem de quatro milhões de exemplares pós-Revolução, e eram autores presentes com frequência nas bibliotecas dos jovens comunistas brasileiros¹⁸.

Um improvável entusiasta da União Soviética, o reverendo Hewlett Johnson, Deão de Canterbury, líder máximo da Igreja Anglicana, em seu livro *O Poder Soviético*, relata o que viu em suas viagens pela “pátria do socialismo”. Um dos avanços descritos por ele foi justamente na indústria editorial. Segundo ele:

A propagação da educação na União Soviética evidencia-se na nova paixão pela leitura. Velhos e moços, meninos e meninas, homens e mulheres, todos gostam da literatura. O analfabetismo quase desapareceu e, com a nova capacidade de leitura, sobrevém uma nova procura de livros. As necessidades das crianças e dos jovens ocupam o primeiro lugar nas atenções dos dirigentes. Os povos dos soviets gostam muito da leitura. É duvidoso que qualquer outro povo do mundo leia mais do que eles¹⁹.

O autor corrobora a ideia apresentada anteriormente que une expansão educacional ao aumento no consumo de livros pós-Revolução. Ele segue com uma comparação entre a produção editorial da Rússia czarista e da Rússia soviética, além de descrever parte da estrutura editorial desta:

A Casa Editora do Estado foi formada em 1930. Inclui 12 editoras em vários campos tais como o da literatura social e econômica, ficção, trabalhos técnicos e científicos de todas as espécies, enciclopédias, dicionários etc. Sua produção é enorme. A Rússia czarista no ano de 1912, que foi um ano próspero, publicou...133.600.000 de livros; a URSS, em 1937, publicou 571 milhões. Em 1938, previa-se uma produção de 700 milhões²⁰.

¹⁸ *Idem, ibidem.*

¹⁹ JOHNSON, Hewlett. *O Poder Soviético*. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1943, p. 263.

²⁰ *Idem, ibidem.*

Hewlett Johnson ainda cita uma série de obras que estavam para ser editadas, voltadas principalmente para o público infantil. Entre elas estão os contos dos Irmãos Grimm e os contos de fadas de Tolstoi e Chekhov. Para as crianças mais velhas, uma coleção intitulada Livro após Livro englobava 42 autores, entre eles Dickens, Victor Hugo, Jack London, Júlio Verne e obras como *A Cabana do Pai Tomás*, *Oliver Twist* e *David Copperfield*²¹.

Por se tratar de obra militante em favor da experiência soviética, é de se desconfiar das cifras citadas, sendo bastante provável um certo exagero do autor. Mas, independente disso, apenas o fato de ele se preocupar em descrever a situação dos livros e da leitura na União Soviética em meio a dados sobre o aumento da produção de cereais e o crescimento da indústria de base mostra o quanto a indústria editorial era vista, de fato, como estratégica pelos comunistas. Além disso, alimentar a imagem do “povo que mais lê”²² era importante em meio à luta simbólica com o mundo capitalista.

Esse tipo de exagero militante era um traço comum da época, ainda que os avanços econômicos e sociais a partir dos anos 1930 sejam, de fato, reais. Segundo a historiadora Sheila Fitzpatrick, no estudo sobre o cotidiano na União Soviética nesse período, para a divulgação das façanhas alcançadas era comum a edição de manuais estatísticos, inclusive em idiomas estrangeiros para além do russo. Era também comum a imprensa soviética alardear os novos feitos e avanços industriais e tecnológicos e omitir os dados que não corroboravam a visão otimista sobre a construção do socialismo no país²³.

Isso está relacionado ao período de expansão econômica e ascensão social para os trabalhadores e camponeses por meio das “ações afirmativas” do poder soviético. Membros dessas classes passaram a se tornar engenheiros, gerentes e funcionários pelo

²¹ *Idem*, p. 264.

²² DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*, op. cit., p. 16.

²³ FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2019, p. 110.

acesso ao ensino superior. Essa ascensão se deu, em boa medida, pela necessidade de mão de obra qualificada para o processo de industrialização²⁴.

Era comum os cidadãos soviéticos se dedicarem ao cultivo da leitura no tempo livre, após o trabalho e as aulas. Inúmeros relatos de viagens para a União Soviética nos anos 1930 relataram a paixão da população pelos livros e seu entusiasmo em aprender. Exemplo disso foi o jubileu de Pushkin comemorado em 1937, seguido pela publicação de importantes edições dos clássicos literários russos do século XIX²⁵.

Em um período ainda marcado pela escassez de bens de consumo durante o primeiro Plano Quinquenal, a “vanguarda” da sociedade soviética, ou seja, funcionários do partido e os membros da *intelligensia*, escritores, editores, estacanovistas (espécie de grupo de elite que reunia os mais destacados operários do país) entre outros, tinham acesso a determinados bens considerados “especiais”. Nos conta Fitzpatrick:

Fazia parte dos privilégios dos estacanovistas o acesso a inúmeros bens de consumo, inclusive livros. Um trabalhador têxtil estacanovista de Leningrado recebeu certa vez um relógio de pulso, um relógio de parede, um vaso, uma toalha, um bule elétrico, um ferro de passar, um fonógrafo, discos, as obras de Lenin e Stalin, mais cento e vinte um livros de distintos autores. [...] A função desses prêmios não era apenas enriquecer e fazer mais felizes os estacanovistas, mas também fazê-los mais cultos²⁶.

É sintomático que, em meio a tantos bens de consumo que eram vistos como escassos, se fizessem presentes mais de uma centena de livros. As edições ocupavam, definitivamente, um espaço de destaque na edificação da nova sociedade soviética. Tal qual a igreja, a escola e a família em outros contextos²⁷, o partido determinava que tipo de biblioteca o cidadão soviético deveria constituir, legitimando o *corpus* das obras e das práticas sociais consideradas desejáveis.

²⁴ *Idem*, p. 129.

²⁵ *Idem*, p. 133.

²⁶ *Idem*, p. 154.

²⁷ CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro*, *op. cit.*, p. 113.

O movimento comunista mundial liderado pela União Soviética se estabelece como uma força política destinada a construir um novo tipo de regime político e de sociedade. A idealização da “pátria do socialismo”, por mais distante que fosse da realidade soviética, alimentou esse imaginário de um mundo novo a ser construído. Vale ressaltar que a partir dos anos 1930, sob o governo de Stalin, o partido passou a se considerar, além de uma vanguarda política, também uma vanguarda cultural, dedicada à construção de uma *nova intelligentsia*²⁸.

Nesse processo, a posse de conhecimentos específicos era fundamental para se atingir o status de vanguarda cultural do partido, com destaque para a assimilação da ideologia marxista-leninista. O que para os espectadores externos poderia parecer uma espécie de catecismo político soviético, para os quadros e militantes era uma cosmovisão “científica”, que permitia a libertação pessoal e dos demais contra todo tipo de equívocos e superstições.

Além disso, os comunistas adquiriam em sua formação um estilo agressivo de debate caracterizado pelo uso do sarcasmo e de um profundo vigor polêmico, que não raro tinha como alvo as motivações e a “origem de classe” dos opositores. Esse conjunto de características formará o *ethos* comunista daqueles indivíduos formados sob a égide do marxismo soviético²⁹.

O comunismo do século XX foi marcado pelo seu caráter universal e pela unidade de sua organização. Para a existência desse “Vaticano moscovita”, expressão de Eric Hobsbawm, foi imprescindível a canonização dos “textos revelados” (o marxismo-leninismo), que conformaram uma doutrina a ser seguida e ensinada, amplamente difundida por meio dos partidos comunistas e seus aparatos editoriais mundo afora.

²⁸ FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*, op. cit., p. 33.

²⁹ *Idem*, p. 33

A tarefa de mundialização desse modelo coube à Internacional Comunista (Comintern), fundada em 1919 sob a liderança de Lenin. Diferente da II Internacional, social-democrata, que seguia um modelo de organização de união entre partidos independentes, a III Internacional se caracterizou por ser um movimento de caráter pedagógico, missionário, doutrinário, centralizador, unificador e “editorial”³⁰.

Sendo assim, em um primeiro momento, a coordenação da estrutura editorial soviética ficou a cargo do “pequeno birô”, órgão do Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC). Posteriormente, esse trabalho passou a ser feito pela OMS, sigla para Departamento de Comunicação Internacional, estrutura que perdurou de 1921 até 1935³¹.

Os dirigentes da IC se empenharam em criar um sistema de informação e de educação voltado para a difusão do ideário internacionalista, que nesse momento se confunde com a doutrina marxista-leninista da União Soviética. O foco era na formação de novos quadros capazes de assumir a direção dos partidos comunistas que se formavam ao redor do mundo.

A imprensa organizada pelo Comintern tinha duas funções que se relacionavam, ainda que distintas: a agitação ideológica somada à propaganda e à formação dos militantes e dos quadros partidários. A revista *Internacional Comunista* (1919) cumpria as duas tarefas, publicando artigos teóricos. Publicaram nessa revista lideranças importantes como Bukharin, Stepanov, Joseph Finberg e Victor Serge³².

Essa estrutura vai se modificando com o passar do tempo. Após o II Congresso da IC foi criada uma seção de imprensa especializada na publicação de boletins de informações destinados aos jornais comunistas dos diversos países, além das edições das

³⁰ SECCO, Lincoln. “Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943)”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução, op. cit.*, p.32.

³¹ SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros: Formação da Esquerda no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017, p. 57.

³² WOLIKOW, Serge. “Internacionalistas e Internacionalismos Comunistas”. In: DREYFUS, Michel *et al.* (orgs.). *O Século dos Comunismos*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004, p. 402.

atas dos congressos e do Comitê Executivo. Como encaminhamento do III Congresso, Boris Souvarine assume a direção da seção de imprensa, porém a edição do boletim da IC passará em pouco tempo para a seção de informação, restando ao jornalista comandar a tradução dos artigos que preenchiam as publicações do Comintern³³.

No período da Segunda Guerra Mundial, aparece a revista *Correspondência Internacional*, que fornecia textos informativos e de análise de conjuntura aos partidos comunistas e era publicada em Berlim em três idiomas: alemão, inglês e francês. A publicação era semanal no caso das versões alemã e francesa, e bimestral no caso da versão inglesa. Apesar de sua tiragem limitada a algumas centenas de exemplares por país, ela desempenhou papel de destaque na homogeneização ideológica da IC. Com a ascensão nazista nos anos 1930, a revista passa a ser editada na Suíça e na França³⁴.

Com a dissolução do Comintern por Stalin em 1943, surgiram revistas de destaque, em diversos países, como por exemplo a *Democracie Nouvelle* na França. Após a Guerra e a criação do Cominform passa a ser editada por esse organismo a revista *Para Uma Paz e Uma Democracia Verdadeira*, pautada pela preocupação da nova organização internacional soviética em construir uma coesão ideológica entre os nove partidos comunistas que formavam a sua base, por meio da divulgação de textos doutrinários³⁵.

Vale observar agora como essa política de imprensa e editorial soviética encabeçada pelo Comintern irá se estruturar no Brasil.

2. Edições comunistas no Brasil

Para Edgard Carone, o conceito de “literatura marxista” engloba livros teóricos, de ação prática, assuntos vários e literatura proletária. Além disso, são considerados tanto

³³ *Idem, ibidem.*

³⁴ *Idem, p. 403.*

³⁵ *Idem, p. 404.*

os teóricos da Segunda Internacional, quanto aqueles do marxismo-leninismo. Coabitam nesse universo livros de teoria, doutrina, análises sobre a Rússia, descrição das correntes socialistas, depoimentos de indivíduos que participaram desses acontecimentos, romances etc.³⁶

A difusão da literatura marxista no Brasil, de forma sistemática, tem início após a Revolução Russa e a fundação do PCB, Partido Comunista do Brasil, em 1922. Não existe no país qualquer análise documentada a respeito do materialismo dialético até a Primeira Guerra Mundial, sequer traduções de trechos de Marx e Engels³⁷. Nos primeiros tempos pós-fundação da Internacional Comunista, era comum que circulassem no país impressos enviados por militantes estrangeiros a seus colegas brasileiros, material que era vendido a preços abaixo do mercado visando facilitar a sua difusão entre os trabalhadores³⁸. Surge no país uma fração da classe operária que pretende forjar um espaço cultural na sociedade, na afirmação de sua consciência de classe e seus valores políticos por meio da afirmação e propagação da sua literatura, da circulação de suas ideias e livros³⁹.

A primeira demanda dos dirigentes brasileiros por esse tipo de obra se deu por intermédio dos PCs uruguaio e argentino, por volta dos anos de 1920 e 1921. Em sequência, uma doação de livros foi feita pelo Bureau da Internacional Comunista em 1922, logo após a fundação do PCB. Na capital, o militante Ferreira de Souza era responsável por receber as edições da Biblioteca Documentos del Progreso, editada na Argentina, e distribuí-las entre os membros do partido⁴⁰.

³⁶ CARONE, Edgard. “O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964”. In: *Leituras Marxistas e Outros Estudos*. Org. Lincoln Secco e Marisa Midori Deaecto. São Paulo: Xamã, 2004, p. 71.

³⁷ *Idem*, p. 34.

³⁸ *Idem, ibidem*.

³⁹ CARONE, Edgard. “Literatura e Público”. In: *Da Esquerda à Direita*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, p. 38.

⁴⁰ LACERDA, Felipe Castilho de. *Octávio Brandão e as Matrizes Intelectuais do Marxismo no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial, 2019, p. 39.

Nesse processo, a literatura marxista estrangeira passa a ser assimilada pela elite operária brasileira, levando às primeiras traduções de livros e publicações em jornais. São predominantes nesse momento livros de divulgação doutrinária, de análises políticas e organização sindical. Vale ressaltar também que, nesse momento, todo contato cultural do mundo latino se faz via França; por isso, a IC procurava editar em francês suas obras, concomitante às edições inglesas e alemãs⁴¹. Dessa forma, o movimento editorial marxista brasileiro nos anos 1920 estará intrinsecamente ligado às publicações francesas⁴².

Os brasileiros dependiam também da literatura proveniente da Espanha e da Argentina, sendo essa um importante polo de divulgação das edições marxistas na América Latina. Apenas anos depois a Editora Progresso de Moscou começaria a produzir livros já traduzidos para o português na União Soviética⁴³.

Ainda nessa linha, vale apresentar de forma mais detalhada o movimento editorial francês organizado pelo PCF, Partido Comunista Francês, que tanta influência exercera sobre os países latino-americanos. Após a Primeira Guerra Mundial, duas editoras se destacam na edição de livros sobre questões sociais, incluído a literatura marxista: a *Librairie du Travail* e a *Librairie de "L'Humanité"*. Essa segunda era ligada ao jornal *L'Humanité*, fundado por Jean Jaurés e durante anos órgão do Partido Socialista. Nesse período, o jornal e a editora tornam-se órgãos oficiais do PCF, que passa a dirigir a maior editora comunista do mundo latino até 1925⁴⁴.

A *Librairie de L'Humanité* será responsável pelas primeiras traduções de qualidade das obras de Lenin, Trotski, Zinoviev, Rosa Luxemburgo, Stalin e outras importantes lideranças do movimento comunista, além do material da IC. Esses autores estão presentes

⁴¹ CARONE, Edgard, "O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964", *op. cit.*, p. 37.

⁴² *Idem*, p. 45.

⁴³ SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros*, *op. cit.*, p. 58.

⁴⁴ CARONE, Edgard, "O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964", *op. cit.*, p. 40.

em duas importantes coleções da editora, a *Bibliothèque Communiste* e a *Petite Bibliothèque Communiste*. Segundo o historiador Edgard Carone, a editora será abandonada a partir de 1926, no período de bolchevização dos partidos comunistas mundo afora, ainda que, segundo ele, outras questões tenham pesado para essa decisão⁴⁵.

Nova fase editorial é aberta a partir de então para o PCF, que organizará duas novas editoras: a oficial *Bureau d'Éditions* e a oficiosa *Éditions Sociales Internationales*. A primeira herdará o catálogo da *Librairie de "L'Humanité"* e editará novas obras dos teóricos do marxismo-leninismo. A editora se especializa em livros sobre a questão da formação dos quadros, a experiência de organização do Estado soviético e seu partido, a história sindical, a divulgação do pensamento de líderes do marxismo e a análise da história dos diversos partidos comunistas, além de críticas à social-democracia⁴⁶.

Já a segunda é especializada na edição de obras selecionadas, em coleções de debates que abarcam temas políticos e filosóficos. A coleção *Bibliothèque Marxiste* é o carro-chefe da editora, contendo obras de Marx, Engels, Riazanov, Plekhanov, Rosa Luxemburgo, entre outros. São destaque também a coleção *Socialisme et Culture* e a publicação das obras completas de Lenin, ainda que dos quarenta volumes programados apenas treze tenham sido editados.

Para Carone, a linha editorial da ESI abre novos horizontes políticos e filosóficos para a militância das décadas de 1920 e 1930, apesar da hegemonia stalinista, sendo de fundamental importância na formação de uma nova geração comunista de língua latina⁴⁷. Vale ressaltar que diversos livros dessas coleções serão posteriormente editados no Brasil pelas editoras ligadas ao PCB entre os anos 1940 e 1960.

⁴⁵ *Idem, ibidem.*

⁴⁶ *Idem, p. 41.*

⁴⁷ *Idem, pp. 41-43.*

No que toca às edições comunistas na França e sua influência mundial, é importante citar ainda o editor francês François Maspero da livraria La Joie de Lire, que, junto com o editor italiano Giangiacomo Feltrinelli, será o grande condutor das edições políticas internacionais nos anos 1960⁴⁸.

A fundação do PCB acontece justamente no contexto de mudanças importantes no movimento editorial e político marxista dos anos 1920. Nesse período, a social-democracia alemã e o austromarxismo declinavam em sua influência, abrindo espaço para a nascente hegemonia soviética no movimento operário. Os principais autores da social-democracia, como Karl Kautsky e Eduard Bersntein, vão sendo substituídos por Lenin, Trotsky, Zinoviev e Bukharin. Os três últimos também serão relegados ao ostracismo editorial nos anos 1930 com a ascensão de Stalin⁴⁹.

Nessa década, o PCB teve escassas publicações próprias, devido à debilidade financeira e de organização do partido nesses primeiros tempos, não mantendo nenhuma editora própria. A dificuldade era tamanha que a tarefa de distribuição de livros para a militância acabou acontecendo de forma artesanal, no tête-à-tête, levada a cabo pelo próprio secretário-geral do partido, Astrojildo Pereira⁵⁰. Ele organizará uma grande rede de colaboradores, entre militantes, simpatizantes e sindicatos, para a difusão da literatura marxista. O dirigente aproveita a sua experiência anterior dos tempos de militante anarquista, combinada com a forma centralizada de distribuição da Internacional Comunista⁵¹.

Outra figura de destaque nos anos 1920 na produção e difusão literária do PCB foi Octávio Brandão. O dirigente comunista escreveu obras importantes como *Rússia*

⁴⁸ MOLLIER, Jean-Yves. “Grandes Momentos do Livro Político na França”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*, op. cit.

⁴⁹ SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros*, op. cit., p. 58.

⁵⁰ CARONE, Edgard, “O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964”, op. cit., p. 62.

⁵¹ LACERDA, Felipe Castilho de. *Octávio Brandão e as Matrizes Intelectuais do Marxismo no Brasil*, op. cit., p. 49.

Proletária e Agrarismo e Industrialismo, considerada a primeira tentativa de interpretação da realidade brasileira sob o viés marxista, além de ter traduzido o *Manifesto Comunista* em 1924, editado em Porto Alegre por Samuel Speiski.

Brandão, seguindo a diretriz partidária, buscava divulgar por meio de suas obras uma lista de livros para a formação dos quadros comunistas. *ABC do Comunismo* de Bukharin em sua edição em espanhol, o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels em francês, Lenin, Trotsky, Zinoviev, entre outros, são exemplos presentes nessa lista⁵². Ele, em 1926, lamentava que “há pouco hábito de ler: o trabalhador, em regra geral, não sabe ler; quando lê, não digere; quando algum militante explica o que leu, não é capaz de repetir”. Nessa década, menos de um quarto da população brasileira sabia ler e escrever, o que tornava o desafio de expandir o ideário marxista para a classe trabalhadora ainda maior⁵³.

Segundo Lincoln Secco, apesar desse dado da realidade nacional, os militantes comunistas nesse período ingressavam em um ambiente que combinava a ação revolucionária com a sacralização do livro e dos autores marxistas. Os discursos, propostas e questões de ordem de terceiros legitimadas por citações de Lenin, e posteriormente de Stalin, levavam ao conhecimento do conteúdo dos livros mesmo aqueles que não os liam diretamente, por meio da apreensão de trechos e citações⁵⁴. O aprendizado por meio da leitura em voz alta é um traço da história universal que acaba se repetindo no mundo comunista, notadamente em países pouco letrados como o Brasil.

Apesar da precariedade estrutural do partido naquele momento, o PCB publica obras de autores fundamentais no universo comunista. Além dos já citados, são editados livros de Lenin e Charles Rappoport, além dos quadros brasileiros, como o próprio

⁵² *Idem*, p. 33.

⁵³ SECCO, Lincoln. “Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943)”, *op. cit.*, p. 45.

⁵⁴ *Idem*, *ibidem*.

Brandão, Christiano Cordeiro, Souza Barros e Joaquim Barbosa. Outras editoras publicam autores próximos ao comunismo nesse período, como Oscar Siegel, Pedro Motta Lima, José Alves e Everardo Dias⁵⁵.

Apesar disso, para o historiador Edgard Carone os oito anos iniciais do PCB podem ser considerados como um período de escassa publicação de literatura marxista, de origem própria ou de traduções. Um dos fatores essenciais para esse diagnóstico é o fato de o partido não possuir uma editora própria, algo comum a outros partidos comunistas. Isso leva a um cotidiano de publicações esparsas e mal distribuídas⁵⁶.

Nos anos 1930 esse panorama se modifica. A crise de 1929 assola o mundo capitalista e seu impacto no Brasil é determinante na eclosão da Revolução de 1930. Nesse processo de profundas mudanças mundiais e locais, a ação das esquerdas se intensifica. Os livros e as editoras voltados de forma exclusiva ao pensamento marxista se multiplicam, dada a demanda que surge por esse tipo de literatura.

Editoras como Pax, Calvino Filho, Unitas, Cultura Brasileira, entre outras, surgem com uma linha editorial bem-definida, com traduções do francês e do espanhol, nunca do original. Dessa forma, a fortuna editorial francesa, e em segundo plano a espanhola, foram a base para as traduções e para toda a espécie de informação sobre o marxismo ao público brasileiro nesse período⁵⁷.

São dessa década os primeiros romances proletários de origem russa, europeia e estadunidense lançados no Brasil, além de livros de viagem para a Rússia que se tornam *best-sellers* no país, vendendo milhares de exemplares em pouco tempo. Segundo Carone,

⁵⁵ LACERDA, Felipe Castilho de. *Octávio Brandão e as Matrizes Intelectuais do Marxismo no Brasil*, *op. cit.*, p.54.

⁵⁶ CARONE, Edgard, “O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964”, *op. cit.*, p. 62.

⁵⁷ *Idem*, pp. 63-64. Sobre a Editorial Calvino ver: JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros: A Editorial Calvino no Período da Legalidade do Partido nos Anos 1940 (1943-1948)*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2016. Sobre a Editora Unitas ver: KAREPOVS, Dainis. “A Gráfico-Editora Unitas e seu Projeto Editorial de Difusão do Marxismo no Brasil dos anos 1930”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*, *op. cit.*

as edições nesse momento oscilavam entre dois e três mil exemplares⁵⁸, logo esse sucesso na vendagem era ponto fora da curva e só corrobora o quanto a curiosidade sobre a “Nova Rússia” era uma realidade entre o público leitor brasileiro.

Após o Levante Comunista de 1935, uma série de medidas de exceção passam a ser tomadas pelo governo Vargas, atingindo seu ápice com o golpe do Estado Novo, em 1937. Nesse período, a literatura marxista praticamente deixa de circular no país. A recuperação terá início apenas em 1942, com o Brasil estado-novista se alinhando aos EUA e demais países aliados (entre eles a União Soviética) contra o Eixo nazifascista durante a Segunda Guerra Mundial.

Esse reposicionamento geopolítico brasileiro leva aos poucos à reativação das editoras de caráter marxista. Vale destacar que a primeira a se reorganizar e quebrar com a censura foi a Editorial Calvino Limitada, de propriedade de José Calvino Filho, militante do PCB desde os anos 1930. Ele passa a editar obras de caráter marxista já em 1943, a serviço do PCB. Mas é a partir de 1945, com a conquista da legalidade pelos comunistas, que o partido vai investir de fato na estruturação de sua produção editorial. Três novas editoras são organizadas nesse momento: Leitura, Horizonte e Vitória⁵⁹.

Na fase que se inicia em 1945 e vai até 1964, o partido terá pela primeira vez órgão de imprensa próprio, além das editoras citadas anteriormente. Nesse período será predominante a linha política pecebista na literatura marxista editada no Brasil. Existe uma divisão de trabalho entre as editoras do partido: a Leitura se especializa nos romances proletários; a Horizonte, nos textos de organização partidária, de militantes do PCB e de teoria; por fim, a Vitória é a mais ampla das três, editando obras de ideologia e sobre a Guerra, além de romances.

⁵⁸ *Idem*, p. 64.

⁵⁹ *Idem*, p. 68.

A primeira editora ligada ao PCB nesse período, como já dito anteriormente, foi a Editorial Calvino Limitada, estudada pelo autor na dissertação de mestrado *O PCB e os Livros: A Editorial Calvino no Período da Legalidade do Partido nos Anos 1940 (1943-1948)*. A editora era de propriedade do editor, médico, jornalista e militante José Calvino Filho, personagem bastante presente na vida intelectual do Rio de Janeiro nos anos 1930 e 1940⁶⁰.

Durante o seu período de existência (1941-1948), a Calvino foi responsável pela retomada da difusão da literatura marxista no Brasil, principalmente a partir de 1943. Dessa forma, a editora teve como foco da sua linha editorial a publicação de livros de divulgação da União Soviética, antifascistas e da teoria e doutrina marxista-leninista.

Nesse tempo foram lançadas cinco coleções, com 88 livros, sendo setenta deles de literatura marxista e antifascista. Em 1948, aparece *Zé Brasil*, de Monteiro Lobato⁶¹, que acaba sendo a última publicação da Editorial Calvino, que desaparece em meio à repressão do governo Dutra aos comunistas, após o PCB ser colocado na ilegalidade mais uma vez⁶².

Por fim, a experiência bem-sucedida do editor Calvino Filho leva o partido a organizar novas editoras a partir de 1944, investindo de forma maciça na construção do seu aparato político-cultural a partir de 1945, quando a sua legalidade é conquistada. O PCB procura expandir a sua produção editorial de forma tanto quantitativa quanto qualitativa e divide entre cada editora a tarefa de publicar livros de uma determinada natureza (teoria, doutrina, organização partidária, literatura proletária etc.). Dessa forma,

⁶⁰ *Idem*, p. 14.

⁶¹ Segundo a historiadora Tania Regina de Luca, houve a circulação simultânea de várias edições de *Zé Brasil*. As primeiras foram lançadas em 1947 pela Editorial Vitória, sofrendo com a repressão política do governo Dutra. Foram apreendidos 1180 exemplares dos 7000 que se encontravam para a venda em São Paulo. A edição sob responsabilidade da Editorial Calvino Limitada sai apenas em 1948, encontrando a mesma dificuldade com a censura governamental. Ver: LUCCA, Tânia Regina de. “Zé Brasil em Perspectiva: Contexto de Produção e Circulação”. In: LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro (Obra Adulta)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, pp. 370-372.

⁶² JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros*, op. cit., p. 157.

surtem por iniciativa própria do partido as editoras Leitura, Horizonte e Vitória, esta última se tornando a mais importante editora do PCB até 1964.

Durante esse período de 1945 a 1964, as edições comunistas terão o seu melhor momento, seja pelo número de obras, seja pela qualidade delas. Escritores marxistas como Caio Prado Jr., Leôncio Basbaum e Nelson Werneck Sodré despontarão nesse período, e mesmo as obras do PCB passarão a ter um caráter mais crítico e menos oficial. Esse momento, o mais amplo e produtivo das edições comunistas no Brasil, foi interrompido pelo golpe civil-militar de 1964, com o fechamento das editoras comunistas, o que significou uma grande mudança no caminho histórico do marxismo no Brasil⁶³.

Sendo assim, procuramos compreender o papel da Editorial Vitória nesse contexto de inúmeras mudanças conjunturais ocorridas no movimento comunista mundial, no Brasil e no PCB. Pretendemos analisar em que medida a linha editorial da Vitória se relacionou com as linhas políticas e os debates internos do Partido, como se deu a produção de suas publicações em termos quantitativos e qualitativos (natureza das obras), e como se deu a difusão desses livros nesse período, principalmente por meio da recepção desses pela militância partidária.

Quanto à estrutura do texto, a tese se apresenta da seguinte maneira: no primeiro capítulo será discutida a formação da editora enquanto empresa, seu processo de consolidação e os agentes envolvidos no dia a dia dela, responsáveis pelo funcionamento desse aparato político-editorial do PCB. Para isso, serão analisados os balanços contábeis da Editorial Vitória dos anos 1940 e serão construídos e apresentados os itinerários intelectuais de diretores e tradutores envolvidos com a editora, com base em prontuários presentes nos arquivos do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) e nos periódicos do período.

⁶³ CARONE, Edgard, “O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964”, *op. cit.*, p. 70.

No segundo capítulo, serão apresentados os caminhos percorridos pelos livros da editora, analisando o processo de circulação dessas obras pelo Brasil e no espaço transatlântico, com destaque para Portugal e Angola. Para isso, serão analisadas correspondências trocadas entre leitores e livreiros e a editora, e o prontuário presente nos arquivos da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) de dois militantes: José Maria Nunes Pereira e Constância Filomena Nunes Pereira, responsáveis pela ponte entre militantes brasileiros, portugueses e africanos e a difusão dos livros da editora entre eles.

No terceiro capítulo serão analisadas as capas dos livros da Editorial Vitória, buscando compreender as rupturas e continuidades do design gráfico da editora entre 1944 e 1964, quais tendências foram hegemônicas em cada período, o quanto essas capas dialogavam com o conteúdo presente nas obras e quais profissionais estavam envolvidos com esse trabalho, ressaltando as peculiaridades de cada um.

No quarto e último capítulo, serão analisados os catálogos, os livros e as coleções editados durante os vinte anos de existência da editora. Por meio da análise dos paratextos editoriais, buscaremos compreender a relação entre as linhas políticas do partido e a linha editorial da Vitória nos vinte anos de existência dela, levando em conta também as grandes mudanças pelas quais passou o movimento comunista mundial nesses anos. Por fim, uma conclusão com os balanços e resultados da pesquisa, que busca compreender como se deu a formação da Editorial Vitória, o processo de produção, difusão e a natureza das obras publicadas por ela e os agentes envolvidos nesses processos, e a relação entre as linhas política e editorial da editora e do PCB e suas variações entre 1944 e 1964.

Capítulo 1

A Editorial Vitória nos anos 1940: Início e Consolidação

1. A Editorial Vitória: uma empresa para além do lucro

De início, é importante frisar que a Editorial Vitória tem um caráter peculiar enquanto empresa, já que o seu objetivo primordial é a ação política e não necessariamente a obtenção de lucro. Ou seja, a possibilidade de lucro não era vista como um fim, mas sim como um meio para que se atingisse o objetivo final do partido, utilizando a editora como um importante instrumento de ação política.

Dessa forma, essa possibilidade de lucro aparece apenas como o fator que possibilita a concretização do projeto político-editorial do PCB, permitindo a produção, a distribuição e as vendas dos livros. Em outras palavras, só podemos compreender a Editorial Vitória enquanto uma empresa de caráter peculiar se a entendermos como uma iniciativa política e não como uma empresa comum, comercial ou industrial⁶⁴.

Segundo Flamarion Maués, a edição política se define como aquela que vincula de modo direto engajamento político e ação editorial, é a edição feita com a intenção de intervenção social, que parte de um projeto editorial e/ou empresarial de fundo político, com o objetivo de divulgar, debater ou defender determinadas ideias políticas na sociedade. Logo, a editora política se caracteriza pelo engajamento político, que estrutura o seu catálogo. A casa editorial que realiza esse tipo de publicação pode manter vínculos orgânicos com instituições políticas, como por exemplo, partidos e associações cívicas. Essa ligação se materializa nos livros editados, resultando da junção entre engajamento e edição⁶⁵. É justamente esse o caso da Editorial Vitória.

⁶⁴ MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a Ditadura: Editoras de Oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013, pp. 15-16.

⁶⁵ MAUÉS, Flamarion. *Livros Que Tomam Partido*, op. cit., p.59.

A editora foi fundada em maio de 1944, tendo se incumbido para essa tarefa o militante Leôncio Basbaum. Ele era membro da direção do partido e já tinha experiência prévia em empresas, inclusive do setor editorial. Trabalhara na Guanabara e na Livraria Freitas Barros, e fora também diretor das Lojas Brasileiras, empresa de seus irmãos⁶⁶.

Segundo ele, a Vitória foi fundada como uma sociedade de cotas, com capital de 170 mil cruzeiros, e até 1947 constavam entre seus sócios quatro irmãos de Leôncio (Adolfo, Artur, José e Salomão), além de José Augusto Simões, Osório Borba e Tulim Marques de Azevedo, entre outros, sendo quatorze cotistas no total. Leôncio possuía a maior fatia do capital, seguido por seus irmãos⁶⁷.

Com base nessas informações podemos observar que, apesar de a editora se configurar desde o início como uma empresa de capital aberto, ela mantém um caráter de empresa familiar, dado o predomínio de Leôncio e seus irmãos em seu comando nessa primeira fase de consolidação, de 1944 a 1947. Ainda assim, vale notar que esse caráter era mera fachada para as atividades partidárias, sendo Basbaum o “testa de ferro” do PCB a frente de sua editora nesse momento, tarefa que será cumprida por outros militantes no decorrer da história da Vitória.

Ele, inclusive, precisou prestar esclarecimentos à polícia sobre suas atividades relacionadas à editora, até mesmo depois de deixar a gerência. Em seu prontuário no Deops/SP⁶⁸, a primeira ocorrência data de 30 de maio de 1949. Nela, Basbaum esclarece que se tornou membro da Juventude Comunista em 1926, quando era estudante de Medicina no Rio de Janeiro. Em maio de 1944, organizou a Editorial Vitória como uma sociedade de cotas de responsabilidade limitada, sendo seu gerente até 1945, quando foi convocado pelo PCB a assumir como membro da Comissão Nacional de Finanças do

⁶⁶ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964)”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*, op. cit., p. 124.

⁶⁷ *Idem*, *ibidem*.

⁶⁸ Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo Deops, Prontuário de Leôncio Basbaum, nº 99.854.

partido, agora legalizado. Ele permanece nessa função até a cassação do registro partidário em 1947, e declara que, apesar de permanecer comunista, apenas realizou atividades partidárias durante o período da legalidade.

Durante sua gerência, diz no depoimento, também foi responsável pela Edições Horizonte, ainda que o maior vulto de publicações tenha ficado mesmo a cargo da Vitória. Durante esse período, Basbaum foi o elemento de ligação entre a editora e o PCB, executando as tarefas que lhes eram submetidas. Também reafirma que os principais acionistas, investidores de maior capital na Vitória nesse período, foram ele e seus irmãos. Do capital total de 170 mil cruzeiros, 40 mil eram dele, 50 mil dos irmãos e o restante dos outros quatorze acionistas.

Ao deixar a editora, foi substituído por Almir Neves, que teria ficado à frente da Vitória até meados de 1946, sendo substituído por Pedro Mota Lima, que também ficou pouco tempo nessa função, quando foi sucedido por Henrique Cordeiro. Após esse período, diz Basbaum, ele teria perdido contato com a editora, não conhecendo os demais gerentes. Em 1947 a sociedade é reformada, com todos os seus irmãos deixando a editora por serem contra a ideologia comunista que ditava a linha da Vitória, ainda que ele próprio tenha mantido seu capital. Continuaram como sócios, além dele, Tulim Azevedo Marques, José Simões de Barros e outros, “cujos nomes não se recorda no momento”.

Naquele período a Vitória não mantinha nenhuma filial ou sucursal (abrirá uma em São Paulo apenas nos anos 1960), logo seus livros eram entregues a representantes e distribuidores. Nos anos 1940, a responsável pela distribuição em São Paulo dos livros da editora era a Agência Roxy, “instalada na Avenida São João, ao lado do cinema Ritz”, sendo a Distribuidora Atualidades responsável pela Edições Horizonte. Essa era comandada por um militante de nome Pincus Termann, vulgo “Paulo”, enviado pelo PCB à cidade especialmente para essa tarefa.

Por fim, Basbaum declara que após 1947 se afastou das atividades partidárias, fixando residência em São Paulo e abrindo a sua própria indústria, “Metalurgia Iccos Limitada”, especializada na fabricação de brinquedos de alumínio. E declara continuar “ideologicamente comunista enquanto a Constituição brasileira permitir”.

Outra ocorrência, de 2 de outubro de 1951, trazia como delito “atividades comunistas (fez parte de uma editora comunista)”, segundo o decreto-lei 431, artigo 3º, inciso 9º, de 18 de maio de 1938. Perguntado sobre a situação da editora naquele momento, principalmente sobre a atuação de Benito Papi e Salomão Tabak, Basbaum simplesmente negou conhecer os dois, que teriam entrado na editora após a sua saída.

No interrogatório, também foi perguntado sobre quem teria mandado confeccionar o livro *Stalin, Lenin e a Paz*, com prefácio de Maurício Grabois, e reiterou que não fazia mais parte do trabalho da editora. Por fim, respondeu sobre as cotas da empresa, das quais permanecia com sessenta, no valor de mil cruzeiros cada uma.

Não bastava que tivesse enfatizado mais de uma vez não ter mais nada a ver com a produção editorial da Vitória: é chamado novamente para interrogatório em 23 de outubro de 1951, para responder basicamente às mesmas perguntas! Com uma única diferença: dessa vez, o questionamento foi sobre a confecção do livro *Mundo da Paz*, de Jorge Amado, “contendo material de propaganda marxista-leninista-stalinista”. E mais uma vez o interrogado precisou negar ser de sua responsabilidade a existência de tal obra.

É possível questionar o quanto Leôncio Basbaum estaria ou não próximo ao partido nesse momento. Não é difícil imaginar que o argumento usado de só ter realizado atividades no período da legalidade fosse um salvo-conduto de qualquer tentativa de ser acusado de contravenção por realizar tarefas para uma organização ilegal. De qualquer forma, ele manteve sua ligação com a editora mesmo após se dedicar a outros afazeres, mantendo o seu capital investido nela.

Uma documentação interessante para tentarmos compreender o caráter de empresa peculiar da Editorial Vitória, com as questões de cunho político interferindo diretamente e se confundindo com as de cunho econômico e empresarial, são os balanços contábeis da empresa, mais especificamente dos anos de 1945 e 1946⁶⁹. Na análise desses balanços ficam claras algumas questões, por exemplo, o fato de a editora tomar diversas vezes capital de seus militantes para a manutenção de suas contas, como é o caso de Leôncio Basbaum e Almir de Oliveira Neves, que aparecem como credores da editora nos livros contábeis nos dois anos apontados.

Por exemplo, no “balanço geral” contábil da editora do ano de 1945, ela apresentava Cr\$ 5.097,00 em caixa, que, somados a “duplicatas a receber”, “móveis e utensílios”, “marcas e patentes”, “impressões e encadernações”, “devedores diversos” e ao dinheiro investido por Arthur Basbaum, Aníbal Monteiro Machado, David Castro (apresentado como diretor da empresa), David Medeiros Filho, Edison Nicoll, José Augusto Simões Barros, Osório Borba, Renato Tavares da Cunha Mello, Salomão Basbaum e Tulim Azevedo Marques, chegavam a um montante de Cr\$ 408.101,70.

O passivo desse ano, que era formado pela soma de “capital”, “fundo de reserva”, “fundo para depreciações”, “obrigações a pagar”, “credores diversos”, “lucros e perdas” e dívidas com Leôncio Basbaum (apresentado como diretor da empresa), Almir Neves, o Banco União Comercial, a Edições Horizonte Ltda. e o jornal *Tribuna Popular*, somava os mesmos Cr\$ 408.101,70.

A “Demonstração de Lucros e Perdas” do mesmo período apresentava com vendas um crédito de Cr\$ 357.581,70 e uma despesa de Cr\$ 214.696,97. Outros gastos foram com “despesas gerais”, que somaram Cr\$ 130.367,50 no ano, “duplicatas a receber”,

⁶⁹ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Fundo Dops, Editorial Vitória.

Cr\$ 6.444,80, e “lucro líquido a distribuir”, Cr\$ 6.072,43. O balanço fechava ativo e passivo do ano com Cr\$ 357.581,70.

A “Demonstração de Vendas” desse período apresenta, mês a mês, o lucro obtido pela editora com a venda de seus livros. No primeiro semestre o melhor mês foi janeiro, com Cr\$ 21.527,90. Fevereiro e março representaram lucros de Cr\$ 6.893,00 e Cr\$ 9.157,80, respectivamente. Abril trouxe novo aumento com Cr\$ 12.084,60, maio teve uma venda de Cr\$ 7.068,40 e junho, o pior mês do ano, Cr\$ 3.723,30.

No segundo semestre, julho apresenta nova recuperação com Cr\$ 7.434,60, mas é a partir de agosto que as vendas da editora decolam: agosto traz um salto para Cr\$ 27.232,20, setembro aparece com Cr\$ 24.597,70, outubro tem novo aumento com Cr\$ 38.169,70, tendência seguida por novembro com Cr\$ 45.822,30, e o ápice ocorre em dezembro, com vendas batendo Cr\$ 153.870,20.

É difícil saber ao certo se essas oscilações tiveram relação com os livros lançados nesse ano, já que nas edições não constam os meses de lançamento. Ainda assim, vale ressaltar que nesse ano, pela primeira vez, a editora lançou literatura abertamente marxista, como *Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática*, de Lenin, e *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, manual do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) amplamente divulgado pela editora e recomendado pelo PCB aos seus quadros, como veremos posteriormente. Sempre vale levar em conta questões meramente comerciais, com as festas de final de ano sendo um fator bastante provável para o aumento de vendas nesse período.

Na “Demonstração com Impressões e Encadernações” de 1945, consta um crédito que a editora possuía por conta de seu estoque de 1944 no valor de Cr\$ 25.214,90, um “saldo em conta” de Cr\$ 156.725,87 e um “inventário” de Cr\$ 209.520,30. Quanto às despesas, o documento traz os gastos mês a mês, com janeiro apresentando o maior, de

Cr\$ 134.266,77, seguido de dezembro, com Cr\$ 82.576,50. Julho apresentou o menor gasto, Cr\$ 2.077,00.

Em outro balanço contábil de 1945, consta que a editora teve um “lucro real”, ou seja, líquido, de Cr\$ 6,072,43 e pagou Cr\$ 485,80 de impostos sobre esse montante. Esses dividendos foram distribuídos entre os quatorze sócios, da seguinte forma, em sentido decrescente: Leôncio Basbaum, Adolfo Basbaum, Salomão Basbaum, David Castro, Arthur Basbaum, José Basbaum, Tulim Azevedo Marques, David Medeiros Filho, Renato Tavares Cunha Melo, José Augusto Simões Barros, Odette Nery de Vasconcellos, Aníbal Monteiro Machado, Osório Borba e Edison Nicoll.

No ano seguinte, a editora distribuiu dividendos entre seus sócios e lucrou também com aluguéis. Segundo o balanço contábil, foram arrecadados Cr\$ 34.836,70 em aluguéis cobrados de dois inquilinos na Avenida Rio Branco, a Liberdade Filmes Ltda. e a Edições Horizonte Ltda., e um na Rua da Alfândega, cobrado de Othon Bezerra de Mello. Além das editoras, o partido também fomentava junto ao seu aparato-político cultural clubes de cinema. A Liberdade Filmes foi fundada por Oscar Niemeyer e Rui Santos e foi responsável pelos documentários *O Comício de Prestes do Pacaembu* e *24 Anos de Luta*, além de *Juventude e Atividades Políticas em São Paulo* de Nelson Pereira dos Santos, *Esperança das Multidões* e *Congressos* de Salomão Scliar⁷⁰.

Quanto aos dividendos, foram distribuídos Cr\$ 13.074,70 entre seus sócios, mais do que o dobro do ano anterior, apresentando pequena variação de posição entre eles. Em ordem decrescente sobre o valor recebido temos: Leôncio Basbaum, Adolfo Basbaum, Salomão Basbaum, David Castro, Arthur Basbaum, David Medeiros Filho, José Basbaum, Renato Tavares Cunha Melo, Tulim Azevedo Marques, José Marques, Odette Nery Vasconcelos, Aníbal Monteiro Machado, Osório Borba e Edison Nicoll.

⁷⁰ DUPRAT, Andreia Carolina Duarte. “O PCB e as Artes no Brasil”. In: SECCO, Lincoln e PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). *História do PCB*. Cotia, Ateliê Editorial, 2022, p. 272.

O “Balancete Geral de 30 de abril de 1946” traz uma interessante lista de devedores que nos mostra, para além das pessoas físicas, quais livrarias mantinham negócios com a editora. Nessa lista aparecem a Distribuidora Atualidades e o Comitê Metropolitano, estruturas ligadas ao PCB, e as livrarias Londres, Jacinto, Excelsior, Zélio Valverde, Guanabara, Kosmos, Francisco Alves, Acadêmica, Casa do Livro, Coelho Branco, J. Leite, de Portugal, Caxias, Incahuasi, Cohen, Científica, Lisboa, São Pedro, Janetti e Leitura. Das vinte livrarias, as que tinham as maiores dívidas com a editora eram a Livraria Guanabara, com saldo devedor de Cr\$ 1.293,60, e a Livraria Incahuasi, que devia naquele momento Cr\$ 2.074,20. No total, a editora tinha Cr\$ 70.901,90 a receber das livrarias.

Por meio dessa lista é possível saber onde era possível encontrar os livros da Editorial Vitória naquele período, para além daquelas livrarias ligadas ao PCB: livrarias Roxy, Itatiaia e das Bandeiras em São Paulo, Agência Farroupilha em Porto Alegre, Livraria Popular de Salvador, Livraria Independência no Rio de Janeiro, Livraria Alaor⁷¹ em Fortaleza, além de uma no Recife⁷². Era possível encontrar livros da editora também na Livraria Brasiliense, Livraria Triângulo e Livraria Calil em São Paulo, e na Livraria Atlântica em Santos.

⁷¹ SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros*, op. cit., p. 116.

⁷² RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p. 180.

Figura 1. Selo da Livraria Roxy



Figura 2. Selo da Livraria Brasiliense

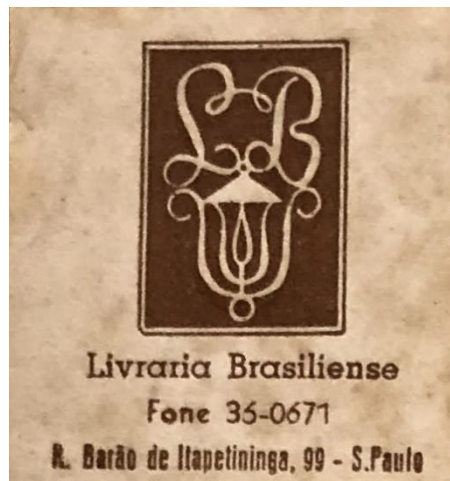


Figura 3. Selo da Livraria das Bandeiras

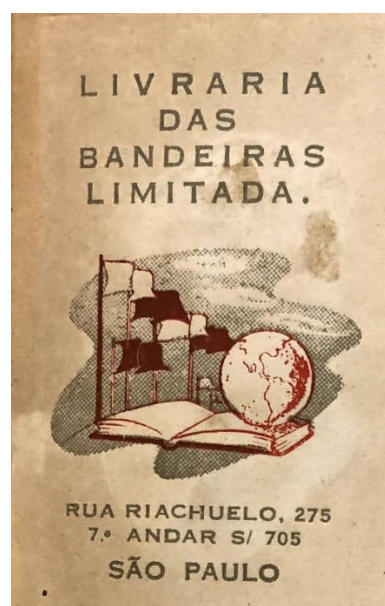


Figura 4. Selo da Livraria Itatiaia

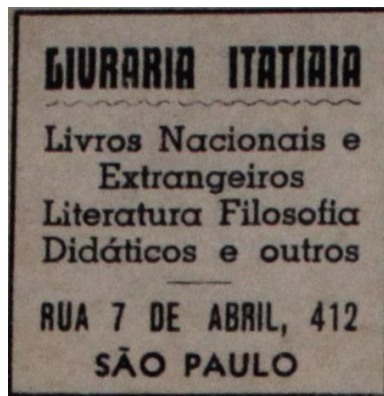


Figura 5. Selo da Livraria Triângulo



Figura 6. Selo da Livraria Atlântica



Figura 7. Selo da Livraria Calil



Esse documento também apresenta uma lista de distribuidores que devolveram os livros para a editora, provavelmente com receio de represálias. São elas: Barcelos Bertaso & Cia, Olmiro Ramos & Cia, Empresa Gráfica Carisinhense, Duarte & Belo, Klamann Rech & Cia, Irmãos Rossler, Gráfica Rossi e Livraria Civilização Brasileira, sendo essa última a detentora do maior valor a ser ressarcido, Cr\$ 1.441,00. No total, a editora devia Cr\$ 6.767,00 em obras devolvidas.

Nesse mês, a editora apresenta uma soma de Cr\$ 21.389,70 referente a “contas correntes”, Cr\$ 223.790,40 em gastos com “mercadorias”, Cr\$ 25.674,80 com “despesas gerais” e um passivo a ser pago de Cr\$ 124.624,20.

Na “Demonstração de Contas Correntes de 31 de junho de 1946” é possível observar quais eram os principais credores da editora, ou seja, aqueles agentes para quem a Vitória devia dinheiro. O primeiro deles é Almir Neves, com quem a dívida era de Cr\$ 43.301,60. Em segundo lugar aparece o Banco União Comercial, com Cr\$ 39.545,70. Logo em seguida, o jornal *Tribuna Popular*, com Cr\$ 22.367,00. Leôncio Basbaum tinha a receber Cr\$ 14.273,90. Aparecem ainda como credores Henrique Cordeiro, com Cr\$ 4.000, Flávio Ribeiro, com Cr\$ 500,00, e o Instituto Ap. P. Comercários, com Cr\$ 418,00.

Na soma total, em junho de 1946, a editora devia um montante de Cr\$ 124.406,20, sendo que os seus devedores, formados pela Edições Horizonte, o Banco Industrial Com. Agr. D. Federal e alguns militantes, no mesmo período, tinham Cr\$ 21.372,90 a pagar. Podemos afirmar assim que a Editorial Vitória nesse momento era uma empresa deficitária em sua conta corrente. Além disso, ficam bastante evidentes suas principais fontes de financiamento, ao menos aqueles declarados: empréstimos bancários, os próprios militantes enquanto pessoas físicas, e o remanejamento de dinheiro de outras estruturas partidárias, como é o caso do jornal *Tribuna Popular*.

No “Demonstrativo do Ativo e Passivo de 31 de julho de 1946” a editora apresentava o valor de Cr\$ 12.183,20 em caixa, que, somados a “duplicatas a receber”, “móveis e utensílios”, “marcas e patentes”, “bônus de guerra”, “devedores diversos”, “contas correntes” e “lucros e perdas”, constituía um ativo de Cr\$ 329.920,40. O passivo da empresa, formado pela soma do “capital”, “fundo de reserva”, “fundo para depreciações”, “credores diversos”, “contas correntes” e “lucros a distribuir”, também apresentava os mesmos Cr\$ 329.920,40, fechando essa conta no “zero a zero”.

A “Demonstração com Lucros e Perdas” desse mesmo mês apresenta um total de Cr\$ 235.350,40 em vendas e Cr\$ 263,101,90 gastos em mercadorias (inventário de 1945, impressões e encadernações, revisões, gravuras e clichês, desenhos e traduções). Vale destacar que os maiores gastos foram com as impressões e encadernações, Cr\$ 38.296,80, e com as traduções, Cr\$ 13.120,00. Outras despesas somavam Cr\$ 59.064,00. No geral, o saldo devedor da editora nessa conta ficou em Cr\$ 86.815,60.

A “Demonstração de Contas Correntes de 31 de julho de 1946” não indicava grandes diferenças com relação àquela do mês de junho. Os credores e devedores permaneciam os mesmos, com uma diferença: a dívida a ser paga pela editora aumentou. O valor devedor para o Banco União Comercial saltou de Cr\$ 39.545,70 para Cr\$ 58.716,90, o que pode ser em decorrência do arrolamento de juros ou de um novo empréstimo contratado junto ao banco pela editora. Os demais valores devedores permaneceram iguais. O valor a ser recebido também aumentou de Cr\$ 21.372,90 para Cr\$ 26.029,30, com um maior valor devido à Vitória pelo Banco do Distrito Federal, Cr\$ 1.409,00, e pelo IAPC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes), Cr\$ 3.298,70.

No “Demonstrativo do Ativo e Passivo de 31 de agosto de 1946” a editora apresentava o valor de Cr\$ 11.726,60 em caixa, que, somados a “duplicatas a receber”, “móveis e utensílios”, “marcas e patentes”, “bônus de guerra”, “devedores diversos”,

“contas correntes” e “lucros e perdas”, compunha um ativo de Cr\$ 60.417,00 e uma soma final de Cr\$ 325.103,70. O passivo da empresa, formado pela soma do “capital”, “fundo de reserva”, “fundo para depreciações”, “credores diversos”, “contas correntes” e “lucros a distribuir (pelos verificados no exercício de 45)”, apresentava os mesmos Cr\$ 325.103,70.

A “Demonstração com Lucros e Perdas de 31 de agosto de 1946” desse mesmo ano apresenta um total de Cr\$ 273.646,20 em vendas, Cr\$ 266.521,90 gastos em mercadorias (inventário de 1945, impressões e encadernações, revisões, gravuras e clichês, desenhos e traduções). Mais uma vez, os maiores gastos foram com as impressões e encadernações, Cr\$ 41.716,80, e com as traduções, que apresentaram os mesmos Cr\$ 13.120,00 do mês anterior, o que demonstra existir um valor fixo pago para os tradutores nesse momento. Outras despesas somavam Cr\$ 67.541,30. No geral, o saldo devedor da editora nessa conta ficou em Cr\$ 60.417,00, valor menor que o do mês de julho.

A “Demonstração de Contas Correntes de 31 de agosto de 1946” não indicava grandes diferenças com relação aos dois meses anteriores. Os credores e devedores permaneciam os mesmos e o valor a ser pago pela editora caiu ligeiramente. Sua principal dívida, aquela com o Banco União Comercial, teve pequena queda, passando de Cr\$ 58.716,90 para Cr\$ 53.900,20. Os demais valores devedores permaneceram iguais. O valor a ser recebido teve pequena oscilação de Cr\$ 26.029,30 para Cr\$ 25.029,30.

Infelizmente, os únicos balanços contábeis que parecem ter sobrevivido à ação da repressão foram esses aqui apresentados de 1945 e 1946. Ainda assim, essa é uma documentação valiosa que nos ajuda a compreender como a editora se estrutura financeiramente enquanto empresa. Fica evidente que nesse momento a Vitória operava no limite, inclusive rolando algumas dívidas, bancárias e com militantes, e distribuindo

lucros quase simbólicos. Leôncio Basbaum é o maior exemplo disso: ele investiu quase Cr\$ 15.000,00 na empresa (inclusive, vale notar, valor que destoa daquele afirmando no seu depoimento ao Deops, apresentado anteriormente) e recebeu como dividendos pouco mais de Cr\$ 4.000,00 em dois anos. Almir Neves também foi um dos principais doadores da editora, que sequer constava como sócio, e nada recebeu como dividendo.

Tudo isso faz parte da peculiaridade dessa empresa, fundada não a partir da livre iniciativa de empresários, mas de militantes que pretendiam fazer dela um instrumento político. Ao mesmo tempo, esses foram os anos de maior produção editorial da Vitória dentro do período da legalidade do partido entre 1945 e 1947.

Em outros períodos, a realidade financeira da editora continuou a mesma. Segundo Alberto Passos Guimarães, durante a sua gestão a editora apresentou prejuízo na fase final, ainda que mantivesse um público mais ou menos cativo. Essas dificuldades financeiras eram sanadas de diversas formas, inclusive com o dinheiro dos militantes, como vimos anteriormente.

A manutenção da editora foi bastante agravada após o partido ser colocado na ilegalidade em 1947 e os mandatos de seus parlamentares serem cassados no ano seguinte. A repressão agrava a questão financeira da Vitória, com processos que levaram a apreensão de edições quase inteiras, como foi o caso de 9.500 exemplares de uma tiragem de 10 mil do livro *Lenin, Stalin e a Paz*. Nessas condições, segundo Giocondo Dias, dirigente do PCB, ficava muito difícil recompor a atividade editorial do partido⁷³.

Essa prática de deixar a cargo dos militantes inúmeras tarefas, que envolviam o nome e o dinheiro desses, era comum para o PCB, que, por ter passado a maior parte de sua existência na clandestinidade, não tinha a possibilidade de registrar seu patrimônio

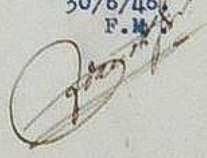
⁷³ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., pp.157-158.

como pessoa jurídica, costume que permaneceu (ao que tudo indica por motivos de segurança) mesmo nesse período de legalidade.

Inclusive, Leôncio Basbaum teve de arcar com a dívida bancária da editora citada anteriormente, feita em seu nome, quando já não era mais diretor da Vitória⁷⁴. Esse tipo de situação não era exceção em se tratando da militância comunista, já que o militante tomava para si esse tipo de ação como tarefa em prol do partido e, por que não, de todo o movimento comunista, tendo consciência das possíveis consequências.

⁷⁴ *Idem*, p. 157.

Figura 8. Balanço contábil da Editorial Vitória Limitada de junho de 1946.

		<u>EDITORIAL VITORIA LTDA.</u>
Demonstração do ATIVO e PASSIVO		305
em 30 de JUNHO de 1946		
<hr/>		
<u>A T I V O</u>		
CAIXA		
Dinheiro em cofre	10.777,70	
DUPLICATAS A RECEBER		
Por diversas	129.218,40	
MOVEIS E UTENSILIOS		
Pelos existentes	7.701,00	
MARCAS E PATENTES		
Valor desta conta	1.788,20	
BONUS DE GUERRA		
Pelos existentes	440,00	
DEVEDORES DIVERSOS		
Por diversos clientes por notas		
a vista	70.801,90	
CONTAS CORRENTES		
Pelos saldos Devedores		
(Conforme anexo)	21.372,90	
LUCROS E PERDAS		
Saldo desta conta	69.067,10	
<u>P A S S I V O</u>		
CAPITAL		
Valor registrado	170.000,00	
FUNDO DE RESERVA		
Valor desta conta	2.550,17	
FUNDO PARA DEPRECIACÕES		
Valor desta conta	1.371,40	
CREDORES DIVERSOS		
Por diversos clientes por mer-		
cadoria devolvida	6.767,00	
CONTAS CORRENTES		
Pelos saldos Credores		
(Conforme anexo)	124.406,20	
LUCROS A DISTRIBUIR		
Pelos verificados no Ex.45 ...	6.072,43	
	<hr/>	<hr/>
	311.167,20	311.167,20
	<hr/>	<hr/>
		30/6/46 F.M.S. 

(Acervo Dops-Aperj/RJ)

Pensando na relação entre o partido e a editora, a Editorial Vitória, durante a sua existência de vinte anos (1944-1964), teve uma direção oficial e outra “subterrânea”, que de fato a comandava⁷⁵. No entanto, sendo a editora notoriamente ligada ao PCB, seria normal que o partido determinasse a sua linha editorial e participasse da decisão sobre as suas publicações, além é claro, de procurar despistar sua ligação com a editora, devido à sua condição de clandestinidade a partir de 1948.

Ou seja, a editora mantinha, de forma concomitante, uma estrutura comercial, como qualquer outra empresa, e a ligação ao partido, mais especificamente à Secretaria Nacional de Agitação e Propaganda. Como exemplo dessa dupla natureza, Antônio Rubim cita o fato de nos anos 1950 a editora ter como “diretor oficial” Luís Papi e como gerente Israel Pedrosa, enquanto o diretor e responsável de fato em fazer valer a linha partidária nas atividades da Vitória era Alberto Passos Guimarães, ligado ao Comitê Central do PCB⁷⁶.

Todavia, como já afirmamos, isso não significava que a direção oficial da editora não participasse efetivamente de sua direção política e administrativa, sendo o diálogo algo constante entre as duas partes⁷⁷. Na seleção do material a ser publicado, por exemplo, a instância decisiva costumava ser o setor nacional de agitação e propaganda do partido, do qual participava também o diretor e responsável pela editora. Dessa forma, era escolhida a programação da Vitória, que ainda contava vez ou outra com a opinião de intelectuais ligados ao PCB.

Em alguns casos, porém, a decisão pelo lançamento de determinados livros partia diretamente do Comitê Central. Por exemplo, a edição das obras completas de Stalin, das

⁷⁵ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil”, *op. cit.*, p. 125.

⁷⁶ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, *op. cit.*, p. 156.

⁷⁷ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil”, *op. cit.*, p. 126.

quais se produziram cinco mil exemplares em cinco volumes, foi uma decisão unilateral da direção partidária. Ou seja, de variadas formas o PCB mantinha o controle sobre a produção político-cultural de sua editora⁷⁸.

Mais uma evidência nesse sentido é o fato de o partido ter criado na década de 1950 uma Comissão Nacional de Cultura, composta, entre outros, por James Amado, Dalcídio Jurandir e Alberto Passos Guimarães. Esse último era responsável por fazer a ponte entre a comissão e o Comitê Central do PCB. Os objetivos desse grupo seria o de intervir nos meios intelectual e cultural, além de controlar a produção dos intelectuais do partido. Entretanto, o funcionamento da comissão foi bastante irregular, nunca tendo se reunido por completo, com reuniões clandestinas e com muitas decisões já chegando prontas da direção partidária para serem executadas⁷⁹.

A editora também mantinha empregados alguns balconistas e vendedores que percorriam as ruas do Rio de Janeiro, além de pessoas especializadas para a tradução dos textos, como foi o caso de James Amado. Nem todos eram necessariamente filiados ao PCB, ainda que a maior parte o fosse⁸⁰. A Vitória teve pelo menos cerca de cinquenta tradutores durante os seus vinte anos de existência.

Sobre eles, alguns apontamentos. Constavam nessa lista desde figuras como Ruth Rowe, constante em periódicos como a revista *O Cruzeiro*⁸¹, tradutora de *Contos de Natal* (1944) de Charles Dickens, que nada aponta ter qualquer ligação com o partido ou o comunismo, a nomes de reconhecida importância entre a militância, como Alina Paim, escritora e uma das tradutoras das obras de Lenin. É de sua responsabilidade individual a tradução de *A Luta pela Unidade da Classe Operária Contra o Fascismo*, de Giorgi Dimitrov (1946). Em parceria com seu marido Paim Júnior, traduziu *História da Época do*

⁷⁸ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p.157.

⁷⁹ *Idem*, p. 344.

⁸⁰ *Idem*, p. 156.

⁸¹ *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 25, 3 jun. 1944.

Capitalismo Industrial, de A. Efimov e N. Freiberg (1945), *Que Fazer? Problemas Candentes do Nosso Movimento* e *Um Passo Adiante, Dois Passos Atrás*, ambos de Lenin.

São tradutores também das obras do líder da Revolução Russa Edison Carneiro, importante liderança do movimento negro e militante do PCB, que traduziu *A Catástrofe que nos Ameaça e como Combatê-la*, e a escritora Laura Austregésilo, tradutora do clássico *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Ela também será responsável pela tradução de *Socialismo e Comunismo: Trechos de Entrevistas, Informes e Discursos Pronunciados nos Anos 1956/1963* (1964), de Nikita Kruschev. Outra militante de destaque no período, a escritora Lia Corrêa Dutra, que chegou a ser vereadora do PCB no Rio de Janeiro⁸², foi a responsável pela tradução de *Testamento sob a Força* de Júlio Fuchik. É digno de nota o papel de destaque das militantes mulheres e de uma liderança negra no trabalho de tradução de obras tão cruciais para o partido⁸³.

Por fim, algumas lideranças de destaque no campo político marxista também traduziram obras da Editorial Vitória, principalmente nos anos 1960, como por exemplo, Armênio Guedes⁸⁴ e Zuleika Alambert⁸⁵, responsáveis por *Sobre os Sindicatos*, de Lenin, Mário Alves⁸⁶, que junto de Almir Matos traduziu *Filosofia Marxista: Compêndio Popular*, de Viktor Afanassiev, e em parceria com Jacob Gorender⁸⁷ fez a tradução de *Fundamentos do Marxismo-Leninismo*, de O. Kuucinen e outros. E, por fim, Leandro

⁸² *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, p. 3, 4 out. 1947.

⁸³ Sobre essas lideranças ver: SECCO, Lincoln e PERICÁS, Luiz Bernardo (orgs.). *História do PCB*, op. cit., pp. 36-37.

⁸⁴ Sobre Armênio Guedes, ver: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/armenio-guedes> Acesso em 2 jan. 2023.

⁸⁵ Sobre Zuleika Alambert, ver: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220573> Acesso em 2 jan. 2023.

⁸⁶ Sobre Mário Alves, ver: <https://memoriasdaditadura.org.br/memorial/mario-alves-de-souza-vieira/> Acesso em 2 jan. 2023.

⁸⁷ Sobre Jacob Gorender, ver: QUADROS, Carlos Fernando de. *Jacob Gorender, Um Militante Comunista: Estudo de uma Trajetória Política e Intelectual no Marxismo Brasileiro (1923-1970)*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2015.

Konder⁸⁸, tradutor de *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de Friedrich Engels.

Em 1949, a editora já havia alcançado o porte de uma empresa média, tendo nove funcionários trabalhando em seu escritório, incluído um gerente. Essa estrutura ainda cresceu no início dos anos 1960, já que, além da sede no Rio de Janeiro, a editora também abriu um escritório em São Paulo nessa mesma época⁸⁹. Entre 1944 e 1964, a Editorial Vitória teve ao menos quatro endereços, além de um depósito na Rua do Mercado⁹⁰. A editora esteve na Rua São José em 1944 e 1945, logo depois se mudando para a Avenida Rio Branco, o mesmo endereço das Edições Horizonte, no qual ficou em 1946 e 1947. Aqui fica bastante evidente o momento de transição pelo qual passava a estrutura editorial do partido, com o PCB paulatinamente passando a responsabilidade da edição de seus livros para a Vitória, até o desaparecimento definitivo da Horizonte em 1947.

Ainda nesse ano, a editora vai se mudar para a Rua do Carmo, endereço no qual ficou até 1955. Por fim, sua última sede se situou na rua Juan Pablo Duarte, onde ficou até o fechamento pelo golpe civil-militar de 1964. Vale notar que os três primeiros endereços estão muito bem localizados no centro do Rio de Janeiro, e o último, na Ilha do Governador. Ressalta-se ainda que nos anos 1960 a Vitória abriu um escritório em São Paulo, localizado no Edifício Martinelli⁹¹, outra excelente localização, na área central da cidade.

Como uma empresa por vezes deficitária, ao menos em determinados momentos, que funcionava no limite de suas finanças, conseguia manter um nível tão expressivo de

⁸⁸ Sobre Leandro Konder, ver: <https://marxismo21.org/leandro-konder-2/> Acesso em 2 jan. 2023.

⁸⁹ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil”, *op. cit.*, p. 126.

⁹⁰ SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros*, *op. cit.*, p. 123.

⁹¹ *Idem, ibidem.*

atividade e edições de livros e localizações tão privilegiadas no Rio de Janeiro e em São Paulo? Desses dados podemos deduzir algumas hipóteses.

Tratando-se do movimento comunista, organizado internacionalmente, e considerando o caráter peculiar dessa empresa, voltada não para o lucro, mas sim para o cumprimento da tarefa política, como já foi falado, não é difícil conceber a ideia de que a Editorial Vitória recebia ajuda externa para lidar com as suas finanças. É provável que o partido recebesse ajuda financeira de outros partidos comunistas latino-americanos, e mesmo de Moscou, além, é claro, da contribuição dos próprios militantes.

Esse dinheiro garantiria a manutenção da editora do partido, e conseqüentemente, a difusão do ideário comunista por meio dos livros, atividade tão cara à *agitprop* comunista. Obviamente, essa ajuda não seria contabilizada por questões políticas, para evitar qualquer tipo de retaliação por parte do governo, o que aconteceria de qualquer jeito após a cassação da legalidade do PCB em 1947.

Fica claro como questões políticas e empresariais estão imbricadas nesse caso, e como o foco é a empresa funcionar como um aparato de difusão político-ideológico do partido. A partir desse delineamento sobre a organização empresarial e política da editora, é possível partir para algumas reflexões, baseados no conceito de “cultura da empresa” apresentado pelo historiador Giulio Sapelli. Ele coloca a importância de entender a empresa como uma construção social, levando em conta, principalmente, a dimensão cultural na qual essa foi criada. Para ele, é fundamental considerar o fato de que a empresa não é apenas uma organização administrativa que realiza a interconexão entre tecnologias, capitais intangíveis e a interpenetração com o mercado, mas também uma associação de pessoas com costumes e regras próprias⁹².

⁹² SAPELLI, Giulio. “La Construcción Social e Histórica de la Empresa: Para un Nuevo Modelo Teórico”. In: COMÍN, Francisco e ACEÑA, Pablo. *La Empresa en la Historia de España*. Madrid: Editorial Civitas, 1996, p. 476.

Para Sapelli, a “cultura da empresa”, uma vez apreendida e internalizada pelas pessoas que fazem parte daquele espaço, acaba se tornando a “missão” da empresa, sendo a estratégia traçada pelos dirigentes o definidor dessa “missão”. Podemos considerar, a partir desses conceitos, que a Editorial Vitória enquanto empresa se encontra inserida em uma cultura bastante específica, que é a cultura comunista.

Nesse sentido, o componente político é fundamental para a existência dessa empresa, que tem por finalidade difundir a literatura marxista no país e, conseqüentemente, a sua doutrina. Importante enfatizar o quanto a questão editorial sempre foi considerada como parte fundamental da ação dos comunistas.

Quanto à organização da empresa, como já foi apontado, a editora foi fundada e comandada por um militante, lógica essa que permaneceu até o seu fim em 1964⁹³. Dessa forma, pensando na lógica interna de funcionamento, reafirmamos o caráter peculiar desse empreendimento, já que nunca foi de interesse do responsável pela editora o crescimento dessa por questões meramente econômicas.

Já que o lucro não era o fim da atuação editorial, só é possível entender a sua dinâmica de funcionamento e o seu crescimento no decorrer dos seus vinte anos de existência se compreendermos o universo cultural e político que permeia a sua atuação, ou seja, levando em conta o seu fim, que sempre foi o de promover o projeto político-ideológico dos comunistas no país.

É interessante ressaltar o fato de que a Vitória foi uma empresa bem-sucedida do ponto de vista editorial, mesmo não objetivando o lucro como fim, sendo a 19ª editora brasileira em um ranking a partir de “títulos em estoque” com 61 títulos em 1964⁹⁴. Vale

⁹³ Além de Leôncio Basbaum, foram gerentes da Editorial Vitória durante seus vinte anos de existência os militantes Almir Neves, Pedro Motta Lima, Henrique Cordeiro, Salomão Tabak, Júlio Furtado de Azevedo, David Medeiros Filho, Odete Nery Vasconcelos, José Augusto Simões Barros, Benito Papi, José Guttman, Ramiro Luchesi e Severino Mello (MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil”, *op. cit.*, p. 125).

⁹⁴ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. 3. Ed. São Paulo: Edusp, 2017, p. 536.

observar ainda que ela só deixou de existir por conta da repressão oriunda do golpe civil-militar de 1964, que teve como alvo da repressão todas as forças políticas populares do país, incluídos aí os comunistas e o seu partido, sendo bastante provável que a editora continuasse sua trajetória não fosse o momento político conturbado brasileiro.

Sendo assim, o conceito de “cultura de empresa” de Giulio Sapelli se mostra bastante eficaz para a análise de uma empresa dentro de um contexto tão peculiar, tanto organizacional quanto político, como é o caso da Editorial Vitória. Fica claro que nesse caso seria impossível uma análise meramente formal do ponto de vista econômico, levando em conta apenas dados quantitativos de produção.

Enfim, a editora enquanto empresa só pode ser entendida quando analisada inserida na lógica da cultura comunista, de seus costumes, regras e parâmetros políticos bem-definidos. O seu caráter peculiar como empresa abria a possibilidade dos militantes envolvidos com a sua organização se familiarizarem com práticas de natureza empresarial, ao mesmo tempo que deveriam potencializar a produção dos livros não visando o lucro, mas para cumprir a diretriz política colocada pelo partido.

Dessa forma, o conceito de Sapelli nos ajuda a compreender que uma empresa, em casos particulares, pode ter o seu modo tradicional de funcionamento totalmente modificado, subvertendo a lógica do lucro. Ao mesmo tempo, essa cultura traz também um caráter peculiar para a organização da editora, como o exemplo da “direção dupla” citado anteriormente.

Por fim, ainda que o esforço de interpretação da Editorial Vitória nos utilizando dos conceitos da História de Empresas seja bastante preliminar nesse trabalho, até mesmo por falta de fontes mais aprofundadas sobre a dinâmica empresarial da editora, fica claro ser possível uma interpretação nesse sentido, que leve em conta o modo de funcionamento

interno da empresa e as suas peculiaridades, com a cultura e as questões sociais, econômicas e políticas nas quais ela está inserida.

Dado esse panorama inicial focado na questão empresarial e contábil, cabe agora a análise de alguns agentes envolvidos no funcionamento da editora nesse período dos anos 1940, tema do tópico seguinte.

2. Salomão Tabak e Henrique Cordeiro: a edição como tarefa militante

Para aprofundarmos a compreensão do esforço editorial dos comunistas no Brasil, é imprescindível reconstruirmos a história da Editorial Vitória, principal empreitada do PCB no mundo dos livros ao menos até o golpe civil-militar de 1964. História essa construída por militantes que se acreditavam parte do “Exército Mundial da Revolução”, que enxergavam nos livros uma arma indispensável na construção de um novo mundo.

Dessa forma, tão importante quanto conhecer o papel das grandes lideranças comunistas é buscar conhecer a história dos militantes de segundo escalão, muitas vezes anônimos, que faziam a máquina partidária e suas inúmeras estruturas funcionarem no dia a dia.

Um caminho possível para buscar esse intento é o método de análise dos itinerários políticos-intelectuais desses militantes, gerentes, tradutores, distribuidores, livreiros... considerados figuras de segunda ou terceira ordem dentro das estruturas partidárias, como faz o historiador Horácio Tarcus no seu livro *Marx en la Argentina*⁹⁵.

Como diz o historiador argentino:

Por isso, antes de inscrever nosso trabalho dentro da história das ideias, preferimos fazê-lo [...] dentro da história intelectual. É que mais do que prestar atenção a uma “sequência temporal das ideias”, atentamos mais a “suas encarnações temporais e a seus contextos biográficos”. Às ideias, mas também a seus portadores: os sujeitos. Ou

⁹⁵ TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina: Sus Primeros Lectores Obreros, Intelectuales y Científicos*. 2. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2013, p. 11.

melhor, seus forjadores e difusores: os intelectuais, e não só nos ocupamos dos grandes “intelectuais conceptivos”, dos “grandes autores”, mas também dos animadores culturais, os editores, os tradutores, os divulgadores⁹⁶.

Dessa forma, serão apresentados aqui dois itinerários intelectuais de figuras que foram importantes para a editora, ambos gerentes da mesma em diferentes momentos: Salomão Tabak e Henrique Cordeiro.

2.1. Salomão Tabak: professor, intelectual e militante

Segundo biografia publicada pela *Revista Ciência e Cultura* de março de 1973, Salomão Tabak nasceu na Rússia, em 1923. Se formou em Química na Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil, em 1944, e em Bioquímica pela Faculdade Nacional de Filosofia, em 1958. Fez o seu doutoramento na Universidade Lomossonov de Moscou, na qual também foi estagiário, obtendo o título de doutor em 1964, sendo o mesmo reconhecido pela FFCL da USP em 1967.

Fez ainda cursos de especialização no Imperial College of Science and Technology de Londres nos anos 1960. Foi Regente da Cadeira de Química da FFCL de Araraquara de 1966 até 1971, alcançando a livre-docência em 1967. Pertenceu ao The Chemical Society de Londres, à Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência e à Associação Brasileira de Química. Em sua carreira acadêmica, Tabak publicou 48 títulos, entre artigos e livros.

Segundo a revista, Tabak foi estudante estagiário no Laboratório de Produção Mineral, com o professor Fritz Feigl, tendo realizado novos estágios com ele em 1966 e 1967. Foi estagiário também no Laboratório de Medicina Experimental do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro, em 1958; e estagiário e bolsista no Instituto

⁹⁶ *Idem*, p. 53.

Oswaldo Cruz, em 1959 e 1960, quando viajou para a Europa com bolsa da Capes. Trabalhou como químico do Centro de Pesquisas Luiza Gomes Lemos (câncer ginecológico), de junho de 1959 a outubro de 1960. Foi orientador de doutoramentos na FFCL de Araraquara.

O futuro gerente da Editorial Vitória ainda exerceu os cargos de laboratorista concursado do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) em 1943, ainda aluno da ENQ; foi químico da Fábrica da General Electric, no Rio, em 1945, e químico da Companhia Siderúrgica Nacional, Volta Redonda, em 1946. Ele também foi responsável pelo primeiro curso de extensão e prevenção do câncer ginecológico da Escola Nacional da Saúde Pública em 1959, e pelos cursos de Química Orgânica Teórica em 1969 e de História da Ciência em 1971 na FFCL de Araraquara. Faleceu em 1972, enquanto exercia o cargo de professor titular contratado de Química nessa mesma instituição.

Em sindicância do DEOPS/SP aberta em 19.1.1970⁹⁷, partindo de denúncia feita por Benjamin Tabak, pai de Salomão, consta que o filho foi professor da Universidade Patrice Lumumba na União Soviética, segundo o documento, “conhecido centro de convergência e treinamento de agentes subversivos provenientes de toda parte do mundo”. Na URSS, o engenheiro químico ainda teria exercido importante tarefa como professor de português para futuros diplomatas, além de ter visitado a China comunista antes de retornar ao Brasil.

O agente da polícia ainda cita que a Faculdade de Química de Araraquara era uma “escola superior isolada, mantida pelo Estado e um dos maiores focos de agitação comunista sob a liderança de conhecidos ‘mestres’”. Segundo o investigador, estava claro

⁹⁷ É sempre importante ressaltar a peculiaridade presente na documentação policial. Nunca é demais lembrar como o historiador, ao trabalhar com esses documentos, deve sempre fazer a devida crítica das fontes, para não correr o risco de legitimar uma visão oficial, constituída pelo governo autoritário da época, sobre sujeitos e grupos perseguidos pela polícia política. Cabe a tarefa de desconstruir os silêncios propositais dessas fontes. Sobre esse tema, ver: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Os Arquivos da Polícia Política Brasileira: Uma Alternativa para os Estudos de História do Brasil Contemporâneo*. http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo_arquivos_policia_politica.pdf Acesso em 3 jan. 2023.

que se tratava de um agente cuidadosamente treinado para agir no setor universitário dentro de uma linha de procedimento paralelo: de um lado, um respeitável professor de alto padrão cultural, sólida formação científica e intensa participação nas diferentes modalidades da área escolhida: publicação de trabalhos, regência de cátedras, atuação em congressos etc. Do outro lado, o “trabalho subversivo tecnicamente organizado”. Aqui grita a visão ideologicamente intoxicada do agente policial, que, sob a crença do “perigo comunista”, não concebia como tolerável um professor que simplesmente escolhesse como ideologia política o marxismo.

O agente do DEOPS ainda aponta como fato incontroverso que Tabak agira de forma subversiva antes e depois de sua ida à União Soviética, o que se comprovava pelo fato de no ano de 1948 ele aparecer como militante comunista exercendo a função de gerente da Editorial Vitória, “órgão camuflado” para a distribuição de literatura marxista, segundo o documento. Tabak foi preso pela polícia em 1949.

Tendo se declarado comunista desde 1945, participou da célula Josefina Tavares do PCB no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Consta ainda que no momento da prisão o engenheiro-químico portava abundante “material de propaganda comunista”, ao que tudo indica, livros. O militante é caracterizado como um quadro importante do partido, tendo sido responsável pelo setor de finanças, difusão de literatura e propaganda.

Por fim, o investigador considera muito estranho o posicionamento dos altos escalões da FFCL de Araraquara ao aceitar Salomão Tabak como professor, dado o fato de ter ascendência russa e um histórico de militante comunista. E termina lamentando o fato de a Secretaria de Educação não ter equacionado o problema da subversão nos quadros do ensino público sob sua jurisdição, fazendo vista grossa para a ação de “agitadores” nas escolas do estado, que além de tudo ganhariam altos salários pagos com o dinheiro público.

O agente termina o relatório afirmando que Salomão Tabak havia se alinhado à “tendência chinesa” do movimento comunista mundial, e havia sido convidado em 1966 para lecionar na Universidade de Campinas, e que a polícia esperava, naquele momento, uma resposta para um pedido de esclarecimento feito para o reitor daquela instituição sobre esse convite.

A companheira de Tabak, Fanny, também foi denunciada pelo sogro, e passou a responder a mesma sindicância. Ela, assim como Salomão, lecionava na FFCL de Araraquara, sendo doutora em Filosofia pela Universidade Lomonossov de Moscou, e tendo também especialização em Sociologia.

Ela foi responsável por um dos capítulos do livro de entrevistas *Atravessando as Fronteiras da URSS*, lançado pela Editorial Vitória em 1954, editado pela Federação das Mulheres do Brasil, sob responsabilidade de seu departamento de propaganda. Trata-se de livro de entrevistas sobre a realidade soviética sob o ponto de vista das mulheres brasileiras que lá estiveram. Além de Fanny, o livro conta com entrevistas de Branca Fialho, presidente da FMB, e de Zélia Gattai, que então assinava como Zélia Amado, companheira de Jorge Amado desde 1945.

Tabak ainda aparece como articulista no jornal *Voz Operária* de 8 de setembro de 1949 com um texto sobre o que ele chama de Conferência de Araxá, uma reunião entre representantes do empresariado brasileiro e estadunidense para, segundo ele, “discutir as teses que mais interessavam ao imperialismo para a exploração do Brasil”.

Se mostra uma constante o fato de os militantes ligados a direção das editoras do PCB também desenvolverem essa função de comentaristas da política cotidiana nos jornais do partido. Vide que o mesmo também ocorreu com José Calvino Filho, editor e diretor da Editorial Calvino⁹⁸.

⁹⁸ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros, op. cit.*, p. 22.

Vale ressaltar a carta de Carmen Savietto Fratti publicada no mesmo jornal, em 8 de outubro de 1949, relatando a prisão e o espancamento de Salomão Tabak pela polícia. O texto intitulado “Infame Atentado da Polícia de Ademar” relata o seguinte:

Publicamos abaixo uma carta da sra. Carmen Savietto Fratti, ex-vereadora e líder operária em Santo André, relatando o covarde atentado praticado pela polícia do Sr. Ademar de Barros contra o engenheiro químico Salomão Tabak, que se encontrava naquele município a serviço da empresa Editorial Vitória, da qual é gerente. A imprensa sadia de São Paulo e do Rio apresentou sobre o fato toda uma grosseira e infame falsificação visando com suas calúnias realizar mais uma provocação policial para criar o clima propício à aprovação das leis de opressão e de guerra que se encontram em trânsito no parlamento. Na verdade, a prisão e o espancamento do jovem Salomão Tabak constituíram um ato de selvageria fascista, contra a qual devem protestar todos os patriotas, exigindo a sua liberdade.

Mais um atentado à democracia, à Constituição, enfim, à liberdade individual praticou hoje a infame polícia do canalha Ademar de Barros, aqui em Santo André. Trata-se da prisão do engenheiro-químico e jornalista Salomão Tabak. Descíamos a rua Cel. Oliveira Lima (eu, meu filho e Tabak) quando em frente à Quinta Junta de Conciliação e Julgamento (da Justiça do Trabalho), dois “tiras” nos abordaram e exigiram a identidade de Tabak. Este mostrou-lhes o documento enquanto que aqueles o intimaram a comparecer à delegacia local imediatamente. Tendo Tabak se recusado a tal intimação, os “tiras” passaram a desferir-lhe socos, coronhadas de revolver e borrachadas nas costas e no rosto. Pusemo-nos a gritar por socorro, desmascarando a polícia de Ademar, invocando a Constituição e os direitos invioláveis do homem, mas os famigerados inimigos dos trabalhadores Trabachini e Marcondes nada ouviam. Tabak reagiu à altura, porém foi subjugado, enfiado num automóvel e retirado do local. Mais de cem pessoas assistiram a esse ato brutal e ficaram horrorizadas. Muitas disseram ainda que prestarão qualquer depoimento – se necessário – para provar a barbárie dos “tiras”.

Esses atos vandálicos da polícia, prendendo e espancando patriotas ao invés de nos amedrontar, deixa-nos revoltados e cada vez com maior vontade de lutar pela liberdade, pela paz e pela democracia, contra o traidor e servo do imperialismo ianque Ademar, espancador de trabalhadores honestos, inclusive de mulheres, como é o caso da líder feminista Alice Tibiriçá e outras.

Fica evidente como, mais uma vez, a preocupação do partido naquele período com a repressão policial era mais do que justificada. Não é à toa que os documentos partidários caracterizavam como “ditadura” o período do governo Dutra (e Ademar de Barros, no caso paulista), dado o seu anticomunismo declarado. Pelo relato, fica evidente que Tabak era, naquele momento, uma figura visada pela repressão, o que denota a importância dada

por esses agentes a tudo o que fosse ligado à propaganda partidária, inclusive os livros e os militantes envolvidos na sua difusão.

Enfim, Salomão Tabak foi um intelectual, acadêmico, que ainda jovem, com 25 anos, assumiu a tarefa de direção da editora, em 1947. Declarou-se comunista abertamente em 1945, coincidentemente, no mesmo ano em que trabalhou na fábrica da General Electric. Dessa forma, não é difícil conjecturar que tenha entrado em contato com o movimento operário organizado justamente nessa época. E ao que tudo indica, permaneceu próximo ao movimento comunista até sua morte em 1972, aos 49 anos.

2.2. Henrique Cordeiro: um militante entre jornais e livros

Outro gerente da Vitória que se destaca no período é o jornalista Henrique Cordeiro. Nos anos 1940, a presença de Cordeiro nos jornais do partido se faz recorrente, pois ele foi um dos organizadores da Liga de Defesa Nacional, grupo que procurava arregimentar a sociedade civil para o esforço de Guerra. Esse mesmo grupo também foi responsável por uma série de auxílios aos soldados brasileiros da FEB (Força Expedicionária Brasileira) antes e depois do embarque para a Europa.

Cordeiro é destaque em entrevista ao jornal *Tribuna Popular*, de 30 de janeiro de 1945, intitulada “300 Mil Exemplares de Livros e Folhetos Destinados a Educar Politicamente o Povo”. O jornal enfatiza a recente fundação de duas editoras do partido, a Horizonte e a Vitória, tendo como diretor da primeira o próprio Henrique Cordeiro, e da segunda, outro militante do partido, Almir Neves. Segundo a matéria, as editoras são voltadas para a divulgação de livros marxistas, dos continuadores e discípulos de Marx, e apesar de modestas, estariam naquele momento alcançando cifras impressionantes de vendagem.

A respeito, diz Henrique Cordeiro:

Os dois primeiros discursos de Prestes e seu informe político já atingiram um total de 300.000 volumes que foram distribuídos entre Rio, São Paulo e demais estados, sem levar em conta que se fizeram edições em várias capitais. Somente o discurso do Pacaembu chegou a 150.000 mil exemplares. Não preciso dizer mais nada. Realmente as cifras são impressionantes para um país de 45 milhões de habitantes, mas que possui 75% de analfabetos e onde as maiores tiragens só raramente atingem 5.000 exemplares.

Na entrevista, ainda são destacadas as vendas de outros livros como *Duas Táticas*, *Esquerdismo: A Doença Infantil do Comunismo* e *Que Fazer?*, de Lenin, e *O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial*, de Stalin. Por fim, uma exaltação da edição a ser lançada naquele momento do livro *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, contendo, além da opinião do próprio editor, falas de dirigentes proeminentes do partido como Arruda Câmara, João Amazonas e do próprio secretário-geral, Luiz Carlos Prestes.

Todos ressaltam como é imprescindível a leitura do livro, fundamental para o conhecimento da história da URSS, do papel destacado de Stalin enquanto líder e do marxismo-leninismo. Vale apontar o quanto essas falas e mesmo o número de exemplares citados pelos editores tinha uma função clara de propaganda das edições do partido, ainda mais se tratando de um jornal voltado, em grande medida, para a própria militância comunista e seus simpatizantes.

Por fim, Henrique Cordeiro aparece nos jornais da época ligado a uma figura proeminente do partido na área cultural: Mário Lago, casado com sua filha, Zeli Cordeiro, desde meados dos anos 1940.

Nos anos 1970, segundo documentos do SNI (Sistema Nacional de Informação) e do Cenimar (Centro de Informações da Marinha), Cordeiro foi membro da diretoria da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) no cargo de subsecretário e responsável pelo pessoal administrativo da entidade. Ele foi ainda diretor de dois jornais do PCB: *Tribuna Popular* e *Imprensa Popular*. Nos anos 1980, Cordeiro foi cofundador de uma agência de

viagens no Rio de Janeiro, que tinha o intuito de facilitar a entrada de turistas no Brasil, em um primeiro momento provenientes da França e, posteriormente, de toda Europa, ligados à esquerda sindical.

Em 1982, Cordeiro aparece como o diretor responsável pela *Revista Novos Rumos* e pelo jornal *Voz da Unidade*, ambos do PCB. A revista funcionava em São Paulo, na rua Dom José Gaspar, n. 30, 21º andar, junto a Editora Juruá, também do partido. O jornal ainda contava com sucursais em Santos e no Recife, sendo que Henrique Cordeiro esteve presente na inauguração de ambos.

Consta ainda de um documento do SNI uma articulação entre o coronel Kardec Leme e membros do PTB de Brizola para conseguir um emprego para a filha de Prestes, Leocádia, logo após o seu retorno do exílio. Na mesma articulação, Henrique Cordeiro tenta um estágio em escritório de advocacia para seu filho.

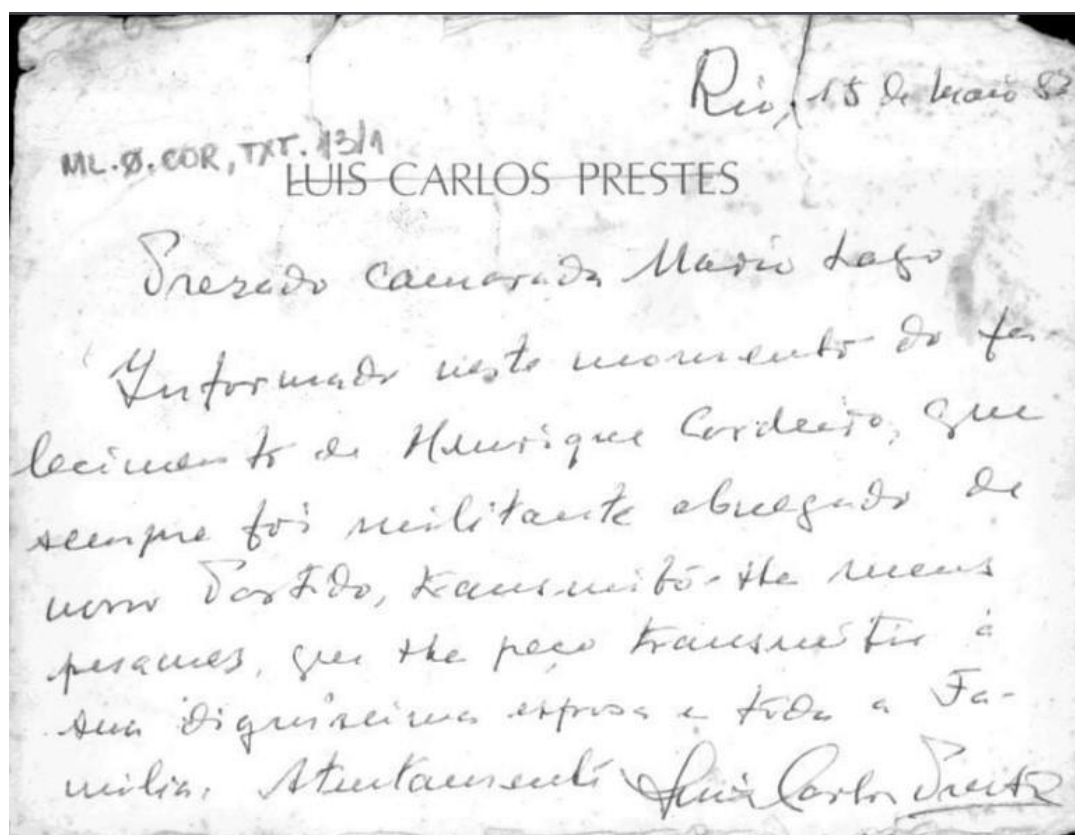
Ainda no início dos anos 1980, Henrique Cordeiro foi o responsável, junto com Armênio Guedes, Lindolfo Silva e Capistrano Filho, pela organização da Festa Nacional do Jornal Voz da Unidade, que contaria com grande número de atrações, como teatro, dança, apresentações musicais de artistas como Paulinho da Viola, João do Valle, Maurício Tapajós, Inti-Illimani, Sérgio Ricardo, Grupo Tarancón, entre outros.

O evento agregaria ainda uma série de movimentos sociais, sindicais, de mulheres, jornais, editoras e políticos da oposição, como o deputado federal Alberto Goldman, do PMDB, e Eduardo Suplicy, do PT. A linha agregadora do evento se daria pelos debates sobre a Constituinte, mas ele acabou proibido pelo regime. Ainda assim, a festa se manteve, de certa forma, com ações isoladas pela cidade, como uma “churrascada” na Faculdade de Medicina da USP, que segundo o relato do policial, contou com uma razoável venda de jornais e livros comunistas.

Por fim, Henrique Cordeiro faleceu em 1983 e seu genro, Mário Lago, recebeu um cartão escrito a próprio punho de Luiz Carlos Prestes, lamentando o ocorrido e transmitindo os pêsames a ele e ao restante da família. Isso mostra o quanto o ex-diretor da Editorial Vitória era um dirigente respeitado nas mais diversas esferas partidárias.

Henrique Cordeiro, assim, como Salomão Tabak, mostrou-se importante figura na organização do aparato político-cultural do partido, em diferentes momentos de sua história. No caso da ligação de ambos com a Editorial Vitória, fica evidente que o partido confiou a tarefa de construir a editora e fazê-la progredir, nos primeiros tempos, a dois jovens militantes, quadros com uma formação intelectual robusta, apesar da pouca idade e experiência política.

Figura 9. Telegrama de Luiz Carlos Prestes a Mário Lago, por ocasião do falecimento de Henrique Cordeiro.



(Acervo do Arquivo Nacional/RJ)

3. José Maria Nunes Pereira: um militante no espaço transatlântico

Na lógica de organização mundial que o comunismo apresentava, não era raro que militantes extrapolassem as fronteiras nacionais. Esse é o caso de José Maria Nunes Pereira Conceição e Constância Filomena Ramos da Cruz Nunes Pereira. O casal foi monitorado por um infiltrado da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), a polícia política portuguesa, entre 1962 e 1966, e manteve relações, entre outras, com a Editorial Vitória.

José Maria era brasileiro, natural de São Luís do Maranhão, e Constância era angolana, natural de São Paulo de Luanda. Ele havia estudado medicina na cidade do Porto e ambos participavam de ações organizadas pela UNE (União Nacional do Estudantes), com destaque para aquelas de apoio a luta pela independência de Angola. O informante, chamado Pedro Silveira, relata a movimentação de um grupo de estudantes africanos que chegou ao Brasil em março de 1962, advindos de uma série de países: Senegal, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Nigéria, Camarões e Gana, todos ligados ao movimento estudantil. O mesmo se dava com uma série de estudantes portugueses, ligados ao MUD (Movimento de Unidade Democrática Portuguesa) e à UPEB (União Portuguesa de Estudantes do Brasil).

Outro movimento, o MOSAC (Movimento Sul-Americano Anticolonialista), também citado, realizou naqueles dias um evento de confraternização para os jovens africanos, com a presença de estudantes brasileiros e portugueses, “na sua maioria, comunistas”, segundo o infiltrado da PIDE. São citadas também entrevistas para a imprensa brasileira, como a TV Rio e o *Jornal do Brasil*, dos estudantes africanos sobre a realidade colonial.

Além disso, uma conferência na UNE denominada A Luta do Povo Angolano marca o evento de da constituição da delegação do MABLA (Movimento Afro-Brasileiro

Pró-Libertação de Angola) no Rio de Janeiro. O patrono do movimento é o professor Henrique Miranda, que havia estado no Congresso Pró-Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses em Montevideú. Aqui o informante relata que esse era amigo de Luiz Carlos Prestes, como o próprio o teria dito. Ao fim do relatório ele ainda reclama com a chefia da PIDE sobre a “urgente necessidade de fundos” dos quais ele precisava, já que tinha dívidas a pagar e não poderia “protelar mais tempo a sua satisfação”.

Se tomado como verdade o relato feito pelo infiltrado, duas coisas se tornam evidentes: a proximidade de Luiz Carlos Prestes com José Maria Nunes Pereira e os movimentos de solidariedade as lutas portuguesas contra a ditadura salazarista e africanas de libertação nacional; a pretensa facilidade com que um infiltrado de uma força policial estrangeira reacionária se aproximava dos comunistas brasileiros, inclusive de sua principal liderança.

Segundo o relato do informante, José Maria era o militante mais ativo nas causas ligadas a Portugal e Angola no Brasil, sendo de iniciativa dele as atividades ocorridas na UNE sobre essas questões. Partiu dele também a organização no mês de maio de 1962 de uma passeata até a Embaixada Portuguesa no Rio de Janeiro, com a intenção de entregar um documento de protesto na Chancelaria contra a perseguição dos estudantes portugueses por Salazar.

Esse tipo de ação não ficava restrita aos espaços na UNE e a passeatas pelas ruas do Rio de Janeiro. Nesse mesmo mês, José Maria e seus companheiros organizaram um ato durante um jogo em pleno Estádio do Maracanã, distribuindo cem mil manifestos, que o informante diz não saber qual o assunto, apenas que se tratava de documento atrelado às bandeiras do PCB. Foram enviadas cartas contendo esse manifesto para os jogadores no hotel em que estavam hospedados. E tudo isso com o auxílio do deputado Tenório

Cavalcanti⁹⁹, “o homem da capa preta”, figura folclórica da política nacional daqueles tempos. Nos dias 3 e 4 de junho, a UNE promoveu a Semana da África, exposição com uma série de fotos denunciando as atrocidades portuguesas no continente africano, que contou com inúmeras faixas com dizeres antifascistas confeccionadas por José Maria.

Em entrevista para o projeto História do Movimento Negro no Brasil, de iniciativa do CPDOC, a qual foi levada a cabo em 2003, José Maria Nunes Pereira afirma o seguinte sobre a sua função naquele momento:

O ano de 1962 é vital, do ponto de vista internacional, para os africanos; é o ano em que a revolução angolana está na ONU, o colonialismo português aqui está sendo defrontado, não com vitória, por Afonso Arinos, San Tiago Dantas e Renato Archer, que era o vice-ministro. A UNE tinha uma grande posição junto aos governos socialistas, e eu era um instrumento importante. Em fevereiro, recebo uma tarefa. Disseram: “Vai chegar o grupo de 17 bolsistas africanos que o Jânio Quadros convidou” – já estávamos no governo João Goulart. “Vão chegar e, portanto, te prepara para isso.” Dois minutos depois veio a notícia: “Eles já estão lá embaixo.” Eu desço e, na chefia deles, está o meu velho companheiro de política da Casa dos Estudantes do Império, Fidélis Cabral de Almada, que foi ministro da Justiça da Guiné-Bissau. Inauguro então a minha função de *office boy* do Itamaraty: levar os estudantes ao dentista, fazer sua matrícula...

Em julho de 1962 chega José Lima de Azevedo, com o pretexto explícito de estudar no Brasil e, embutido nesse pretexto, o de tentar legalizar um bureau de representação do MPLA. Ele vai para a minha casa e ali começa uma outra fase importante da minha vida pessoal, que é ser o auxiliar principal do bureau político do MPLA aqui no Brasil. Depois chega outro dirigente e vai para São Paulo, o Costa Andrade, cujo nome de guerra era Ndunduma¹⁰⁰.

Outro assunto recorrente nos relatórios é a posição ambígua do governo João Goulart em relação ao MPLA. Tanto José Maria quanto outros militantes reclamavam da falta de apoio efetivo aos revolucionários em Angola por parte do Itamaraty. O presidente do *bureau* do MPLA no Brasil, José Lima de Azevedo, inclusive se encontrou com o

⁹⁹ Sobre Tenório Cavalcanti, ver: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cavalcanti-tenorio> Acesso em 23 dez. 2022.

¹⁰⁰ ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar Araújo. “Entrevista com José Maria Nunes Pereira”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 39, p. 127, jan.-jun. 2007.

ministro San Tiago Dantas e teria tido uma enorme frustração pela falta de entusiasmo dele com a causa de libertação angolana.

Os relatórios citam também a proximidade do movimento a importantes lideranças comunistas, como Jorge Amado, críticos da ditadura salazarista, como o jurista Álvaro Lins, e outras importantes figuras ligadas ao movimento social, como Abdias Nascimento, Eduardo Portela, Rui Guerra e Francisco Julião. O informante reforça mais de uma vez o importante papel de “ponte” exercido por José Maria entre as lideranças brasileiras, portuguesas e angolanas.

Sobre esse tema, diz o militante do MPLA:

Tínhamos uma grande atividade no meio intelectual: Cândido Mendes, Eduardo Portela, que eram figuras da época, José Honório Rodrigues e Jorge Amado. O Jorge Amado tem um famoso artigo, “Saudações a Buanga Felê, chefe da luta em Angola”. E Maria Yedda Linhares, minha mestra. Essa era a atuação junto aos intelectuais, que nessa época estavam concentrados no Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, que havia sido fundado por Jânio Quadros e é fundamental para explicar, mais tarde, a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos. [...]

Bom, portanto: papel do MPLA no Brasil? Intelectuais realizavam conferências, e este locutor que vos fala vivia pendurado nas faculdades fazendo cartazes, murais, conferências e tal. Eu lembro que uma vez, no Sindicato dos Metalúrgicos, um certo senhor não gostou nada, porque tinha fotografias de guerrilhas. O senhor entrou e avisaram: “Tem um painel ali da luta de Angola”. Ele não olhou. Entrou em frente. Era Luiz Carlos Prestes. Para ele, nós éramos agentes provocadores; não era hora de falar de guerrilha naquele tempo. E o velho tinha razão. Nem tinha razão de ter razão, porque acabamos perdendo por fazer barulho, perdendo por não fazer resistência ... Enfim, era da época.

Ora bem, por que 1962 foi um ano importante? Não foi só porque Angola estava em luta. Foi também porque em Angola havia dois movimentos rivais e nós estávamos perdendo para o nosso rival. Era um período difícil para nós. O engraçado é que sofríamos na África e, no Brasil, tinha um *bureauzinho* vagabundo que fazia um grande estardalhaço e chegava a aparecer na imprensa internacional. No final de 1962 criamos o Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola, o Mabla, primeiro em São Paulo e depois no Rio. Em 1963 foi a radicalização. Nesse ano, aconteceu um grande congresso internacional do terceiro mundo na Bahia. Toda a nossa delegação foi: Angola e o PAIGC, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, de que eu também era auxiliar. Nossa atuação começou

então a incomodar os portugueses, primeiro os comendadores, depois a própria PIDE, a polícia política de Salazar¹⁰¹.

É interessante ressaltar a situação vivida por ele junto a Prestes, já que nesse período o PCB estava alinhado à política reformista do governo João Goulart, sendo que suas ações se davam todas dentro da “ordem”. Não à toa o secretário-geral do partido torceu o nariz para a ação “esquerdista” dos jovens defensores das guerrilhas nas lutas de libertação nacional africanas.

Um relatório da PIDE de 24 de julho de 1962 demonstra que José Maria esteve em Portugal e lá também era vigiado. Diz o relatório que o militante comunista partiu do Brasil com destino a Lisboa no dia 21 daquele mês e que, além de membro do Partido Comunista Brasileiro, era também “representante substituto” no Rio de Janeiro do Movimento de Libertação de Angola. Ele pretendia passar de dez a quinze dias em Portugal, tendo como objetivo principal da viagem conseguir a ida para o Brasil de “uma jovem angolana com quem se casou por procuração”. Sabemos que se tratava de Constância.

Em outro documento, de 9 de agosto de 1962, é abordada a fuga do líder do MPLA Agostinho Neto em Lisboa. Ele foi preso em 1960, o que fomentou uma das primeiras manifestações angolanas contra o sistema colonial português, que culminou com a insurreição de Luanda em 1961 e a aproximação dos revoltosos com a União Soviética¹⁰². O responsável pelo relatório não titubeia em afirmar a sua crença de que a ida de José Maria Nunes Pereira para Portugal na mesma época tivesse relação com o ocorrido. Uma “estranha coincidência”, segundo ele. Ainda que esse afirme, é verdade, não existir qualquer prova nesse sentido.

¹⁰¹ *Idem*, pp. 128-129.

¹⁰² VISENTINI, Paulo Fagundes. *As Revoluções Africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 52.

O relatório de 22 de agosto de 1962 relata pela primeira vez de forma mais detalhada a militância de José Maria junto ao PCB. Ele desde que chegou ao Brasil participou de reuniões e em campanhas de propaganda e agitação do partido sob liderança de Rodrigo José de Faria Lima e Helena Boaventura. Posteriormente, se engajou nas questões relacionadas a política portuguesa, como já relatado anteriormente, e nas questões coloniais, tendo destaque em ações como a Semana da África ocorrida na Faculdade Nacional de Filosofia.

O informante segue afirmando o seguinte:

As muitas ligações que tinha e tem com estudantes do Ultramar que conhecera em Portugal e que saíram de lá para vários países, indica claramente que durante a sua estadia em Portugal, quando ali estudante, exercia igualmente atividades políticas de caráter subversivo, tanto mais que era já então membro do Partido Comunista Brasileiro. Dando-se o caso de ele ter ido a Portugal agora, para tratar oficialmente, conforme revelou, do seu casamento, com uma moça angolana, não significa que ele não tenha outra missão de confiança a exercer. Que ele receava mesmo qualquer contratempo por essa razão, é o fato dele ter combinado com o angolano José Lima de Azevedo do MPLA e com Cristóvão do Nascimento Moraes, de Cabo Verde, e bolsista do governo brasileiro, que fizessem uma diligência junto ao Itamaraty se ele não escrevesse de Portugal.

José Maria acabou escrevendo e a diligência não precisou ser efetivada. O informante afirma ainda que Cristóvão do Nascimento Moraes era militante do Partido Comunista de Senegal e se encontrava exercendo “atividades subversivas” no Brasil junto aos estudantes brasileiros, principalmente no Nordeste. Vale ressaltar que mais uma vez fica no ar uma hipotética participação de José Maria na fuga de Agostinho Neto ocorrida em Lisboa.

No relatório seguinte, de 3 de setembro, o informante afirma que José Maria havia preparado o seu retorno para o Brasil no dia 13 de agosto, no “voo da amizade” da Panair. Apesar disso, o militante comunista até aquela data ainda não tinha retornado. No mais, esse é o documento que relata a ligação entre José Maria e a Editorial Vitória. Ele teria

procurado a editora no seu retorno ao Brasil após sua temporada no Porto e, segundo o delator, a editora “serve atualmente de ligação entre os comunistas dos vários estados do Brasil e do exterior”.

Ele dá como exemplo o fato de outros militantes terem procurado a editora ao chegarem ao Brasil, como foi o caso de Fernando Mourão, além do próprio José Maria. A “agente de ligação” entre os militantes, a editora e o partido seria uma “moça amulatada”, militante, de nome Arlinda. Trabalhava também na Vitória uma moça portuguesa de nome Esperança Santos, ligada à UPEB.

Cumprе ressaltar a importância dessas informações. A Editorial Vitória não era apenas um aparato editorial do partido, o que por si só já a reservava uma função importante, mas também um espaço de encontro e trocas entre militantes comunistas do Brasil e do mundo. Um espaço inclusive de refúgio para militantes em situação de perseguição em seus países, como era o caso dos portugueses e africanos.

Inclusive do ponto de vista da recepção e circulação dos livros, essa informação é relevante. É impossível não se questionar de que forma esses militantes entraram em contato com os livros naquele espaço, o quanto isso impactou na sua formação intelectual e militante e além disso, se esses livros por meio deles circularam em seus países de origem, algo que ao menos nos países de língua portuguesa parece ter ocorrido. Abordaremos esse ponto em breve.

Ainda nesse relatório, o informante afirma que José Maria esperou por mais de quatro anos para ser aceito como militante no Partido Comunista Português. Logo que retornou ao Brasil já foi alocado em uma “base” do PCB no Rio chamada “Che Guevara” e que funcionava em um escritório de Copacabana que oficialmente figurava como gabinete do deputado comunista Hércules Correia dos Reis.

Na altura do dia 26 de setembro, José Maria já havia retornado com sua esposa de Portugal. Segundo o relatório, ele trouxe com ele discos com músicas do folclore angolano e pretendia fazer uma sessão musical desse material na UNE. Ainda no campo cultural, se encontrava em fase de finalização a revista *Afro-Brasileira*, órgão do Instituto Afro-Brasileiro dirigido por Eduardo Portela. Essa edição traria um “violento requisitório contra a política ultramarina portuguesa” de autoria de Jorge Amado.

No relatório de 18 de outubro constam algumas atividades que José Maria desempenhou enquanto era estudante na cidade do Porto. O militante visitou o preso Henrique Nuno Verdial na Cadeia Central do Norte. Este foi detido por “atividades subversivas” e foi signatário de um panfleto intitulado *Portugueses*, que exigia do governo português a anistia a todos os presos políticos do país e a punição dos agentes policiais envolvidos na repressão.

Nesse documento, o agente da PIDE dá mais informações sobre a atividade política de Constância. Além de ele considerar a hipótese de José Maria e ela terem viajado para Angola antes de retornarem ao Brasil, relata que ela foi aluna do Instituto Industrial do Porto e fez parte da organização do grupo de estudantes dessa instituição que participaram das comemorações do Dia do Estudante naquele mesmo ano na cidade do Porto.

Já sobre José Maria, o informante afirma que ele participou da tentativa de criação do Movimento Nacional de Estudantes em 1959 e foi autor de uma série de panfletos pela libertação de seu colega Abel Ferreira da Costa que foram distribuídos no cortejo da Queima das Fitas daquele mesmo ano. O militante comunista também foi responsável por recolher assinaturas para um abaixo-assinado que seria entregue ao Ministro da Educação Nacional e ao reitor da Universidade do Porto pela libertação de seu colega.

Em uma circular do dia 27 de outubro, são dadas ordens para todos os aeroportos portugueses sobre como proceder no caso de chegada ao país do casal comunista. A seguinte orientação é feita:

Logo que se verifique a entrada no país de José Maria Nunes Pereira da Conceição, nascido a 13/05/1937 e Constância Filomena Ramos da Cruz Nunes Pereira, nascida a 1/10/35, em Luanda, ambos de nacionalidade brasileira, deverá ser-lhes passada rigorosa busca pessoal e a bagagem, de colaboração com as autoridades aduaneiras.

Se da busca resultarem documentos de interesse para esta polícia, deverá comunicar esse fato a esta direção (Seção Central), que resolverá do destino a dar-lhes.

Mesmo que nada seja encontrado, deverá comunicar, pela via mais rápida, a sua entrada no país, indicando o local para onde se forma alojar.

A Bem da Nação

O diretor

Lisboa, 27 de outubro de 1962

Em relatório de julho de 1963, é apontada a ligação de José Maria e Constância com elementos que estariam planejando uma saída clandestina de estudantes africanos do país. Os responsáveis seriam os militantes João Gabriel Marques, o alemão Willy J. Tellekamp, Rui Alberto Barros e Félix José Araújo Júnior.

Em documento do dia 24 de abril de 1964, o primeiro após o golpe civil-militar no Brasil, o informante faz uma atualização sobre os membros da “Oposição Portuguesa” e dos “movimentos nacionalistas das colônias portuguesas”. Sobre José Maria, o agente retoma a sua trajetória enquanto militante no Brasil, afirmando que ele fora filiado também ao Partido Comunista Português enquanto morou naquele país. Ele afirma também que José Maria teve nesse tempo diversos contatos com estudantes de Angola, Moçambique, Guiné etc. Por meio dele, o líder do MPLA José Lima Azevedo teria conseguido trabalho no jornal *A Liga*, órgão de imprensa das Ligas Camponesas de Francisco Julião.

Naquele momento, ele e outros funcionários do jornal encontravam-se foragidos, tendo escapado da batida que a Polícia da Guanabara fez à redação do jornal, apreendendo

uma série de documentos. Ele ainda relata que a casa na qual vivia José Maria e José Lima de Azevedo era um ponto de encontro das lideranças comunistas brasileiras, portuguesas e africanas no Rio de Janeiro, citando como exemplo os nomes de Antônio Louro, arquiteto português, e Arlinda, a funcionária da Editorial Vitória.

Por fim, não sem uma dose considerável de cinismo, o informante, que há anos convivia como amigo de seus deletados, decide opinar sobre qual deveria ser a ação da PIDE em relação a eles agora que o Brasil se encontrava sob um governo militar. Diz o infiltrado:

“Após estas considerações parece-me ocasião para sugerir o seguinte”:

As autoridades policiais brasileiras da Guanabara e Estado do Rio, devem estar interessadas nas suas atividades subversivas. Como estrangeiros, são passíveis de expulsão em consequência delas. Seria bastante conveniente fazer desaparecer da atividade anti-portuguesa aqui no Rio, os elementos acima referidos. Bastaria uma informação transmitida as autoridades brasileiras da Guanabara. Esta a sugestão.

Antes mesmo da infame sugestão do informante da PIDE, a polícia brasileira agiu. Em relatório do dia 15 de julho de 1964, consta que José Maria havia sido preso pelo DOPS “no dia 1 ou 2 de abril” e foi solto dois dias depois. Ainda assim, as reuniões em sua residência continuaram. No dia 23 de junho os jornais já haviam publicado sobre uma batida na casa de José Maria feita pelo DOPS, localizando ali uma célula comunista e prendendo, além dele, Antônio Louro, José Manuel Gonçalves “e outros elementos brasileiros”, em um total de nove pessoas. O informante ainda esclarece que José Maria nunca havia estado em Angola, como desconfiavam as autoridades portuguesas, apesar de ter se casado com uma angolana.

José Maria voltaria para a prisão junto de outros companheiros angolanos: José Lima de Azevedo, Elói Santos e, mais uma vez, José Manuel Gonçalves. Todos foram liberados no dia 12 de agosto de 1964 e passaram a ser denominados pelas forças policiais

como o “grupo angolano”. Nesses dias, no jornal *Última Hora*, foi publicada a seguinte nota:

ANGOLANO

O estudante angolano José Maria Nunes de Azevedo foi libertado pelos militares do Recife, onde foi preso no dia 16 último, quando transitava por Pernambuco, a serviço de uma firma comercial para a qual trabalha. O estudante do chamado “Grupo Angolano” esteve preso no Rio durante 150 dias em prisão preventiva decretada, sendo exaustivamente interrogado por integrantes do IPM. Também as autoridades de Pernambuco concluíram que de nada poderiam acusar o estudante.

O IPM (Inquérito Policial Militar) do “grupo angolano” foi encaminhado para a 9ª Vara Criminal do Rio de Janeiro após ter o seu curso sob responsabilidade da Marinha e ter sido presidido pelo Capitão de Mar e Guerra Heny Fabiano de Azevedo. O processo envolvia três angolanos, José Lima de Azevedo, José Manuel Gonçalves Rosa e Constância Filomena Nunes Pereira, dois brasileiros, Elói Santos e José Maria Nunes Pereira, além de um português, Antônio Louro.

Em matéria do jornal *Correio da Manhã* de 17 de novembro de 1964 intitulada “Angolanos Não Eram Subversivos”, são apresentadas informações de como estava correndo o processo criminal. No fim das contas, apenas José Manuel Gonçalves foi denunciado na 9ª Vara Criminal, e por ter confessado usar um documento de identidade falso, não por qualquer ato “subversivo”. O promotor do caso pediu a expulsão do país de José Lima de Azevedo e Antônio Louro, “contra os quais nada ficou apurado”, segundo o jornal.

Em relação a José Maria, as palavras da promotoria são bem pouco elogiosas, para dizer o mínimo. Segundo o promotor, “trata-se de marginal, um pobre diabo, ligado aos libertadores de Angola mais por questões de estômago que por idealismo” e, apesar de manter contato com lideranças comunistas e ser frequentador do Instituto Brasil-Cuba, não poderia ser acusado sob nenhuma lei.

O último documento sobre a situação do “grupo angolano” é mais uma matéria de jornal, um periódico português intitulado *Partisans*, n. 18, de dezembro de 1964 e janeiro de 1965. Na matéria “Cinco Anticolonialistas Perante o Tribunal no Brasil” constam alguns dados biográficos sobre os acusados. José Lima de Azevedo, por exemplo, estudou Economia na Faculdade de Direito de Lisboa, foi um dos fundadores e dirigentes da Casa dos Estudantes do Império, associação que recebia os estudantes das colônias na capital portuguesa, da qual fizeram parte várias futuras lideranças das lutas de libertação colonial, inclusive Agostinho Neto¹⁰³.

Após a revolta de Angola em 1961, Azevedo se refugiou clandestinamente na França com uma centena de estudantes africanos. Se filiou ao MPLA e continuou seus estudos em Gana com uma bolsa do governo brasileiro por intermédio do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em março de 1962 chega ao Rio de Janeiro e se encontra como representante do MPLA com o ministro San Tiago Dantas e o senador Afonso Arinos, com a intenção de facilitar a entrada no Brasil de outros refugiados, se aproveitando do posicionamento anticolonialista do governo Goulart.

Outro militante preso, o português Antônio Louro, era militante dos partidos comunistas português e francês e ligado ao MPLA. Já tinha sido preso em Portugal e preparava no Brasil dois livros sobre as colônias e as relações econômicas com o então Mercado Comum Europeu entre África e Brasil. Os originais foram confiscados pela PIDE. Sobre José Maria, nenhuma grande novidade, apenas que era estudante de Sociologia na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro; já sua companheira Constância cursava Química Industrial.

As acusações que pesavam sobre eles eram as seguintes:

- 1) De terem tido contato com as autoridades brasileiras do regime de Goulart.

¹⁰³ VISENTINI, Paulo Fagundes. *As Revoluções Africanas*, op. cit., p. 49.

- 2) De terem cobrado fundos e enviado medicamentos para a África.
- 3) De terem organizado palestras e conferências.
- 4) De terem tentado comprar armas de contrabando.
- 5) De terem tentado influenciar a opinião pública.

É bastante evidente a fragilidade das acusações, sendo quase todas o que se pode considerar como “delitos de consciência”, o que para um regime autoritário já basta para legitimar prisões arbitrárias de toda e qualquer pessoa que não se alinhe à ideologia dominante dos detentores do poder.

A matéria relata ainda que José Lima de Azevedo foi torturado enquanto estava preso no Cenimar (Centro de Informações da Marinha), enquanto a casa de José Maria e Constância foi invadida por oficiais dessa mesma instituição acompanhados por agentes da PIDE, que “age livremente no Brasil”. A matéria termina com um apelo de José Maria:

Rogamos a todos os irmãos da luta africana, a todos os companheiros do mesmo ideal, de nos manifestar a sua solidariedade enviando aos nossos advogados e testemunhas de defesa, e enviando ao presidente Castelo Branco um protesto contra a prisão de José Lima de Azevedo e contra a intervenção da PIDE no Brasil.

Sobre a PIDE e a prisão, vale reproduzir o longo relato de José Maria:

Agora vou direto ao assunto: em 1964, Lacerda facilita a instalação da PIDE no Brasil, sem grandes autorizações do governo central. Era a Gestapo portuguesa, como se dizia. A PIDE se instala secretamente no Brasil, na rua Santa Clara, nº 36, aquele prédio grande, e começa acompanhando o nosso movimento, o movimento dos nacionalistas africanos. Eu me lembro bem do agente da PIDE, todos nós sabíamos que o velho Gusmão era da PIDE. Mas achávamos que o Gusmão não podia fazer grande mal. Eu então, que era desse tipo, sempre tive que engolir papel porque sempre fui descuidado com segurança.

Há o golpe em 1964, e Lacerda consegue que a Marinha se associe à PIDE para controlar as nossas vidas e sobretudo as nossas prisões. Então vem um episódio revelador que está nos jornais. Eu sou preso em 8 de abril, me liberam, mas no dia 21 de junho vem nova prisão. Sou preso na minha casa junto com o José Manuel Gonçalves, com o Lima de Azevedo e com um português, Antônio Louro, que era antifascista e nos ajudava. Minha atuação era discreta, de *office boy*, e só apareceu porque a sede era na minha casa. Por isso é que, quando houve as prisões, o meu dossiê era enorme, assim conta Candido, que o Golbery mostrou a ele, e os outros dossiês eram menores. Eu disse: “Professor Candido, o MPLA era na minha casa. Portanto, os documentos apanhados, em geral, eram imputados a mim porque a casa era minha.”

No dia seguinte a minha prisão é que se revela a trama: aparece a Marinha lá em casa para fazer a limpeza total, desmontar a televisão, a minha biblioteca vai toda. O agente da Marinha ficou famoso depois como torturador - João Maria Perestrelo Feijó, comandante de mar-e-guerra. Toda essa gente era muito suave naquela época, muito delicada, muito esperta, gente que treinava. E a Marinha estava um pouco interessada em nós porque éramos um grupo que propagava a guerrilha, e eles tinham tido a experiência dos marinheiros. Isso os seduziu um pouco a tomar conta do caso angolano e os levou a aceitar a PIDE.

Quando o comandante Feijó vai inspecionar minha casa, vem um senhor com quem Feijó fala em inglês, E Filomena, minha mulher, não é craque em inglês, mas sabe o suficiente para participar. Ela era daquela aristocracia velha angolana, a chamada sociedade crioula, educada nos bons colégios, falava francês e inglês, Constância Filomena Ramos da Cruz Nunes Pereira. Daqui a pouco o comandante Feijó encontra um documento que incriminava diretamente a minha mulher como pertencente a Organização da Mulher Angolana. Ela estava com um filho no colo e com a barriga de seis meses - eu tenho dois filhos que nasceram em menos de um ano. Aí o Feijó disse: “Dona Filomena, guarda esse documento.” O cara da PIDE vem e avança: “O que é isso?” Aí o comandante Feijó ficou ofendido e disse: “Dona Filomena, eu quero apresentar à senhora o agente Passos da PIDE”. E dona Filomena: “Muito prazer”. Veterana, já tinha pegado outras prisões minhas, no dia seguinte, com muita iniciativa, foi ao jornal. Dois ou três dias depois eu sei disso na prisão. Estou já na ilha das Cobras e vejo a manchete do *Última Hora*: “PIDE prende angolanos no Brasil”. Filomena de dedo em riste com o filho no colo, ainda me lembro da fotografia do *Última Hora*. Aí foi uma denúncia. Depois *O Globo*, em resposta, publicou o dossiê todo apreendido pelo Cenimar.

Nessa segunda prisão, sou interrogado por um advogado brasileiro com as perguntas de Angola, mas aquilo já com um certo constrangimento. Ao fim de 50 dias, sou solto, com *habeas corpus*. Essa prisão foi outra escola. Olha a minha cela: Marighella, Mário Alves, Ação Popular...Era a chamada cela das forças populares, porque eram várias esquerdas, não é? Marighella, meu colega de colchão, que nunca se queixou de mim. Depois as pessoas me contaram que eu me mexia de noite e mexia no ferimento dele, que ele foi baleado. Foi uma prisão muito rica, eu cheguei um tempo a ser vice xerife, portanto, a organizar as coisas. Eu lembro que, no dia em que fui solto, fui solto às três horas, e às cinco eu ainda estava fazendo a pauta para o dia: era uma conferência sobre centralismo democrático dada por Ivan Ribeiro. Ivan Ribeiro era da sala conservadora do Partido, ao lado. A nossa era a das forças populares e, defronte, aquela sala que nunca me sai da cabeça: a dos ferroviários e portuários. Minha senhora, um monte de latas de sardinha, de conserva! Aquilo é que era sala. O que eu apanhei? Coronhada. Na hora em que eu ia pegar sabão em pó nos olhos, foi preso o filho do general Resende. Então amansou a repressão. Fui salvo pelo gongo. Ainda tinha uma coisa interessante: quando eu era deslocado de uma prisão para outra, quando passamos da PIDE para a ilha das Cobras, minha mulher era avisada por um daqueles guardinhas pretos. Porque eu era casado com preta; Louro, casado com preta; José Gonçalves namorando com preta, então, era uma coisa estranha para

aqueles soldados e marinheiros pretos. E a gente: “África, África...”. Tínhamos uma popularidade muito grande¹⁰⁴.

Desse relato, algumas observações. É curioso como José Maria afirma que ele e seus companheiros sabiam dos infiltrados da PIDE entre eles, inclusive desconsiderando o perigo que esses agentes representavam. De certa forma, ele tenta diminuir a importância do próprio papel em relação ao MPLA, o que não deixa de corroborar a visão do promotor que o processou após a segunda prisão.

Ainda que o fato de ter sido preso com figuras do quilate de Marighella e Mário Alves contradigam a modéstia do professor. Vale notar que as datas que ele cita como sendo aquelas das prisões não batem com aquelas presentes no relatório da PIDE, o que pode ser uma imprecisão fruto do tempo decorrido entre aqueles dias e a entrevista.

Em documento do dia 13 de junho de 1966, uma comunicação do Ministro dos Negócios Estrangeiros, comunicado pelo serviço secreto da Marinha do Brasil, informava que Constância havia embarcado em um avião da TAP no Rio de Janeiro rumo a Lisboa. Segundo consta, ela viajava com a sogra e duas criadas, sendo que José Maria não viajava mais, além de ter se tornando “pró-China comunista”.

Ela pretendia seguir de barco para Angola a partir de Lisboa e trazia consigo “várias propagandas em livros, pastas ou canudos de folhas, destinadas ao MPLA”. O inspetor superior de polícia ordenou que se fizesse uma diligência no aeroporto e que a prendesse caso a revista resultasse em algo.

Após a diligência, o subinspetor relata que Constância havia chegado a Lisboa acompanhada da sogra e dos filhos menores, que não havia sido encontrado nenhum material de propaganda, apenas um canudo de folha com um diploma de licenciatura, e

¹⁰⁴ ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar Araújo. “Entrevista com José Maria Nunes Pereira”, *op. cit.*, pp. 130-132.

que a família embarcaria para Angola no dia 22 para passar férias com o pai da investigada. Esse foi o último relatório referente a José Maria e Constância Filomena.

Após esse período, José Maria Nunes Pereira Conceição foi um dos fundadores, em 1973, do Centro de Estudo Afro-Asiáticos (CEAA) da Faculdade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, instituição de referência para assuntos ligados à África e suas relações com o Brasil. Nessa instituição foi professor de história da África e editor da revista *Estudos Afro-Asiáticos* entre 1978 e 1986. Fez seu mestrado (1991) e seu doutorado (1999) na USP¹⁰⁵ e seguiu como professor da Faculdade Cândido Mendes até o seu falecimento em 2015. Sobre Constância Filomena não foi possível encontrar nenhuma informação após o seu período de militância nos anos 1960.

Enfim, a reconstrução dos itinerários-intelectuais dos quadros do partido se mostra um fecundo caminho para se conhecer as figuras que no cotidiano faziam a estrutura partidária funcionar, mostrando sua forma de ação no cumprimento das tarefas colocadas. Da mesma forma, nos ajuda a conhecer quem de fato comandou a difusão da literatura marxista no período, nos auxiliando a entender a história das edições comunistas no Brasil e da Editorial Vitória.

A tarefa de organizar o aparato editorial do PCB e tudo o que concerne à produção e circulação dos livros fica a cargo dos intelectuais do partido, algo bastante evidente ao analisarmos as figuras responsáveis pela gerência, traduções e difusões das obras editadas. Cabe agora analisarmos os meios de circulação desses livros e qual era o público alcançado por eles.

¹⁰⁵ *Idem*, p. 121.

Capítulo 2

A Geografia da Literatura Marxista: Os Caminhos dos Livros da Editorial Vitória

1. Boletins e Periódicos

Conforme já assinalado, a circulação da literatura marxista era tarefa fundamental para o PCB, sendo parte importante da *agitprop*. A questão editorial ocupava espaço tanto nos jornais partidários quanto nos boletins e discussões internas. Por exemplo, no *Boletim Interno* editado pelo Secretariado Nacional de 2 de outubro de 1945, consta a seguinte nota:

Edições Autorizadas pelo P.C.B.

Acabam de ser lançados pela Editorial Vitória e pela Edições Horizonte os seguintes livros, autorizados pelo Partido Comunista do Brasil: “Que é a C.T.A.L.?”, “Cultura Soviética” de diversos autores, “História da Filosofia” do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS, dirigido pelo prof. Scheglov; “Manifesto Comunista”, de Carlos Marx e Frederico Engels; “Organizar o povo para a Democracia”, de Luiz Carlos Prestes.

O boletim enfatiza o caráter oficial desses livros, legitimando seu conteúdo ao indicá-los à militância e aos quadros partidários como “edições autorizadas”. Constam na nota um clássico da literatura marxista (*O Manifesto Comunista*), manuais soviéticos e por fim, um livro do secretário-geral do partido, Luiz Carlos Prestes (*Organizar o Povo para a Democracia*). Vale ressaltar que nesse momento o *Manifesto Comunista* ainda não havia sido editado pela Vitória; em 1945, a edição corrente era a da Editorial Calvino¹⁰⁶.

No *Boletim Interno* de 15 de novembro de 1945, mais uma vez as edições comunistas ganham destaque:

Livros que Recomendamos

¹⁰⁶ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros*, op. cit., p. 169.

Aconselhamos a leitura dos seguintes folhetos editados pela Edições Horizonte: “Manifesto Comunista” de Marx e Engels, “A Grande Revolução Francesa” de E. Tarle, “Os Comunistas na Luta pela Democracia” de Luiz Carlos Prestes.

Sairá nos próximos dias a “História do Partido Comunista (b) da URSS”, editado pela Vitória.

A Vitória acaba de editar o célebre livro de Lenin, “Duas Táticas” e “História da Época do Capitalismo Industrial” de Efimov e Freiberg.

Edições Horizonte lançou A Arte Infantil na União Soviética” de Gregor Gog.

Nesse informe convém ressaltar as palavras “recomendamos” e “aconselhamos” como forma de direcionamento das leituras para a militância feita pelas lideranças partidárias. Mais uma vez são enfatizados tanto as edições da Horizonte quanto da Vitória, já que nesse momento as duas editoras ainda dividiam as atenções do partido, algo que mudará em pouco tempo, quando a Horizonte deixará de existir, unificando seu catálogo com a Vitória em 1948¹⁰⁷. São destaques as obras clássicas dos líderes comunistas (Marx, Engels, Lenin), os manuais soviéticos, e por fim, outra edição de Prestes.

O *Boletim Interno* do dia 13 de dezembro de 1945, traz um informe específico sobre o livro *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, de autoria coletiva, mas que em diversas ocasiões é atribuído a Stalin:

História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.

A Editorial Vitória acaba de lançar a “História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.”, um livro fundamental para todo militante comunista. A “História do Partido”, que na opinião do camarada Prestes é INDISPENSÁVEL aos comunistas, como a mais perfeita súpula do marxismo-leninismo, deva figurar na estante de cada membro do partido.

Os Comitês Estaduais do PCB devem estimular a sua aquisição pelos militantes, facilitando-o por todos os meios, enviando cartas aos Comitês Municipais para que façam seus pedidos, uma vez que grande parte dos membros do Partido ainda não se capacitou da importância da referida obra, cujo estudo deve ser obrigatório.

¹⁰⁷ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil”, *op. cit.*, p. 124.

Dessa vez, mais do que aconselhar a leitura, o texto enfatiza que o livro em questão é *leitura fundamental para todo militante*, e vai além, afirmando que o próprio Prestes considera *indispensável* que todo comunista tivesse o livro. Por fim, o Secretariado Nacional indica como tarefa dos Comitês Estaduais o estímulo à aquisição da obra pela militância, além de cobrar a compra da mesma pelos Comitês Municipais, indicando a obrigatoriedade do estudo do livro. De fato, essa obra teve um enorme impacto no mundo comunista, algo que abordaremos com mais detalhes no capítulo 4.

Essa linha de atuação partidária se confirma no *Boletim Interno* do dia 24 de janeiro de 1946, com um informe intitulado “Levantamento do Nível Ideológico”, sobre uma fala de Prestes no Pleno Ampliado do Comitê Nacional. Diz o texto:

Na intervenção de encerramento da discussão do primeiro ponto da ordem do dia do Pleno Ampliado do Comitê Nacional – sobre o informe político – o camarada Prestes, ressaltou a diferença entre os debates realizados durante o Pleno de agosto passado e o que acaba de se encerrar, mostrando o grande progresso alcançado pelos membros do C. N. e assistentes do Pleno na elevação do seu nível político e ideológico, em virtude da leitura dos livros e folhetos de clássicos do marxismo, ultimamente editados.

[...]

Ligar o estudo teórico com o trabalho prático é a melhor maneira de educar os militantes comunistas armando-os de forma viva com o marxismo-leninismo-stalinismo para enfrentar as duras tarefas do Partido em sua luta na defesa dos supremos interesses da classe operária.

O Partido recomenda a todos os militantes e determina como tarefa aos organismos, aos Comitês e as Células, constituírem bibliotecas de autores marxistas, de preferência em edições autorizadas pelo Partido, estimulando o estudo dos livros básicos do marxismo e, em primeiro lugar, como uma súmula destes, da “História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S”.

Fica evidente que os dirigentes comunistas não apenas incentivavam a leitura dos clássicos marxistas, como buscavam *direcionar* quais leituras deveriam ser feitas, colocando essa atividade como fundamental para o aprimoramento ideológico dos quadros. Teoria e prática deveriam andar lado a lado na vida do militante comunista, por isso constituir bibliotecas de autores marxistas era tarefa primordial.

É a afirmação do caráter pedagógico, centralizador e “editorial”¹⁰⁸ do movimento comunista ficando evidente nos documentos internos do PCB. Nesse boletim, ainda são indicados os livros *Diderot*, de I. K. Luppol, editado pela Vitória, e “as sabatinas de Prestes”, impressas pela Editora Horizonte.

Em outro boletim partidário, de 5 de dezembro de 1947, a divulgação dos livros ganha destaque na chamada de capa intitulada “Importância da Propaganda Democrática” e em uma das seções do informe, nomeada “Como Divulgar a Nossa Literatura”. O texto inicial diz o seguinte:

As tarefas da nossa propaganda, da divulgação dos nossos jornais, revistas e folhetos da educação e do levantamento do nível político e ideológico das grandes massas atingem, cada dia que passa, maior importância. Isso determina, de nossa parte, a necessidade de redobramos os nossos esforços nesse setor do trabalho, procurando compreender o significado e o sentido da nossa atuação, de acordo com as condições locais e com a situação de cada momento.

[...]

Para realização da nossa propaganda nos dias que correm, não podemos deixar de levar em consideração o desespero da reação que está levando-a a cometer arbitrariedades e violências em muitos lugares, tentando dificultar e mesmo impedir a nossa atuação. Por isso, certos métodos anteriormente aconselháveis se tornaram inadequados no momento, principalmente nos lugares onde os agentes da ditadura estão mais encarniçados no combate à democracia.

[...]

Um plano de propaganda bem-organizado, inclui, de um modo geral, atividades de duas naturezas – as que dizem respeito à divulgação de materiais que já chegam prontos às suas mãos, tais como jornais, revistas, folhetos, livros etc., e aquelas que dependem da iniciativa própria, como sejam, palestras, conferências, comícios, festas, confecção de volantes, faixas, bandeirolas, jornais, murais etc.

[...]

Quanto aos demais processos de propaganda, eles devem ser aplicados de acordo com o mais amplo espírito de iniciativa exigindo dos propagandistas uma grande atenção e sensibilidade para saber modificar rápida e oportunamente o plano de trabalho, de acordo com as condições locais e com a situação de cada momento.

O documento aponta uma linha de atuação para os propagandistas do partido buscarem “a elevação política e ideológica das grandes massas”, enfatizando a necessidade

¹⁰⁸ SECCO, Lincoln. “Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943)”, *op. cit.*, p. 30.

de adaptação conforme o tipo de material a ser propagado, e a necessidade de rápida modificação nos métodos, devido à repressão do governo às atividades comunistas, na esteira da cassação do registro do PCB e de seus deputados pelo governo Dutra¹⁰⁹.

Na seção “Como Divulgar nossa Literatura”, é feito um balanço do trabalho de distribuição dos livros e jornais do partido. Vale a extensa citação. Diz o texto:

O problema da divulgação dos nossos livros e folhetos, e mesmo de inúmeros dos nossos jornais, continua sendo subestimado e incompreendido em larga escala. Quer por parte dos responsáveis pelas distribuidoras, quer por parte das direções em geral.

A principal debilidade observada em relação às nossas distribuidoras relaciona-se com a falta de ligação com o interior do Estado. Assim, vemos uma distribuidora como a “Atualidades”, de São Paulo, que se viu forçada a fazer serviço de reembolso postal para outros Estados, utilizando endereços de listas telefônicas, deixando de parte o interior do Estado e a própria capital. Como resultado, alguns meses depois a distribuidora estava sobrecarregada com uma enorme despesa diária de selos e de pessoal encarregado de receber e remeter as encomendas, ficando quase impossibilitada de prosseguir. Por outro lado, faltou a assistência necessária aos responsáveis pela empresa, para que pudessem compreender onde estava o fundamental nas suas atividades, no caso, o interior do Estado. A distribuição para outros Estados não só determina um acúmulo de trabalho e de despesas prejudiciais à finalidade principal da distribuidora como, por outro lado, dificulta o trabalho de outras distribuidoras nossas, de outro modo, não se justifica de nenhum modo esquecer o interior do Estado de São Paulo, cujas cidades, na sua grande maioria, ainda não conhecem as nossas últimas publicações.

A distribuidora “Unidade”, por exemplo, no Rio Grande do Sul, já tem uma experiência positiva que vem concorrendo para ampliar gradativamente o círculo de ação do trabalho de divulgação; ela mantém, em três municípios importantes, uma banca situada em local central da cidade, onde são expostos e vendidos nossos livros, folhetos, jornais e revistas, e cogita de novas providências em outras cidades. Baseados nessa experiência, os nossos amigos de São Paulo já estão providenciando a criação, nos centros mais populosos, e importantes do Estado, como Santos, Santo André, Sorocaba, Campinas, etc., de pequenas distribuidoras (como as utilizadas no Rio Grande do Sul), ou mesmo simples correspondentes, que, mantendo contacto com a sede da distribuidora, se encarregariam de fazer a propaganda das novas edições, da venda avulsa, e do encaminhamento de pedidos de reembolso e de endereços para distribuição de circulares de propaganda, consultas, etc. O papel desses correspondentes é da maior importância, e pressupõe que sejam elementos responsáveis não somente perante a distribuidora como, também, perante as organizações patrióticas locais.

Outra iniciativa digna de nota é a da distribuidora “O Estado de Goiás”, recentemente organizada em Goiânia. Essa distribuidora

¹⁰⁹ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*, op. cit., p. 58.

organizou um corpo de cerca de 20 correspondentes em 20 municípios, com os quais mantêm correspondência regular. Cada um desses correspondentes, examinadas as possibilidades locais, rente os pedidos de cada edição à distribuidora em Goiânia que, por sua vez, encaminha o total de pedidos à editora. Assim, ampliam-se as possibilidades da nossa divulgação, assegurando, ao mesmo tempo, estabilidade e sucesso para a distribuidora.

Em Belo Horizonte, a distribuidora “Jornal do Povo”, não está correspondendo as nossas necessidades. Fica, assim, a grande massa de leitores que se interessa pela nossa literatura, privada do conhecimento desses materiais dos quais tem necessidade.

Quanto à distribuidora de Recife, sua existência é ainda mais precária. Basta dizer que os responsáveis pela nossa literatura no Estado de Pernambuco, onde os comunistas tiveram grandes êxitos nas últimas eleições, tendo sido majoritários em Recife, pediram apenas cinquenta exemplares de cada uma das nossas publicações que foram sendo editadas.

Na Bahia, a distribuidora de Salvador chegou à situação quase idêntica, embora no momento já estejam em curso algumas medidas necessárias ao levantamento do seu trabalho.

No Paraná, a Distribuidora “Sacy” vai trabalhando regularmente, embora em bases ainda muito modestas, mais com perspectivas de melhoria.

De um modo geral, podemos dizer que o que falta, em primeiro lugar, é uma assistência diária e um interesse especial no controle das atividades das nossas distribuidoras por parte das direções estaduais. Examinando-se detidamente o funcionamento de cada uma dessas empresas, encontrar-se-á não apenas os pontos fracos, mas também o fundamental nas suas debilidades, tornando fácil a tarefa de superá-las. Depende, também, em grande parte, da atenção das direções a atuação dos divulgadores, propagandistas, ou encarregados de literatura, cuja principal tarefa deve ser levada a efeito junto às massas, utilizando todas as formas possíveis de propaganda.

Não devemos esquecer também que muitas distribuidoras chegaram a um nível de desorganização e descontrole comercial quase absolutos, resultando daí a impossibilidade de efetuar em dia os seus pagamentos à Editora a qual, por sua vez, se viu na contingência de suspender a remessa de suas publicações – em vista da agravação da sua própria situação.

Enfim, sem um trabalho bem-organizado e planejado não terá eficiência o nosso trabalho de educação e propaganda, cuja importância cresce dia a dia, sobretudo agora em que a luta em defesa dos mandatos precisa assumir um caráter de luta de massas e de resistência enérgica, vigorosa e organizada à ditadura.

Outra dificuldade que agrava essa situação, decorrente da substituição do trabalho de educação e de levantamento do nível político e ideológico dos quadros e da massa em geral. É a falta de estudo e de leitura dos nossos materiais. Em inúmeros municípios é total o desconhecimento – mesmo por parte dos dirigentes locais – dos nossos materiais de educação. Assim, as últimas edições da Editorial Vitória, de interesse atual e de importância para a luta em defesa dos mandatos, são inteiramente desconhecidas em muitos locais do interior, bem como a revista “Problemas” e os últimos números de “A Classe Operária”.

[...]

Nenhuma oportunidade deve ser desprezada para aumentar a vendagem das nossas publicações. Comícios, festas eleitorais, conferências, solenidades, de posse de representantes comunistas nas Câmaras Municipais etc. têm constituído, em muitas localidades, ótima oportunidade para divulgar e vender em grande quantidade a nossa literatura, além de outras iniciativas peculiares dessa ou daquela cidade e que a prática tem recomendado.

O texto acima indica que o PCB mantinha quatro distribuidoras espalhadas por diferentes capitais do país em 1947: Distribuidora Atualidades em São Paulo, Unidade no Rio Grande do Sul, O Estado de Goiás em Goiânia, Jornal do Povo em Belo Horizonte, uma distribuidora cujo nome não é citado em Recife, que se tratava da Leite, Valença e Companhia¹¹⁰, uma distribuidora em Salvador, e, por fim, a distribuidora Sacy no Paraná. O partido tinha também a “Gráfica Progresso” em Campina Grande na Paraíba¹¹¹.

Sabe-se, por conta de anúncios na *Tribuna Popular*, jornal do partido no Rio de Janeiro, e pelas cartas trocadas entre a editora e distribuidores, a existência da Agência Roxy, Distribuidora Anteu¹¹² Limitada no Rio, da S. I. Tipografia Popular Ltda., que ficava em Niterói, da Distribuidora Tocantins em Goiânia e da Distribuidora Marajó em Belém. Todas distribuía os livros da Editorial Vitória e da Edições Horizonte nesse período.

No boletim, fica evidente o tom crítico à organização do partido naquele momento no que se refere à distribuição dos livros, principalmente no interior dos estados. Com

¹¹⁰ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p. 46.

¹¹¹ *Idem*, *ibidem*.

¹¹² Sobre a origem do nome Anteu: “Podemos questionar até que ponto Stalin dominava conscientemente a dimensão mítica do referencial de identidade. Em março de 1937, em *Para Uma Formação Bolchevique*, Stalin refere-se explicitamente ao mito grego de Anteu: ‘a ligação com as massas, o reforço desta ligação, a vontade de dar ouvidos a voz das massas, eis o que faz a força e a invencibilidade da direção bolchevique. [...] A mitologia dos gregos da Antiguidade incluía um herói famoso, Anteu, que era, segundo a mitologia, filho de Poseidon, deus do mar, e de Geia, deusa da terra. Anteu era especialmente ligado a mãe, que o tinha dado à luz, que o tinha alimentado e criado. Não havia qualquer herói que Anteu não pudesse vencer. Era considerado um herói invencível. O que é que fazia sua força? Todas as vezes que combatia um adversário e se sentia enfraquecer, tocava a terra, a sua mãe, que o tinha dado à luz e alimentado, e readquiria as forças’. Esta alegoria tornou-se, pelo menos em França, uma das referências preferidas dos responsáveis pelos quadros” (PENNETIER, Claude e PUDAL, Bernard. “Stalinismo, Culto Operário e Culto dos Dirigentes”. In: DREYFUS, Michel et al. (orgs.). *O Século dos Comunismos*, op. cit., pp. 429-430).

exceção das distribuidoras Unidade e O Estado de Goiás, todas apresentam dificuldades na efetivação de suas tarefas. A crítica feita à distribuidora Atualidades de São Paulo, por exemplo, diz respeito a essa focar no atendimento dos reembolsos postais para outros estados do Brasil, ao invés de se preocupar em capilarizar a distribuição da literatura do PCB pelas cidades do interior.

A desorganização das distribuidoras, inclusive, estaria afetando as finanças da própria editora, em um momento delicado para o partido, de ferrenha perseguição política. A crítica pela falta de organização recai sobre as lideranças estaduais, também em relação à frágil formação ideológica e política delas, o que agravaria o problema da má distribuição dos livros e o desconhecimento da existência dessas edições pelo grande público.

Por fim, o boletim é claro quando afirma que os dirigentes comunistas não devem perder uma chance sequer de divulgar a literatura partidária, utilizando-se de comícios, festas eleitorais, conferências de posse, entre outros, para esse fim.

A título de exemplo desse tipo de atividade, em documento do DEOPS de São Paulo, do dia 7 de outubro de 1947, é descrito pelo agente infiltrado o baile pelo segundo aniversário do jornal *Hoje*, periódico do partido no estado. A festa ocorreu no Ginásio do Pacaembu, contando com a presença de importantes figuras como Caio Prado Júnior, Zuleika Alambert, Lourival Costa Aguiar, entre outros, e contou com aproximadamente duas mil pessoas.

Entre atrações musicais, concurso de beleza (intitulado “Rainha dos Trabalhadores”) e até o leilão de um bolo levado a cabo por um candidato a vereador, o policial enfatizou a venda de livros no local, “como não poderia deixar de ser”, segundo ele. Tratava-se de *Problemas Atuais da Democracia*, de Luiz Carlos Prestes, e *Cultura*

Política, de Carlos Marighella. Exemplo de como a literatura marxista era visada pela repressão na época.

Vale ressaltar também o uso dos periódicos do partido como meios de propaganda para a literatura da Editorial Vitória. No *Tribuna Popular* de 27 de julho de 1947, foi publicado anúncio da editora enfatizando os livros de Marx e Lenin já publicados (*A Doença Infantil do Esquerdismo no Comunismo*, *Que Fazer?*, *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte* e *O Estado e a Revolução*) e as edições que ainda seriam publicadas, incluindo livros de Stalin, Engels, e novamente, Lenin (*O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial*, *Um Passos Adiante, Dois Atrás*, *As Guerras Camponesas na Alemanha* e *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*).

Os livros variavam entre Cr\$ 10,00 e Cr\$ 30,00 e poderiam ser adquiridos em livrarias e pelo serviço de reembolso postal. Por fim, o anúncio ainda trazia uma ordem para a militância: “Organize a vida de maneira a reservar tempo suficiente para o nível de sua capacitação teórica”.

Figura 10. Anúncio da Editorial Vitória Limitada no jornal Tribuna Popular de 27 de julho de 1947.

EDITORIAL VITORIA LTDA.



A DOENÇA INFANTIL DO "ESQUERDISMO" NO COMUNISMO — O livro em que V. I. Lenin combate o sectarismo, os desvios oportunistas de direita e de "esquerda", o "extremismo" e outros contrabandos de influências não proletárias no movimento comunista ... **Cr\$ 10,00**

ULTIMAS EDIÇÕES

QUE FAZER? — de V. I. Lenin **Cr\$ 12,00**
O 18 BRUMÁRIO DE LUIZ BONAPARTE — de Karl Max **Cr\$ 10,00**
O ESTADO E A REVOLUÇÃO -- de V. I. Lenin **Cr\$ 10,00**

A SEGUIR:

O MARXISMO E O PROBLEMA NACIONAL E COLONIAL — de J. Stalin **Cr\$ 30,00**
UM PASSO ADIANTE, DOIS PASSOS ATRÁS — de V. I. Lenin **Cr\$ 16,00**
AS GUERRAS CAMPONESAS NA ALEMANHA — de F. Engels
O IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO — de V. I. Lenin
HISTÓRIA DO PARTIDO COMUNISTA (bolchevique) da URSS (2ª edição)
ORGANIZE A VIDA DE MANEIRA A RESERVAR O TEMPO SUFICIENTE PARA O NÍVEL DE SUA CAPACITAÇÃO TEÓRICA

FAÇA O SEU PEDIDO PELO REEMBOLSO POSTAL

AVENIDA RIO BRANCO 257 — 7º ANDAR — SALA 712
RUA DO MERCADO 9 — 1º ANDAR — TEL. 23-0932
NOSSOS LIVROS SÃO ENCONTRADOS NAS LIVRARIAS

(Acervo Cedem/Unesp)

A revista *Problemas* também serviu como meio para as propagandas da literatura do PCB. Em uma de suas edições de 1948, ganham especial destaque as obras de Stalin, por conta do seu 70º aniversário. A “Pequena Biblioteca Stalin” contava com os seguintes livros do “genial discípulo e continuador de Lenin”: *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, *O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial*, *Sobre o Problema da China*, *O Partido*, *Discurso aos Eleitores*, *Lenin e o Leninismo*, *A Luta contra o Trotskismo*, a biografia de Stalin pelo Instituto Marx-Engels-Lenin (M.E.L.) e *Lenin, Stalin e a Paz*.

O total da coleção custava Cr\$ 45,00, mais Cr\$ 5,00 em caso de reembolso postal. Porém, havia uma promoção: na semana do aniversário de Stalin, de 19 a 24 de dezembro, a coleção saía pela metade do preço.

Em 1949, aparece também nas páginas do jornal *Voz Operária* um anúncio da “Pequena Biblioteca do Operário”, que consistia nos livros de Marx, Engels, Lenin e Stalin editados ou distribuídos pela Vitória. São eles: *Manifesto do Partido Comunista*, *Princípios do Comunismo*, *Stalin e a Paz*, *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, *O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial*, *O Socialismo e a Guerra* e *A Doença Infantil do Esquerdismo no Comunismo*. A coleção toda saía por Cr\$ 29,00.

Por meio de algumas campanhas a editora buscava estimular a produção cultural e a aquisição de determinados livros. A simples existência de uma editora pode ser fator suficiente para o impulso cultural, mas nesse caso a Vitória tinha como objetivo direcionar esse estímulo para a produção de conhecimentos que interessassem ao partido. As promoções de vendas têm esse caráter político-ideológico, para além da mera questão comercial.

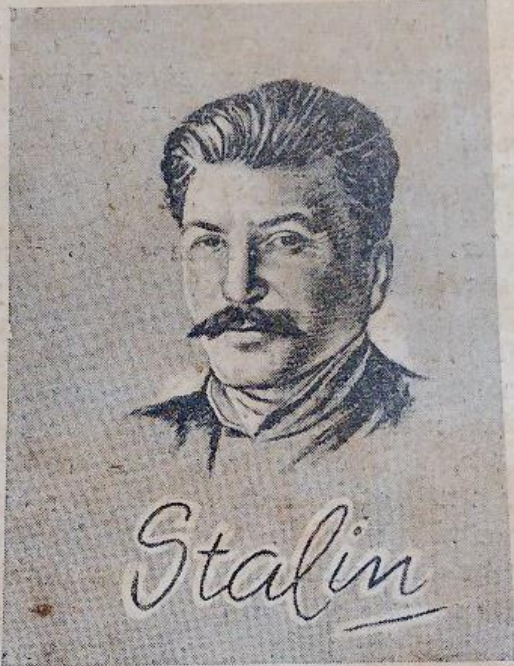
São exemplos bastante sintomáticos dessa estratégia as vendas da “Pequena Biblioteca Stalin”, composta de dez volumes, oito de Stalin, um de Lenin e Stalin, e o último uma biografia do “genial discípulo e continuador de Lenin”, com 50% de desconto durante a semana de aniversário do secretário-geral do partido soviético, e a “Pequena Biblioteca do Operário”, com sete livros de Stalin, Lenin, Engels e Marx¹¹³.

¹¹³ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p. 157.

Figura 81. Anúncio da biografia de Stalin do Instituto M.E.L.

S T A L I N

Biografia do Instituto Marx - Engels - Lenin
Edição Comemorativa do 70.º Aniversário



A vida e a obra do guia dos povos de todo o mundo na luta pela PAZ

Cr\$ 10,00

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.
Rua do Carmo, 6 - 13.º - s/1306
RIO DE JANEIRO

Revista Problemas, 1948. (Acervo Cedem/Unesp)

Figura 19. Anúncio da “Pequena Biblioteca do Operário” no jornal *Voz Operária*, 1949.

PEQUENA BIBLIOTECA DO OPERARIO

	CR\$
K. Marx e F. Engels	Manifesto do Partido Comunista 5.00
F. Engels	Princípios do Comunismo 1.00
V. I. Lenin e J. Stalin	Stalin e a Paz 5.00
J. Stalin	História do Partido Comunista (b) da URSS 10.00
	O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial 10.00
V. I. Lenin	O Socialismo e a Guerra 2.00
	A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo 4.00
	A Coleção toda por Cr\$20.00

Pedidos á:
Editorial VITÓRIA Ltda
Rua do Carmo 6, 13.º - S/1306
RIO DE JANEIRO
Atendemos pelo telefone 23-1613 e pelo Reembolso Postal.

Pág. 10 — «VOZ OPERÁRIA» — Rio. 8-10-49

(Acervo Hemeroteca da Biblioteca Nacional/RJ)

Enfim, como foi enfatizado no último boletim, o serviço de reembolso postal acabou tendo destaque na distribuição e circulação das obras editadas pela Vitória, e isso fica bastante claro pelo grande número de cartas recebidas pela empresa, que serão analisadas no tópico seguinte.

2. Pedidos por Reembolso Postal

Uma das formas que a Editorial Vitória adotou para a venda de seus livros foi o reembolso postal. A título de exemplo, no jornal *Tribuna Popular* de 1º de maio de 1945, há uma propaganda do romance *Zamor*, de Pedro Motta Lima, que traz dois preços diferentes: 18 cruzeiros para a compra nas livrarias e 19 cruzeiros sob o sistema de reembolso postal.

Dessa forma, era comum que a editora recebesse inúmeras cartas de diferentes localidades com a encomenda de livros, de leitores e livreiros que eram também distribuidores. Essa correspondência nos ajuda a visualizar o alcance geográfico da Editorial Vitória, além, é claro, das edições mais requisitadas nesses pedidos, além do perfil do público leitor.

As cartas entre leitores, livreiros e a editora, além de recibos fiscais da mesma, que serão analisados aqui, compreendem o período de 13 de setembro de 1946 até 9 de março de 1949. Foram trocadas nesse período 716 correspondências entre a Editorial Vitória, representada pelo seu gerente à época, Salomão Tabak, e seus clientes. Essa documentação traz detalhes muito ricos que nos permitem vislumbrar não só a relação entre editora, leitores e distribuidores, mas também apreender aspectos do funcionamento da empresa e o perfil daqueles que se interessavam pela literatura marxista no período.

A amostra dessa documentação que será analisada¹¹⁴, que traz representada em si todos os aspectos relevantes do total dessas correspondências, será dividida da seguinte forma: pedidos avulsos, pedidos de livreiros e distribuidores individuais, reclamações, cobranças da editora, perseguição policial, pedidos de livros de outras editoras, correspondência com distribuidoras e livreiros estrangeiros, e por fim, cartas de agradecimento.

2.1. Pedidos avulsos

Caracterizam-se como pedidos avulsos de livros aqueles em pequenas quantidades, para uso próprio do remetente, normalmente com o pedido de apenas um exemplar das

¹¹⁴ Dado o grande número de cartas e a extensão delas, foi necessária uma seleção prévia para a análise. O levantamento quantitativo de dados do total das cartas será exibido em tabelas e gráficos na parte final deste capítulo.

obras. Um exemplo desse tipo de pedido é a carta de Zephirino José da Costa, de Poconé, Mato Grosso:

Editorial Vitória Ltda.
Rua do Carmo, 6, sala 1306

Ilmos. Srs.

Envio anexo um vale postal de Cr\$ 25,00 sob pagamento do livro “Falta Alguém em Nuremberg”.
Peço-lhes desculpa não ter ido a mais dias, engano do correspondente.
Peço, logo que tenha nova edição, mandar-me um exemplar de “Problemas Atuais da Democracia Brasileira”.

Caixa Postal 7
Poconé, Mato Grosso, 23 de dezembro de 1948

As. Zephirino José da Costa.

Essa é uma típica correspondência de pedido avulso: objetiva e direta. Sobre os livros encomendados, *Falta Alguém em Nuremberg* foi editado pela primeira vez em 1947 pela Edições do Povo, e esse é um exemplo de como a Editorial Vitória também agia como distribuidora de livros para outras editoras, de esquerda ou não, algo que será analisado posteriormente. *Problemas Atuais da Democracia*, compilado de discursos e textos de Luiz Carlos Prestes, foi editado pela própria Vitória no mesmo ano, sendo um dos livros mais pedidos do período analisado¹¹⁵.

Outro exemplo é a carta do Dr. Martins Santana, Catedrático do Colégio Estadual do Amazonas:

Manaus, 15 de dezembro de 1948

Sr. Gerente da Editorial Vitória
Prezado Sr.

¹¹⁵ As informações quanto às edições presentes no capítulo têm como fontes os levantamentos de: CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil – Das Origens à 1964*. São Paulo: Dois Pontos, 1986; RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, *op. cit.*; MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil”, *op. cit.* Da dissertação de mestrado do autor, citada na nota 101, em catálogo da Editorial Vitória de 1947, presente no acervo do Cedem/Unesp, e, por fim, dos sites Estante Virtual < <https://www.estantevirtual.com.br/>> e Marxists.org < <http://marxists.org/>>.

Ficar-lhe-ei bastante agradecido, se mandar-me, mediante reembolso postal, as seguintes obras: “Doença infantil do “esquerdismo” no comunismo” e A Religião de V. I. Lenin e Diderot de I. K. Luppol. Tais obras podem ser em português, francês ou espanhol. Encarecemos-lhe muito o pedido da obra A Religião, que já procuramos há muito tempo e ainda não conseguimos obter.

Atenciosamente, subscrevemo-nos
Dr. Martins Santana
(Catedrático do Colégio Estadual do Amazonas)

Residência: Av. Joaquim Nabuco, 1433
Manaus/Amazonas

N.B: Aceitamos a obra A Religião, ainda que de segunda mão.

Nesse caso fica evidente a importância do serviço de reembolso postal para a editora, permitindo o alcance de um público consumidor que se encontra muito além do eixo Rio-São Paulo e, como deixa claro o remetente da carta, com dificuldades de acesso a esse tipo de literatura por outros meios.

Quanto aos livros pedidos, *A Doença Infantil do Esquerdismo no Comunismo*, de V. I. Lenin, foi editado pela Vitória em 1946 pela Coleção Unidade. *Diderot* foi lançado pela editora comunista no mesmo ano. Quanto a *A Religião*, de V. I. Lenin, no período a Editorial Vitória distribuía a versão em espanhol, *La Religion*. Em 1935, a editora Atlântida publicou um edição em português desse título.

Mais um exemplo desse tipo de carta é a escrita por Homero Gomes de Castro, de Itaituba, Pará:

Itaituba, 20 de dezembro de 1948

A Editorial Vitória
Rua do Carmo, nº6
Rio de Janeiro

Peço pelo serviço de reembolso postal, queiram enviar-me os seguintes livros:

“Dolores Ibarruri” – Cr\$ 2,00
“Os Comunistas e a Religião” – Cr\$ 3,00
“Paz Indivisível” – Cr\$ 2,00
“O Problema da Terra e a Constituição de 1946” – Cr\$ 2,50

“Solução Imediata para os Problemas do Povo” – Cr\$ 4,00
“Frente Nacional para a Salvação da Pátria” – Cr\$ 3,50
“Resistência, Unidade, Organização” – Cr\$ 2,00
“Contra a Cassação dos Mandatos” - Cr\$ 3,00
“O Depoimento de Prestes” – Cr\$ 2,00
“O Parlamentar Gregório Bezerra” – Cr\$ 1,50
“Em Defesa do Mandato do Povo” – Cr\$ 3,00
“Contra a Cassação dos Mandatos” – Cr\$ 1,50
“Um Ano de Legalidade” – Cr\$ 6,00
“A Grande Revolução Francesa” – Cr\$ 3,00
“Eles Morreram pela Liberdade” – Cr\$ 4,00
Total – Cr\$ 39,50

A biografia de Stalin escrita pelo Instituto M.E.L. (Espero este grátis, como presente de Ano Novo)

Atenciosamente
Homero Gomes de Castro

Av. Getúlio Vargas, nº11
Cidade – Itaituba
Estado – Pará

N.B: Peço mandar-me catálogos e listas de preços das novas obras.

Esse é um pedido de maior fôlego, com uma relação de dezesseis livros. Vale ressaltar que nessa carta fica evidente um ar de informalidade que aparecerá em outros momentos também, quando o autor não se faz de rogado ao pedir um livro de graça como presente de Ano Novo... É o tipo de relação que vai muito além das formalidades usuais entre cliente e empresa, mas que se dá, de fato, entre camaradas que compartilham do mesmo projeto político.

Quanto aos livros, *Dolores Ibarruri* trata-se de uma fala sobre La Pasionaria, líder comunista espanhola de origem basca, feita por Luiz Carlos Prestes e editada pela Edições Horizonte em 1946. *A Paz Indivisível* trata-se de discurso de Prestes no Senado, também editado pela Horizonte no mesmo ano. Esse foi comercializado como folheto e capítulo da obra *Problemas Atuais da Democracia*, citada anteriormente. Isso vale para *O Problema da Terra e a Constituição de 1946* e *Solução Imediata para os Problemas do Povo*.

Outro discurso de Prestes, *Frente Nacional para a Salvação da Pátria*, foi editado em 1947 pela Vitória, assim como *Contra a Cassação dos Mandatos*, de João Amazonas.

O Depoimento de Prestes trata-se na verdade de *Depoimento Perante a Comissão de Inquérito Sobre Atos Delituosos da Ditadura*, editado pela Vitória em 1948.

O Parlamentar Gregório Bezerra, Em Defesa dos Mandatos do Povo e pela Renúncia do Ditador e Contra a Cassação dos Mandatos e pela Defesa da Economia Nacional foram folhetos editados pela Vitória em 1947, no contexto de luta contra a cassação da legalidade do partido e dos mandatos comunistas¹¹⁶. *Um Ano de Legalidade*, de 1946, foi uma coedição com a Editora Horizonte, assim como *Eles Morreram pela Liberdade e A Grande Revolução Francesa*, de A. Manfred.

A biografia de Stalin escrita pelo Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou foi editada pela Editorial Vitória apenas em 1949, assim como *Stalin: Biografia*, de Alexandrov, Kruzhkov e Chalov. Anteriormente, em 1948, havia sido editada *Biografia de Stalin (Resumida)*, de Dalcídio Jurandir.

É interessante verificar que nessa carta fica bastante clara uma das estratégias de venda da editora dos discursos e textos de Luiz Carlos Prestes. Esses poderiam ser adquiridos tanto de forma avulsa, a preços mais acessíveis, quanto encadernados em formato de livro. Dessa forma, existia uma variação de preços que iam de Cr\$ 2,00 até Cr\$ 250,00, preço do livro *Problemas Atuais da Democracia* encadernado e autografado pelo próprio Prestes, edição oferecida aos clientes em uma série de cartas.

Mas os pedidos avulsos não tratavam apenas de livros, como mostra a carta de Délio Miranda, de Pindamonhangaba, São Paulo:

Pindamonhangaba, 22/12/1948
Editorial Vitória

Prezados companheiros,

Solicito a remessa por reembolso postal das seguintes publicações:

“História do Partido Comunista Bolchevique da URSS”,

¹¹⁶ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*, op. cit., p. 59.

“Depoimento” de Luiz Carlos Prestes e “Em Marcha para um Partido Comunista de Massas”.

Pedi a Classe Operária, a remessa de um retrato tamanho 30x40 ou maior, do companheiro Luiz Carlos Prestes, afim de inaugurar um quadro, em minha residência, no próximo dia 3, esse pedido foi feito cerca de dois meses e até agora não obtive resposta. Caso os senhores possuam o retrato, pode ser enviado pelo reembolso postal.

Saudações democráticas

Délio Miranda
Rua Wariz e Barros, 203
Pindamonhangaba
Est. São Paulo

Era recorrente que cartas para a Editorial Vitória fossem encaminhadas pelos jornais do partido: *A Classe Operária* e *Tribuna Popular*. Além disso, o pedido de fotos, principalmente de Prestes, mas também de Olga Benário, eram comuns, e de fato havia essa venda por parte da editora, diversificando assim suas fontes de renda. Quanto aos livros, *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, atribuído a Stalin, foi editado em 1945, e *Em Marcha para um Partido Comunista de Massas*, de Prestes, em 1946, ambos pela Vitória.

Segue na mesma linha um pedido da cidade de São Paulo, de Antônio Henrique Freire Napoleão:

São Paulo, 30 de março de 1948.

Solicito à Editorial Vitória, o envio pelo reembolso os seguintes livros postos à venda pela Comissão de Comemoração do Centenário do Manifesto Comunista.

Sobre os Fundamentos do Leninismo
Que Fazer?
Duas Tácticas
O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia
Stalin
A Rússia na Paz e na Guerra
Um Passo Adiante, Dois Atrás
A Catástrofe que nos ameaça, como combatê-la

Desde já, fico-lhes muito grato.

Antônio Henrique Freire Napoleão

Rua Santa Rita nº 886, Bairro Pari
Estado de São Paulo, Capital

A carta cita a “Comissão de Comemoração do Centenário do Manifesto Comunista”, membros do partido responsáveis por organizar atividades comemorativas pelos cem anos do livro de Marx e Engels, incluindo aí a promoção de uma série de livros clássicos do marxismo-leninismo. Sobre as obras encomendadas que ainda não foram descritas, há apenas *Sobre os Fundamentos do Leninismo*, de Stalin. Sabe-se que sairá uma edição dessa obra pela Editorial Vitória no ano de 1954. A edição corrente desse livro no período era da Editorial Calvino, lançada em 1945.

Por fim, o último exemplo de pedido avulso é a carta de Francisco de Assis Gaudi, estudante, de São Paulo:

São Paulo, 8 de dezembro de 1948

Editorial Vitória Ltda.

Para surpresa minha, tive o prazer de receber a remessa de publicações que eu mandara pedir, antes mesmo que efetivasse o pagamento. Em se tratando do primeiro pedido, achei que foi uma arrasadora prova de confiança depositada na minha modesta pessoa. Cearense, aluno do 3º ano científico do Instituto Mackenzie, luto com dificuldades para melhorar o meu desprezível acervo ideológico marxista. Aqui em São Paulo, onde a reação policial fascista não dorme, tem me sido ultimamente difícil adquirir livros de filosofia marxista, o que me coloca em situação nada agradável nas polêmicas que justamente sou obrigado a sustentar contra os meus colegas burgueses, dotados de mentalidade tipicamente clerical. Novamente, busca a dita de ler “A Classe Operária”, pois compro sempre que posso, geralmente aos domingos à tarde, o jornaleiro me responde que já se esgotou. Até mesmo o jornal “Notícias de Hoje” não pode circular, devido aos burros e arrogantes da polícia fascista de Ademar de Barros, um miserável traidor que, contra os votos dos proletários que recebeu daqui, dá ao proletariado a bestialidade da brutal prisão policial. Anexo a esta estou enviando Cr\$ 35 (trinta e cinco cruzeiros) em vale postal, como pagamento dos livros e folhetos que recebi.

Peço me enviam mais as seguintes obras:

A Comuna de Paris de K. Marx – Cr\$ 10,00

O Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte de Marx – Cr\$ 10,00

Constituição da URSS – Cr\$ 5,00

Salário, Preço e Lucro de Marx – Cr\$ 6,00

Cartas da Prisão de Prestes – Cr\$ 2,00
Paz Indivisível de Prestes – Cr\$ 2,00

Mais uma vez, confesso-me inteiramente grato pela presteza com que fui atendido e fico aguardando a minha remessa que muito me será útil, a fim de poder ir preenchendo as lacunas em minha formação ideológica proletária. Queira enviar-me ainda também pelo sistema de reembolso postal as seguintes publicações:

Fundamentos (revista política mensal cubana) - Cr\$ 8,00
Cuba y la URSS (revista ilustrada mensal) - Cr\$ 8,00
Expresiones (revista ilustrada argentina) - Cr\$ 10,00
Dialectica (mensário político-marxista, cubano) - Cr\$ 8,00
New Masses (revista mensal norte-americana) - Cr\$ 8,00
Total - Cr\$ 42,00

(Destas revistas enviar um número de cada, de qualquer mês)

Sem mais para o momento, aproveito o ensejo para apresentar o meu protesto de estima e consideração.

Cordialmente
Francisco de Assis L. Gaudi

Há uma série de informações interessantes nessa carta. A primeira é o fato de a editora enviar os livros pedidos sem nem sequer ter recebido o pagamento por eles. Aqui cabe reforçar a reflexão sobre o caráter de uma editora a serviço de uma ideologia política, nesse caso, do comunismo. Fica claro que o esforço primordial aqui é fazer os livros chegarem até as pessoas, independente de lucros ou prejuízos, como parte importante do trabalho de *agitprop* do partido. É de se pensar se uma editora sem fins políticos agiria da mesma forma¹¹⁷.

Outra questão que surge na carta é a repressão policial sobre os jornais e livros de caráter marxista. Vale lembrar que, em fins de 1948, o PCB já está na ilegalidade novamente, com o cerco se fechando contra qualquer atividade partidária. Aqui, mais uma vez, se mostra importante o mecanismo de vendas pelo reembolso postal, ainda que esse também tenha sofrido com a repressão, algo que será analisado posteriormente. O autor até cita o fato de o PCB ter apoiado a candidatura ao governo de São Paulo de Ademar de Barros, apoio completamente desconsiderado quando o mesmo assume o cargo.

¹¹⁷ Sobre essa discussão, ver: MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a Ditadura*, op. cit.

Por fim, é interessante como o jovem estudante busca nos jornais, nas revistas e nos livros aperfeiçoar a sua formação ideológica comunista, para, como diz ele, ajudar nas polêmicas contra “os colegas burgueses dotados de mentalidade tipicamente clerical”. Os livros pedidos pelo jovem estudante do Mackenzie são *A Comuna de Paris*, de Karl Marx, anunciado pela Vitória em 1947. O *18 Brumário de Luís Bonaparte* foi editado por ela em 1946. Sobre a *Constituição da URSS, Salário, Preço e Lucro*, de Karl Marx, e *Cartas da Prisão*, de Prestes, todos foram editados pela Horizonte em 1946.

Quanto às revistas encomendadas, *Fundamentos, Cuba y la URSS, Expressiones, Dialectica e New Masses*, como afirmado anteriormente, a Editorial Vitória mantinha um trabalho de distribuição de obras de outras editoras, assim como de jornais e revistas. Em carta de 10 de abril de 1948, em resposta a um pedido, o gerente Salomão Tabak afirmou que a editora atendia pedidos pelo reembolso de livros de qualquer editora nacional, e de qualquer editora estrangeira mediante um sinal de 50% do valor. Dessa forma, a editora esteve em contato, ao menos, com distribuidores de material político de cinco países: Cuba, Argentina, EUA, França e Portugal.

Em meados de 1948, a editora abandonou o serviço de venda por reembolso postal devido aos inúmeros problemas que apresentava. Ela começou a investir na expansão do número de distribuidores, buscando construir uma rede de agentes de venda. O contrato proposto a esses agentes estipulava que receberiam 30% do preço de capa, com as despesas de postagem dos livros correndo por conta da editora. Essas estratégias de

distribuição, o reembolso e o uso de agentes de vendas, buscavam vencer as dificuldades para se chegar aos leitores dos estados menores e das cidades do interior¹¹⁸.

Aproveitando o ensejo, passamos para a análise das cartas de livreiros e distribuidores individuais do material da Editorial Vitória.

2.2. Pedidos de livreiros e distribuidores

Outra categoria recorrente nas cartas é a de pedidos de livreiros e distribuidores, tanto empresas quanto individuais. A própria editora no período apostava na distribuição individual como forma de consolidar a interiorização dos seus livros pelo país em pedidos como esse:

Ilmo. Snr.
Antônio Cruz
Rua J. Kepf, s/n
MACAÉ
Estado do Rio de Janeiro

Prezado senhor:

Estamos atualmente muito interessados em continuar a distribuir os nossos livros para as cidades do interior do Brasil.

Vínhamos fazendo essa distribuição pelo Serviço de Reembolso Postal, entretanto, temos tido ultimamente muitas reclamações sobre o funcionamento desse serviço, e resolvemos não mais utilizarmos do mesmo.

Para contrabalançar isso, queremos criar em todas as cidades do país, agentes e distribuidores para os nossos livros. Sendo essa uma das cidades onde não possuímos um agente e tendo recebido a indicação o nome de V.S. dirigimo-vos essa carta.

Nossas condições para esses agentes são: 30% de desconto em pedidos acima de 10 exemplares de cada livro; despesas de porte e remessa por nossa conta, e pagamento, sendo metade antecipadamente (isto é, quando V.S. fizer o pedido) e o restante quando tiver recebido a encomenda.

No caso de ser inteiramente impossível para V.S. encarregar-se dessa tarefa, rogamos que nos ponha em contacto com alguém em condições de fazê-lo.

Sem mais e na expectativa de uma resposta urgente, juntamos à presente um catálogo de nossos livros e apresentamos as nossas

¹¹⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “A Verdadeira Pátria dos Trabalhadores: A URSS e as Edições Comunistas”. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp/ALB, 2005, p. 350.

Cordiais saudações

Essa era a proposta padrão da editora, feita para clientes assíduos pelo serviço de reembolso postal¹¹⁹. Vale ressaltar que, no período das correspondências, tal serviço foi deixando de ser usado por conta de uma série de reclamações de livros que não chegavam ao seu destino. Dessa forma, a Editorial Vitória passou a enviar os livros como correspondência registrada, recebendo o dinheiro devido apenas na volta do correio.

Sabe-se que o serviço de reembolso postal voltou a ser utilizado nos anos 1950, algo que fica explícito, por exemplo, na carta de apresentação da coleção Romances do Povo, que será analisada no capítulo 4.

Um exemplo de resposta a essa proposta é a carta de Cacilda Pereira, de Assis, interior de São Paulo:

Assis, 27 de julho de 1948.

Prezado companheiro.

Recebi ontem dia 26 do corrente mês uma carta datada de 5 do mesmo mês solicitando informe de 50 exemplares de Zé Brasil, 1 História do Social, 1 Tiradentes que me enviaram pelo reembolso no mês de maio. As referidas mercadorias acima mencionadas não recebi. Recebi no dia 25 deste 50 exemplares de Zé Brasil da Livraria Itatiaia pelo reembolso. Aliás da Editorial Vitória Ltda. indicação da Livraria Itatiaia. Nota de entrega nº 2954 de 9 de julho de 1948. O pedido foi feito com o nome de Olívio de Oliveira que é meu companheiro, para evitar desvio ou extravios de mercadorias devido o meu nome ser muito conhecido, infelizmente houve extravios ou sabotagem. Vindo em seu nome tem chegado corretamente. Recebi 30 Classes.

Convidada pelos companheiros a ser agente nesta cidade, aceito. Pois vou trabalhar para divulgar nossos livros e jornais.

Saudações democráticas.
Cacilda Pereira.

É interessante notar na carta que mesmo antes de aceitar tornar-se agente da editora na cidade, Cacilda, ao que tudo indica, já distribuía os livros da editora por conta

¹¹⁹ *Idem, ibidem.*

própria, vide o número de exemplares de *Zé Brasil* encomendados por ela. Por tratar-se de pessoa conhecida no município, segundo ela, desconfiando inclusive “de extravios ou sabotagem” dos livros, não é difícil imaginar que se tratasse de militante, ou talvez até mesmo de dirigente, do PCB em Assis. Como já vimos anteriormente, é um fato que a polícia reprimia a venda dos jornais e da literatura marxista nesse período.

A Livraria Itatiaia aparece como revendedora dos livros da Editorial Vitória, sendo esta ligada ao partido em São Paulo. Por meio das cartas foi possível mapear outras livrarias que distribuía os livros da editora pelo Brasil: Livraria Americana (filial da Livraria Progresso) em Passo Fundo, Livraria Moderna, Livraria Rosa e Livraria 43 em Florianópolis e a Livraria Kosmos em São Paulo e Rio de Janeiro. Eram também ligadas ao PCB as livrarias Bandeiras em São Paulo, Agência Farroupilha em Porto Alegre, Livraria Popular em Salvador e Livraria Independência no Rio de Janeiro¹²⁰.

Quanto aos livros do pedido, *Zé Brasil* foi escrito por Monteiro Lobato, sob encomenda do partido, e teve excelente vendagem a época, sendo lançado em 1948 e chegando a sua 5ª edição em 1950¹²¹. Quanto aos outros, *Tiradentes*, *Herói Popular*, de Gerson Brasil, foi editado pela Horizonte em 1946. “Classes”, ao que tudo indica, é uma abreviação de *Introdução ao Livro “A Luta de Classes na França”*, de Marx, por Engels, editado pela Horizonte no mesmo ano. Quanto a “História Social”, não foi encontrada nenhuma referência.

A carta seguinte, de Ênio Cahal, de Aquidauana, Mato Grosso, traz um balanço das vendas feitas pelo agente na sua cidade:

Aquidauana, 3 de setembro de 1948.

Ilmo. Snr.
Salomão Tabak

¹²⁰ RUBIM, Antônio Canellas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*, op. cit., p. 52.

¹²¹ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil”, op. cit., p. 135.

Rua do Carmo, 6
Rio de Janeiro – D.F.

Prezado senhor:

Acuso recebimento da carta de V. S. do dia 20 de agosto. Os 20 exemplares não deram nem para o 1º dia de vendas. Naturalmente que o 1º pedido foi para sondagem, mais a título de experiência quanto a aceitação de parte do público. Dos 20 exemplares, 70% foram vendidos a elementos da chamada pequena burguesia, e o restante ao operariado local. Os camponeses, a quem diretamente mais foi dirigido *Zé Brasil*, ainda não tomaram conhecimento, motivo pelo qual estou pedindo a remessa de mais 50 exemplares.

Quanto a indicação do meu nome para agente em Aquidauana, aceito com a maior satisfação. No próximo dia 6, remeterei o dinheiro das duas remessas.

Aguardando novas [...], apresento minhas democráticas saudações
Ênio Cahal

Peço urgência na remessa.

Cahal afirma que os exemplares de *Zé Brasil*, publicados pela Vitória, foram vendidos rapidamente em sua cidade. Além disso, descreve os representantes de quais classes sociais se interessaram pela obra: a pequena burguesia e o operariado da cidade, e pondera que os camponeses ainda não “tomaram conhecimento” da obra, concebida justamente para esse público, ainda majoritário na classe trabalhadora brasileira. Não é difícil ponderar que as altas taxas de analfabetismo, que atingiam de forma ainda mais flagrante as populações rurais, fosse um fator importante para a explicação desse quadro.

A carta de Antônio Pedroso, de Araraquara, mostra a relação entre o distribuidor e a editora do ponto de vista financeiro:

Araraquara, 15 de dezembro de 1948

À Editorial Vitória Ltda.
Rua do Carmo, 6-1306
Rio de Janeiro

Prezados amigos,

Em anexo vocês encontrarão um cheque no valor de Cr\$ 175,40 (cento e setenta e cinco cruzeiros e quarenta centavos) de número

161510, comprado ao Banco Paulista do Comércio S.A., Rio de Janeiro, pagável a esta Editora.

A importância referida destina-se ao pagamento dos livros a nós debitados conforme nota fiscal número 6369 de 1 de novembro pp.

Aproveito o ensejo para pedir a vocês os seguintes livros:

150 Zé Brasil

20 História do Partido Bolchevique

20 Fundamentos do Leninismo

6 de todos os livros em estoque (doutrinário)

3 dos romances sociais distribuídos ou editados por vocês (Jorge Amado, Raimundo Sousa Dantas, etc.)

Peço também me remeter uma relação dos livros que vocês têm estocado para podermos dar uma saída nós mesmos.

O restante do meu débito no fim do mês farei a remessa, pois, muitos dos livros foram vencidos para pagamento no dia de recebimento da turma.

Sendo o que me oferece, apresento os meus agradecimentos.

Antônio Pedrosa Pinto Filho

Rua 9 de julho, 596

Fica evidente a relação de confiança que a editora criava com seus distribuidores, no sentido de entregar os livros mesmo sem o pagamento. Mais uma vez, se mostra clara a necessidade da ação política se sobrepondo a questão financeira da empresa. A editora lançou uma nota fiscal respondendo o pedido acima, contendo as seguintes informações:

Quantidade		Preço	Un.
100	Zé Brasil	1.7	70,00
10	História do PC (B)	10.7	70,00
15	Contra a Guerra e o Imperialismo	1.40	21.80
10	Sobre os Fundamentos do Leninismo	1.20	12.80
1	Que Fazer – Lenin	1.20	1.20
1	2 Táticas – Lenin	1.20	1.20
			Total:
			175,40
			Cento e setenta e cinco cruzeiros e quarenta centavos

É possível observar que não foram enviados todos os livros pedidos. Duas hipóteses cabem nesse caso: ou se tratava de falta de estoque ou, ainda, o cheque enviado

poderia cobrir apenas essa quantidade de livros. De qualquer forma, é importante frisar que essa nota mostra que nem sempre os pedidos eram atendidos conforme solicitados por clientes e distribuidores. E claro, vale destacar a quantidade de exemplares encomendados de *Zé Brasil*: 150! O folheto de autoria de Monteiro Lobato era, definitivamente, um sucesso de vendas.

A carta de Benino del Mazzo é mais um exemplo dessa relação editora-distribuidor:

Marília, 6 de abril de 1948.

À Editorial Vitória Ltda.
Rua do Carmo, 6 – 13º andar – Sala 1306
Rio de Janeiro

Prezados Snrs.

Em meu poder vossa carta de 10 do mês passado, a qual passo a responder:

Pedido telegráfico: até a presente data não recebi o meu pedido feito por telegrama, tenho recebido diversas remessas feitas pela S.I. Tipografia Popular de Niterói, circulares não recebi nenhuma.

Revista Problemas: tenho recebido mensalmente 30 pelo reembolso postal também enviadas pela S.I. C. Tipografia Popular de Niterói.

Novo pedido: mandem o seguinte pedido por reembolso: 5 Problemas nº 1, 5 nº 2, 5 nº 3, 5 nº 4, 5 nº 5, 5 nº 6, e 10 nº 7.

Remessa mensal de Problemas: Podem mandar 70 revistas Problemas por mês, a partir do nº 8, também pelo reembolso postal.

Aviso: O Snr. Ancilão Gondim de Alencar, residente em Cornélio Procópio, Estado do Paraná, solicita para que seja enviado mensalmente 10 revistas PROBLEMAS, para venda avulsa, pede também para que seja enviado pelo reembolso 200 *Zé Brasil*, cuja remessa deverá ser feita a ele endereçada a caixa postal 172, Cornélio Procópio, Estado do Paraná

Sem mais, esperando ser atendido subscrevo-me
Atenciosamente

Benino del Mazzo

O distribuidor faz um balanço das suas atividades junto à editora, descrevendo seus pedidos. Ele reclama sobre não ter recebido um pedido feito por telegrama, faz um novo pedido de vários números da *Revista Problemas* e enfatizar o desejo de continuar

recebendo mensalmente setenta unidades dessa revista, para a venda. Além disso, ele informa a editora de uma outra pessoa interessada em vender suas edições, no interior do Paraná. É interessante notar que os distribuidores individuais tinham esse potencial de criar redes entre si, potencializando o alcance das edições comunistas.

Entre a correspondência analisada, há uma nota fiscal da “S.I. Comércio Tipografia Popular Ltda.” para esse distribuidor:

S.I. Comércio Tipografia Popular Ltda.
(Seção de Distribuição de Livros)
Rua S. Lourenço, 302 – Niterói – Est. do Rio

Destinatário: Benino del Mazzo
Endereço: Caixa Postal, 159
Localidade: Marília
Estado: S. Paulo

Serviço de Reembolso Postal:
Reg. Nº: 1521
Total das taxas e prêmios pagos
Cr\$ 2,40

Do Correio de: Niterói/RJ
Ao Correio de: Marília/SP

Discriminação das Mercadorias:

5 Temps Nouveaux nº 50 – Cr\$ 15,00
5 Temps Nouveaux nº 51 – Cr\$ 15,00
5 Temps Nouveaux nº 1 – Cr\$ 15,00
5 Temps Nouveaux nº 2 – Cr\$ 15,00
3 Temps Nouveaux nº 3 – Cr\$ 9,00

C/ desconto de 30%

Soma: Cr\$ 48,20

Quarenta e oito cruzeiros e vinte centavos

Peso bruto: 2.000 grs.
Peso líquido: 1.800 grs.

Data: 13/01/48

Fica evidente que as revistas têm um peso muito importante nas vendas da editora, tanto as nacionais, como a *Problemas*, quanto as internacionais, como a *Temps Nouveaux*, que são o foco desses dois pedidos do distribuidor de Marília.

Por fim, a carta abaixo, do gerente da editora Salomão Tabak, para Marcelino Leite de Sorocaba, da Papelaria e Livraria “Cidade”:

Marcelino S. Leite – Papelaria “Cidade”
Rua Dr, Braguinha, 52
Sorocaba – São Paulo

1º de novembro de 1948

Acusamos sua carta de 30 de outubro e temos a responder o seguinte: Estamos de acordo em conceder 120 dias de prazo a essa livraria, correndo as despesas de remessa por nossa conta. Sobre nossos livros, de Edições Horizonte e estrangeiros anunciados em nosso catálogo, concederemos 30%. Sobre o de outras livrarias esse desconto variará de acordo com o que recebemos. Pedimos fazer sempre em seus pedidos, referência ao prazo de 120 dias.

Sem mais, aguardando suas ordens, firmamo-nos
Cordialmente

Essa carta é um exemplo de contraproposta feita à Vitória e aceita prontamente para que seus livros fossem vendidos por uma livraria do interior do estado, nesse caso em Sorocaba, colocando em prática o plano de interiorização das edições comunistas no país. Vale ressaltar que por meio das cartas foi possível mapear outros distribuidores individuais pelo país: Waldemar Floriano em Estância/SE, Gualter Braga de Aguiar em Manaus/AM, José Luiz Guimarães em Floriano/PI, Reinaldo Henrique Soares em São João Nepumoceno/MG, Tenente João Jorge Hidu em Porto Alegre/RS, Sr. Melchiades em Florianópolis/SC, Mário Vitor dos Santos em Ilhéus/BA, Décio Lima em Itabuna/BA e Evaristo Pucú em Benjamin Constant/AM.

Ainda que o serviço de reembolso postal tenha assumido um papel importante na difusão dos livros da Editorial Vitória, por uma série de fatores, nem sempre essa modalidade de venda funcionava de forma adequada. É o que será analisado a seguir.

2.3. Cartas de Reclamação

O serviço de reembolso postal, apesar de suprir em certa medida as dificuldades de distribuição da editora, trazia em si uma série de problemas e limitações, que ficaram bastante claros em uma série de cartas de reclamação pelo não recebimento das encomendas.

O primeiro exemplo é a missiva de Antônio Wildo, de Salvador, Bahia:

Senhores

A 10 de novembro de 48, os senhores me enviaram uma carta comunicando-me que haviam remetido História del PC (b), El Manifiesto Comunista, juntamente com o 1º vol. de Obras Escogidas, sendo que até então não os recebi. A 11 de dezembro de 1948 recebi o 2º vol. de Obras Escogidas, justamente a que os senhores mandaram por último. É digno de registro o seguinte: durante o ano de 1948 os senhores me enviaram somente 4 pedidos, sendo que em 47 foram 9, o que espero é que isto não aconteça no decorrer de 1949. E não me digam que foram 4 os meus pedidos pois se os senhores verificarem os encontrarão, caso não tenham ido amassadinhos para a cesta de lixo.

Senhores: conforme já vos dissera em carta anterior de referência a História do Partido e M. Comunista que pedi em espanhol e os senhores os enviou em português, que custa aqui na Bahia Cr\$ 13,00 e me chegaram por Cr\$ 35,00, não me surpreendeu pois já vos fiz um pedido de História da Filosofia e recebi História de um Pracinha! Ora, chego até a pensar que esse funcionário encarregado deste serviço vive muito atarefado, aconselho aliviar-lhe um pouco ou mandar dormir na cama que é lugar quente e macio. Vimos que na remessa de “El Capital” houve um engano, agora em Obras Escogidas chegou-me um volume por 87,60 e os 4 volumes custam 350,00, e os senhores afirmam que os pedidos de mais de 50,00 não sofreriam nenhum acréscimo. Contudo, o mais gozado é o seguinte: meses atrás recebi dois volumes da revista New Masses e anexo a esta um bilhete o qual dizia que às devolvesse que viera com o endereço errado. Esta é fina não acham? Senhores: anexa a esta estou enviando uma lista de livros que esta editora não tem em estoque, mas que mantém transação com editora que os possua e acredito poder adquiri-los por vosso intermédio. Esperando vossa pronta e amável resposta vos saúdo com cordial devoção.

Antônio Wildo
Cidade de Salvador – 06/01/1949

Karl Marx
Crítica del Programa de Gotha, Trabajo Assalariado y Capital, La Sagrada Familia, Sobre la Literatura e y la Arte, Introducción a la Filosofía y al Materialismo Dialéctico, Miséria de la Filosofía, Guerra Civil em Francia, La Comuna de Paris, Ideologia Aleman, Apuntes

Cronológicos, Karl Marx Obras Completas Ed. Moscú 1940, Friedrich Engels – Anti-Duhring, Origen de la Familia, Dialética de la Natureza, Para Comprender “El Capital”, Situación de la Classe Obrera.

A carta do cliente baiano é bem pouco sutil nas críticas, para dizer o mínimo. Ele aponta uma série de erros da editora: livros que deixaram de ser enviados, pedidos ignorados, livros que foram pedidos em espanhol e enviados em português, títulos que foram trocados, enfim. De fato, esse tipo de problema poderia ser decorrente de uma certa desorganização interna da editora, com poucos funcionários para atender um número grande de pedidos.

Quanto aos livros, a Editorial Vitória distribuía obras em espanhol de quatro editoras estrangeiras, segundo catálogo dos anos 1940: Edições Páginas de Havana (Cuba), Editorial Lautaro de Buenos Aires (Argentina), D.I.A.P. de Santiago (Chile) e Editorial Problemas (Buenos Aires).

Entre a documentação, havia a carta da editora que motivou a carta pouco elogiosa de Antônio Wildo:

Antonio Wildo
Rua Dr. Seabra, 312 (Loja)
Salvador – Bahia

14 de dezembro de 1948.

Acusamos sua carta e o numerário enviado e estamos aguardando a devolução dos exemplares de “História do PC (b) da URSS”, “Manifesto Comunista” e de “História del PC (b) de la URSS”, para acertarmos a sua conta.

Já enviamos os dois primeiros volumes de “Obras Escogidas”, que ainda não foram acusados por V.S. Estamos esperando notícias suas para podermos enviar os dois volumes restantes.

Sem mais, juntamos uma lista de livros e firmamo-nos
Cordialmente

Outro exemplo de falha no sistema de reembolso postal é exposto na carta de Antônio Pedroso, de Araraquara:

Araraquara, 27 de outubro de 1948

À Editorial Vitória Ltda.
Rua do Carmo, 6 – Sala 1306
Rio de Janeiro

Prezados amigos

Volto a presença de vocês a fim de solicitar-lhes a fineza de fazer a remessa dos 100 (cem) exemplares do livreto “Zé Brasil” da autoria de Monteiro Lobato.

Vocês ficaram de mandar executar o meu pedido no fim do mês de setembro e estamos nos fins de outubro e não recebi os livretos.

Sendo o que se me oferece, apresento os meus protestos de estima e consideração.

Do amigo.
Antônio Pedroso Pinto Filho

Nesse caso, a reclamação é pelo atraso na entrega do pedido de cem exemplares de *Zé Brasil*. Ao que tudo indica, esse atraso se devia à falta de estoque, já que em várias cartas o gerente da editora respondia a essa mesma reclamação, argumentando que a edição do livro estava esgotada, mas que em breve sairia outra. Vale lembrar que *Zé Brasil* foi um sucesso e teve cinco edições, sendo a última de 1950.

Na carta de João Cabral, de Santos, surge outro tipo de reclamação:

Santos, 17 de setembro de 1948.

Ilmos. Snrs. da Editorial Vitória Ltda.

Em mãos vossa carta datada do 9 corrente e que só recebi (hoje 17), pela qual respondem ao meu pedido, e junto vem uma nota fiscal de Cr\$ 57,00, quero saber onde vou fazer esse pagamento, pois na carta não explica nada, eu serei chamado pelo correio.

Se ainda não tiverem despachado o que solicitei, peço-lhe suspender o livro *A Defesa Acusa*, pois já comprei esse livro, ou então trocá-lo por outro por exemplo a *Coluna Prestes*, aceitando as explicações sobre o *Zé Brasil* e esperando a sua remessa, aqui fica o

João Cabral

Rua Luiz de Camões, nº 54
Santos – Est. de São Paulo

Nesse caso, o problema foi uma falha na comunicação da editora com o cliente, quanto ao pagamento do pedido. Quanto a essa remessa, há uma nota fiscal, n. 6156, com as seguintes informações:

Quantidade		Preço	Un.
1	Depoimento Prestes		2,00
1	Problemas Atuais da Democracia		35,00
1	Defesa Acusa		20,00
		_____	57,00
		Cinquenta e sete cruzeiros	

Logo, mais uma vez, *Zé Brasil* deixou de ser enviado pela editora. No lugar do livro *Coluna Prestes*, de Cel. Moreira Lima, foi enviado *Depoimento perante a Comissão de Inquérito sobre Atos Delituosos da Ditadura*, de Luiz Carlos Prestes, editado pela Vitória em 1948, e *A Defesa Acusa*, de Marcel Williard, editado em 1946 pela Editorial Calvino, que acabaria sendo cancelado posteriormente pelo cliente. Vale lembrar que os pedidos de livros de outras editoras eram comuns, algo que abordaremos de forma mais detalhada posteriormente.

Outro exemplo muito similar é exposto na carta de Luiz Gonzaga Leda, de São Luiz, Maranhão:

S. Luiz, 13 de julho de 1948.

À Editorial Vitória Ltda.
Rio

Prezados Srs.

Causou-me estranheza os dizeres de sua carta de 22 de junho passado, referentes à remessa em 20/5/48, do livro do meu pedido: A COLUNA PRESTES, porquanto anteriormente recebi dessa editora uma carta sem data, posta no correio em 25/5/48 (data do carimbo) na qual me comunicaram que se encontrava completamente esgotada a obra pedida. Pelo exposto, está evidenciado que houve equívoco da parte de VV. SS., pois, se em 20/5, despacharam o meu pedido, deviam me ter

comunicado e não acusado a recepção de minha carta de 1º de março, avisando-me que a obra estava esgotada.

Ontem logo ao receber sua carta fui ao Departamento dos Correios examinar se registrado já se encontrava à minha disposição, tendo me informado um funcionário do Serviço de Reembolso que ainda não se achava naquela repartição.

Queiram portando tomar as providências junto ao Departamento dos Correios e Telégrafos, a fim de ficar solucionada esta pendência.

A fim de que VV. SS. não fiquem julgando que houve desinteresse meu em reviver o reembolso, científico-lhes que há grande demora nos serviços dos correios, e que muitas vezes recebo avisos do correio para retirar pedidos de livros que me pareciam não terem sido despachados pelas livrarias.

Sem mais, firmo-me
Atenciosamente

Luiz Gonzaga Leda
Rua 28 de julho, 181
Caixa Postal 177

PS: Sendo possível me enviar pelo reembolso 1 volume Anos de Prisão e 5 Zé Brasil. Logo após o despachado, me avisem o número do reembolso para minha orientação.

Dessa vez, a confusão se deu com um livro que foi enviado pela editora ao mesmo tempo que ela havia informado ao cliente que a obra estava esgotada. Esse tipo de desencontro reforça a ideia de que haveria certa desorganização na editora quanto às entregas pelo reembolso postal.

Enfim, a última carta, de João Luiz Guimarães, de Floriano, no Piauí:

Livraria São João
Av. Getúlio Vargas
Floriano – Piauí

À Editorial Vitória Ltda.
Rua São José, 93 – 1º andar
Rio de Janeiro

Prezados senhores:

Confirmando m/ carta de 8 de novembro passado, até o momento sem nenhuma resposta de V.S. S.S., e novamente venho a presença dos amigos, solicitar-lhes a fineza de corresponder com urgência, os lançamentos referentes às notas de devolução abaixo, pois as mesmas já estão com quase dois anos, sem nenhuma providência de V.S. S.S., fato este muito prejudicial para m/firma:

Nota nº 24/46 – 19/08/46 – Cr\$ 57,40
Nota nº 53/46 – 19/12/47 – Cr\$ 105,00
Nota nº 54/46 – 19/12/47 – Cr\$ 113,40

Na expectativa de ss/urgentes notícias, firmo-me com estima mui
Atenciosamente

João Luiz Guimarães

PS: Favor suspender até segunda ordem, a remessa de livros pelo
serviço de novidades.”

Nesse caso, a livraria cobra da editora o valor de três notas de devolução, que, segundo o autor, já estavam há quase dois anos sem resposta. Outras cartas dessa mesma pessoa, relatando o mesmo problema, seriam enviadas e, aparentemente, permaneceriam sem resposta da Vitória. Mais uma vez, é importante perceber os limites da editora e da sua organização enquanto iniciativa fundamental do aparelho político-cultural do partido. E, não raro, os percalços internos se somavam aos externos, da repressão policial, tema que será analisado a seguir.

2.4. Repressão Policial

A repressão policial voltou a fazer parte do cotidiano dos comunistas no Brasil após o PCB ter o seu registro cassado em 1947 e seus deputados e senadores cassados em 1948. Isso fica claro na perseguição à literatura marxista que vem à tona a partir de então, tornando também alvos aqueles que, de alguma forma, participavam da distribuição e venda dessas edições¹²².

Por exemplo, na carta de Moacir Ferreira, de Manaus, Amazonas:

Manaus, 28 de agosto de 1948.

Editorial Vitória Ltda.
Rio de Janeiro

¹²² PEREIRA, Luciana Lombardo da Costa. *A Lista Negra dos Livros Vermelhos: Uma Análise Etnográfica dos Livros Apreendidos Pela Polícia Política no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Museu Nacional/UFRJ, 2010, pp. 144-145.

Prezados senhores:

Ref: Reembolso Postal

Em meu poder sua carta de 28/6/48, de cujo conteúdo tomei ciência. Quero ressaltar que a carta em apreço somente chegou ao meu poder em 23 do fluente, e apresentava visíveis indícios de violação. Não sei a que atribuir tal fato, não deixando, entretanto, de pensar que exista algo de política no meio disso.

Peço notarem que, hoje mesmo, estive na repartição postal desta cidade, à procura da encomenda a que V.V. S.S. se reportam, tendo sido informado, ali, de que nada receberam dessa editora no período de abril a esta data.

Voltarei à presença de V.V. S.S. para futuros pedidos, os quais espero tenham melhor sorte.

Cordialmente.

Moacir Bessa Ferreira

End: Caixa Postal, 147
Manaus, Amazonas.

Fica bastante evidente nessa carta que a polícia não só violou a correspondência, como também interceptou os livros que haviam sido enviados para Manaus. Esse tipo de violação se transformou em *modus operandi* das forças policiais nesse período. Algo reforçado pela carta seguinte, de João Baptista Martins, de Jundiaí, São Paulo:

Jundiaí, 18 de julho de 1948.

À Editorial Vitoria Limitada
Rua do Carmo, 6 – 13º andar – sala 1306
Rio de Janeiro

Prezados senhores:

Recebi a 6 do corrente uma carta de VS. SS. convidando-me para exercer nesta cidade o cargo de agente dessa editora; essa carta foi no mesmo dia apreendida pela polícia quando os vereadores comunistas, eu inclusive, foram detidos pela polícia que os procurava implicar na última greve geral têxtil aqui havida.

Assim sendo solicito seja remetida a mim cópia daquela carta, com esclarecimentos, condições, comissões, descontos etc., bem como um catálogo geral das obras editadas ou distribuídas por Vs. Ss.

Se possível queiram enviar, desde já, 1000 exemplares do Zé Brasil, pois tão logo receba nova carta, condições e catálogo, farei a remessa da importância correspondente, tudo de acordo com as condições que foram estabelecidas.

Aguardando breve resposta subscrevo-me, atenciosamente.

De Vs. Ss.
Crdo. Ato. Obgdo.
João Baptista Antunes Martins

Rua Rosário, 336 – sob
Jundiaí – E.F.S.P.

O autor, vereador comunista em Jundiaí, descreve na carta a ação repressiva da polícia a uma greve operária naquela cidade, e de confisco de carta da editora convidando-o para agente. O cerco se fecha sobre as ações organizadas do partido nesse período em todos os níveis: político, social e cultural. Dessa forma, sequer os Correios eram confiáveis, como denota outra carta de Antônio Wildo, de Salvador:

Editorial Vitória Limitada

Senhores: Tenho recebido várias cartas nas quais sou informado de que os meus pedidos são atendidos. No entanto a última encomenda que recebi foi o 2º vol. de “Obras Escogidas”, isto em 11 de dezembro de 1948. Como os senhores podem observar depois disso já me foi atendido vários pedidos sem que eu tenha recebido. Segundo o meu ponto de vista o correio está permanentemente sabotando, não seria conveniente que os senhores depositassem as encomendas sem ser no nome da editora? Aí fica para os senhores analisarem o problema. Quanto a H. do PCB e Manifesto em português, caso o correio ainda caso os tenha devolvido, o que não acredito que sim, mandem-me dizer o quanto custa-me e está acabado, nossa editora jamais pode perder. Reforçando a série de pedidos peço-vos enviar-me Estrutura y Ritmo de La Sociedade Humana de L. Segal.

Sem mais, atenciosamente
Antônio Wildo

Nesse relato, fica claro que a militância comunista se mantinha em alerta para todo e qualquer movimento fora do normal. Dessa vez, uma série de remessas de livros deixaram de chegar ao seu destino, fazendo com que o autor proponha que a editora não se identifique em envios futuros, para não chamar a atenção das forças policiais. Não é difícil imaginar, como sugere Wildo, que havia uma cooperação entre a polícia e os Correios. Vale ressaltar também a disciplina militante do remetente, que mesmo sem ter recebido os livros faz questão de pagá-los, afirmando que a “nossa editora jamais pode perder”.

Mas o caso mais extremo de repressão se deu com Antônio de Barros Casemiro, livreiro de Tupã, interior de São Paulo:

Banca de Jornais, Revistas, Figurino etc.
Antônio de Barros Casemiro

Tupã, 3 de abril de 1948.

Venho avisar que não mande em meu nome mercadorias. Reembolso pode mandar em nome destas pessoas: João Bassalalte é nosso camarada, Emenegildo Dias Bitencorte e José Lopes. Eu aviso que sou suspeito receber estas mercadorias porque sou estrangeiro, quando mandarem, mandem pouco, valor de 50,00 cada vez. Se eu retirar estas mercadorias estou sujeito a ir preso novamente.

Eu queria saber se pode vender o Zé Brasil abertamente ou é proibido, eu pergunto por que tem no correio 4 remeças como reembolso e tenho medo de retirar e não retiro antes de saber com certeza se legalmente pode se vender este Zé Brasil. Na delegacia tem muitas mercadorias presas minhas, foram presas no dia 2/2/48 juntamente comigo, eu saí dia 9/3/48 e gastei 8.000,00 contos de prejuízo.

Termino.
Antônio Bastos Casemiro

O livreiro ficou preso por um mês pelo crime de vender livros... e naquele momento se via impossibilitado de receber novas remessas, com medo de ir para a prisão novamente. Dessa forma, indicar o nome de terceiros parece ser a única solução possível para continuar tendo acesso às obras encomendadas da Editorial Vitória, ainda que ele tenha dúvidas se é proibido ou não vender esses livros. Em outra carta fica mais claro o motivo da dúvida:

Banca de jornais, revistas, figurino etc.
Antônio de Barros Casemiro

Tupã, 1 de abril de 1948.

Ilmo. Snr.
Editorial Vitória
Saudações

Comunico-lhe que só foi recebido 1 pacote de livros, o qual eu não posso vender. As modinhas ainda não recebi até hoje. As autoridades daqui proibiram a venda destes folhetos. A polícia apreendeu muitas mercadorias e eu tive preso por vender estes folhetos bem como o Zé Brasil, eu tenho no correio muitas mercadorias e eu não posso tirar

porque estou sujeito a ir preso novamente se a V.S. me mandar histórias, modas, eu recebo. Eu estou desconfiado que as correspondências estão sendo extraviadas. Bem, a poucos dias eu lhe escrevi uma carta e não tive resposta.

Sem mais.

Antônio Bastos Casimiro

PS: Eu sou eleitor e sou estrangeiro? Tenho trinta e sete anos no país, sou brasileiro. Lamento muito os acontecimentos de ontem em São Paulo, as prisões dos brasileiros democratas verdadeiros. O Cristo morreu porque praticava boas obras e os comunistas estão participando das dores de Cristo porque falam a verdade. Os comunistas são o segundo Cristo massacrados pelos Fariseus daquele tempo.

As autoridades da cidade, por conta própria, proibiram a venda de *Zé Brasil* e outros livros de temática marxista, sob pena de prisão. Casemiro ainda faz um desabafo sobre a perseguição que ele e os demais comunistas sofrem, ressaltando o fato de ser visado também por ser estrangeiro, inclusive comparando a repressão aos comunistas ao martírio de Cristo, e as autoridades policiais aos Fariseus.

Outras prisões pelo mesmo motivo ocorreram Brasil afora, como demonstra o telegrama a seguir, de Criciúma, Santa Catarina:

Departamento de Correios e Telégrafos – Telegrama

EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA
RUA DO CARMO 6 RIO

T 20 – CRISCIUMA SC

MEU ESPOSO ELOY GARBELOTTO PRESO INCOMUNICÁVEL
POR MANDAR VENDER ZÉ BRASIL TENDO DELEGADO
REGIONAL POLÍCIA APREENDIDO QUINZE NÚMEROS
RESTANTES VG SOLICITO DIBULGAR ARBITRARIEDADE
POLICIAL SAUDS LETÍCIA GARBELOTTI

Por fim, um telegrama do próprio DOPS, que prova como a polícia monitorava de perto as atividades da Editorial Vitória:

Ministério da Justiça e Negócios Interiores
Departamento Federal de Segurança Pública
Divisão de Intercâmbio e Coordenação

Radiograma

MAJOR ADAUTO ESMERALDO
D F S P – RIO

Nº 90198 s.s. – PARA PROVIDÊNCIAS QUE V. S. JULGAR NECESSÁRIAS CUMPRE-SE COMUNICAR LHE QUE SEGUNDO INFORMAÇÕES CHEGADAS A ESSE D.O.P.S. NA EDITORA “VITÓRIA LTDA” À RUA DO CARMO Nº 6 NESSA CAPITAL, ESTARIA SENDO IMPRESSO UM NOVO MANIFESTO DE LUIZ CARLOS PRESTES. SDS.

ELPIDIO REALI
DELEGº AUXILIAR 5º D.P.

12/8/1949

Fica bastante claro não só como era institucionalizada a perseguição aos comunistas e sua produção editorial, mas também como a figura do secretário-geral, Luiz Carlos Prestes, era o centro das preocupações policiais.

Dessa forma, pode-se afirmar que a literatura marxista era vista como perigosa e passível de ser reprimida, assim como seus agentes (clientes, livreiros, distribuidores e livrarias). Ainda que o Brasil vivesse em um regime democrático desde 1946, as leis de exceção voltam a vigorar para os comunistas a partir de 1947.

No próximo tópico, retornando às questões propriamente editoriais, serão analisados os pedidos de livros de outras editoras que eram atendidos pela Vitória.

2.5. Pedidos de Livros de Outras Editoras

Como já afirmando anteriormente, a Editorial Vitória também servia como distribuidora de obras de outras editoras, tanto ligadas ao partido quanto do mercado editorial mais geral. Isso fica bastante evidente nas correspondências a seguir.

Cacilda Pereira, em 12 de outubro de 1948, faz o seguinte pedido:

Assis, 12 de outubro de 1948

D.D. Sr. Gerente da
Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo, 6, Rio.

Prezado Sr.

Peço-vos a fineza de enviar-me pelo serviço de reembolso postal 2 volumes de: “Cristianismo na Rússia e Nova Ordem Social”
Antecipadamente agradeço.

Saudações democráticas.
Cacilda Pereira

Rua Campos Novos, 190
Caixa Postal 311
Assis, Est. de São Paulo

OS – Não segue dinheiro por não constar no catálogo dessa. Peço enviá-los urgentemente trata-se de estudos normalistas.”

O livro encomendado havia sido editado pela Editorial Calvino. *O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia*, de Hewlett Johnson, o Deão de Canterbury, líder da Igreja Anglicana, foi editado em 1943 e trata da relação entre o governo soviético e os religiosos naquele país. Os livros da Calvino aparecerão de forma contínua em pedidos para a Vitória, como no pedido de Antônio Henrique Napoleão, de São Paulo:

São Paulo, 28 de julho de 1948.

Prezados companheiros:
Solicito o envio pelo reembolso postal, dos seguintes livros – “O Poder Soviético” do Deão de Canterbury, “Problemas Atuais da Democracia” de Prestes.

Desde já, fico agradecido.

Antônio Henrique Freire Napoleão

Rua Joaquim Carlos, nº1045
Estado de São Paulo – Capital – Pari

Mais uma vez, o livro encomendado tem como autor Hewlett Johnson, em edição da Calvino de 1943. *O Poder Soviético* tratava da realidade daquele país sob a ótica do Deão, e fez relativo sucesso na época, tendo uma 2ª edição em 1944. Nesse momento

também eram comuns cartas enviadas para a Editorial Vitória em nome da Edições Horizonte, como na carta a seguir:

Araçatuba, 13 de julho de 1948.

Ao Diretor de Edições Horizonte Ltda.

Como necessito de alguns livros, e não os encontro nas livrarias onde moro, desejo que me envie pelo reembolso postal.

Se estiver com falta de algum deles, queiram fazer o favor de arranjá-lo em outra livraria aí do Rio, para completar o meu pedido. Façam-me esse favor, pois aqui onde moro não é possível encontrá-los.

Queiram enviar-me catálogos de livros políticos. Os livros que desejo são estes: “Lênin, o Gênio da Revolução Proletária” e “História Natural” 1ª série e “Homens e Coisas do Partido Comunista” autor Jorge Amado.

Antecipadamente fico-lhes agradecidíssimo.

Álvaro de Souza Gomes

Araçatuba
Est. de São Paulo
C. Postal nº 310”

Interessante notar que a carta trazia como destinatário a Edições Horizonte, e consta um livro dessa editora no pedido – *Homens e Coisas do Partido Comunista*, de Jorge Amado, editado em 1946 –, e outro da Editorial Calvino: *Lênin, o Gênio da Revolução Proletária*, do Instituto M.E.L., de 1945. Quanto a *História Natural*, não foi possível localizar dados dessa obra.

O fato é que não há nenhum livro da Editorial Vitória no pedido. Pode-se pensar que essa variedade de editoras ligadas ao partido (Calvino, Horizonte, Vitória) nem sempre facilitasse a vida do público que se almejava alcançar. Dessa forma, o PCB no final da década de 1940 já concentrava sua produção editorial na Vitória, que ficou responsável pelo catálogo da Horizonte, fundida a ela em 1945, e do estoque da Calvino, extinta em 1948, segundo carta de Orlando Costa, livreiro de Joinville:

Joinville, 28 de fevereiro de 1948

Confirmação

À Editorial Vitória Ltda.
Avenida Rio Branco, 257-/712
Rio de Janeiro

A/C. Revista Literatura
R. Alcindo Guanabara, 17

Prezados senhores

Tenho sobre a mesa s/ favor de 14 de janeiro último, que mereceu m/ melhor atenção.

História do Feudalismo, Depoimento de Luiz Carlos Prestes, Depoimento de Carlos Marighella. Ciente.

Método Dialético Marxista:

Tomei nota. Conforme s/ dizeres em carta prelo, segundo notificação no verso da capa do livro “Duas Táticas” de V. I. Lenin, edição dessa. Ciente.

Novos Tempos:

Meu pedido de 28/2/48:

Junto a esta o anotado, pedindo-lhe a fineza de remeter-se com a possível brevidade pelo serviço de reembolso postal.

Quanto as “Obras” editadas pela Editorial Calvino Ltda., sita, à av. 28 de setembro, 174, dessa, poderiam ser adquiridas dos srs. Calvino Filho ou S.O. Hersen, diretores da extinta editora. Se porventura a Editorial Calvino não possuir os estoques as obras em referência talvez outras livrarias tenham.

Solicito ainda de Vv.Ss. a gentileza de registrarem os livros que até esta data não foram editados, constantes de m/ pedido anexo, e tão logo sejam publicados peço-lhes enviarem-me também pelo serviço de reembolso postal.

Todavia aproveito o ensejo para pleitear conceder-me um abatimento (desconto) s/ o valor do pedido em questão.

Saudações democráticas

Orlando Costa

Meu endereço:

Orlando Costa
Rua Paraná, 56 (cxs. postal, 56)
Joinville – Santa Catarina

Por fim, um exemplo da comunicação que a Vitória mantinha com outras editoras, reforçando o papel que ela desempenhava na época também como revendedora:

À Editora Civilização Brasileira S/A.
Rua Chile, 23
Salvador – Bahia

Ref: Candomblés da Bahia – Edison Carneiro

Vimos pela presente solicitar o obséquo de nos fornecer, contra duplicata a 90 dias, 20 exemplares de livro acima referido, com o desconto para revendedores.

Aguardando com presteza que o nosso pedido seja atendido, firmamos
nos
Cordialmente

Esse tipo de correspondência mostra que a Editorial Vitória, em seu trabalho de revenda de livros, mantinha uma rede que não se restringia às editoras do partido, nem às editoras reconhecidamente de esquerda. Esse era um caminho que permitia a ampliação das possibilidades de dividendos para a editora, já que os livros eram adquiridos com desconto para a revenda. Quanto ao livro *Candomblés da Bahia*, de Edison Carneiro, foi editado em 1948 pela Editora Civilização Brasileira. Vale ressaltar que o autor era militante do partido.

Enfim, fica evidente que, na segunda metade dos anos 1940, a Vitória aos poucos vai concentrando em si o trabalho editorial do PCB, tornando-se a responsável, por vias diferentes, dos livros da Horizonte e, posteriormente, da Calvino. Além disso, a revenda e distribuição de livros de outras editoras também aparece como fonte de renda complementar no período. Quanto a essa questão, serão analisadas a seguir cartas de cobranças feitas pela editora aos seus clientes.

2.6. Cartas de Cobrança

Ainda que a Editorial Vitória mantivesse uma linha de atuação que favorecesse, em primeiro lugar, a ação política, muitas vezes em detrimento das finanças da empresa, esse segundo aspecto não podia ser ignorado por completo. Prova disso são as inúmeras cartas de cobrança da editora para seus clientes e distribuidores.

O primeiro exemplo é a carta da editora para Alberto de Souza Brasil, de Bauru, interior de São Paulo:

Av. Rio Branco, 257, s. 712
End. Telegr. TORIAVI
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 23 de junho de 1948.

Ilmo. Snr.
Alberto de Souza Brasil
Bauru
São Paulo

Prezado senhor:

Comunicamos a V.S. que no dia 28/05/1948 atendemos seu pedido de Trechos Escolhidos sobre Filosofia pelo reembolso postal. Como até o presente momento, decorridos vários dias, ainda não recebemos o pagamento ou a devolução do referido envio, vimos solicitar a V.S. o obséquio de nos informar se retirou do Correio, ou ordenou a sua devolução.

Em qualquer dos casos ou mesmo em caso contrário, isto é, se V.S. não recebeu ainda notificação do reembolso, avise-nos, para tomarmos as necessárias providências junto ao Departamento de Correios e Telégrafos.

Para prevenir que não torne a acontecer esse contratempo, vimos propor a V.S. que junte aos seus futuros pedidos, um vale postal na importância dos mesmos e dirigido a Editorial Vitória Ltda., rua do Carmo, 6, sala 1.306, Rio, que atenderemos ao registro.

Sem mais para o momento, aguardando sua resposta, firmamo-nos.
Atenciosamente

Editorial Vitória Ltda.
Salomão Tabak – Gerente

Nessa primeira carta, a cobrança é sobre um livro enviado para o destinatário sem qualquer tipo de pagamento prévio, e até aquele momento sem nenhum tipo de confirmação de recebimento pelo destinatário. É de se pensar quantos pagamentos a editora deixou de receber por ações como essa. Mais uma vez, a chegada das edições às mãos das pessoas era evidente prioridade, independente do ônus para a editora.

De qualquer forma, a Vitória mantinha um controle dessas despesas, o que pode ser visto na carta a seguir:

Editorial Vitória Ltda.
Rua do Carmo, 6 – 13º andar – S/ 1306
Rio de Janeiro – tel: 22-1613

O sr. Alberto Adoni DEVE

Descrição:

Agosto

Saldo Devedor – 50,00 (Débito)

Nota 10155 – 62,00

Seu pagamento – 20,00 (Crédito)

Setembro

Nota 10127 – 213,00 (Débito)

Seu pagamento – 20,00 (Crédito)

Saldo devedor – 285,00 (Crédito)

Total Débito/Crédito: 325,00

Seu débito Cr\$ 285,00 – Duzentos e oitenta e cinco cruzeiros

No balanço acima consta o saldo devedor do cliente nos meses de agosto e setembro, créditos e débitos, que ao final resultam numa dívida de Cr\$ 285,00, cobrados dessa forma via correio. Abaixo, um exemplo de carta de resposta de um distribuidor a esse tipo de cobrança:

31 de dezembro de 1947.

V. Sas. deverão fazer uma revisão nas faturas já enviadas, a fim de nos conceder um desconto mais razoável sobre as mesmas, tendo sido esta a razão de não termos pago integralmente a fatura 204.479.

Dado a grande aceitação que vêm tendo as obras em francês anexamos à presente uma relação de pedido, que solicitamos seja atendida com brevidade e com desconto.

Temos grande interesse, principalmente em “História de La Guerra Civil en la URSS”, editada na URSS, em espanhol.

Sem mais, apresentamos as nossas
Cordiais Saudações

Editorial Vitória Ltda.
Gerente

Nessa carta se exemplifica como se dava, muitas vezes, essa relação de negociação entre a editora e os distribuidores. Nesse caso, o distribuidor se nega a pagar uma fatura já emitida, alegando que as condições de comércio dos livros não eram favoráveis a eles,

exigindo a revisão das notas por parte da Vitória. Logo, sem o desconto pedido não haveria pagamento.

Isso mostra mais um tipo de percalço pela qual a editora tinha de passar para viabilizar a circulação de seus livros, havendo a necessidade de ela arcar com os custos da sua atividade política muitas vezes. A carta ainda enfatiza o sucesso dos livros em francês, algo que será analisado a seguir.

2.7. Cartas da Editora para o Exterior

Como já vimos, a Editorial Vitória mantinha contato com diversas editoras estrangeiras, exercendo o papel de distribuidora de obras principalmente em espanhol e francês no Brasil. Abaixo uma carta da editora para a C.D.L.P. (Centre de Diffusion des Livres et de la Presse), órgão de difusão editorial do PCF (Partido Comunista Francês), organizado em 1932 e responsável pela profissionalização da difusão editorial dos comunistas franceses desde então¹²³. Diz a carta:

31 de dezembro de 1947

À C.D.L.P.
140-Bould DIDEROT
Paris, 12º andar

Prezados senhores:

Em resposta a sua carta de 1º de setembro de 1947, comunicamos que mandamos fechar câmbio na importância de 10.000 Frs. para ser pago a V. Sas.

Chamamos a sua atenção para o seguinte: Causou-nos grande embaraço a retirada dos volumes enviados por V. Sas., pelo motivo de terem chegado desacompanhados dos documentos exigidos pela fiscalização bancária e alfandegária do Brasil. Por este mesmo motivo será um tanto demorado o processo de fechamento de câmbio na importância acima por não termos em mãos a fatura consular, sendo que, no momento, nem mesmo podemos indicar o dia em que a ordem de câmbio saíra do país. Para suas próximas remessas solicitamos que enviem junto os seguintes documentos: 1) Fatura Consular, 2) Fatura Comercial, 3) Documentos Despacho Alfandegário.

¹²³ BOUJU, Marie-Cécile. “O Livro na Política: As Editoras do Partido Comunista Francês (1920-1958)”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução, op. cit.*, p. 171.

Sobre as suas remessas, temos a reclamar as seguintes irregularidades: Democratie Nouvelle: Recebemos 20 exemplares do nº 8, nenhum do nº 9, e somente 5 do nº 10.

Outras revistas: Recebemos apenas os nºs constantes da fatura 204.479-France, sendo que gostaríamos de receber os números subsequentes já publicados, na seguinte quantidade: 10 “Arts de France”, 20 “Servir La France”, 50 “Cahiers” e 50 “Democratie Nouvelle”.

Desconto: Achamos insuficiente e sem método o desconto que V. Sas. nos consigna em suas faturas. Alguns livros vêm com 30%, outro com 25% e outros sem desconto de espécie alguma. Citamos como exemplo “Democratie Nouvelle” a 60 Frs. e sem desconto na fatura nº 204.479 e a 40 Frs. e com 20% na fatura nº 66.295. Outros livros como “Le Comunisme e la Morale”, “Science el Religion”, “Une Politique de Grandeur Française” nos foram enviados sem desconto, enquanto, nos mesmos livros, a “Hier et Ajourd’hui” nos concedeu 40%, mais de 5% de desconto.”

31 de dezembro de 1947.

- 10 – Jacques Duclos – Batailles Pour la Republique
- 10 – M. Thorez – Une Politique de Grandeur Française
- 10 – B. Frachon – La Bataille de la Production
- 5 – J. B. S. Haldane – La Philosophie Marxiste et les Sciences
- 5 – Paul Laberene – L’origine des Mondes
- 20 – G. Politzer – Le Bergsionisme, une mystification philosophique
- 20 – G. Politzer – Le Lendemanins qui Chantent
- 10 – H. Lefebvre – La Existencialisme
- 2 – Pierre Courtade – Essai sur l’antisovietisme
- 2 – G. G. Dzelepy – Le Drame de la Resistance Grecque
- 10 – Lissagaray – Histoire de la Comune de 1871
- 5 – J. Duclos, J. Freville – Histoire de la Revolution Russe
- 2 – A. Ribard – La Prodigieuse Histoire del’Humanité

Pedimos ainda como especial favor 50 coleções do livro editado na URSS, em espanhol, “HISTORIA DE LA GUERRA CIVIL EN URSS” bajo la redacción de M. Gorki, V. Molotov, K. Voroshilov, S. Kirov, A. Zhdanov e J. Stalin, do qual só conhecemos o tomo segundo, “La Gran Revolución Proletaria”, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1946.

De início, a editora expõe a dificuldade para retirar a remessa de livros enviados para o Brasil, devido à falta de uma série de documentos exigidos pelas autoridades do país. Em seguida, são apresentadas uma série de problemas no envio feito pelo Centro de Difusão do PCF, principalmente em relação às revistas, que têm seus números enviados de forma incorreta, e sob uma condição irregular de descontos, contestada pela editora brasileira. As revistas encomendadas são *Democratie Nouvelle*, *Arts de France*, *Servir la*

France e Cahiers du Bolchevisme, essa última sendo a revista de formação ideológica do PCF, editada desde 1940.¹²⁴

Consta ainda, em anexo, uma lista de livros franceses pedidos pela Vitória, com treze títulos, totalizando 111 livros de autores como Jacques Duclos, Maurice Thorez, Georges Politzer, Henri Lefebvre, entre outros. Por fim, são encomendadas também cinquenta coleções de “Historia de la Guerra Civil en URSS”, editados pela Ediciones en Lenguas Extranjeras, centro de difusão soviético de clássicos do marxismo-leninismo e de manuais para outros países.

Ao mesmo tempo que fica evidente a importância da relação da Vitória com a estrutura editorial do PCF, é possível notar as dificuldades nesse tipo de relação pautada na importação de edições estrangeiras, desde os desencontros no que é pedido até a burocracia que muitas vezes dificultava esse tipo de relação comercial.

Essas revistas, inclusive, eram oferecidas pelo gerente da Vitória em diversas correspondências como essa:

Ilmo. Snr.
João Batista Silva
Banco do Brasil S/A
Macaé – Estado do Rio de Janeiro

Prezado senhor:

Em resposta a sua carta de 31 de março, comunicamos a V.S. que suspenderemos as remessas de livros que estamos fazendo, independentes de pedidos.

Quanto a “Cuba y URSS”, “Dialetica” e “Cultura Sovietica”, por motivos de agravamento da situação política não temos recebido regularmente. Esperamos, entretanto que dentro de um mês ou dois teremos regularizada a situação.

Entretanto, temos recebido com regularidade outras revistas de outros países, tais como:

“Temps Nouveaux” da União Soviética, em francês, semanal – Cr\$ 5,00
“La Femme Sovietique” da União Soviética em francês. Bimestral – Cr\$ 10,00

¹²⁴ *Idem*, p. 174.

“La Literatura Soviética” da União Soviética, em espanhol, mensal – Cr\$ 6,00
“Democratie Nouvelle” da França em francês, mensal – Cr\$20,00
“Cahiers du Communisme” da França em francês, mensal – Cr\$ 10,00
“Labour Monthly” da Inglaterra em inglês, trimestral – Cr\$ 15,00
“The Modern Quaterly” da Inglaterra em inglês, trimestral – Cr\$ 15,00
“Science & Society” dos EUA em inglês, trimestral – Cr\$ 15,00
“New Foundations” dos EUA em inglês, trimestral – Cr\$ 10,00
“Political Affairs” dos EUA em inglês, trimestral – Cr\$ 10,00

Caso V.S. esteja interessado em alguma dessas revistas, escreva-nos.

Quanto ao “Zé Brasil”, estamos enviando da 3ª edição a Cr\$ 1,00 o exemplar.

Nessa carta fica bastante evidente que as edições estrangeiras também serviram de desafogo em momentos de aumento da repressão política sobre a editora. No momento em que essa carta foi escrita a Vitória tinha, inclusive, paralisado o envio de livros pelo Correio, e enfrentava dificuldades no recebimento das revistas latino-americanas.

O mesmo, aparentemente, não ocorreu com as revistas europeias (URSS, França e Inglaterra) e dos EUA, que continuaram chegando. Na carta ainda é citada a venda da 3ª edição de *Zé Brasil* por Cr 1,00, o que denota o esforço de massificação desse livro pela editora.

Por fim, entre as cartas analisadas, há ainda uma resposta de Salomão Tabak a um livreiro português:

Ilmo. Snr.
Rui Nogueira Pereira
Livreiro e Agente Comercial
Rua da Cruz, 161 – Porto

Prezado senhor:

Em resposta ao seu cartão de 2 de janeiro, anexamos à presente um catálogo de nossas publicações e distribuição, infelizmente não muito atual, e para completá-la, anexamos uma lista das últimas publicações. Esperamos também que V.S. nos mande seus catálogos, para verificarmos se é possível uma conta em troca.

Nossas condições são as seguintes: para conta de troca, preço de capa; para outra conta 40% em nossos livros e Horizonte, 20% nos de outras livrarias e 30% nos estrangeiros, pagamento à vista.

Aguardando sua resposta., firmamo-nos
Cordialmente”
Sem mais para o momento, subscrevemo-nos
Atenciosamente

Editorial Vitória Ltda.
Salomão Tabak – Gerente

Ao que tudo indica, o livreiro da cidade do Porto tinha interesse na comercialização dos livros da Vitória em território português, assim como a editora brasileira tinha interesse nos catálogos daquele. Essa carta é um indício de que a relação da Vitória com editoras e distribuidores de outros países pode ter ido além das já conhecidas ligações com o movimento editorial francês e latino-americano (Argentina, Cuba e México), algo que será aprofundado em relação a Portugal posteriormente.

Enfim, serão analisadas agora cartas de temáticas diversas, além das estatísticas referentes à circulação dos livros da Editorial Vitória pelo serviço de reembolso postal e cartas registradas, assim como das cidades, estados e países atingidos pela ação editorial comunista.

2.8. Outros Temas

Algumas cartas não se encaixavam em nenhuma das sessões anteriores; ainda assim, seu conteúdo merece ser apresentado. Por exemplo, era tarefa do gerente da editora enviar exemplares de livros recém-lançados para figuras importantes da política e jornalistas que pudessem divulgá-los em jornais de grande circulação.

Exemplo disso é a carta endereçada ao vereador Armando Leão Ferreira, de São Gonçalo:

Editorial Vitória Ltda.

Rua São José. 93 – 1º and. (Novo endereço: Rua do Carmo, 6, 13º - sala
1306)
End. Electr. TORIAVI
Tel. 42-9248

Rio de Janeiro

Snr. Vereador Armando Leão Ferreira
Câmara Municipal – São Gonçalo
Estado do Rio

Memorandum

Prezado Snr.
Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1949.

Temos o prazer de levar ao seu conhecimento que acabamos de receber do Uruguay a nova edição do livro “El Anti-Duhring”, em ótima tradução, direta do alemão ao castelhano, e muito bem revisada. Como V.S., não ignora, trata-se de um dos livros principais de Engels, e cuja edição portuguesa está completamente esgotada. Assim, caso V.S. deseje receber um exemplar dessa obra, cujo preço é Cr\$ 75,00, estamos prontos atendê-lo.

Cordialmente
Editorial Vitória Ltda.

Salomão Tabak – Gerente

É possível imaginar que para a editora era uma tarefa importante divulgar as suas edições por meio de ações como essa, atingindo figuras importantes da política. Inclusive, esse gesto pode ser entendido como uma tentativa de aproximação política, já que o vereador Armando Leão Ferreira não era membro do PCB: sua proximidade com as fileiras comunistas se dava pelo fato de ele ser um notório nacionalista e anti-imperialista, com importante papel na política de São Gonçalo nas décadas de 1940 e 1950¹²⁵.

A estratégia de divulgação também contava com esse tipo de ação junto a jornalistas de meios impressos de grande circulação no Rio de Janeiro à época, como mostram os exemplos abaixo:

Waldemar Cavalcante
“O Jornal”
Nesta

14 de dezembro de 1948

Ref: “A Vida do Campo na URSS”.

¹²⁵ *O Semanário*, edição 88, p. 8, 1957. Hemeroteca da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ.

Temos o prazer de passar às suas mãos um exemplar do livro acima referido, recentemente editado por nossa firma. Estamos certos que o livro prenderá a sua atenção, e muito gostaríamos que fosse dada uma nota a respeito na seção dirigida por V.S., no suplemento dominical de “O Jornal”.

Gratos pela atenção, firmamo-nos
Cordialmente

Nesse caso, o pedido de divulgação referia-se ao livro *A Vida do Campo da URSS*, de V. Karpinski, lançado pela Editorial Vitória em 1948, como parte da coleção A Verdade Sobre a URSS. Não há qualquer nota sobre esse livro no referido jornal, ainda que inúmeras publicações da editora tenham ganhado destaque em propagandas nele entre 1946 e 1949. Waldemar Cavalcante, além de jornalista, foi tradutor de obras literárias e membro do diretório municipal da UDN (União Democrática Nacional)¹²⁶, o que pode explicar o fato do apelo da editora quanto ao anúncio ter sido ignorado.

Já o jornalista da carta seguinte, Fernando Segismundo, ganhou destaque em *O Jornal* ao lançar pela Vitória em 1949 o livro *História Popular da Revolução Praieira*, após vencer o primeiro lugar de um concurso literário promovido pela editora, além de constar como amigo pessoal de Caio Prado Jr.¹²⁷ Diz a carta:

Fernando Segismundo
DIÁRIO DE NOTÍCIAS
Nesta

Ref: Vida do Campo na URSS

Temos o grato prazer de passar às suas mãos um exemplar do livro acima referido, recentemente editado. Tomamos a liberdade de solicitar seja dada na seção do “Diário de Notícias”, tão bem dirigida por V.S., uma nota a respeito do mesmo. Certos de que o livro, pelo seu valor, prenderá a sua atenção, firmamo-nos

Cordialmente

¹²⁶ *O Jornal*, edição 7712, p. 9, 1945. Hemeroteca da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ.

¹²⁷ *O Jornal*, edição 9077, p. 28, 1949. Hemeroteca da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro/RJ.

Mais uma vez, um pedido para a divulgação daquele mesmo livro, mas agora em outro jornal, o *Diário de Notícias*. A Editorial Vitória marcou as páginas desse jornal com seus anúncios nos anos 1940 e 1950, porém, mais uma vez, esse pedido em específico não foi atendido.

Em meio às cartas para a editora também surgiam pedidos de cunho pessoal, que pouco tinham a ver com a questão comercial ou mesmo política. Exemplo disso é a carta de Pereira Lima, de Dourados, no Mato Grosso:

Dourados, 28 de agosto de 1948.

Edit. Vitória
Rua do Carmo, 6, sala 1306
R. de Janeiro

Prezados senhores:

Tendo a grata satisfação de efetuar a leitura de pequenina, porém muito altruística obra de M. Lobato – “Zé Brasil” e em vista de me achar autor de uma pequenina obra poética – “Na Areia da Inspiração”, venho por intermédio desta pedir licença aos prezados amigos editores para traduzi-la em versos.

Todavia, poderão os amigos, fazer o obséquio de me mandar o aviso, caso possa servir-me com a vossa distinta aceitação editorial, prevenindo-me assim a cujo respeito, se poderão ou não comprar-me a edição.

Sem mais a que me referir, subscrevo-me
Atenciosamente

Pereira Lima
Rua Marcelino Pires s/n
Est, 7 N.O.B.
Via Campo Grande
Mato Grosso

A proposta de escrever uma versão em versos de *Zé Brasil* feita pelo remetente ganhou resposta da editora:

Pereira Lima
Rua Marcelino Pires, S/N, E.F.N.O.B.
Dourados – Via Campo Grande – M. Grosso

Acusamos sua carta de 28 de agosto e julgamos sua ideia muito interessante.

Pedimos que V.S. nos mande uma cópia dos versos, de preferência batido à máquina, para que possamos examinar. Somente depois de vermos os versos poderemos dizer se serve ou não.

Aguardamos portando suas providências e firmamo-nos

Cordialmente

Não é possível saber se o texto em versos foi enviado ou não, mas ao que tudo indica esse possível livro nunca saiu do campo das ideias e do desejo do autor.

Outra carta com um pedido pessoal é do jovem Délcio Pessanha, de Campos, Rio de Janeiro:

Campos, 20 de setembro de 1948

Ilmo Sr. Diretor do Editorial Vitória

Estando encarregado pelo meu professor de Geografia a fazer um trabalho sobre a Rússia, e precisando de fotografias deste país para ilustrá-lo. Apelei à diretoria do nosso querido jornal “A Classe Operária”, e o sr. Henrique Cordeiro além de me presentear uma fotografia de uma parada na Rússia e 2 cartões postais um de Lenin e um de Stalin, aconselhou-me a escrever ao Editorial Vitória, e venho por meio desta pedir a sua ajuda.

Se for possível estas fotografias, desde já fico muito grato. Peço também ao sr. para responder-me o mais cedo possível, porque tenho que entregar esta tarefa no próximo dia 30 deste mês.

Sem mais assunto, subscrevo-me, atenciosamente

Délcio

N.B: Meu endereço é este:

Délcio Rangel Pessanha

Rua Tomás Coelho, nº55

Campos – Estado do Rio

P.S: Anexo envio-lhe a importância em selos de Cr\$ 1,00 para a respectiva resposta.

O autor da carta, estudante, aparentemente entusiasta do jornal *A Classe Operária*, não teve dúvidas quanto a quem recorrer na necessidade de fazer um trabalho sobre a Rússia. Dessa forma, teve contato com Henrique Cordeiro, diretor do jornal à época e ex-diretor da Vitória, que lhe indicou a editora para solucionar a urgência do seu problema.

Infelizmente não há registro de resposta por parte do gerente da editora. Ainda assim, é interessante notar que havia uma noção de que a referência, quando se tratava da Rússia soviética, eram as iniciativas editoriais do PCB.

A carta seguinte, de autoria de Matheus de São Filho de Orizona, Goiás, traz uma observação interessante junto ao seu pedido:

Orizona, 2-9-48

À Editorial Vitória
Rio de Janeiro

Prezados senhores:

Solicito a V.S. a fineza de me remeterem vinte (20) exemplares da obra “Zé Brasil”, da autoria de Monteiro Lobato, a Cr\$ 7,00 cada, conforme está anunciado na revista “Problemas”.

Ficar-lhes ia muito grato se me remetessem também um catálogo de livros dessa casa, principalmente de obras didáticas para crianças.

Estou instruindo os meus filhos e quero evitar os livros retrógrados como os da coleção F.T.D., e adquirir obras modernas que influenciem beneficentemente na formação moral e intelectual das crianças.

Certo de sua atenção e antecipando-lhes meus agradecimentos, subscrevo-me mui atenciosamente.

Mateus Siqueira de Sá Filho
Endereço: Orizona – Estado de Goiás

[...], 13/09/48

É interessante notar o interesse nos livros da Editorial Vitória para além da formação política militante, mas também para a “formação moral e intelectual das crianças”, como diz o autor. E de fato a editora tem pelo menos um livro que aparece nos anúncios com a indicação “para seus filhos”, trata-se de *Como o Homem se Fez Gigante*, de M. Ilim e E. Segal, editado em 1944, livro sobre a história da Humanidade e a evolução da espécie.

Por fim, a última carta, escrita por Daniel Tibúrcio Silva, de Campos do Jordão:

Campos do Jordão, 19 de outubro de 1948.

Ilmo Sr. Gerente desta

Desejo a V.S. que goze saúde e que seja sempre feliz. Eu, é como já disse, vou indo regularmente em meu tratamento.

Senhor, faço esta no sentido de vos agradecer pelos livros que v.s. me manda. Me sinto contente pelos livros e agradeço de toda força do meu coração, trazendo guardado comigo até a morte os livros e vocês desta editora.

Sem mais, de coração torno a vos agradecer e atenciosamente subscrevo

Daniel Tibúrcio Silva

Editorial Vitória Ltda.

Rua São José, nº 93 – 1º andar (Carimbo indicando novo endereço: Rua do Carmo, 6 – 13º - Sala 6)

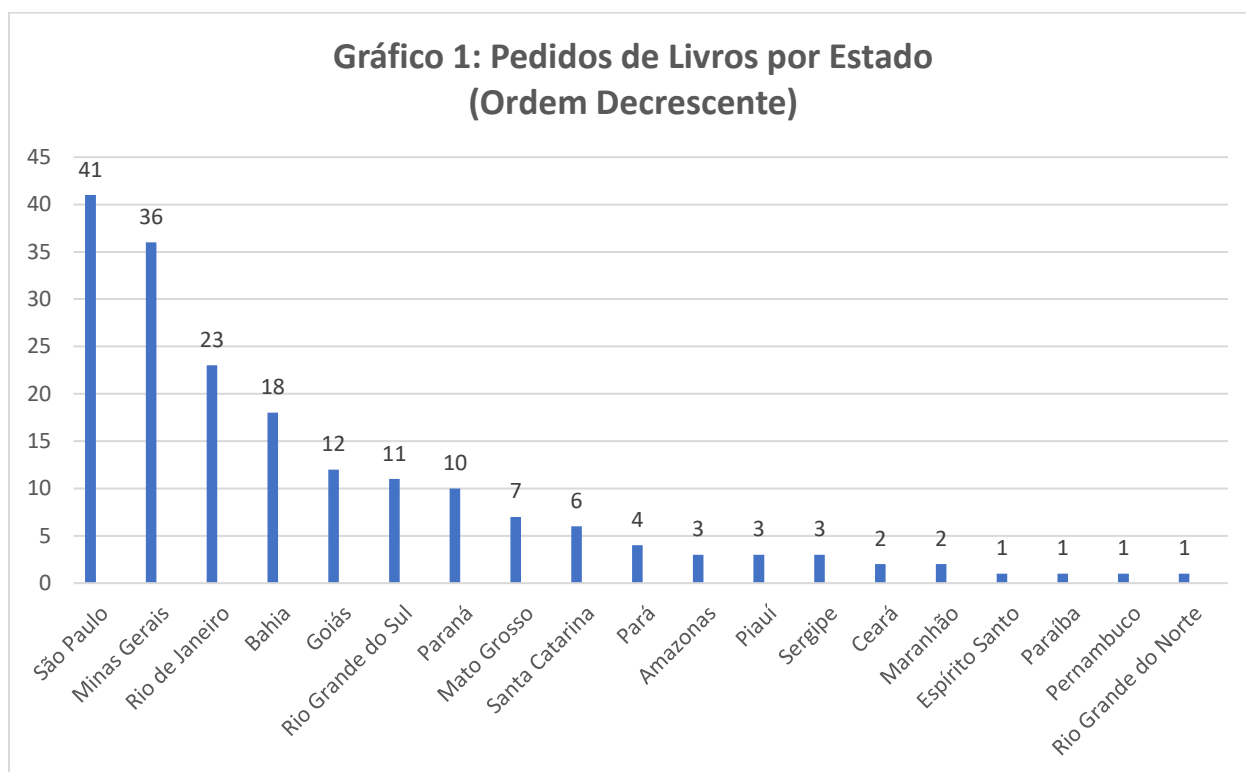
Tel. 42-9248

Rio de Janeiro

Cartas como essa só reforçam ainda mais o caráter peculiar de uma editora como a Vitória, parte de um projeto muito maior, que envolve não apenas um programa político e determinada ideologia, mas também uma série de valores, ideais, símbolos e afetos compartilhados, enfim, a “camaradagem” comunista, que nesse caso se expressa por meio dos livros.

Quanto ao caráter quantitativo das edições da Editorial Vitória nesse período, seguem os gráficos no tópico seguinte.

2.9. A Circulação dos Livros



O reembolso postal e os livros enviados por carta registrada alcançaram dezenove estados, dos 21, mais o Distrito Federal, existentes na década de 1940. Nos pedidos analisados só não aparecem em momento algum os estados de Alagoas e do Acre. Quanto aos demais, destacaram-se seis estados, com dez ou mais pedidos: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Goiás e Paraná. Todos esses têm uma presença grande de encomendas de cidades do interior, para além das capitais, o que fica bastante evidente no Quadro 1.

Interessante frisar que todos estes Estados, com exceção da Bahia, se interligavam por meio das estradas de ferro. Era comum nas cartas que o remetente, junto da assinatura, assinalasse qual ferrovia passava pela cidade, destacando-se a E.F.S. (Estrada de Ferro Sorocabana), a E.F.C.B. (Estrada de Ferro Central do Brasil), a N.O.B. (Estrada de Ferro Noroeste do Brasil) e a E.F.G. (Estrada de Ferro Goiás). A possibilidade de chegada dos

livros por esses caminhos pode ser um dos fatores que explica a grande quantidade de pedidos vindos do interior desses estados.

Já no caso das cidades do Norte e Nordeste, muitas vezes o envio dependia da via aérea, que naquele momento era feito principalmente pela Vasp (Viação Aérea São Paulo) e pela Varig (Viação Aérea Rio-Grandense). Cabe observar também que São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais nesse período já são polos do principal eixo econômico do país, logo, apresentando um operariado mais numeroso e organizado, o que refletia na estrutura do partido. Quanto ao PCB em específico, vale lembrar que ele mantém importante organização também na Bahia¹²⁸, o que pode explicar o destaque desse estado na região Nordeste. Abaixo, a lista completa de cidades:

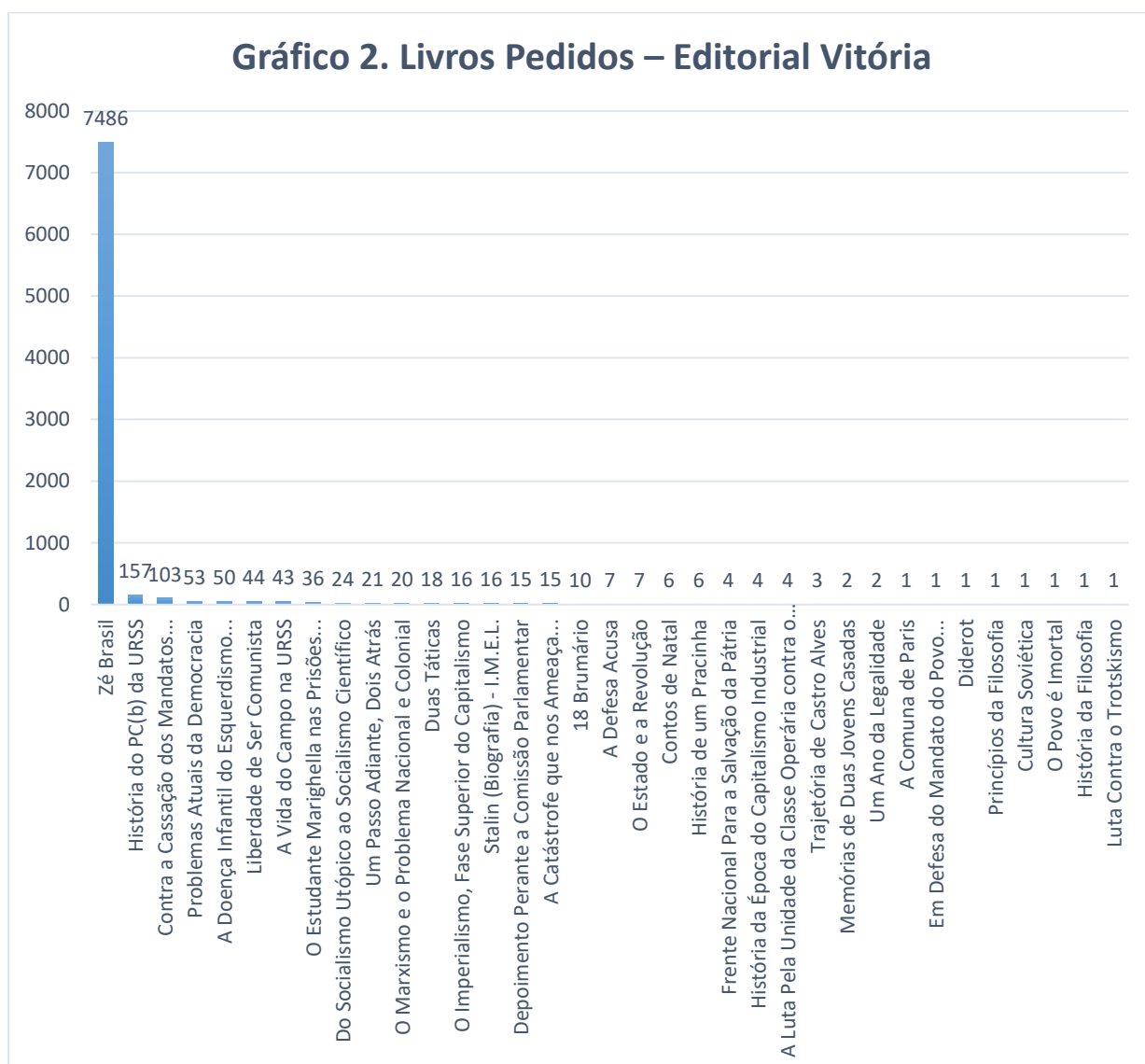
Quadro 1. Cidades Atendidas pelo Reembolso Postal	
Amazonas (AM)	Paranaguá
	Piraquara
Benjamin Constant	Ponta Grossa
Manaus	Porecatu
Itacoatiara	Santa Mariana
Bahia (BA)	Pernambuco (PE)
Alagoinhas	Recife
Canavieiras	
Feira de Santana	Piauí (PI)
Itabuna	
Itambé	Floriano
Ilhéus	Parnaíba
Juazeiro	Teresina
Jequié	
Lustosa	Rio de Janeiro (RJ)
Macaúbas	
Miguel Calmon	Angra dos Reis
Morro do Chapéu	Barra do Piraí
Nazaré da Mata	Bom Jesus de Itabapoana
Petrolina	Cabo Frio
Remanso	Campos
Salvador	Friburgo
Santo Amaro	Itaperuna
São Raimundo Nonato	Macaé
	Meio da Serra
Ceará (CE)	Nova Iguaçu
	Niterói

¹²⁸ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB, op. cit.*, p. 46.

Crateús	Pau Grande
Fortaleza	Petrópolis
	Piraf
Espírito Santo (ES)	Porciúncula
	São João da Barra
Baixo Guandu	Teresópolis
	Três Rios
Goiás (GO)	Ramos
	Rio Bonito
Anápolis	Rio de Janeiro
Aragarças	Valença
Ananguera	Volta Redonda
Jaraguá	
Jataí	Rio Grande do Norte (RN)
Goiânia	
Goiandira	Natal
Niquelândia	
Orizona	Rio Grande do Sul (RS)
Porto Nacional	
Rio Verde	Alegrete
Três Ranchos	Bagé
	Divinópolis
Maranhão (MA)	Dom Pedrito
	Gravataí
Bacabal	Passo Fundo
São Luís	Porto Alegre
	Rio Grande
Mato Grosso (MT)	Santa Maria
	Santa Vitória do Palmar
Aquidauana	São Gerônimo
Bela Vista	
Campo Grande	Santa Catarina (SC)
Corumbá	
Dourados	Criciúma
Porto Murtinho	Florianópolis
Poxoréu	Itajaí
	Joinville
Minas Gerais (MG)	Porto União
	São Francisco do Sul
Aimorés	
Araguari	São Paulo (SP)
Bandeirantes	
Barbacena	Amparo
Belo Horizonte	Araçatuba
Bom Sucesso	Araraquara
Camanducaia	Assis
Cambuí	Avaré
Campo Florido	Barretos
Cataguazes	Bauru
Caxambu	Campos do Jordão
Diamantina	Cruzeiro
Governador Valadares	Cubatão
Itajubá	Itapetininga
Juiz de Fora	Itatiba
Machado	Jaboticabal
Monte Carmelo	Jacareí
Montes Claros	Jales
Muzambinho	João Ramalho

Nova Lima	Jundiaí
Pirapora	Limeira
Poconé	Lucélia
Poços de Caldas	Marília
Ponte Nova	Mogi das Cruzes
Santa Rita do Sapucaí	Olímpia
Santos Dumont	Ourinhos
São João del-Rei	Pereira Barreto
São João Nepomuceno	Presidente Bernardes
São Lourenço	Pindamonhangaba
Sete Lagoas	Piracicaba
Simonésia	Pirapozinho
Teófilo Otoni	Pirassununga
Três Corações	Rio Claro
Uberaba	Santa Cruz do Rio Pardo
Uberlândia	Santos
Varginha	Salto Grande
	Santo Anastácio
Pará (PA)	São João da Boa Vista
	São José dos Campos
Belém	São Paulo
Marabá	Sorocaba
Itaituba	Serra Negra
Tucuruí	Taubaté
	Tupã
Paraíba (PB)	
	Sergipe (SE)
João Pessoa	
	Aracaju
Paraná (PR)	Camboatá
	Estância
Cinzas	
Cornélio Procópio	
Curitiba	
Londrina	
Morretes	

Quanto aos títulos encomendados, esse é o quadro referente à Editorial Vitória:



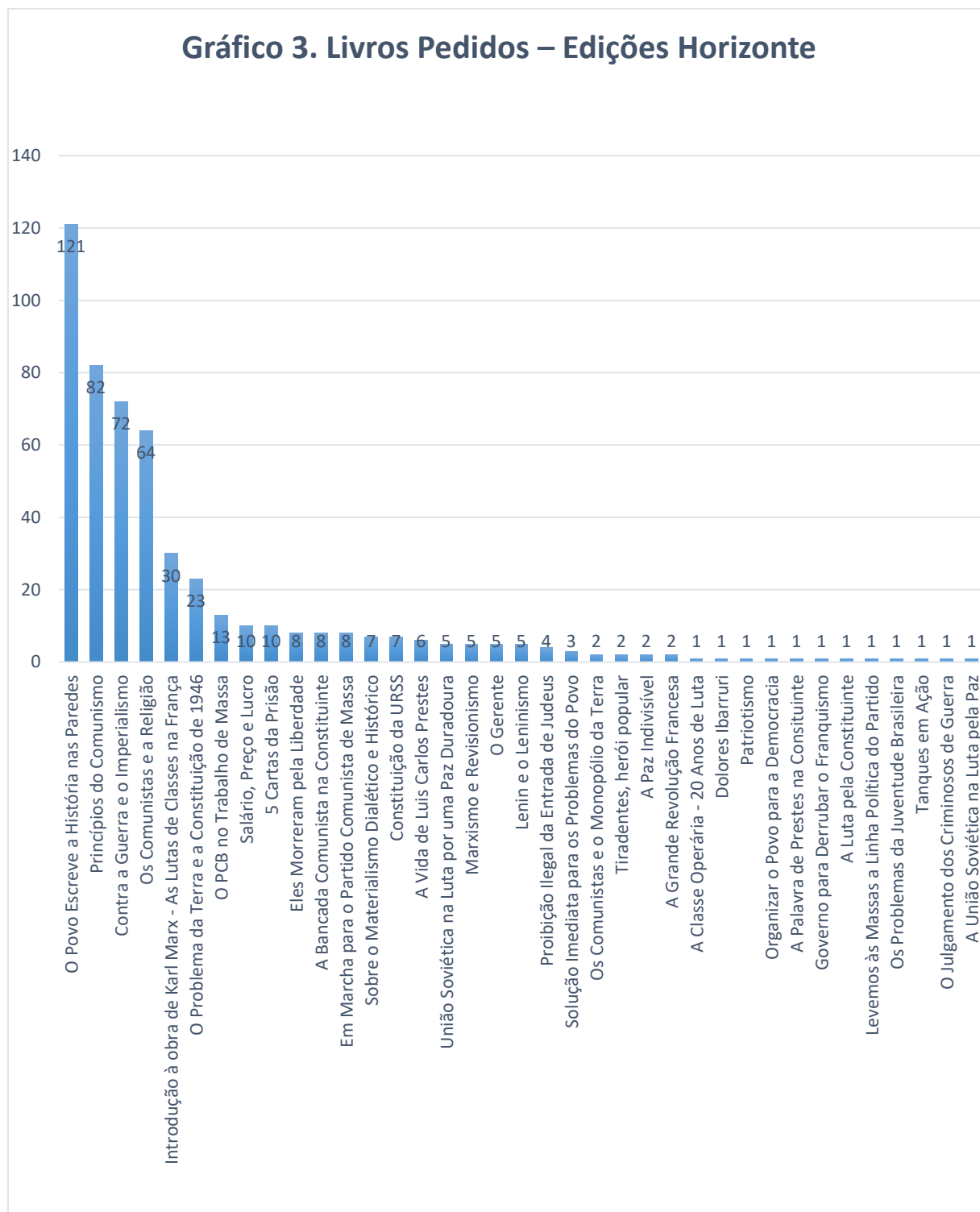
Dos 35 títulos presentes nesse gráfico, fica bastante evidente qual deles é o grande destaque: *Zé Brasil* tem quase oito mil unidades vendidas apenas pelo reembolso postal nesse período¹²⁹, atingindo cinco edições entre 1948 e 1950. Os outros livros não chegam nem perto disso, ainda que dois ultrapassem a marca de cem unidades encomendadas: *História do PC (Bolchevique) da URSS*, obra de autoria de diversos intelectuais do PCUS, e

¹²⁹ Vale ressaltar que, na documentação analisada, nem sempre os pedidos traziam o número de unidades encomendadas de determinado livro, logo, os números apresentados aqui são relativos, aproximados, e não totais.

Contra a Cassação dos Mandatos e pela Defesa da Economia Nacional, de Luiz Carlos Prestes e João Amazonas, libelo em defesa dos parlamentares comunistas.

No geral, predominam os livros de clássicos do marxismo-leninismo, principalmente as obras de Lenin, e das lideranças do PCB, com destaque para Luiz Carlos Prestes.

Aparecem também em grande quantidade pedidos dos livros da Edições Horizonte, fundada em 1943 e fundida com a Vitória em 1945:



No caso da Horizonte, o predomínio de suas edições é de folhetos e informes, das lideranças partidárias e de destacados militantes, permeadas por livros clássicos da literatura marxista. O livro dessa editora mais pedido foi *O Povo Escreve a História nas Paredes*, folheto de poesias de Mário Lago. Em seguida, aparece o livro *Princípios do Comunismo*, de Friedrich Engels, e dois folhetos da autoria de Prestes: *Contra a Guerra e o Imperialismo* e *Os Comunistas e a Religião*.

Constam ainda com mais de dez unidades encomendadas: *Introdução à Obra de Karl Marx: As Lutas de Classes na França*, de Engels, *O Problema da Terra e a Constituição de 1946*, de Prestes, *O PCB no Trabalho de Massa*, de Pedro Pomar, *Salário, Preço e Lucro*, de Marx, e *5 Cartas da Prisão*, também de Prestes.

Aqui, o destaque são os folhetos que reproduziam discursos de Prestes. Dos 37 títulos, catorze são do secretário-geral do partido, além de outras lideranças como Pedro Pomar, Maurício Grabois e Apolônio de Carvalho, que somam outras quatro obras.

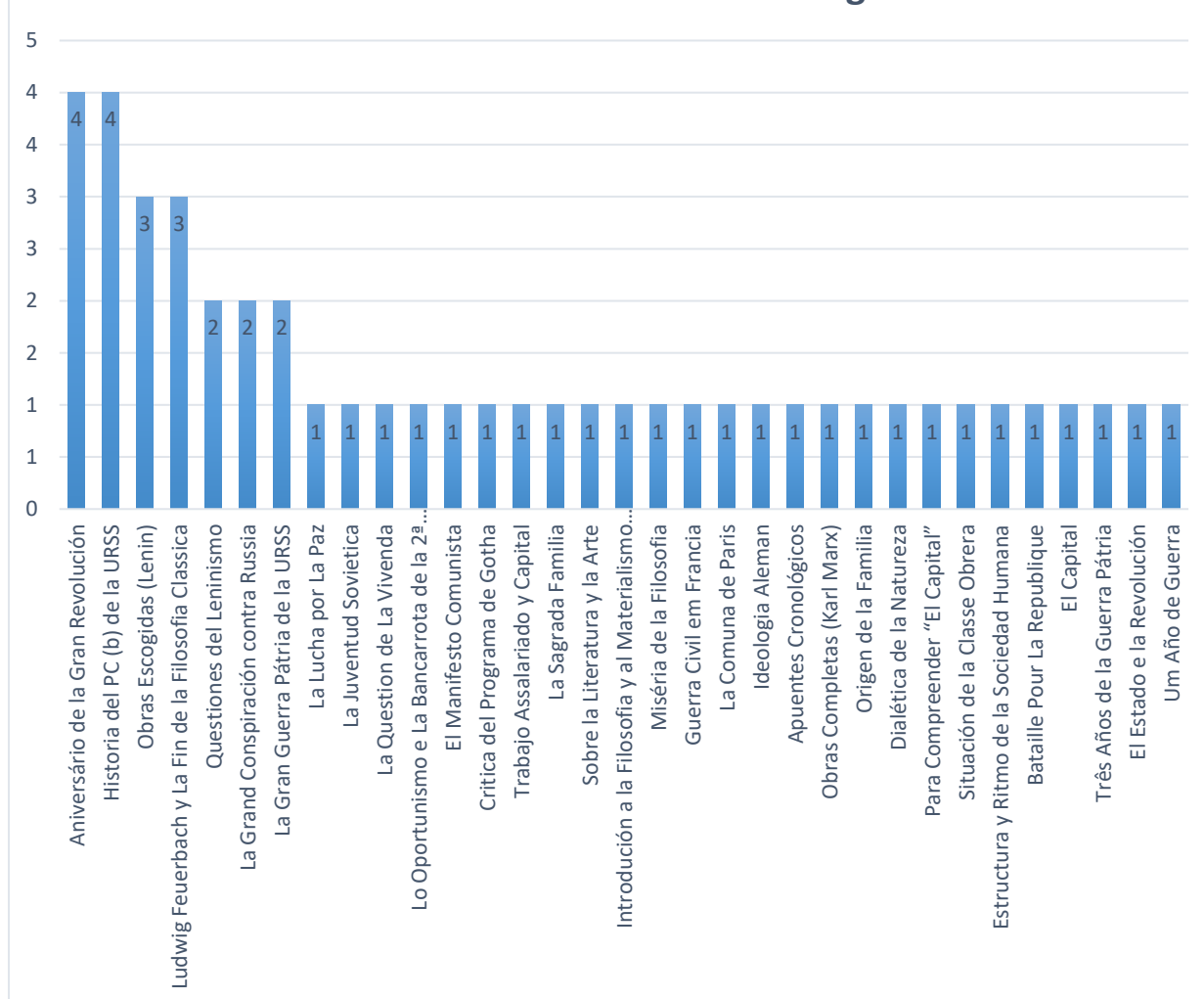


Outra editora ligada ao PCB, a Editorial Calvino, também teve presença relevante nas cartas analisadas. Da Calvino aparecem doze títulos, com destaque para o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, *Sobre os Fundamentos do Leninismo*, de Stalin, *O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia*, de Hewlett Johnson, Deão de Canterbury, *A Rússia na Paz e na Guerra*, de Anna Louise Strong, *O Abecedário da Nova Rússia*, de Ilin, e *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, de John Reed.

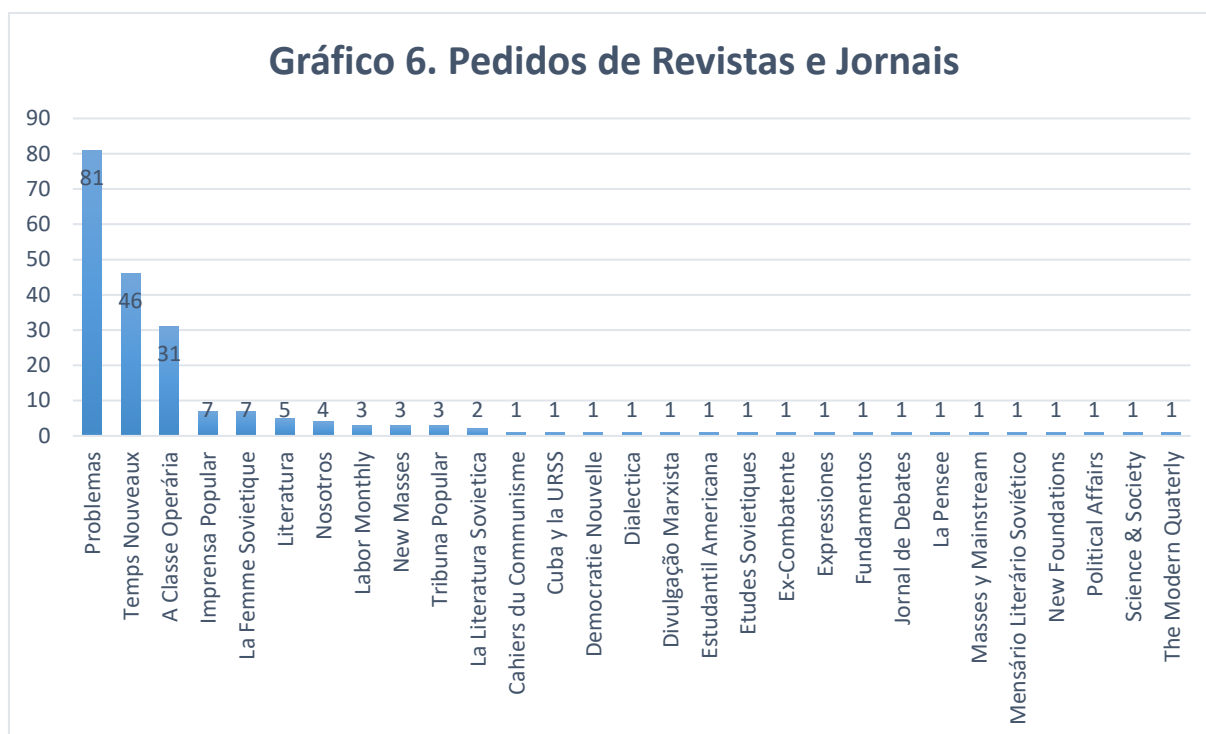
Nesse caso, se destacam livros clássicos de Marx, Stalin e Reed, além das edições sobre a realidade soviética, o contexto da Segunda Guerra Mundial e em relação à questão religiosa no país, como os livros do Deão de Canterbury, que estiveram entre as mais bem-sucedidas edições da Editorial Calvino no período¹³⁰.

¹³⁰ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros*, op. cit., p. 28.

Gráfico 5. Livros Pedidos – Estrangeiros



Os livros estrangeiros também marcaram presença nos pedidos analisados. Destacaram-se nesse caso obras dos clássicos do marxismo-leninismo, com importante presença dos folhetos e livros de Stalin, como *Aniversario de la Gran Revolución* e *Questiones del Leninismo*. Importante frisar que, se tratando de obras em espanhol, a Vitória mantinha contato com quatro editoras: Editorial Páginas, de Cuba, Editorial Lautaro e Editorial Problemas, da Argentina, e Ediciones Fuente Cultural, do México, essa última responsável pelas edições, por exemplo, de *Estructura y Ritmo de la Sociedad Humana*, de Luis Segal, e *Obras Escogidas*, de Lenin.



Por fim, vale citar os jornais e as revistas presentes nos pedidos para a Editorial Vitória. O grande destaque é a revista *Problemas*, editada pelo PCB no período, seguida de *Temps Nouveaux*, revista distribuída pelo C.D.L.P. (Centre de Diffusion des Livres et de la Presse) do PCF. Os pedidos são formados por revistas brasileiras, francesas, argentinas, cubanas e estadunidenses. Quanto aos jornais, *A Classe Operária* e *Imprensa Popular*, ambos do PCB, são os mais pedidos.

Enfim, de 1944 até 1949 a Editorial Vitória teve o seu momento de consolidação como a principal editora do PCB, convergindo para si essa tarefa após a assimilação da Edições Horizonte e a herança do estoque da Editorial Calvino. É possível visualizar o esforço do partido em organizar a distribuição de livros em âmbito nacional, com suas distribuidoras e na relação com livreiros e distribuidores individuais, ainda que uma série de dificuldades tenham sido enfrentadas.

É possível citar a própria dificuldade de organização da logística dessa distribuição, além, é claro, da repressão policial. Ainda assim, os livros marxistas

encontraram seus caminhos, no caso, o serviço de reembolso postal desempenhou importante papel na interiorização dos livros comunistas Brasil afora, permitindo a presença dessas edições em quase todos os estados do país.

3. A Circulação dos Livros em Portugal

Não foi apenas no Brasil que os livros da Editorial Vitória circularam. Como já vimos anteriormente, existia o interesse de livreiros portugueses no catálogo da editora. Esse desejo não era um “raio em céu azul” em se tratando da relação editorial entre Brasil e Portugal. Segundo o historiador Nuno Medeiros, a língua portuguesa é um fator fundamental na estruturação de espaços de circulação de pessoas e livros, principalmente no caso desses dois países¹³¹.

Na primeira década do século XX já existiram experiências de internacionalização de editoras brasileiras por meio da compra de editoras portuguesas ou pela participação em seu capital, como foi o caso dos investimentos de Francisco Alves. Esse fato ocorre de forma concomitante ao surgimento de uma literatura brasileira assumida como nacional, que leva ao crescimento do campo editorial brasileiro e o faz chegar nos anos 1930 em um nível inédito de competitividade no plano da produção do livro em língua portuguesa¹³².

As transformações da estrutura editorial e livreira no Brasil entre as décadas de 1930 e 1960 levaram a uma mudança significativa na relação com Portugal, qual seja, uma inversão nos processos de influência tipográfica entre os dois países, com esse se transformando de exportador líquido para importador líquido daquele, nas transações que se referem aos livros. Nessa inversão estariam presentes tanto a alteração da posição dos

¹³¹ MEDEIROS, Nuno. *O Livro no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Edições Outro Modo, 2018, p. 187.

¹³² *Idem*, p. 200.

dois países no quadro do comércio editorial do livro lusófono em escala internacional quanto as posições simbólicas no contexto da influência cultural e literária entre eles¹³³.

Essa mudança conhece um importante momento de inflexão nos anos 1940, quando o governo brasileiro, em 3 de dezembro de 1948, promulga o decreto número 25.442¹³⁴, que pretendia impedir a importação de obras de autores estrangeiros, traduzidos ou editados em Portugal. Esse decreto é reflexo do surto de desenvolvimento do mercado editorial brasileiro nessa década nos mais diversos planos: produção, mediação cultural, dimensão institucional e de representação coletiva dos editores¹³⁵.

Dessa forma, os editores portugueses se viram sem o seu maior mercado consumidor da noite para o dia, não conseguindo compensar essas perdas com as vendas para as colônias asiáticas e africanas, que apresentavam, em comparação ao Brasil, um contingente populacional alfabetizado muito menor¹³⁶.

Segundo Nuno Medeiros, longe de ser um ato extemporâneo, a proibição de 1948 deve ser compreendida como a materialização de uma série de mecanismos de contrainfluência editorial brasileira, cujo sentido mais amplo se observa nas mudanças social, econômica, política e cultural que ocorriam no país. No final dessa década está configurado o ambiente que leva à inversão do sistema-livro brasileiro em relação a Portugal, traduzida no papel ativo de uma série de agentes e instituições (poderes públicos, de classe e econômicos) fundamentais para a expansão do setor livreiro no Brasil¹³⁷.

Essa inversão só será mitigada na década de 1950, com o aumento da exportação de livros de editores portugueses para o Brasil, consequência da abolição da legislação que impedia a importação de traduções feitas em Portugal e da crise econômica que

¹³³ *Idem*, pp. 187-188.

¹³⁴ O decreto será alterado posteriormente pelas leis 842, de 4 de outubro de 1949, e 2145, de 19 de dezembro de 1953 (*idem*, p. 196).

¹³⁵ *Idem*, p. 201.

¹³⁶ *Idem*, p. 197.

¹³⁷ *Idem*, p. 201.

assolava o Brasil e dificultava a produção local de livros. A partir desse momento, com a estrutura editorial brasileira sendo reconhecida como legítima pelos editores portugueses, existirá uma busca por entendimentos coletivos, de propostas de parcerias de caráter institucional para a distribuição de livros em cada um dos países, baseadas na ideia de parceria e colaboração¹³⁸.

Na década de 1960 esse movimento fica evidente na tentativa de internacionalização de algumas editoras portuguesas, tendo como alvo o mercado brasileiro. Nesse momento esse mercado passava por uma nova fase de transformação que levava a um reforço mútuo entre o público leitor e editores, que, na necessidade de acompanhar esse público, precisavam se aperfeiçoar constantemente¹³⁹.

Concluindo, Nuno Medeiros afirma que é notável a ação de determinados tipos de agentes, com destaque para o papel de editores e livreiros, que procuraram concretizar o estabelecimento de vínculos colaborativos por meio da edição e venda de autores e temas brasileiros em Portugal e vice-versa¹⁴⁰. Esses agentes, de ambas as margens do Atlântico, foram responsáveis pela aproximação cultural e editorial entre dois universos editoriais com uma complexa história de dominação e contradominação entre si.

Dessa forma, a figura do editor surge como mediador cultural e construtor de circuitos internacionais de circulação do livro e procedimentos editoriais, como os que ligaram os sistemas-livro de Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Formou-se assim um espaço transoceânico do livro em língua portuguesa, pautado por uma complexa relação entre práticas de domínio e emancipação, assimetrias e distâncias. Essas dificuldades foram mitigadas pela participação ativa de personagens individuais, protagonistas nos processos pós-imperiais de aproximação entre ambos os lados¹⁴¹.

¹³⁸ *Idem*, p. 206.

¹³⁹ *Idem*, p. 208.

¹⁴⁰ *Idem*, p. 188.

¹⁴¹ *Idem*, pp. 233-234.

Mas como a literatura marxista se encaixa nesse espaço de trocas editoriais entre Brasil e Portugal? Edgard Carone, em seu ensaio *Literatura e Público*, fala da existência dos “pacoteiros”, distribuidores de livros ligados ao partido que faziam a distribuição no Brasil e no estrangeiro, além de simpatizantes que compravam diretamente obras com o secretário-geral Astrojildo Pereira, entre eles três sindicatos em Portugal, dois em Lisboa e um no Porto. A função de pacoteiros e simpatizantes era colocar os militantes a par da literatura marxista-leninista e, ao mesmo tempo, fazer dele um semeador deste conhecimento¹⁴².

Quanto à Editorial Vitória, ao menos quarenta e três títulos circularam em Portugal, além das revistas *Fundamentos e Leitura*, também ligadas ao PCB. Essas obras constam em uma série de circulares da PIDE sobre livros que estavam proibidos de circular no país, sendo que alguns foram localizados na Biblioteca Nacional de Lisboa, para onde foram enviadas as edições que ficavam sob a guarda da polícia política durante o seu período de existência. O quadro abaixo traz essas obras:

Quadro 2. Livros da Editorial Vitória que circularam em Portugal (por ano de lançamento)

Autor	Título	Coleção	Ano de lançamento	Ano de proibição	Ano de liberação
EHRENBURG, Ilya	<i>Treze Cachimbos</i>	Escritores Contemporâneos	1944	Não consta	
GORKI, Máximo	<i>O Espião</i>		1944	Não consta	1956
GORKI, Máximo	<i>A Mãe</i>		1944	1951	1955
SHCHEGLOV, A.V. (dir.)	<i>Compêndio de História da Filosofia</i>		1945	1968	
LUPPOL, Ivan Kapitonovich	<i>Diderot</i>		1946	1947	
LYSSENKO, Trofim Denisovich	<i>A Herança e sua Variabilidade</i>		1949	1958	
AMADO, Jorge	<i>O Mundo da Paz</i>		1951	1966	
POLEVOI, Boris	<i>Um Homem de Verdade</i>	Romances do Povo, vol. 1	1953	1954	

¹⁴² CARONE, Edgard. “Literatura e Público”, *op. cit.*, pp. 43-45.

CASTRO, Ferreira de	<i>A Lã e a Neve</i>	Romances do Povo, vol. 3	1954	Não consta	
FURMANOV, Dmitri	<i>Tchapáiev</i>	Romances do Povo, vol. 6	1954	1955	
NIKOLAIEVA, Galina	<i>A Colheita</i>	Romances do Povo, vol. 7	1954	1955	
OSTROVSKY, Nicolai	<i>Assim Foi Temperado o Aço</i>	Romances do Povo, vol. 2	1954	1955	
ROUMAIN, Jacques	<i>Donos do Orvalho</i>	Romances do Povo, vol. 5	1954		1955
SIOMUCHKIN, Tikhon	<i>O Grande Norte</i>	Romances do Povo, vol. 4	1954	1954	
ACADEMIA de Ciências da URSS/Instituto de Filosofia	<i>Materialismo Dialético (Manual)</i>	Biblioteca da Nova Cultura	1955	1956	
BEK, Alexandr	<i>A Estrada de Volokolamsk</i>	Romances do Povo, vol. 13	1955	1956	
FAST, Howard	<i>A Tragédia de Sacco e Vanzetti</i>	Romances do Povo, vol. 14	1955	1956	
FAST, Howard	<i>Espártaco</i>	Romances do Povo, vol. 10	1955	1955	1961
FÉDIN, Konstantin	<i>Primeiras Alegrias</i>	Romances do Povo, vol. 15	1955	1956	1971
PAIM, Alina	<i>A Hora Próxima</i>	Romances do Povo, vol. 11	1955	1955	
PAVLENKO, Piotr	<i>A Felicidade</i>	Romances do Povo, vol. 12	1955	1956	
ANAND, Mulk Raj	<i>Coolie</i>	Romances do Povo, vol. 18	1956		1957
CHOLOKHOV, Mikhail	<i>Terra e Sangue</i>	Romances do Povo, vol. 20	1956	1962	
SEGHERS, Anna	<i>Os Mortos Permanecem Jovens</i>	Romances do Povo, vol. 19	1956	1957	
SERAFIMOVITCH, Alexandr	<i>A Torrente de Ferro</i>	Romances do Povo, vol. 16	1956	1956	
TING, Ling	<i>Sol Sobre o Rio Sangkan</i>	Romances do Povo, vol. 17	1956	1956	
IRMÃOS Freitas de Azevedo	<i>Cartas de Dois Mundos</i>		1959	1962	
VLADIMIROV, L.	<i>A Diplomacia do Dólar</i>		1960	1960	
Sem indicação	<i>Mikoíán em Cuba</i>		1960	1963	
ACADEMIA de Ciências da URSS	<i>Manual de Economia Política</i>		1961	1962	
JVOSTOV, V.M. e ZUBOK, L.I.	<i>História Contemporânea</i>		1961	1962	
LENIN, V.I.	<i>A Aliança Operário-Camponesa</i>		1961	1961	
LENIN, V.I.	<i>O Trabalho do Partido entre as Massas</i>		1961	1961	
MARX, Karl e ENGELS, Friederich	<i>Obras Escolhidas. Vol. 2.</i>		1961	1962	
MATOS, Almir	<i>Cuba: A Revolução na América</i>		1961	1964	
REVUNENKOV, Vladimir Georgievich	<i>História dos Tempos Atuais (1917-1957)</i>		1961	1961	

ENGELS, Friedrich	<i>Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico</i>		1962	1963	
KRUSHIOV, Nikita	<i>Missão de Paz</i>		1963	1963	
MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Obras Escolhidas (3 volumes)</i>		1963	1963	

Ainda que a repressão aos livros da editora tenha começado nos anos 1940, fica bastante evidente que o cerco se fecha de fato nos anos 1950 e 1960. Na grande maioria dos casos, a censura às obras ocorre de forma imediata ou pouco tempo depois do seu lançamento. São poucos os casos em que a obra aparecerá censurada muito tempo depois de ser lançada, como ocorreu com *O Espião* e *A Mãe*, de Máximo Gorki, *Compêndio de História da Filosofia*, de Shcheglov, *A Herança e sua Variabilidade*, de Lyssenko, e *O Mundo da Paz*, de Jorge Amado.

Vale ressaltar que as duas obras de Gorki, *Donos do Orvalho*, de Jacques Roumain, *Espártaco*, de Howard Fast, *Primeiras Alegrias*, de Konstantin Fédin, e *Coolie*, de Mulk Raj Anand, foram posteriormente autorizadas. Os últimos sequer foram proibidos, o que nos leva a pensar que os critérios para a proibição de romances acabavam sendo muito mais flexíveis do que para obras de conteúdo explicitamente político. Ainda nessa linha, é digno de destaque o fato de todos os volumes da coleção Romances do Povo terem circulado em Portugal, o que só corrobora o quanto essa coleção foi o grande carro chefe da editora nos anos 1950.

Inclusive, os romances *Assim Foi Temperado o Aço*, de Nikolai Ostrovsky, e *A Tragédia de Sacco e Vanzetti* (Denominado *A Paixão de Sacco e Vanzetti* em Portugal), de Howard Fast, foram reeditados nos anos 1970, respectivamente, pela Edições A Opinião, da cidade do Porto, e pela Editorial Caminho, de Lisboa¹⁴³. Essa edição do livro

¹⁴³ MAUÉS, Flamarion. *Livros Que Tomam Partido*, op. cit., p. 131.

de Ostrovsky trazia uma “Nota prévia” que apresentava a importância dos livros na resistência à ditadura e afirmava que os livros da Editorial Vitória entravam clandestinamente em Portugal:

Assim Foi Temperado o Aço de Nikolai Ostrovski, é uma obra estreitamente ligada a uma fase importante da luta do nosso povo contra o fascismo. Integrada na coleção brasileira “Romances do Povo” (da Editorial Vitória, ligada ao Partido Comunista Brasileiro), conseguiu atravessar muitas vezes a fronteira, entrando clandestinamente em Portugal como o mais preciso contrabando. Clandestinamente, andou de mão em mão, cumprindo a tarefa revolucionária de contribuir junto de muitos combatentes antifascistas para o melhor conhecimento da grandeza da luta travada pelo povo soviético para fazer triunfar a Revolução. [...] era um daqueles livros que os agentes da PIDE-DGS não poupavam quando, ao vasculharem as casas dos prisioneiros, o encontravam [...]. É, pois, um livro ligado à resistência do nosso país¹⁴⁴.

Apesar da repressão da ditadura de Salazar, Portugal teve algumas editoras ligadas ao PCP (Partido Comunista Português) ativas no mesmo período da Vitória. São elas: Editorial Estampa¹⁴⁵, Editora Seara Nova¹⁴⁶, Prelo Editora¹⁴⁷ e Livros Horizonte¹⁴⁸. Essa última importava e distribuía livros brasileiros, representando as editoras Fundação Getúlio Vargas, Casa dos Estudantes do Brasil e Fundo de Cultura¹⁴⁹. A Edições Avante!, editora oficial do PCP, será fundada apenas em 1974, após o fim do regime salazarista¹⁵⁰.

Ainda assim, nas discussões partidárias, os livros estavam presentes. Em 1959, em uma proposta “para elevação do nível político e ideológico dos militantes” ao Comitê Central do PCP do qual fazia parte, Guilherme Carvalho da Costa indica a edição de textos de Mao Tsé-Tung, do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, de documentos históricos do partido e de orientações sobre a unidade da classe operária¹⁵¹.

¹⁴⁴ *Idem*, p. 127.

¹⁴⁵ *Idem*, p. 105.

¹⁴⁶ *Idem*, p. 109.

¹⁴⁷ *Idem*, p. 119.

¹⁴⁸ *Idem*, p. 134.

¹⁴⁹ *Idem*, pp. 134-135.

¹⁵⁰ *Idem*, p. 99.

¹⁵¹ MADEIRA, João. *História do PCP: Das Origens ao 25 de Abril (1921-1974)*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2013, p. 293.

Segundo o editor português Zeferino Coelho, os livros guardavam uma peculiaridade no período ditatorial, já que não precisavam passar pela censura prévia, diferentemente dos jornais. Apesar dos cuidados necessários, os editores colocavam as obras em circulação apostando na sorte: os livros poderiam ser apreendidos, mas existia a possibilidade de passarem despercebidos pela polícia¹⁵². Dessa forma, duas opções se colocam no caso dos livros da Editorial Vitória: eles poderiam ser importados e redistribuídos por alguma dessas editoras ou livreiros alinhados com o PCP pelo país ou entravam clandestinamente, por meio da ação de militantes.

Quanto aos critérios que os censores utilizavam na hora de vetar a circulação de uma obra, é possível acessar alguns deles por meio das circulares de proibição, que iam dos argumentos mais objetivos aos mais subjetivos, dependendo do censor. Por exemplo, para solicitar a proibição da obra *Compêndio de Filosofia Marxista*, de Afanassiev, o policial diz o seguinte:

Tradução de uma obra russa, emanada dos organismos oficiais de propaganda, que pela sua própria apresentação se mostra como um manual de propaganda comunista. É portado de proibir.

O leitor: Joaquim Palhares

No caso de apreciações mais subjetivas, chama atenção o relatório sobre a obra *Cartas de Dois Mundos*, dos irmãos Freitas Azevedo. Analisa o censor:

Quatro irmãos brasileiros, três rapazes e uma rapariga, foram de longada até a Rússia, a assistir ao “Festival Mundial da Juventude pela Paz e Amizade”.

Do que viram e como viram, dão conta nesse livro, que é uma espécie de breviário comunistóide, desentrenhando-se, de ponta a ponta, elogios ao sistema e às realizações comunistas, à felicidade e alto nível da vida na Rússia e a intelectualidade soviética.

De volta da Rússia, passaram pela Suécia, Alemanha, França, Holanda, Itália, Inglaterra, Espanha e Portugal – nações todas que menosprezavam e de que dizem o pior possível. As suas apreciações do nosso país são sintomáticas e características (págs. 203 a 205 e 207).

¹⁵² *Idem*, p. 133.

São, em resumo, cerca de duzentas páginas de propaganda comunista, pois até o pai dos conspícuos filhos viajantes e escreventes, numa espécie de prefácio à “obra”, define-a bem, especialmente nas passagens assinaladas, as págs. 15 e 21.

Julgo de proibir tal obra, sem a menor espécie de dúvida, pelo espírito de propaganda comunista que a informa e por toda ela se estadeia.

O leitor: João Brandão Pereira de Mello – Cap.

O capitão João espinafra o livro do início ao fim, já que este, além de elogiar a União Soviética e seu sistema, ainda fala mal de Portugal. Não houve dúvida: proibido.

A vigilância dos censores acabava reconhecendo alguns socialistas *avant la lettre*, como é o caso da análise da obra Diderot de 1947:

Diderot viveu de 1713 a 1784. Cronologicamente, a sua vida coincide com o período do sistema feudal e elevação da burguesia ao poder. Tomou uma parte muito ativa no movimento revolucionário do seu tempo e foi, portanto, um precursor da Revolução Francesa.

Materialista, ateu, e já com ideias em embrião do socialismo utópico, é este Diderot que é retratado por Jean Luc apoiando-se em textos famosos de enciclopédia. Todos esses trechos divulgam as ideias materialistas (no sentido filosófico) ou ideias ateístas ou ideias socialistas.

O livro é de mais interesse para estudiosos do que para meliantes revolucionários, mas é sempre altamente inconveniente. [...] Mais uma razão, pois, para ser proibido, assim como qualquer outra literatura do mesmo gênero.

Adriano Dores – Major

É sempre importante lembrar o quanto certas ideias eram vistas como uma espécie de “antessala” do comunismo: materialismo, ateísmo etc. são automaticamente ligadas ao ideário marxista, mesmo que, não necessariamente, Marx e os marxistas corroborem essas ideias da forma como elas foram concebidas originalmente ou como são reproduzidas pelo pensamento conservador.

Na mesma chave, o relatório de proibição do livro *A Hora Próxima*, de Alina Paim, de 1955, traz a seguinte análise feita pelo censor:

É um romance inspirado numa greve dos caminhos de ferro da Rede Mineira de Viação, com a luta dos trabalhadores e a atitude firme das

mulheres em papel predominante na reivindicação do salário com sabor pró-comunista, que se pode verificar a pág. 123-128.

Julgo de proibir.

O leitor: Jacques Rafael Sardinha da Cunha – Capitão

Aqui o militar responsável deixa bastante evidente que, para além da questão da mobilização dos trabalhadores, a “atitude firme das mulheres” nessa luta é um traço incontestado do “sabor pró-comunista” da obra, logo, o protagonismo feminino foi fator de peso para a proibição da obra.

No relatório de proibição do romance *Sol Sobre o Rio Sangkan*, de Ting Ling, o censor não só relata os problemas da autora e da obra, como também alerta para a natureza de toda coleção Romances do Povo e seu inegável papel de propaganda por meio de seu diretor Jorge Amado:

Ting Ling, a autora desse livro, é elemento de relevo do Governo Central Popular da China Comunista e fez parte das comissões de Reforma Agrária da China Comunista. Assim a sua obra é um relato de exaltação sobre a maneira como foi efetuada a referida reforma, descrevendo todos os incidentes da divisão das terras dos grandes proprietários, pelo novo trabalhador, que era o assalariado. No fundo é uma obra de propaganda exaltando os benefícios dados ao povo trabalhador pelo governo de Mao Zedong, apresentando o presidente Mao como campeão dos pobres. Por este aspecto é uma obra política e, portanto, deve ser proibido.

Aproveito a ocasião para focar o problema da editorial – COLEÇÃO ROMANCES DO POVO sob a direção de Jorge Amado, que no fundo pelo nome dos títulos e autores tem uma segunda intenção: fazer propaganda política internacional, pelo que deve ser considerada cripto comunista e assim todas as suas obras devem ser proibidas.

O leitor: Francisco Roma Salgado

Apesar do alerta quanto às intenções propagandísticas da coleção, nem todas as obras dela foram proibidas. Na sequência fica ainda mais evidente o quanto os critérios para avaliar romances eram bastante subjetivos, sendo que livros de uma mesma coleção podem ser proibidos ou não. A obra *Coolie*, de Mulk Raj Anand, por exemplo, foi autorizada, sem o censor considerar qualquer conteúdo político nas entrelinhas do texto:

O livro descreve a vida de um jovem indiano de baixa condição social, nascido nas montanhas do norte e que veio fixar-se em Simla, onde morreu. Dotado de um espírito aventureiro e sem dinheiro, percorreu a Índia de norte a sul. As privações e maus tratos de toda a ordem a que tem de sujeitar-se são bem reveladoras das péssimas condições de vida a que, ainda hoje na Índia, estão sujeitas todas as pessoas da condição social do protagonista. Julgo, pois, de permitir a circulação desse livro.

O leitor: Luís Figueiredo

A avaliação de outro livro dessa coleção, *Os Mortos Permanecem Jovens*, de Anna Seghers, vai na direção oposta, com o censor demonstrando em detalhes cada referência política que levaria a proibição da obra:

Este livro é um estudo histórico da evolução da Alemanha desde o fim da 1ª Guerra Mundial até o começo da derrocada do governo de Hitler, com análise de todas as lutas partidárias e pequenas guerras durante este período. Para tornar mais atrativo e também para despistar a sua intenção, apresentava-se com um fio de romance. No entanto a sua intenção é política pelo derrotismo que encerra na parte referente às democracias, e pela exaltação de todos os elementos esquerdistas. Da leitura do livro verifica-se:

a) Aniquilamento da religião católica, exemplo:

Pág. 142 – porque o padre, que era comum acontecer, fora amante de uma irmã dela.

Pág. 378 – Referências à negação da religião católica pelos nazistas.

b) Exaltação de tendências comunistas:

Pág. 65 – Elogio da União Soviética.

Pág. 152 – Hoje se um operário for inteligente, lutará pela sua classe e será de esquerda.

Pág. 366 – Exaltação da distribuição de volantes (manifestos clandestinos).

c) Propaganda contra o Exército:

Pág. 360 – Para o Exército, talvez, para aprender como se matam os outros.

d) Exaltação da luta em Espanha:

Págs. 370 – 373 – Propaganda e referências elogiosas aos voluntários vermelhos para Brigadas Internacionais.

Pelas afirmações mais importantes acima referidas se verifica a sua segunda intenção política e a sua simpatia pelas ideias comunistas e a exaltação do sacrifício pela propaganda clandestina (volantes) em toda obra. O próprio título do livro quer representar uma vingança posterior dos sacrificados pela luta clandestina.

Assim, por todas essas razões, esse livro deve ser proibido de circular.

O leitor: Francisco Roma Salgado

Essas variações demonstram o quanto os romances proletários demonstravam potencial enquanto estratégia de divulgação do ideário comunista, já que nem sempre a sua intenção era tão evidente quanto nas obras abertamente doutrinárias e de teoria. Essas não exigiam grande explicações para a sua proibição, constando nos relatórios pareceres diretos como “Propaganda comunista. Proibir” ou simplesmente “Comunista, proibir”.

Enfim, a presença da Editorial Vitória em Portugal foi considerável, com aproximadamente um terço de suas obras circulando no país europeu. Isso abre caminho para pensarmos em como se deu a circulação da literatura marxista no espaço transatlântico, nesse caso, no mundo de língua portuguesa, e a importância da editora na formação dos quadros e militantes comunistas nesse ambiente marcado pela ditadura salazarista e a política colonial na África.

Figura 110. Relatório de proibição do livro *Terra e Sangue*, de Mikhail Cholokhov

DESPACHO: 272 / 1962 = *Proibido*

Distribuído para leitura em 21 / 2 / 1962

Recebido em 22 / 2 / 1962

RELATORIO N.º *7000*

Autor: Mikhail Cholokhov

Tradutor: Luis Papi

Editor: Editorial Vitória, Lda - Rio de Janeiro
P.I.D.E.

Proveniência:

TERRA E SANGUE

Autêntica e perigosa propaganda comunista,
motivo bastante para que o presente livro seja
proibido de circular no País.

O leitor:

José de Sousa Chaves Maj.

José de Sousa Chaves
Maj.

(IAN/TT, Arquivo da Direção dos Serviços de Censura, Lisboa)

Figura 111. Relatório de proibição do livro *Cuba: A Revolução na América*, de Almir Matos

DESPACHO:
Em 19/8/1964

Distribuído para leitura em 17/8/1964
Recebido em 19/8/1964

RELATÓRIO N.º

Autor: ~~Almir Matos~~
Tradutor:
Editor: ~~Vitória - Rio de Janeiro~~
Proveniência: ~~P.I.D.E.~~

CUBA: A REVOLUÇÃO NA AMÉRICA

É uma obra integralmente propagandista da revolução e do actual regimen político cubanos, como do seu chefe Fidel de Castro.

Fazendo o elogio panegírico dos três, apresenta Cuba como exemplo aos outros países da América Latina, desenvolvendo uma larga e aplicada propaganda comunista, que, mais do que inaceitável, me parece condenável e de proscreever. Julgo, por isso, de proibir este livro.

O leitor:
José Brandão Pereira de Mello
José Brandão Pereira de Mello
Cap.

7501

9620

(IAN/TT, Arquivo da Direção dos Serviços de Censura, Lisboa)

Capítulo 3

Design Gráfico e Luta Política: a Identidade Visual dos livros da Editorial Vitória

Nesse capítulo passaremos a analisar o livro como objeto, com atenção especial aos paratextos¹⁵³. Segundo Gérard Genette, o paratexto editorial é formado pela junção do peritexto e do epitexto. O primeiro seria formado por todos os elementos internos presentes em um livro para além do texto propriamente dito, são as partes que o constituem e o fazem existir enquanto tal. Fazem parte dessa estrutura a capa, o nome da obra, do autor, do tradutor quando existente, o prefácio, os nomes de capítulos, epígrafes, posfácio, entre outros. Já o epitexto diz respeito a todos os elementos externos ao livro que de alguma forma interferem na sua existência, seja através de algum suporte midiático (conversas, entrevistas) ou de uma comunicação privada (cartas, diários, entre outros).

Esses elementos são a “franja” do texto que, segundo Genette, sempre carrega um comentário autoral ou, pelo menos, é legitimada pelo autor, tornando-se lugar privilegiado de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente aos olhos do autor e de seus aliados¹⁵⁴. Ele ainda fala de outros elementos que podem ser considerados paratexto, como a parte icônica do livro (ilustrações), anúncios de “no prelo” em revistas e jornais e, por fim, elementos biográficos do autor que interfiram de alguma forma na leitura.

Nessa mesma linha, D. F. McKenzie defende que “a encadernação e o aspecto gráfico do livro, o formato da página impressa e as suas divisões internas, ou a articulação entre texto e paratexto – índices, ilustrações, notas, tabelas – são instâncias atuantes nos

¹⁵³ A maior parte das capas analisadas neste capítulo pertencem ao acervo pessoal do historiador Dainis Karepovs e me foram gentilmente cedidas por ele. As demais foram fotografadas na Biblioteca Edgard Carone no Museu Republicano da USP em Itu, no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp e nas bibliotecas da USP e da Unicamp.

¹⁵⁴ GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009, pp. 10-15.

significados interpretáveis, interferindo na leitura do objeto impresso”. Para ele, “novos leitores criam textos novos e extraem sentidos novos que dependem diretamente da sua forma nova”¹⁵⁵.

Roger Chartier também ressalta que “uma realidade textual não deve ser entendida unicamente em sua dimensão literária, pois também se arraiga profundamente em sua realidade material, que é a forma do livro em que se abarcava o texto”. Isso ocorre porque “o processo de publicação, qualquer que seja sua modalidade, sempre é um processo coletivo, que implica numerosos atores e que não separa a materialidade do texto da textualidade do livro”¹⁵⁶.

Ainda sobre o design de livro, Jan Tschichold afirma que “é tarefa do designer de livro ser um servidor leal e fiel da palavra impressa”, criando “um modo de apresentação cuja forma não ofusque o conteúdo e nem seja indulgente com ele”. E continua dizendo que “o objetivo de todo design de livro deve ser a perfeição: encontrar a representação tipográfica perfeita para o conteúdo do livro em elaboração”¹⁵⁷.

Nesse sentido é crucial começar a análise do catálogo da editora pelas capas dos livros, em outras palavras, pela sua forma, e pelos artistas responsáveis por elas. Como argumenta o historiador da arte Rafael Cardoso, “forma” abrange pelo menos três aspectos: aparência (aspecto perceptível por um olhar), configuração (no sentido da composição das partes do objeto) e estrutura (referente à dimensão construtiva do objeto)¹⁵⁸. Ele ainda afirma que os artefatos possuem a sua própria especificidade discursiva, que podemos tentar traduzir por meio do registro verbal, depreendendo de sua análise como suas características visuais e morfológicas sugerem significados e relações.

¹⁵⁵ MAUÉS, Flamarion. *Livros Que Tomam Partido*, op. cit., p. 30.

¹⁵⁶ *Idem*.

¹⁵⁷ TSCHICHOLD, Jan. *A Forma do Livro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p. 31.

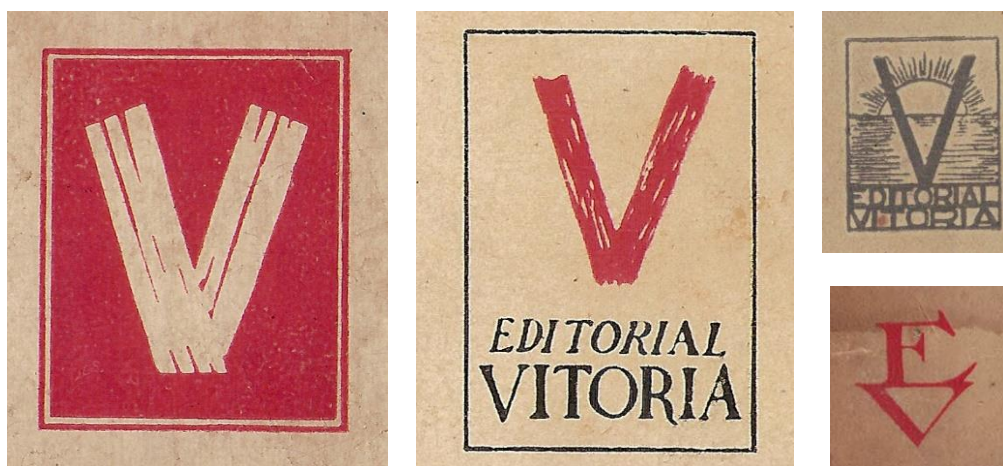
¹⁵⁸ CARDOSO, Rafael. *Design Para Um Mundo Complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 31.

Se os artefatos carregam informações e elas tem origens nas associações que fazemos a partir de aparências e contextos, é possível induzir o usuário por meio da aparência¹⁵⁹.

1. Selos

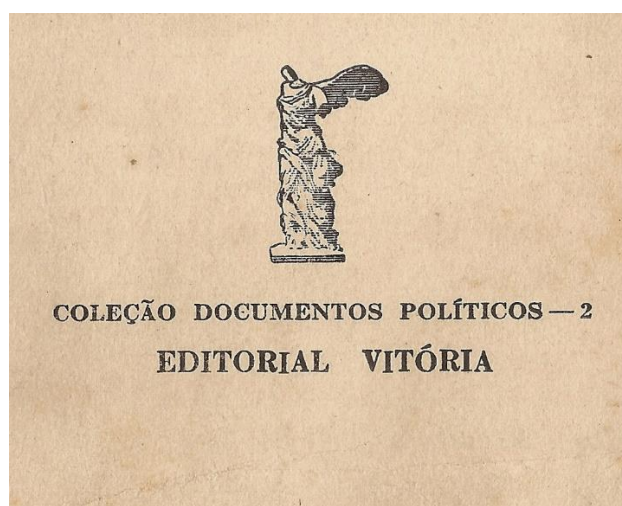
Primeiramente, vale uma rápida análise dos selos utilizados pela editora durante os seus vinte anos de existência. O “V” de Vitória será o selo mais utilizado nesse período, com variações envolvendo a letra e o fundo da imagem, entre o vermelho e o branco. Com aparições mais raras teremos o “E” sobreposto ao “V”, também em vermelho. O selo das correspondências da editora era o “V” sobreposto a uma imagem do horizonte, com a letra simétrica ao sol que aparece ao fundo e o nome da editora logo abaixo.

As referências ao comunismo são bem evidentes nesses selos, seja na utilização do vermelho como cor, seja na imagem do horizonte, que representa o ideal da sociedade comunista que se encontra no porvir. Até mesmo o nome da editora pode ser entendido nessa chave de símbolos caros aos comunistas, como a crença na “vitória” inevitável da revolução socialista. Vale lembrar que a editora do PCB antecessora da Editorial Vitória se chamava Edições Horizonte, o que corrobora essa hipótese.



¹⁵⁹ *Idem*, p. 112.

Outros símbolos utilizados pela editora são a imagem da camponesa e do operário com os punhos em riste, presente nos volumes da Coleção Romances do Povo, uma clara alusão à estátua Operário e Mulher Kolkoseana, localizada em Moscou, e à estátua de Vitória de Samotráceia, representação da deusa grega Nice, personificação da vitória, força e velocidade na mitologia grega. Esse símbolo aparecerá nos livros principalmente depois de 1956. As alusões à história grega não serão algo estranho à cultura comunista, como já vimos no caso do mito de Anteu utilizado por Stalin em seus discursos e que dava nome a uma das distribuidoras ligadas à editora.



2. Capas

A Editorial Vitória passou por diversos momentos e tendências do design gráfico mundial e brasileiro durante seus vinte anos de existência. Por exemplo, os anos 1940 são parte da “era da ilustração”. A cultura visual brasileira já apresentava influências claras dos estilos internacionais do final do século XIX e início do XX, como o *art nouveau* e o *art déco*, junto ao modernismo inicial e tardio, mesclado com o ecletismo dos EUA¹⁶⁰.

¹⁶⁰ MELLO, Chico Homem de & RAMOS, Elaine. *Linha do Tempo do Design Gráfico Brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 6.

Os avanços tecnológicos da passagem do século XIX para o XX facilitaram a impressão de imagens, inclusive coloridas, tornando viável a reprodução de desenhos feitos em papel, o que amplia o uso de ilustrações. Esse período é marcado por duas vertentes de designers-ilustradores: uma ligada às publicações de cunho mais comercial, influenciada pelos desenhos de humor e pela pintura realista, e outra ligada às experimentações de linguagem, formada por artistas ligados à cultura erudita e aos debates do modernismo e das vanguardas europeias. Ambos tinham em comum o fato de pensar a ilustração não apenas como imagem autônoma, mas como estruturadora do campo gráfico, isto é, como parte integrada ao texto¹⁶¹.

Essa tendência pode ser observada com clareza nas edições dos primeiros anos da editora, que apresenta muitos romances e algumas obras de caráter antifascista, estratégia para “testar” a censura e até onde a editora poderia ir com edições de conteúdo político. A literatura marxista dá as caras a partir de 1945 com a legalidade do PCB e o fim do Estado Novo, com destaque para as coleções Unidade e Clássicos do Marxismo. São marcantes dessa década também os folhetos voltados à discussão da conjuntura nacional e à organização do PCB.

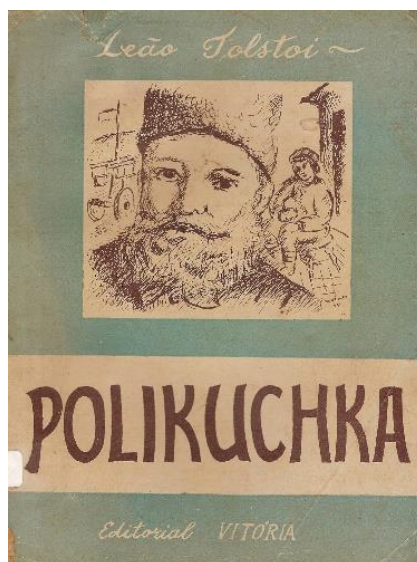
Os romances desse primeiro momento da editora apresentam um claro predomínio das ilustrações, a simplicidade da composição gráfica, a simetria em torno do eixo vertical na maior parte das capas, o uso do tamanho, da cor e os diferentes tipos de letras para hierarquizar informações, com o título das obras em letras maiores do que o nome do autor e da editora. É típico dos anos 1940 cenas com sugestão de movimento, em uma alusão ao cinema¹⁶², isso fica bastante evidente em capas como *O Espião*, de Máximo Gorki (figura 17), e *Treze Cachimbos*, de Ilya Ehrenburg (figura 22).

¹⁶¹ *Idem*, p. 20.

¹⁶² *Idem*, p. 220.

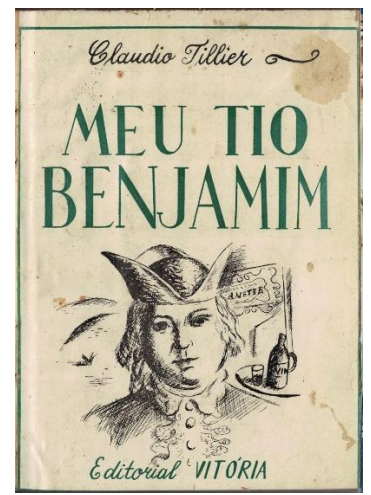
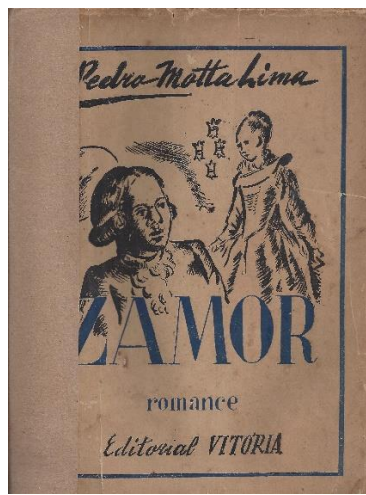
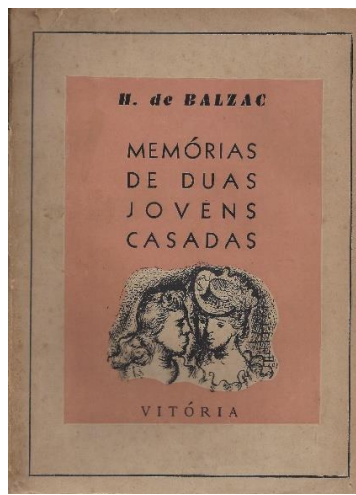
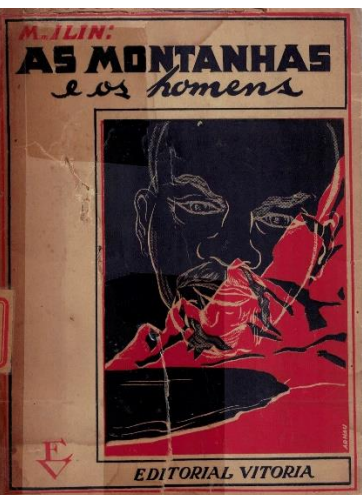
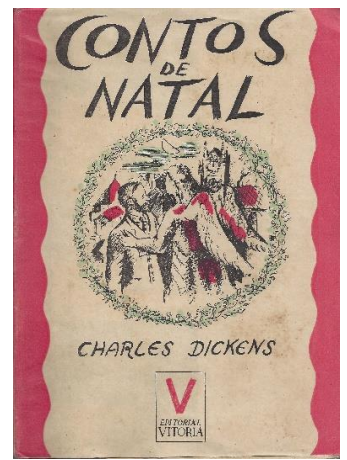
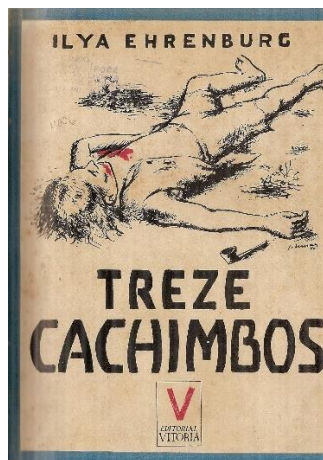
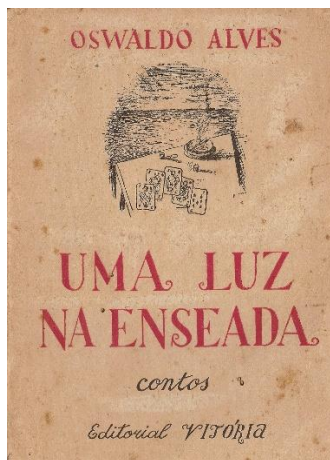
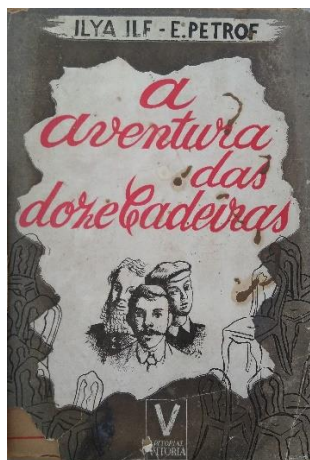
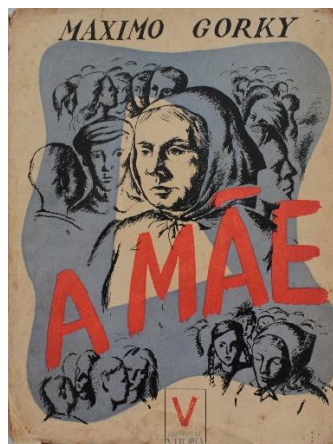
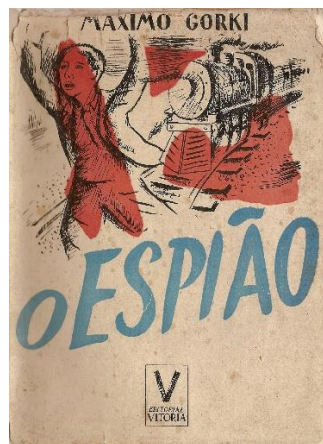
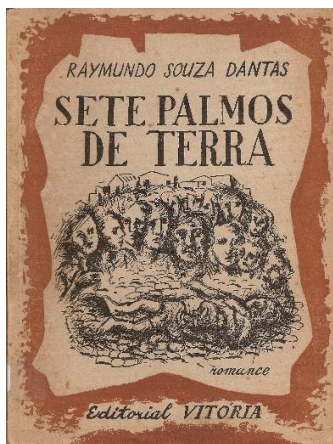
O destaque nesse momento fica por conta do capista José Moraes, responsável pelas capas das obras *Sete Palmos de Terra*, de Raymundo Souza Dantas, *O Espião e A Mãe*, de Máximo Gorki (figuras 17 e 18), *A Aventura das Doze Cadeiras*, de Ilya Ilf e Eugene Petrof (figura 20), *Como o Homem se Fez Gigante*, de M. Ilin e E. Segal (figura 19) e *Preto no Branco*, de M. Ilin (figura 30). Ele foi pintor, escultor, gravador e ilustrador, formando pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e aprendiz de Quirino Campofiorito, além de assistente de Candido Portinari, com quem trabalhou na execução do painel da capela de São Francisco de Assis do arquiteto Oscar Niemeyer. Entre os anos 1940 e 1970 fez uma série de especializações na Itália e na França, além de ter sido professor universitário em São Paulo¹⁶³. Moraes também colaborou como capista para a Edições Horizonte e a Editora Leitura, ambas ligadas ao PCB¹⁶⁴.

Figuras 15-27. Capas dos primeiros romances da Editorial Vitória



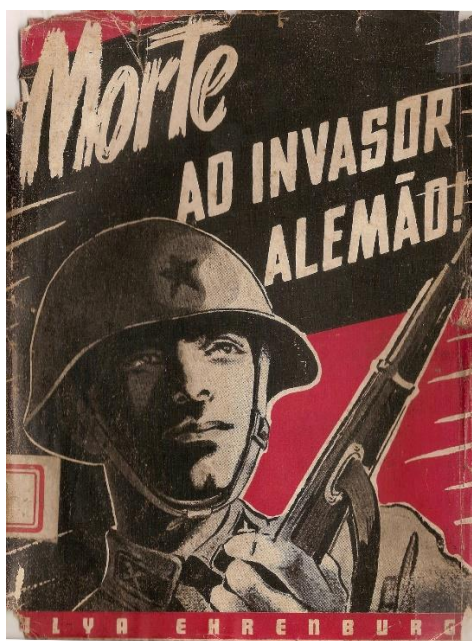
¹⁶³ Biografia de José Machado de Moraes. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8723/jose-moraes> Acesso em 31 jan. 2023.

¹⁶⁴ MACHADO, Ubiratan. *A Capa do Livro Brasileiro (1820-1950)*. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial/Sesi-SP, 2017, p. 561.



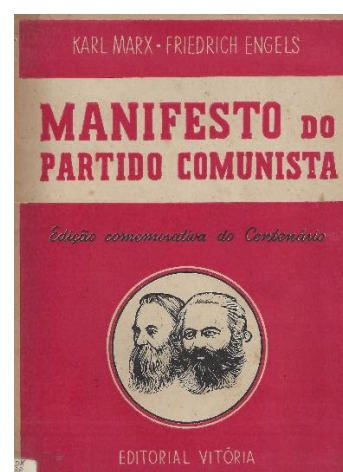
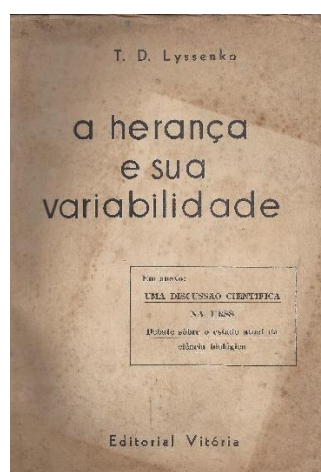
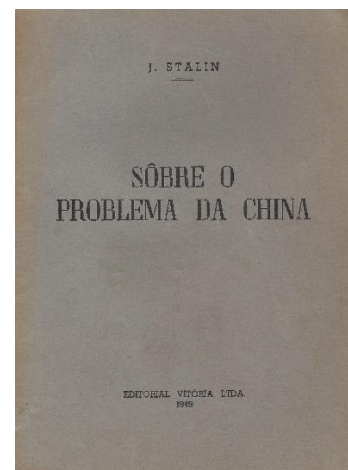
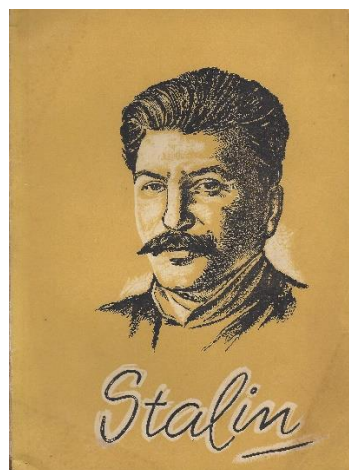
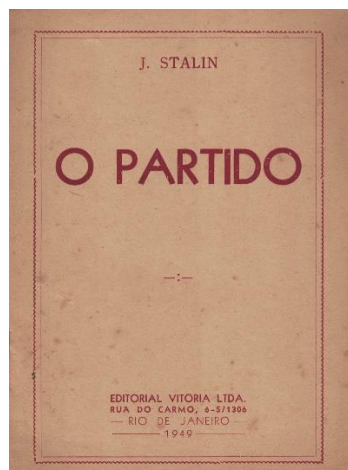
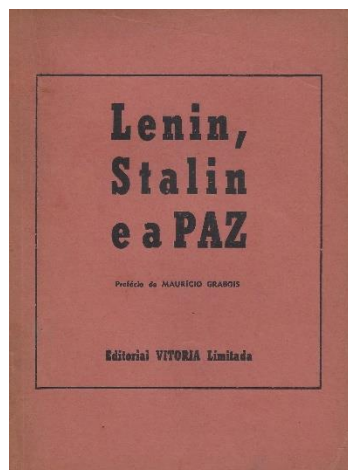
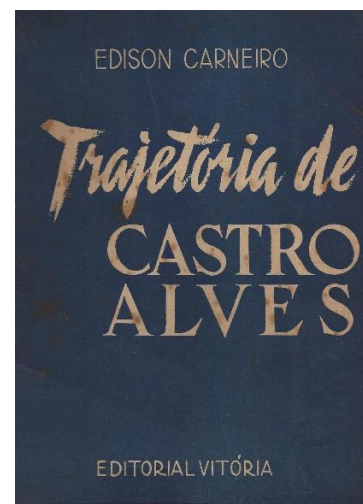
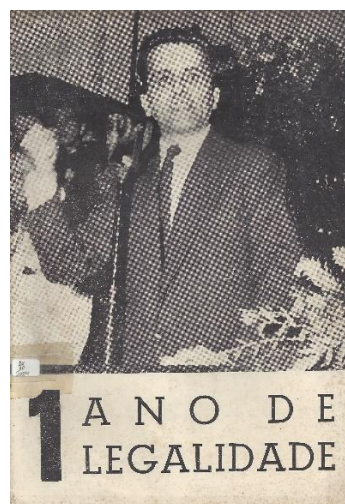
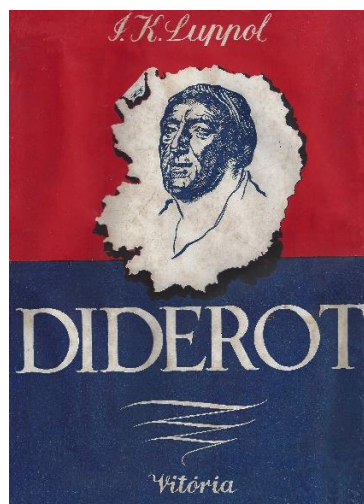
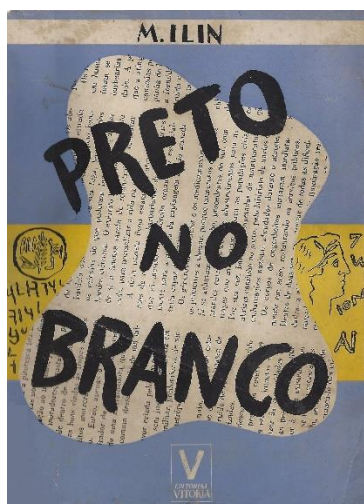
Outras tendências se apresentam nessa década, como a assimetria no eixo vertical e o uso da palavra-ilustração, como na capa da obra *Morte ao Invasor Alemão!*, de Ilya Ehrenburg (figura 28), e o uso de cores chapadas de fundo, como nas obras *Trajatória de Castro Alves*, de Edison Cordeiro (figura 33), na biografia *Stalin* (essa sem nome de autor e nem da editora) (figura 36) e *Diderot*, de K. Luppol (figura 31). Elas dividem espaço com obras de acabamento gráfico mais modesto, como *Falange*, de Allan Chase (figura 29), e algumas obras atribuídas a Stalin, como *O Partido* e *Sobre o Problema da China* (figuras 35 e 37). Vale notar que nesse período tem início a transição da ilustração para a fotografia¹⁶⁵, como é possível observar pela capa da obra *Um Ano de Legalidade* (figura 32), que reproduz uma foto de Luiz Carlos Prestes e ainda conta com ilustrações de Renina Katz.

Figuras 28-29. Capas de livros com a temática antifascista



¹⁶⁵ *Idem*, pp. 206-207.

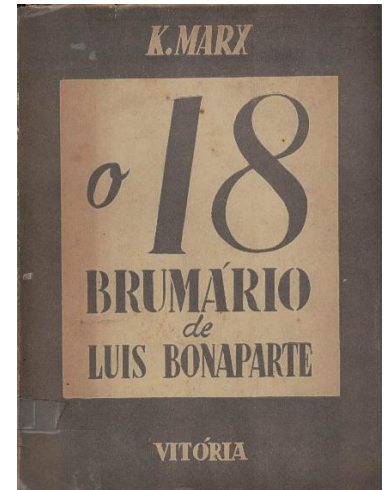
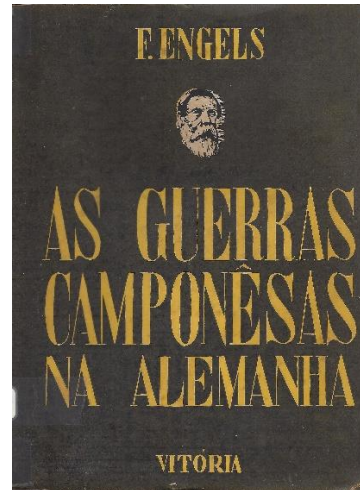
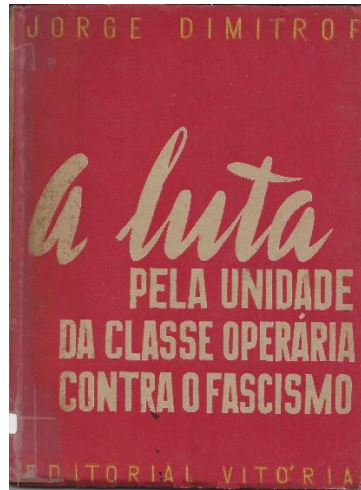
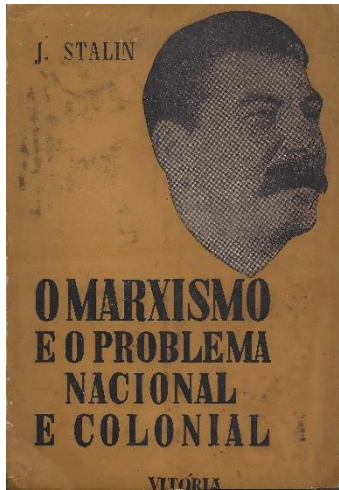
Figuras 30-40. Capas com temáticas diversas dos anos 1940.



As duas primeiras coleções da editora abertamente voltadas para a literatura marxista, *Unidade* e *Clássicos do Marxismo*, seguem as mesmas características apontadas anteriormente, apresentando duas composições gráficas diversas, uma para os manuais soviéticos e outra para os livros dos clássicos do “marxismo-leninismo”: Marx, Engels, Lenin e Stalin, que são retratados ora por meio de ilustrações, ora por fotos.

Figuras 41-52. Capas das coleções *Unidade* e *Clássicos do Marxismo*.





As mesmas tendências gráficas seguem nos folhetos editados nessa década. Aqui os destaques são dois: a capa de *Zé Brasil*, obra de Monteiro Lobato (figura 53), confeccionada por Percy Deane, e *Problemas Atuais da Democracia*, obra de Luiz Carlos Prestes, com capa de Tomás Santa Rosa (figura 54). Deane foi pintor, desenhista, ilustrador e arquiteto. Se torna ilustrador a partir de 1938 por influência de Candido Portinari, passando a se dedicar exclusivamente às artes visuais, colaborando para uma série de revistas e jornais do Rio de Janeiro. Em 1942, sob encomenda de Oscar Niemeyer, realiza o mural do Iate Clube da Pampulha em Belo Horizonte. Ainda nos anos 1940 realiza uma série de exposições pela América Latina e Europa e entre 1941 e 1951 ilustra romances seriados para a revista *O Cruzeiro*. Foi responsável pela ilustração de diversos livros de outras editoras, como *O Feijão e o Sonho* (1968), de Paulo Leminski, *A Ponte* (1975), de Erico Verissimo, e *Memórias do Cárcere* (1969), de Graciliano Ramos¹⁶⁶. Foi também um dos capistas da Livraria Martins¹⁶⁷.

A capa de *Zé Brasil*, nas palavras de Ubiratan Machado, traz com eloquência uma “síntese ideológica, apresentando em imagem um lugar-comum do discurso comunista: o capitalista gordo e cruel de chicote na mão e um anêmico trabalhador rural, cujo valente

¹⁶⁶ Biografia de Percy Deane. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8861/percy-deane> Acesso em 31 jan. 2023.

¹⁶⁷ MACHADO, Ubiratan. *A Capa do Livro Brasileiro*, op. cit., p. 503.

cachorrinho parece decidido a defendê-lo do seu explorador”. Esse livro ainda ganhou outra edição pela Editorial Calvino em 1948, com capa de Candido Portinari¹⁶⁸.

Já Tomás Santa Rosa era de João Pessoa e se mudou para o Rio de Janeiro nos anos 1930, onde começou a sua carreira artística muito influenciado por Portinari, abarcando pintura, artes gráficas, ilustração de livros, cenografia, direção de cena, ensino e crítica. Em 1939 seu livro *O Circo* obteve o primeiro lugar do concurso literário do Ministério da Educação. Segundo Hallewell, Santa Rosa é considerado o maior produtor gráfico de livros do Brasil, responsável quase sozinho pela transformação estética do livro brasileiro nos anos de 1930 e 1940. Ele contribuiu como produtor gráfico e ilustrador para diversas editoras, com destaque para a Schmidt e a José Olympio, e teve também um importante papel em instituições públicas, revolucionando o aspecto físico das publicações do Governo Federal, tendo prestado seus serviços para a Casa de Rui Barbosa, o Instituto Nacional do Livro, o Itamaraty, o Serviço de Informação Agrícola e o Ministério da Educação. Ainda foi professor do curso de artes gráficas da Fundação Getúlio Vargas¹⁶⁹.

Nos anos 1930, Santa Rosa foi responsável pela capa de obras de muitos escritores brasileiros contemporâneos, como *Urucungos*, de Raul Bopp, *Caetés* e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, *Cacau* e *Suor*, de Jorge Amado, *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, entre outros. Nessa última, o artista chega à identidade artística que o consagrará e se tornará marca principalmente das edições da José Olympio, com capas baseadas na xilogravura como principal referência estética, realçada pela cor chapada de fundo e a diagramação, criada pelo próprio artista. São parte também dessa identidade os títulos em nanquim desenhados a mão.

¹⁶⁸ *Idem*, p. 551.

¹⁶⁹ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, op. cit., pp. 512-513.

O estilo aplicado à capa do livro de Prestes surge nos anos 1940, quando o artista passa a produzir capas divididas em dois grandes blocos com cores diferentes, com as informações bibliográficas em letras aplicadas contra o fundo chapado colorido ocupando a parte de cima da página e a ilustração ocupando a parte inferior, tendo no rodapé o nome da editora. Nesse caso é o nome do autor que vem desenhado à mão, em nanquim, por Santa Rosa¹⁷⁰. A diagramação segue as convenções editoriais: autor, título, ilustração e editora em sequência, centralizados pelo eixo vertical¹⁷¹.

Figuras 53-56. Capas de folhetos, incluindo *Zé Brasil* de Percy Deane e *Problemas*

Atuais da Democracia de Tomás Santa Rosa.



Por fim, nos anos 1940, a Editorial Vitória apresenta mais duas coleções com identidades visuais bem-determinadas: Líderes do Proletariado e do Povo e A Verdade Sobre a União Soviética. Ambas trabalham praticamente com o mesmo padrão de diagramação: nome da coleção, foto e nome do autor (quando há), título e nome da editora, com um posicionamento diferente apenas do número do volume. A primeira

¹⁷⁰ MACHADO, Ubiratan. *A Capa do Livro Brasileiro*, op. cit., pp. 445-446.

¹⁷¹ MELLO, Chico Homem de & RAMOS, Elaine. *Linha do Tempo do Design Gráfico Brasileiro*, op. cit., p. 222.

coleção opta pelas cores chapadas de fundo (azul e roxo), já a segunda traz um fundo listrado, além da predominância em ambas da fotografia, com poucos elementos de ilustração presentes apenas no primeiro volume da segunda coleção.

Aqui vale uma observação sobre os principais capistas da editora. Tanto José Moraes quanto Percy Deane e Tomás Santa Rosa foram diretamente influenciados em suas trajetórias por Candido Portinari, e ambos realizaram trabalhos para outro notório comunista: Oscar Niemeyer. Isso é uma amostra de como funcionava a rede de artistas e intelectuais ligados ao PCB e de como esses eram figuras de destaque em suas respectivas áreas. Não à toa, nesse período de legalidade dos anos 1940 o partido investe na organização desses quadros, como por exemplo com a mostra *Artistas Plásticos do Partido Comunista do Brasil*, que contou com a presença de figuras como Sigaud, Bruno Giorgi, Pancetti, Candido Portinari, Burle Marx, Tomás Santa Rosa e outros. Além de organizar esse tipo de exposição, o partido engajou esses artistas em diversas publicações por meio de ilustrações, da diagramação e de artigos, com destaque para Di Cavalcanti, Paulo Werneck, Carlos Scliar, Clóvis Graciano e Renina Katz. Katz e Scliar irão elaborar ilustrações e capas para a Editorial Vitória, por exemplo¹⁷².

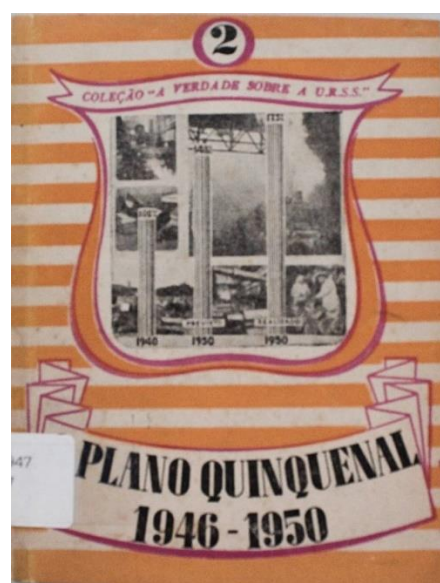
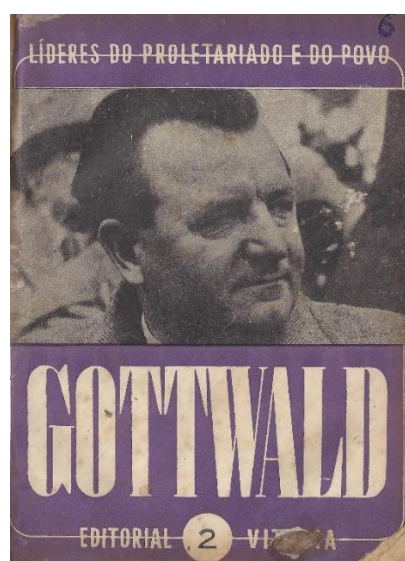
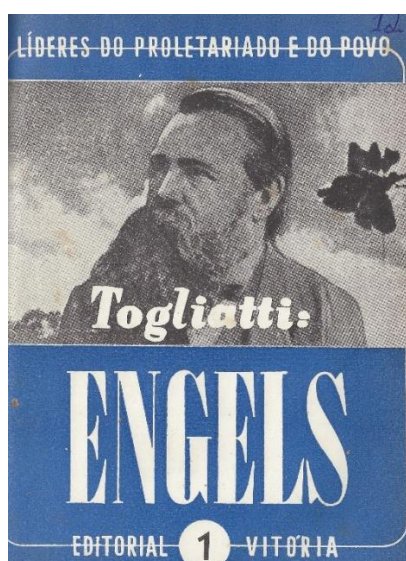
Essa rede de cooperação entre a intelectualidade comunista, pela própria natureza desse movimento, tinha também um caráter internacional, que se expandiu nos anos 1940 graças ao Movimento dos Partidários da Paz. O próprio Candido Portinari realizou exposições em Paris em 1946 e 1957 com a ajuda de Louis Aragon, liderança do PCF, e Jorge Amado chegou a ser vice-presidente do movimento, o que ajudou a divulgar o seu nome e sua obra em todo o mundo socialista¹⁷³.

¹⁷² DUPRAT, Andreia Carolina Duarte. “O PCB e as Artes no Brasil”. In: SECCO, Lincoln e PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). *História do PCB*. Cotia: Ateliê Editorial, 2022, pp. 271-272.

¹⁷³ RIDENTI, Marcelo. *O Segredo das Senhoras Americanas: Intelectuais, Internacionalização e Financiamento na Guerra Fria Cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2022, pp. 38-39.

Com o fortalecimento desse movimento e do realismo socialista no país, é possível observar uma ampliação da atividade artística dos comunistas, com a criação dos clubes de gravura, sendo o primeiro em Porto Alegre, fundado por Carlos Scliar e Vasco Prado nos anos 1950, seguido pelos de São Paulo, Rio de Janeiro, Santos, Recife e Curitiba¹⁷⁴.

Figuras 57-60. Capas das coleções Líderes do Proletariado e do Povo e A Verdade Sobre a URSS.



¹⁷⁴ DUPRAT, Andreia Carolina Duarte. "O PCB e as Artes no Brasil", *op. cit.*, p. 272.

Do ponto de vista do design gráfico, os anos 1950 e 1960 estão inseridos na chamada “era da fotografia”. Em meados do século XX, a hegemonia da ilustração começa a ser posta em xeque, gradualmente cedendo lugar à fotografia. Após a Segunda Guerra Mundial ela se torna paulatinamente a protagonista da linguagem gráfica nas mídias de ampla difusão, se consolidando como o sistema hegemônico de imagens impressas. Nesse processo está o entendimento da fotografia como imagem fiel da realidade, satisfazendo dessa forma a demanda crescente do público por realismo. Pesa também o avanço tecnológico que faz com que jornais e revistas adotem as fotografias em suas páginas para não correrem o risco de parecerem obsoletos¹⁷⁵.

Nessas duas décadas ocorre uma imensa explosão criativa em diferentes áreas, da economia à cultura. Um dos eventos mais importantes nesse sentido é o desembarque do design modernista no Brasil, com a formação de escolas responsáveis pela formação de várias gerações de designers, e com o engajamento do próprio governo JK em sua difusão, com uma série de livros sobre cultura brasileira publicada pelo governo federal com capas de Ivan Serpa. O engajamento do governo na causa modernista incluiu desde a arquitetura de Brasília até o design gráfico de livros¹⁷⁶. Ao mesmo tempo, outras correntes de pensamento gráfico seguem em atividade, o que leva a uma diversificação do design nesse período¹⁷⁷.

Todas essas tendências são plenamente verificáveis nas capas dos livros da Editorial Vitória dos anos 1950 e 1960. Da mesma forma que são mantidas, e com considerável destaque, as ilustrações e outras formas mais simplificadas de design, a fotografia ganha bastante espaço nesse período, com destaque para os livros de viagens à União Soviética e aos países socialistas, nos quais a fotografia ganha espaço como

¹⁷⁵ MELLO, Chico Homem de & RAMOS, Elaine. *Linha do Tempo do Design Gráfico Brasileiro*, op. cit., pp. 20-21.

¹⁷⁶ *Idem*, p. 245.

¹⁷⁷ *Idem*, *ibidem*.

legitimadora dos relatos produzidos pelos autores. A fotografia “como critério da verdade”, parafraseando Lenin, aparece nas obras *A Educação na URSS*, de Paschoal Lemme, *Viagem à União Soviética*, de Branca Fialho, *Uma Jovem Brasileira na União Soviética*, de Zuleika Alambert, e *Médicos Brasileiros na URSS*, de Milton Lobato e Reinaldo Machado. Vale citar ainda a capa de *Problemas Brasileiros de Educação*, de Paschoal Lemme (figura 61), que tem ao fundo uma fotografia de Marcel Gautherot do prédio do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, um dos símbolos da arquitetura modernista.

Gautherot era fotógrafo, natural de Paris, e se mudou para o Brasil nos anos 1940 após ter o seu interesse pelo país despertado pela obra *Jubiabá* de Jorge Amado. Trabalhou para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e realizou diversas séries documentais sobre a arquitetura moderna e colonial brasileira ao lado do fotógrafo Pierre Verger, com quem viajou o país¹⁷⁸. Notabilizou-se, de fato, pelas fotografias de edificações modernistas, tendo uma delas servido para a arte de capa do livro citado.

¹⁷⁸ Biografia de Marcel Gautherot. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa226/marcel-gautherot>
Acesso em 02 fev. 2023.

Figuras 61-69. Capas com o predomínio do uso da fotografia.



As ilustrações permanecem nessa década por meio de capas que já haviam contribuído com a editora, como Percy Deane, que faz a capa e ilustrações da obra infantil *Sete Histórias Verdadeiras*, de Graciliano Ramos (figura 72), além das capas da coleção mais importante da trajetória da Editorial Vitória, a Coleção Romances do Povo. Nessas capas o artista desenvolve a ilustração narrativa, dialogando diretamente com o conteúdo de cada livro.

Há também novas contribuições, como a de Candido Portinari para a obra *O Livro de Fusilico*, de Zora Braga (figura 73), também de temática infantil; de Carlos Scliar com as capas de *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir (figura 70), na qual trabalha claramente com os valores minimalistas do design gráfico modernista, *O Levante do Gueto de Varsóvia*, de Bernard Mark (figura 71), *ABC do Sistema Solar*, de V.G. Fesenkov (figura 74), e *O Voo no Espaço Cósmico*, de A. Sternfeld (figura 75), da Coleção de Estudos Científicos; e de Vasco Prado e Octávio Araújo com as capas da Coleção Novos Horizontes (figuras 78 a 80). Vale ressaltar que nas capas de Scliar texto e imagem formam um conjunto indissolúvel, dificultando a separação do que é ilustração daquilo que é design¹⁷⁹.

Carlos Scliar foi pintor, gravador, desenhista, ilustrador, cenógrafo, roteirista e design gráfico. Natural de Santa Maria/RS, em 1939 entra em contato com Candido Portinari durante uma viagem para o Rio de Janeiro, e nos anos 1940 se muda para São Paulo, onde participa da Divisão Moderna do 46º Salão Nacional de Belas Artes. Além de Portinari, seu trabalho tem grande influência do pintor e gravador Lasar Segall. Em 1943 é convocado a servir na FEB (Força Expedicionária Brasileira) na Itália, na luta contra o nazifascismo. No seu retorno se engaja na luta contra o Estado Novo.

Em 1947, em Paris, é quem publica o álbum de linoleogravuras *Les Chemins de la Faim*, com ilustrações que integram a edição francesa de *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado. Nos anos 1950, além de ser um dos fundadores do Clube de Gravura de Porto Alegre, como já citado anteriormente, colabora com trabalhos gráficos para a peça *Orfeu da Conceição* de Vinicius de Moraes e para o filme *Rio, Zona Norte* do diretor

¹⁷⁹ MELLO, Chico Homem de & RAMOS, Elaine. *Linha do Tempo do Design Gráfico Brasileiro*, op. cit., p. 377.

Nelson Pereira dos Santos. Foi ainda diretor da revista *Senhor* junto com Glauco Rodrigues nos anos 1960¹⁸⁰.

Vasco Prado, por sua vez, foi gravador, escultor, tapeceiro, ilustrador, desenhista e professor. Nos anos 1940 estuda em Paris na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, onde desperta o seu interesse pela gravura, influenciado pelo artista mexicano Leopoldo Mendez. De volta ao Brasil, em 1950, funda o Clube de Gravura de Porto Alegre ao lado de Carlos Scliar, que pautava a afirmação do valor social da arte e o interesse de representar a realidade social, sendo que suas obras sempre buscaram retratar valores regionais, como o tema do cavaleiro: não à toa, foi o capista da obra *O Cavaleiro da Esperança*, de Jorge Amado¹⁸¹.

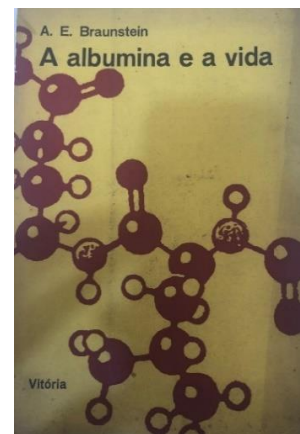
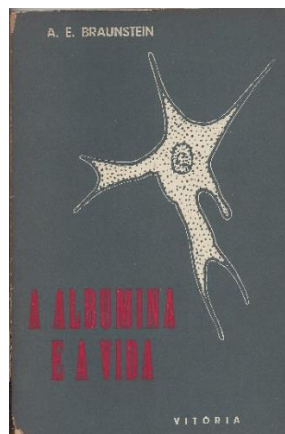
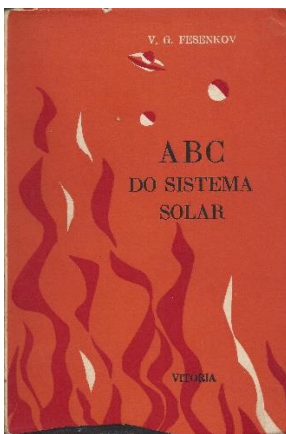
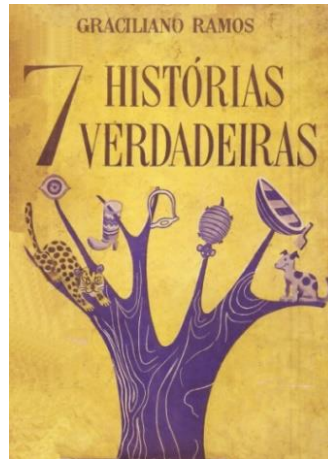
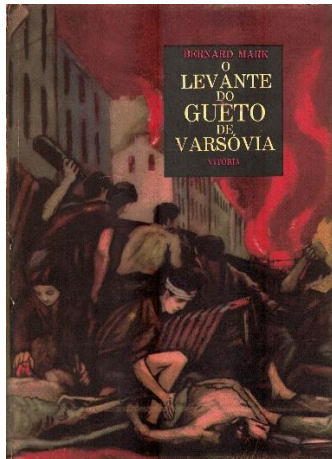
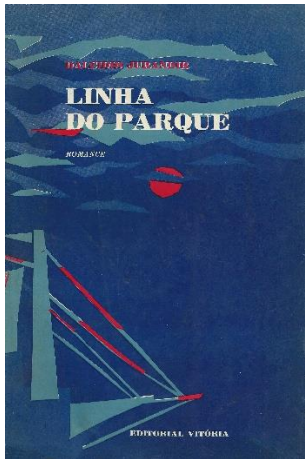
Por fim, Octávio Araújo foi gravador, pintor, desenhista, ilustrador e artista gráfico. Começou seus estudos no final dos anos 1930 na Escola Profissional Masculina do Brás em São Paulo e nos anos 1940 foi para a França estudar na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts. Retorna ao Brasil em 1951 e se torna auxiliar de Portinari. Em 1959 viaja para a China e nos anos 1960 ganha uma bolsa do governo soviético para estudar no Instituto Répin em Leningrado, tendo frequentado também o Instituto Polígrafo em Moscou¹⁸². Pela Vitória foi responsável pelas capas dos dois volumes do romance *Longe de Moscou*, de V. Ajaev. Todas as capas dessa coleção seguem o padrão da ilustração narrativa, diretamente ligada ao conteúdo da obra.

¹⁸⁰ Biografia de Carlos Scliar. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9898/carlos-scliar> Acesso em 02 fev. 2023.

¹⁸¹ Biografia de Vasco Prado. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7486/vasco-prado> Acesso em 02 fev. 2023.

¹⁸² Biografia de Octávio Araújo. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5513/octavio-araujo> Acesso em 02 fev. 2023.

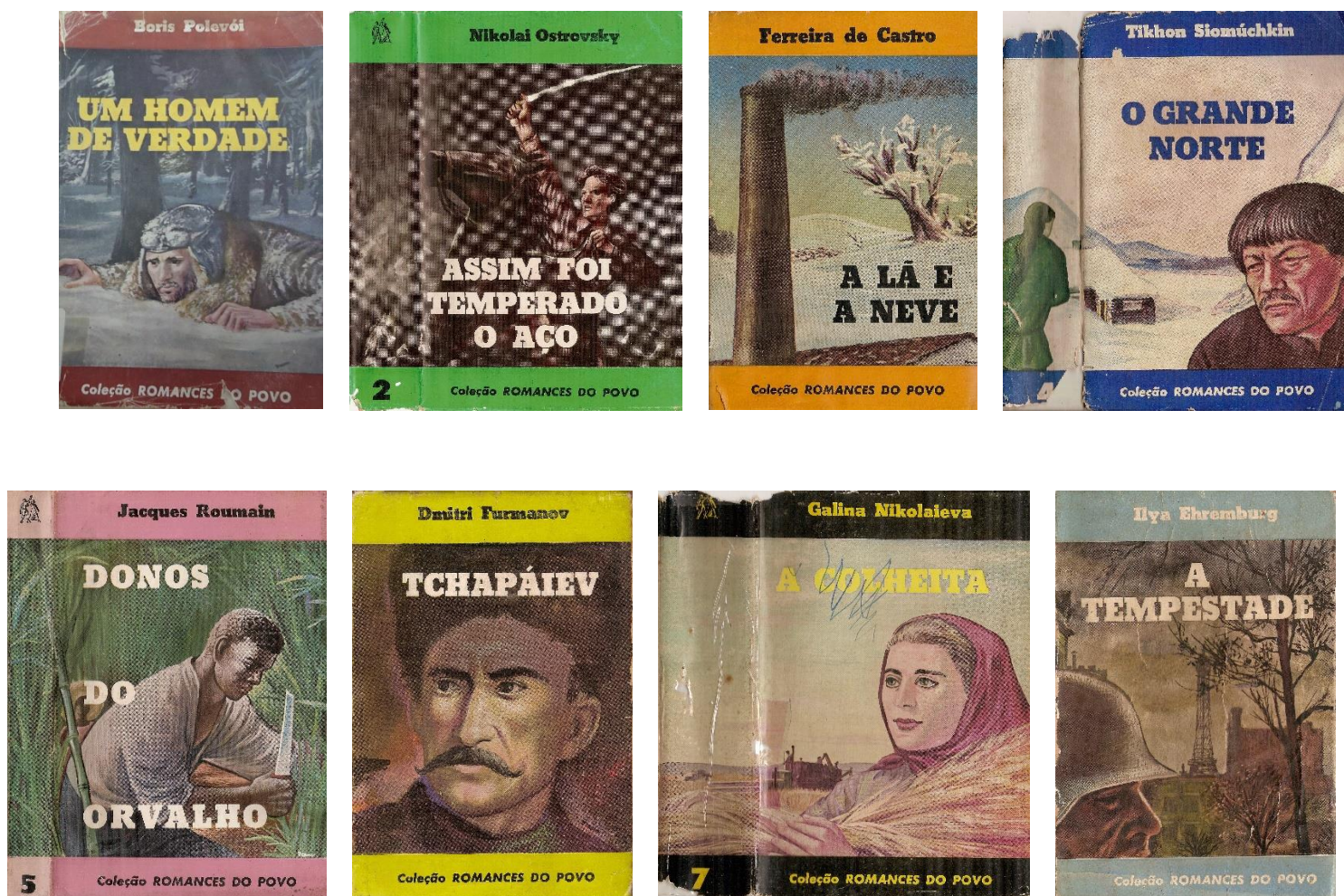
Figuras 70-77. Capas de Carlos Scliar, Percy Deane e Candido Portinari.

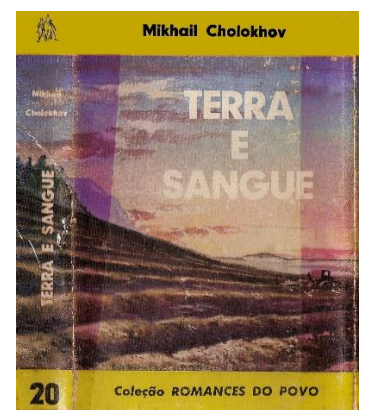
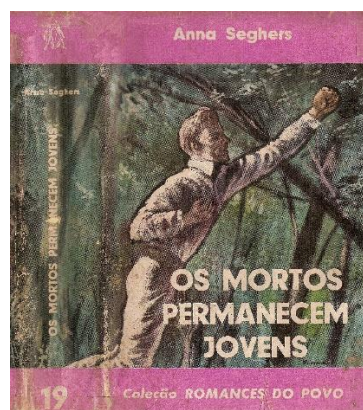
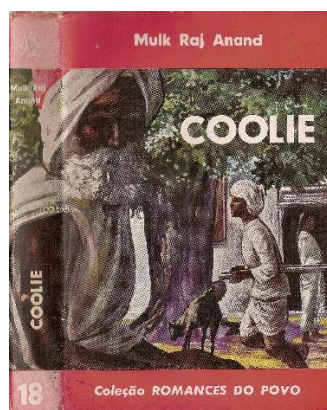
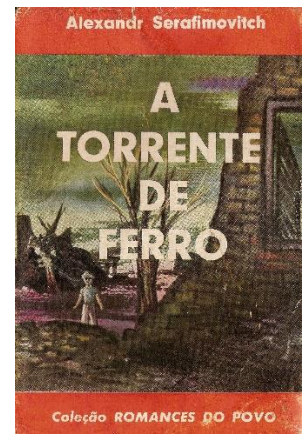
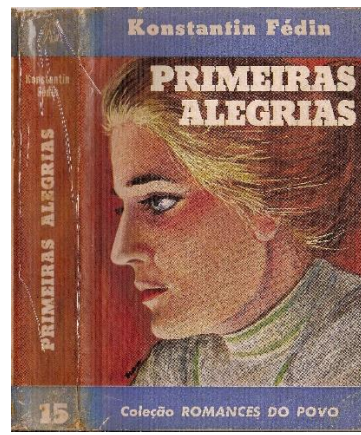
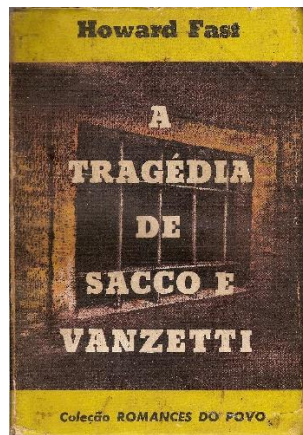
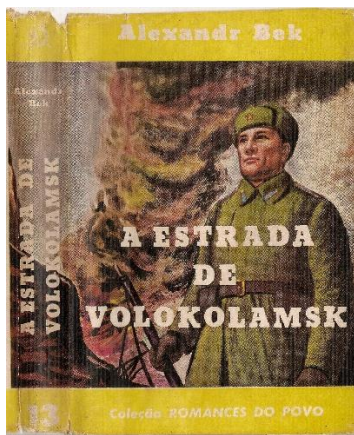
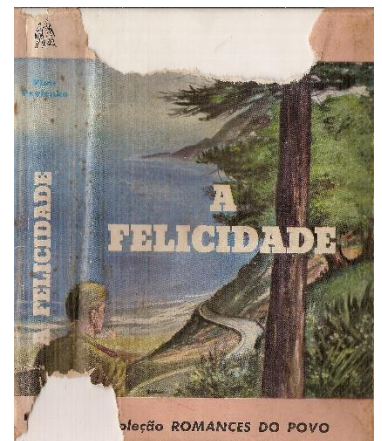
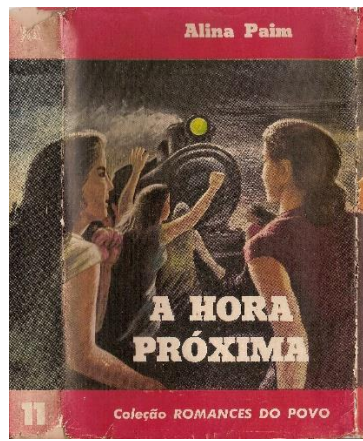
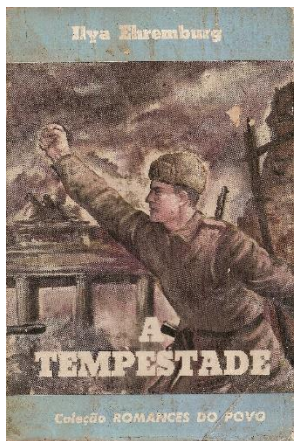


Figuras 78-80. Capas da Coleção Novos Horizontes, de Vasco Prado e Octávio Araújo.



Figuras 81-100. Capas da Coleção Romances do Povo, de Percy Deane.

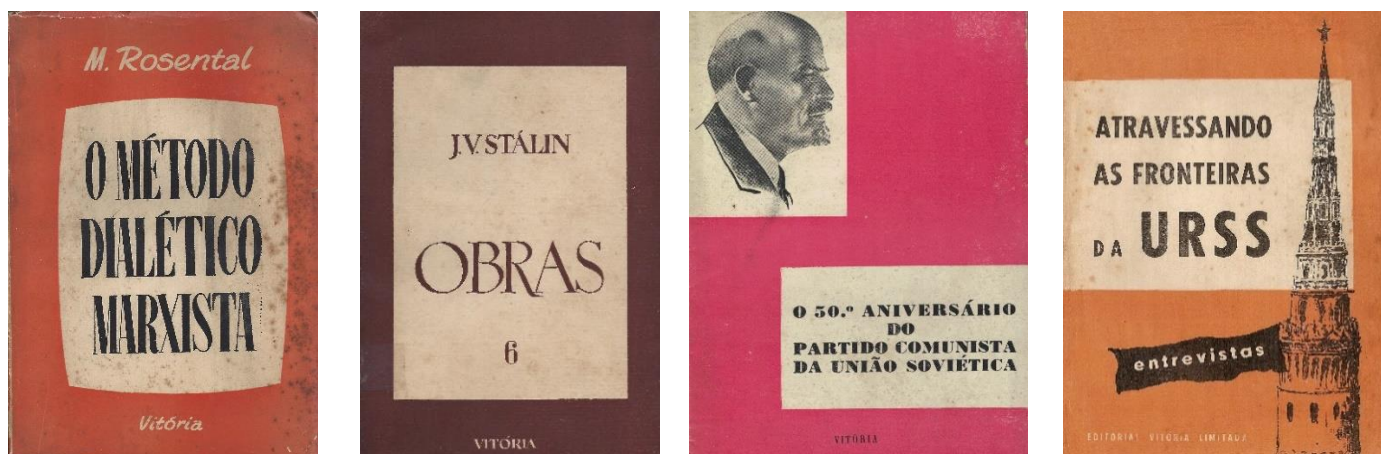




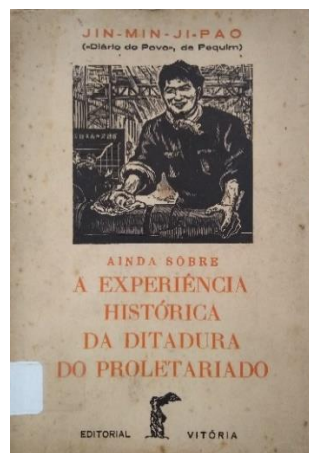
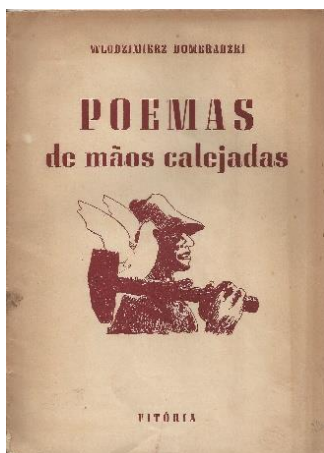
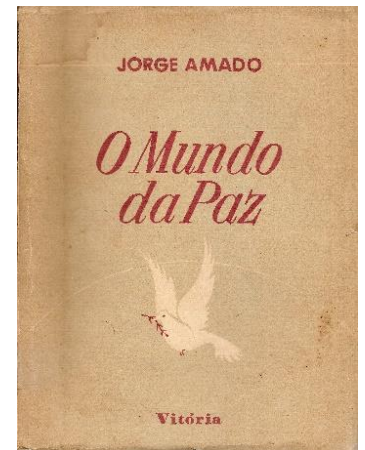
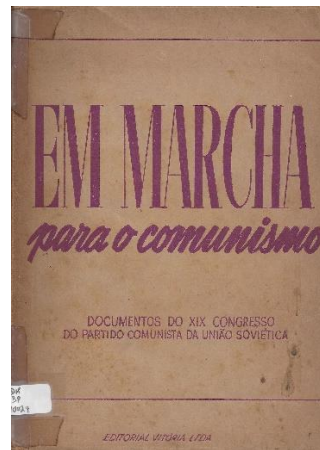
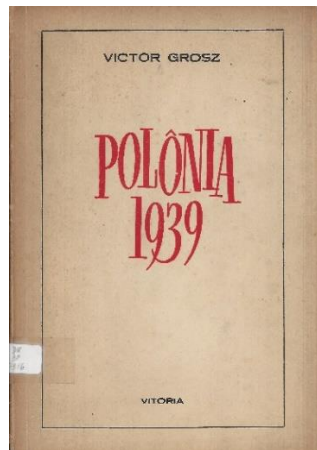
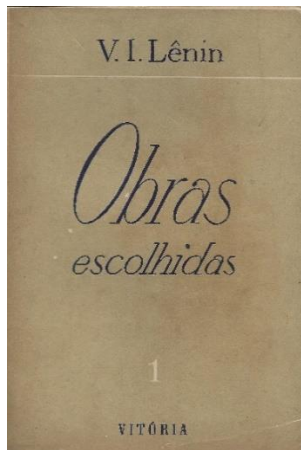
Outro padrão da estética modernista no design editorial é o tipográfico sobre fundo branco, buscando destacar a materialidade do suporte, sem a transposição de uma pintura construtiva como fundo no qual os textos são aplicados, mas sim trazendo composições

concebidas como capas com o texto plenamente integrado a elas¹⁸³. A ideia da tela em branco da pintura, totalmente aberta para a criatividade do artista, é reproduzida nesse tipo de capa. Esse padrão aparece em obras como *Obras Escolhidas* de Lenin (figura 105), *O Coração Descoberto*, de Lila Ripoll (figura 111) e *A Luta Interna no Partido*, de Liu Chao-Tsi (figura 112), além de ser o padrão de toda coleção Documentos Políticos (figuras de 113 a 115), que trazia obras de Luiz Carlos Prestes e Nikita Krushev. A capa traz o nome do autor seguido do título, sobre um fundo branco chapado, modelo que será padrão para os demais volumes, mudando apenas a cor do título (verdade, vermelho e azul, respectivamente). O trabalho tipográfico da coleção é bastante simples, sem grandes ornamentos, seguindo a tendência modernista, com fontes góticas. Por vezes as obras apresentavam fontes combinadas, como na capa de *Em Marcha para o Comunismo*, publicação do PCUS (figura 107), que traz uma mistura de fontes manuscritas, clássicas e góticas ou fontes apenas clássicas como no caso de *Obras* de Stalin (figura 102). Essa será uma tendência muito presente também nos anos 1960.

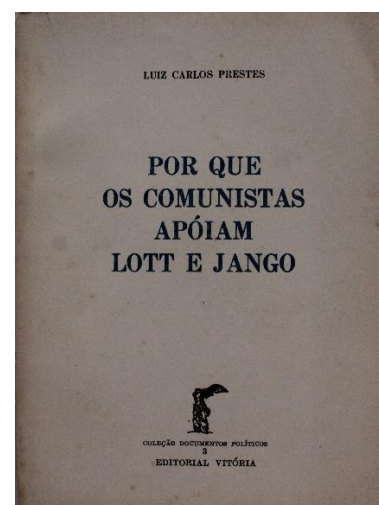
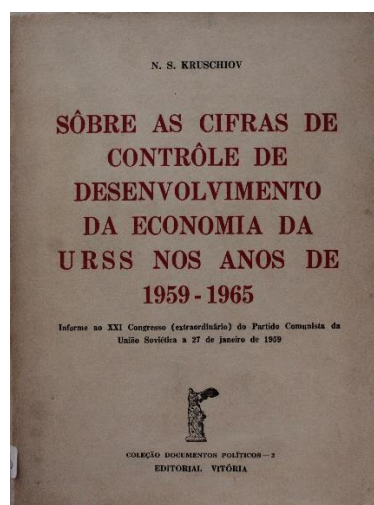
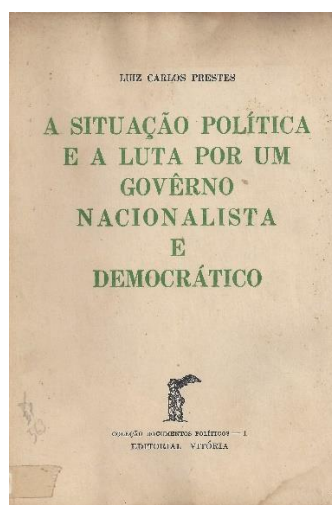
Figuras 101-112. Capas com tipografia sobre fundo branco.



¹⁸³ MELLO, Chico Homem de & RAMOS, Elaine. *Linha do Tempo do Design Gráfico Brasileiro*, op. cit., p. 294.

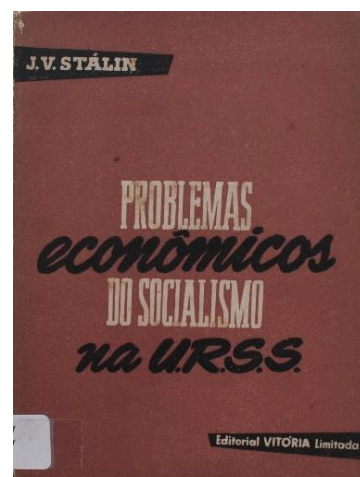
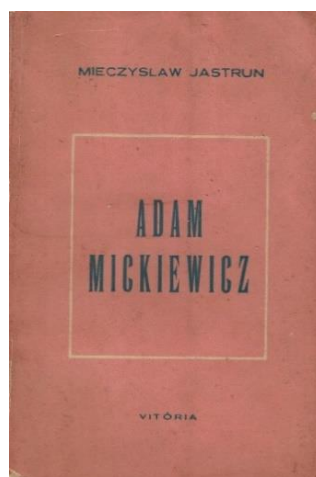
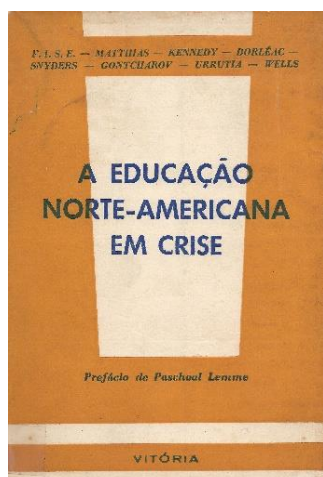
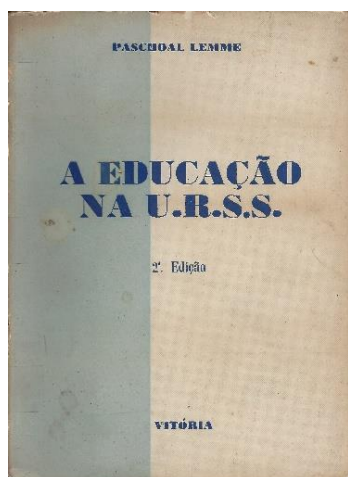


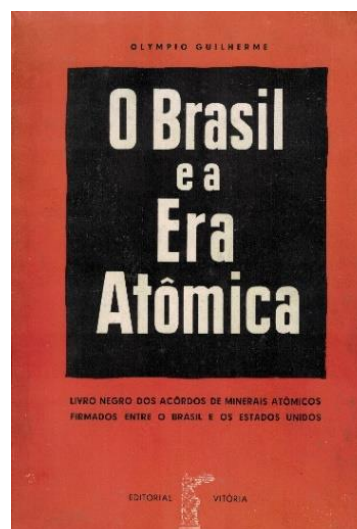
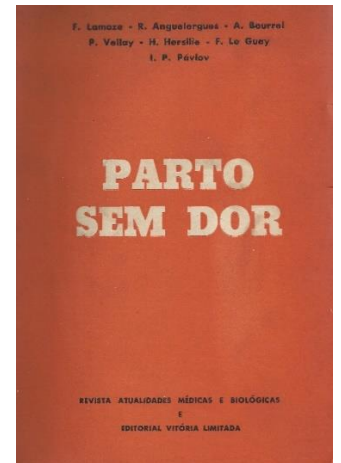
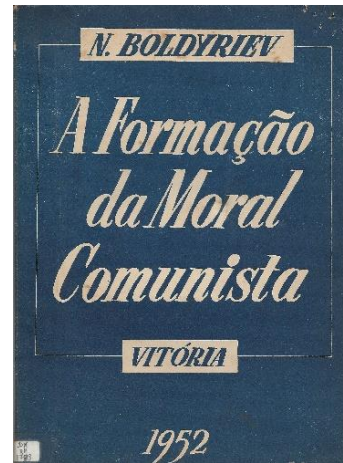
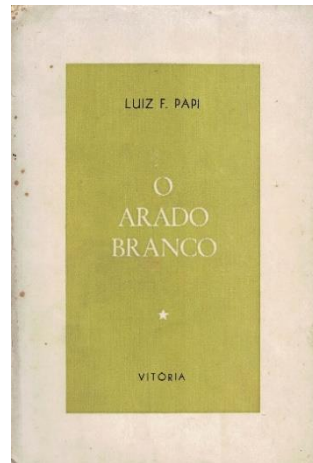
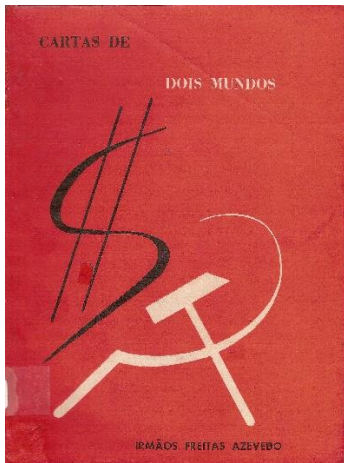
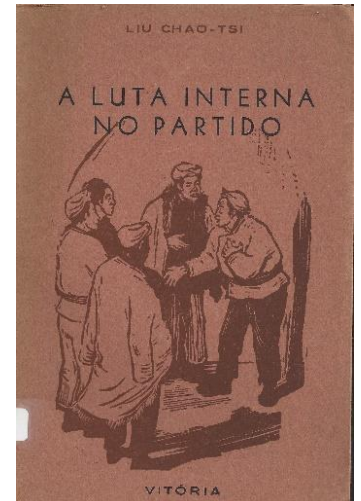
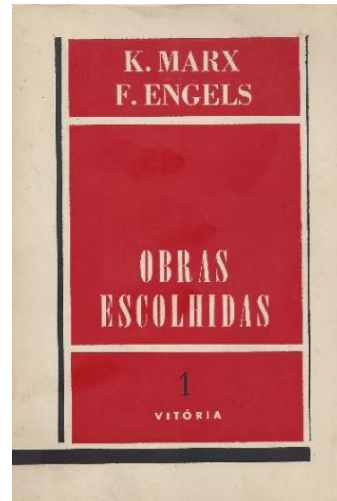
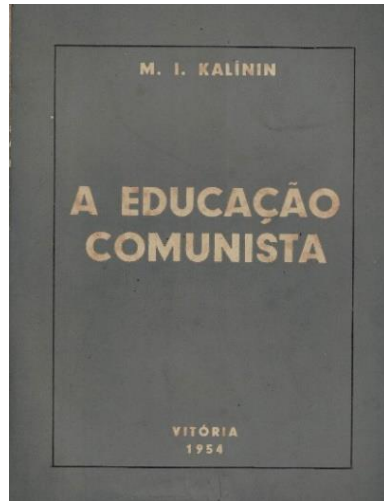
Figuras 113-115. Capas da coleção Documentos Políticos.



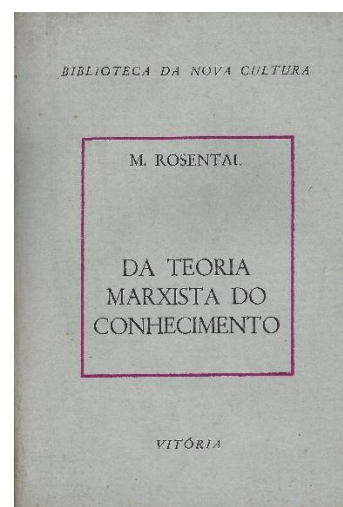
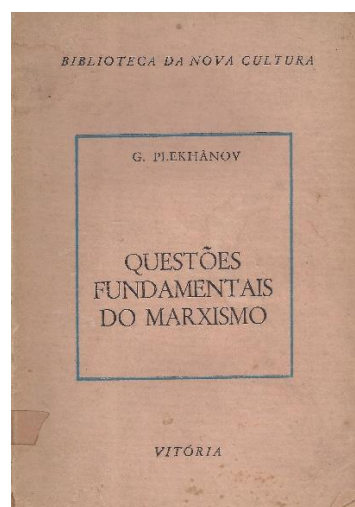
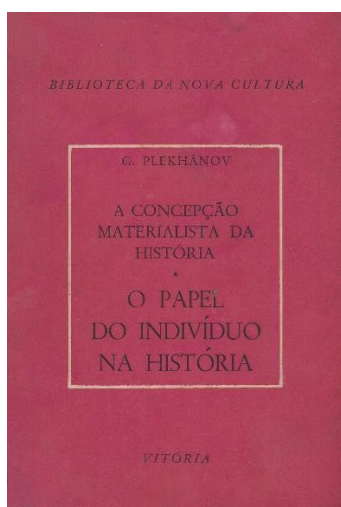
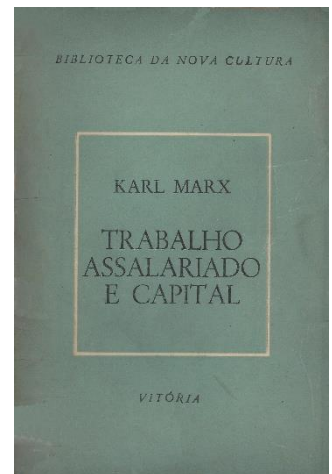
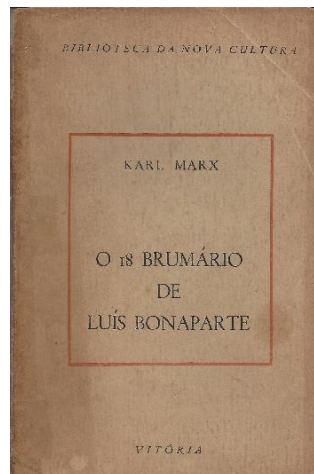
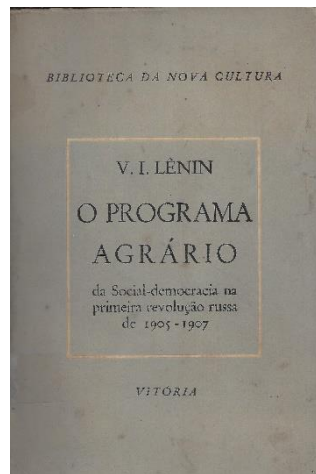
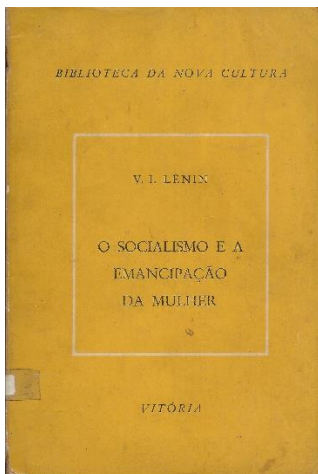
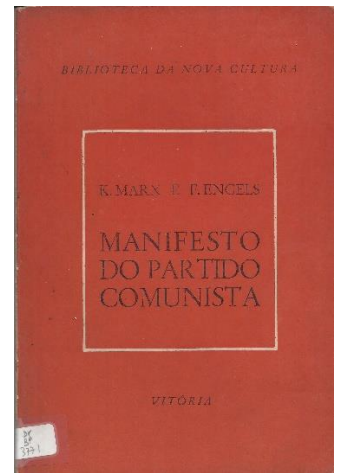
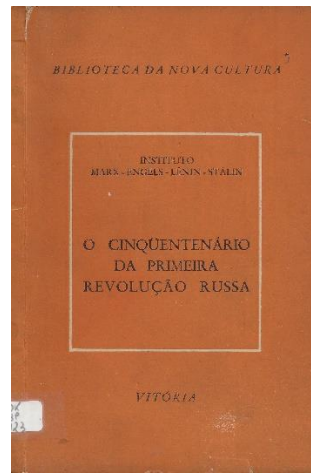
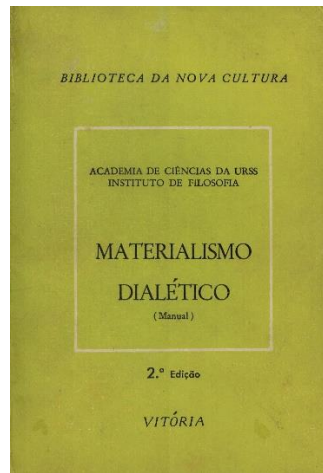
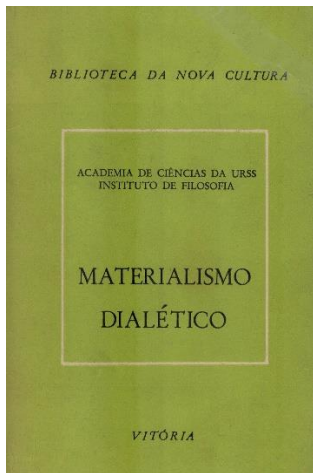
Outras tendências modernistas surgem em diversos livros da editora, se destacando os recursos gráficos reduzidos ao mínimo essencial: são capas geometrizadas, com um quadrado desenhado ao centro que traz o nome da obra, com letras vazadas, sendo uma espécie de janela que convida o leitor a conhecer aquele livro. Esse design é utilizado em livros como *A Educação Norte-Americana em Crise*, de Paschoal Lemme (figura 117), e *A Educação Comunista*, de M. I. Kalinin (figura 121), que trazem também fontes góticas. Esse é o padrão seguido em toda coleção Biblioteca da Nova Cultura (figuras de 129 a 139), com a mudança apenas da cor chapada de fundo em cada volume, apresentando um claro pensamento sistêmico quanto a sua identidade visual, da mesma forma que a Coleção Romances do Povo, Coleção Novos Horizontes e Documentos Políticos.

Figuras 116-128. Capas com letras vazadas.





Figuras 129-139. Capas da coleção Biblioteca da Nova Cultura.



Se há um nome que hegemoniza as capas da Vitória nos anos 1960, com pontuais exceções, esse nome é Mauro Vinhas de Queiroz. Ele tem uma trajetória curiosa, já que nos anos 1950 era ao mesmo tempo tenente da Aeronáutica e ilustrador. Nesse período acabou sendo preso acusado de “atividades bolchevistas” por apoiar a campanha “O Petróleo é Nosso” e posteriormente expulso da corporação¹⁸⁴. Além de seu trabalho gráfico, também adaptou textos para o teatro, e em 1958 ganhou uma menção honrosa no prêmio do Instituto Nacional do Livro pela peça *Na Loja de Selos*¹⁸⁵. Foi ainda diretor executivo da *Revista Módulo Brasil Arquitetura*, ao lado de nomes como Rubem Braga, Vinicius de Moraes e Marcel Gautherot, que contou com a colaboração de figuras como Oscar Niemeyer e Mário Pedrosa, além de colaborador da *Revista Leitura*, ligada ao PCB. Faleceu em 6 de abril de 1964, cinco dias após o Golpe Civil-Militar¹⁸⁶.

Ele reproduziu em suas capas pela Editorial Vitória, nos anos 1960, as principais tendências que vinham desde a década passada, aprofundando uma linguagem de design de livros que dialoga, por exemplo, com a arquitetura modernista da época, que buscava um ideal de brasilidade, sendo a construção de Brasília a sua síntese. A capa de *Brasil Século XX* de Rui Facó (figura 155) traz, justamente, uma foto da capital brasileira. Esse diálogo fica bastante evidente também nas capas da Coleção de Estudos Científicos dessa década. No livro *Gagárin: o Homem Soviético no Cosmos* (figura 140), Vinhas de Queiroz faz de um fragmento de uma das cartas do cosmonauta a própria “ilustração” da capa, fazendo da letra matéria gráfica. Chico Homem de Mello e Elaine Ramos apontam como destaque no design gráfico de livros nos anos 1960 o trabalho da designer brasileira Bea Feitler, que utiliza nas capas da Coleção Antologia Poética para a Editora do Autor

¹⁸⁴ *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, p. 3, 30 jan. 1955.

¹⁸⁵ *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, p. 230, 1959.

¹⁸⁶ *Revista Módulo Brasil Arquitetura*, Rio de Janeiro, pp. 58-59, 6 abr. 1964.

essa mesma ideia, com trechos de poemas dos autores publicados¹⁸⁷. O interessante é que essa coleção tão importante para a época saiu só em 1963, já o livro da Vitória com a capa de Mauro Vinhas é de 1961. Outro detalhe importante: Bea Feitler orbitava em torno do grupo responsável pela revista *Senhor*, da qual fazia parte Carlos Scliar, já citado anteriormente, ou seja, é bem provável que a ideia para essas capas tenha nascido de conversas e debates entre esses vários intelectuais que, se não eram do PCB, eram, ao menos, próximos de seus círculos intelectuais e artísticos.

Na sequência, a capa de *O Olho e o Sol*, de Vavilov (figura 141), traz uma proposta de ilustração icônica, diferente das ilustrações narrativas comuns nas capas da Vitória até esse momento. Nesse caso, o minimalismo dos ícones, a foto do olho e o círculo em conjunção dão sentido ao conteúdo da obra. As demais capas seguem modelos mais comuns de ilustração, casos de *A Origem da Vida*, de A. Opárin (figura 142), e do uso da fotografia em *Da Terra à Lua: Documentos Soviéticos* (figura 143).

Figuras 140-143. Capas da coleção Coletânea de Estudos Científicos.



¹⁸⁷ MELLO, Chico Homem de & RAMOS, Elaine. *Linha do Tempo do Design Gráfico Brasileiro*, op. cit., p. 380.

As demais capas de Vinhas Queiroz que se utilizavam das ilustrações variavam entre uma abordagem mais tradicional, com a ilustração ocupando toda a capa e apresentado uma maior definição dos detalhes como em *Fábrica de Pedra*, de Pedro Motta Lima (figura 149), e outra mais minimalista, como é o caso de *Minha Experiência em Brasília*, de Oscar Niemeyer (figura 148). A mesma tendência minimalista tão cara ao design modernista fica bastante evidente em capas como a do *Manual de Economia Política* (figura 159), da *História do Partido Comunista da União Soviética* (figura 160), *Fundamentos do Marxismo-Leninismo* (figura 161), *Obras Escolhidas* de Mao Tsé-Tung (figura 162) e *O Movimento Sindical no Brasil* (figura 163), de Jover Telles. Todas com o mesmo padrão de uma única cor chapada de fundo com a menor quantidade possível de recursos gráficos, algo que aproxima a ideia presente nessas capas da arte concreta¹⁸⁸.

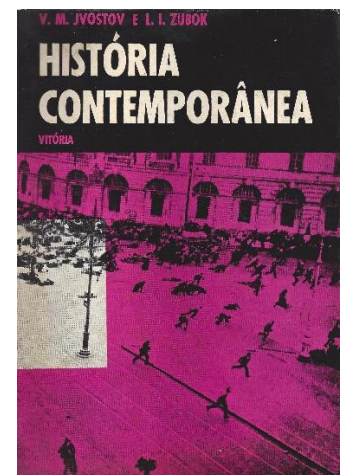
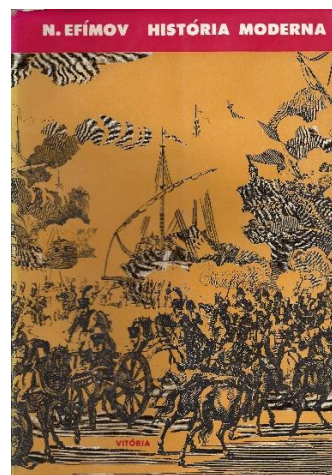
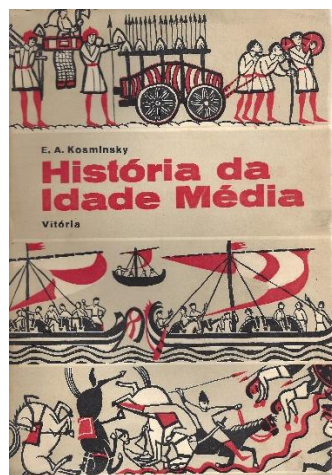
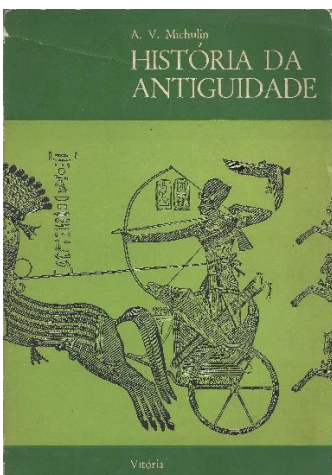
Esse padrão se repete em uma série de capas que exploram a ideia do fundo branco, fazendo dela uma moldura para o designer trabalhar os caracteres e demais recursos. São exemplos dessa tendência *O Que Dará o Plano Setenal ao Cidadão Soviético* (figura 166), na qual aparece também a ideia de ilustração icônica, *Roteiro*, de Beatriz Bandeira (figura 169), e *O Pão, o Feijão e as Forças Ocultas* (figura 167). Neste último há a técnica da palavra-ilustração: o artista apresenta cada um dos elementos do título em uma sequência de linhas paralelas, com o subtítulo perpendicular a elas, e dessa junção acaba surgindo a cartola do personagem Tio Sam, representando os EUA. O desenho é completado por algumas linhas que formam o rosto do personagem, e a letra “O” do nome do autor aparece em destaque, fazendo as vezes de olhos da ilustração. Ainda nessa linha vale citar as *Obras Escolhidas* de Marx e Engels (figuras 172, 173 e 174), que trazem ainda uma influência perceptível da obra de Emilie Chamie e da poesia

¹⁸⁸ *Idem*, pp. 270-271.

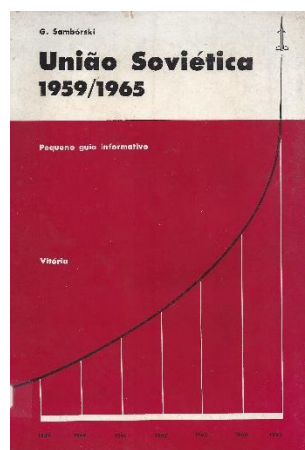
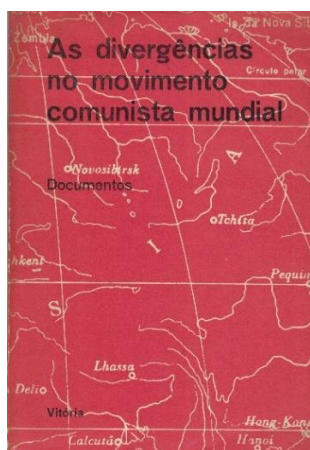
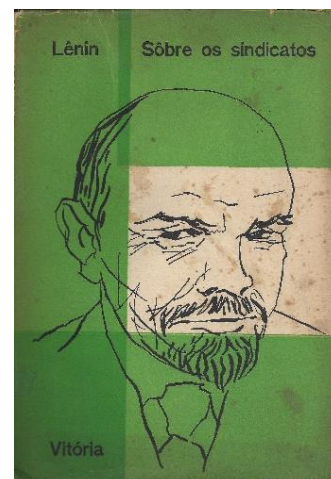
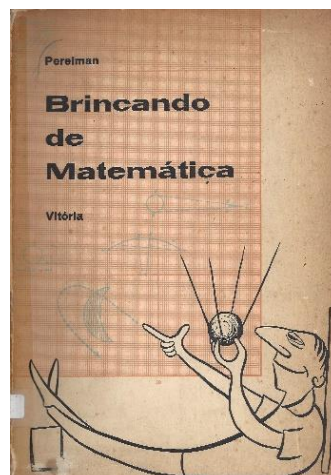
práxis, com os tipos grotescos¹⁸⁹, e com a inovação de Vinhas de Queiroz em relação à variação de cores de um volume para o outro.

A fotografia é bastante valorizada nas capas de Vinhas de Queiroz, se coadunando às tendências modernistas do artista. A junção das cores às fotografias nas capas passa a dramaticidade necessária ao conteúdo delas. Isso fica evidente, por exemplo, em *Cuba: A Revolução na América*, de Almir Matos (figura 165), *Formação do PCB*, de Astrojildo Pereira (figura 178), *O Estado e a Revolução*, de Lenin (figura 179), em todas as obras relacionadas a Nikita Krushev (figuras de 182 a 188), entre outras.

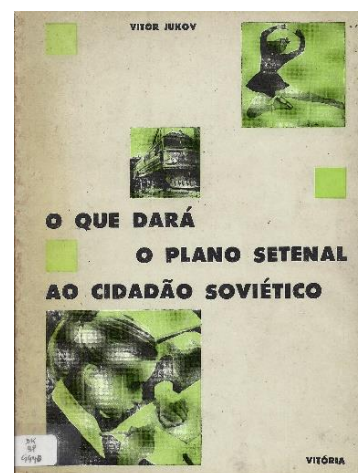
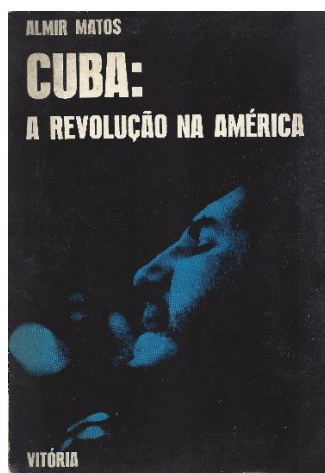
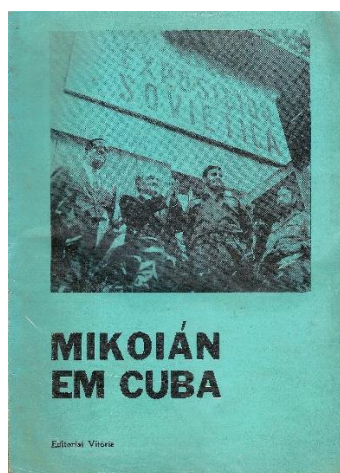
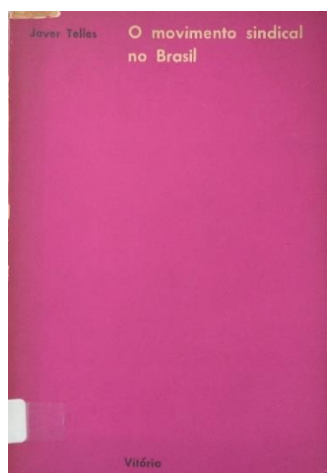
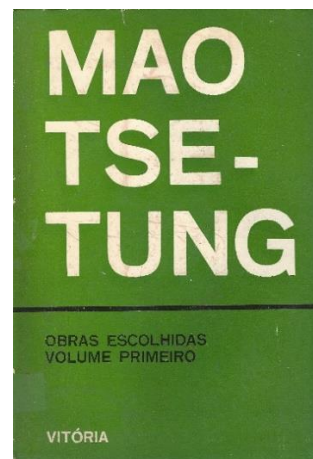
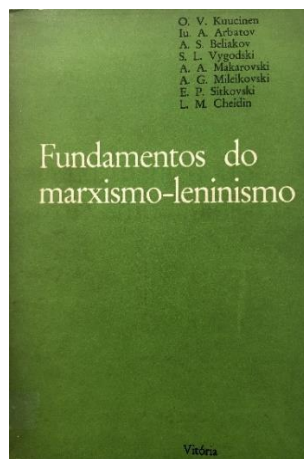
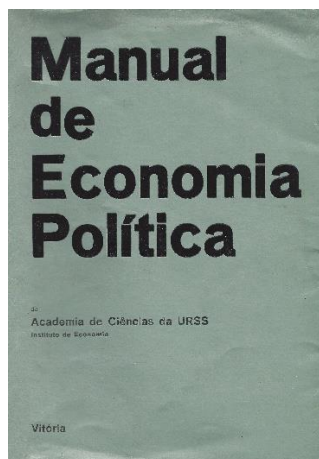
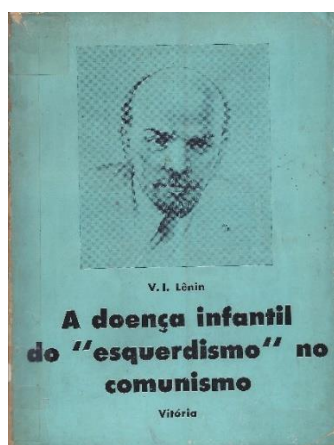
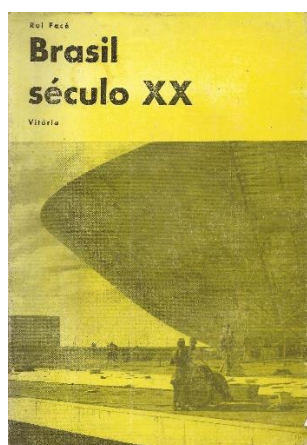
Figuras 144-154. Capas de Mauro Vinhas de Queiroz.



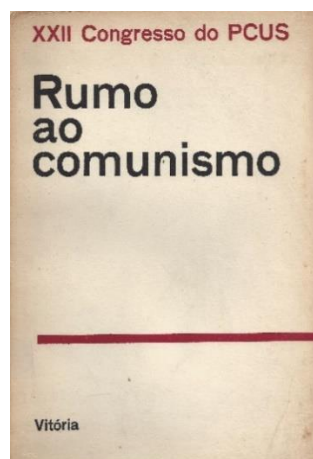
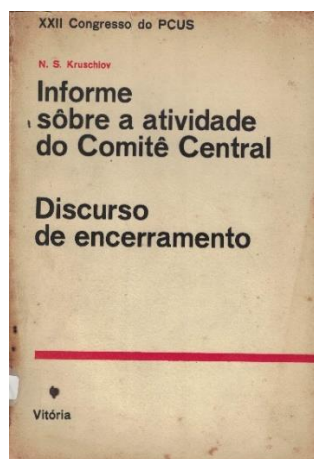
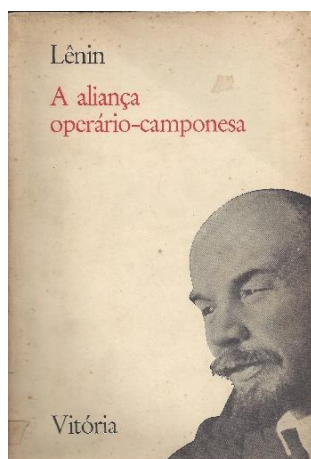
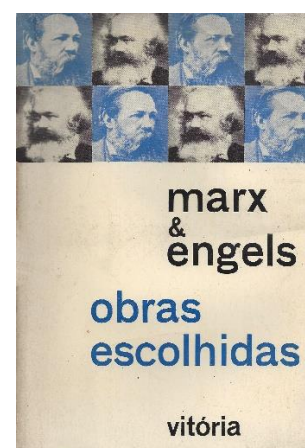
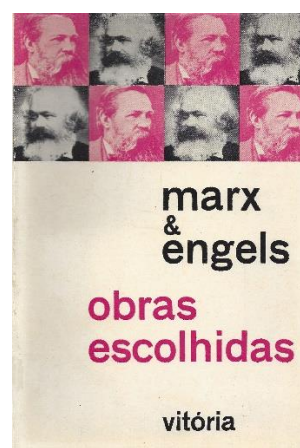
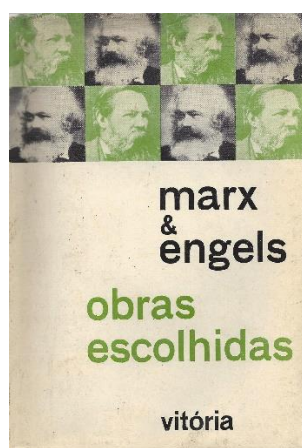
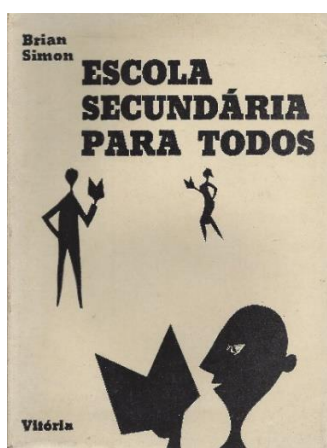
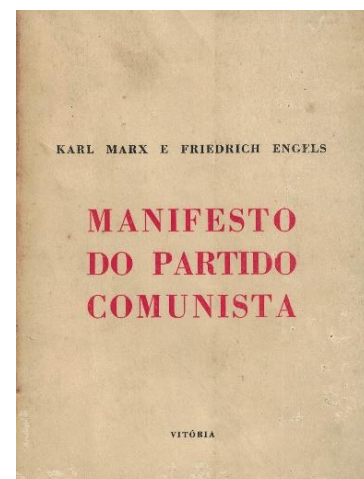
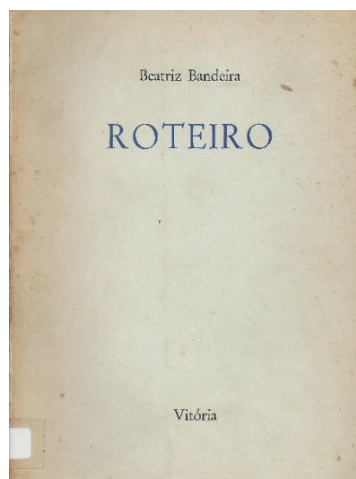
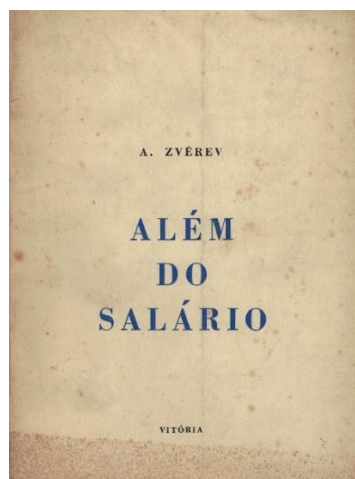
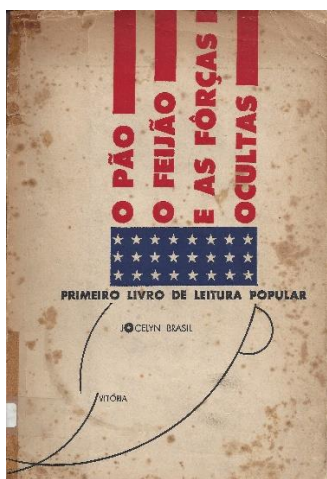
¹⁸⁹ *Idem*, pp. 378-379.



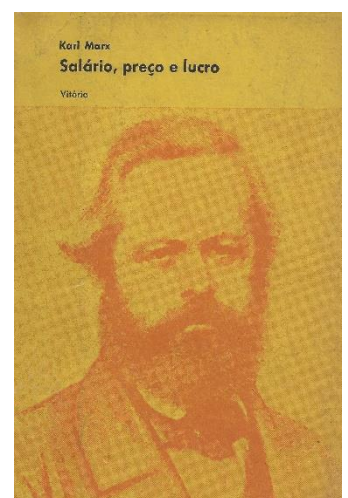
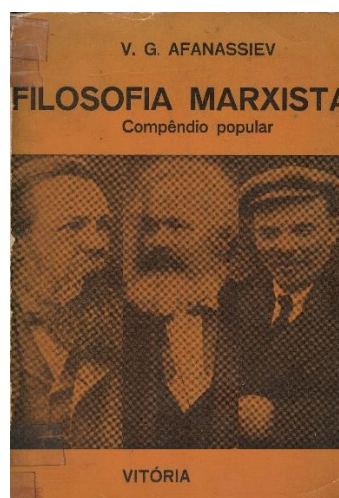
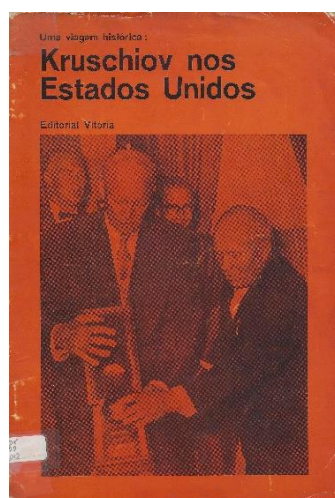
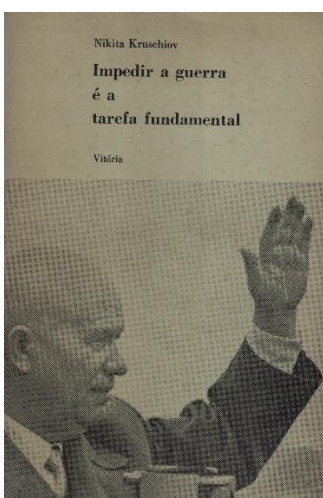
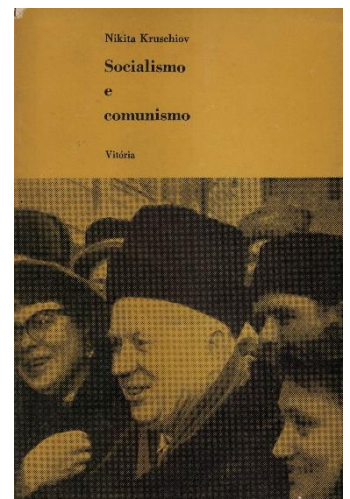
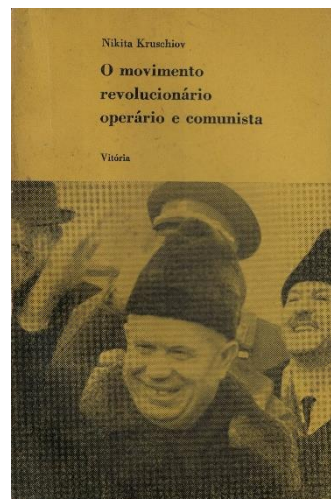
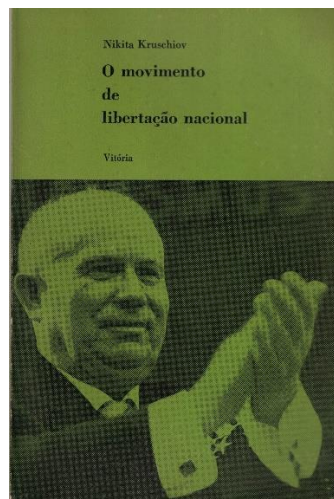
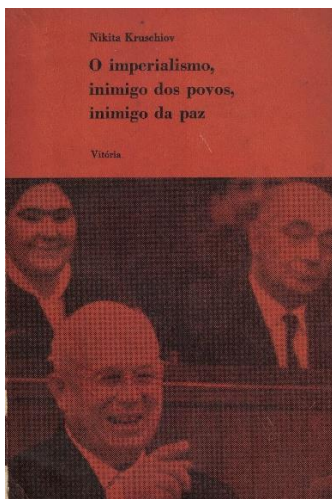
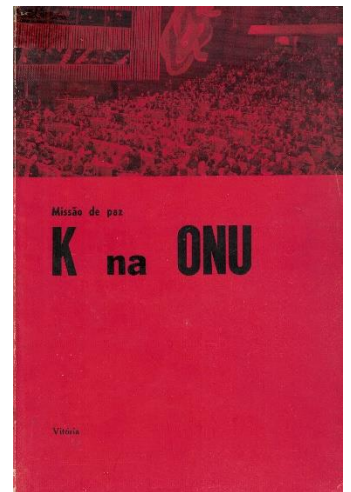
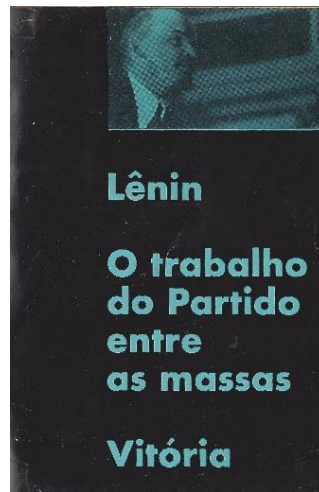
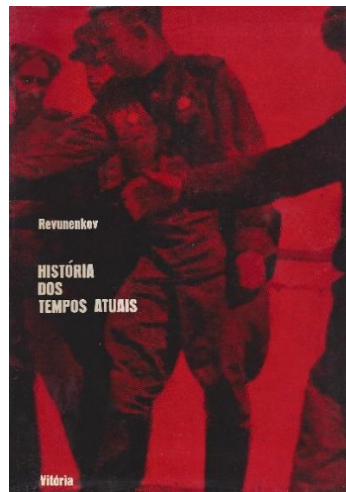
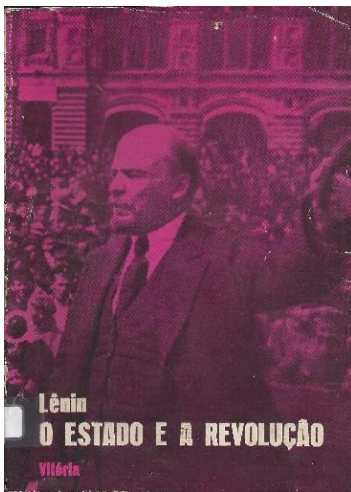
Figuras 155-166. Capas de Mauro Vinhas de Queiroz.



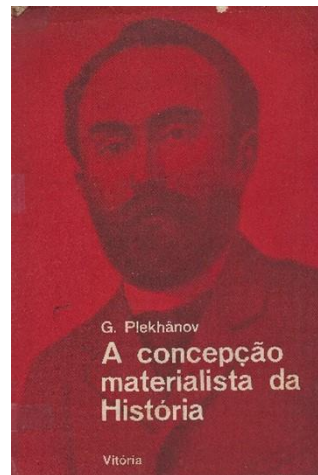
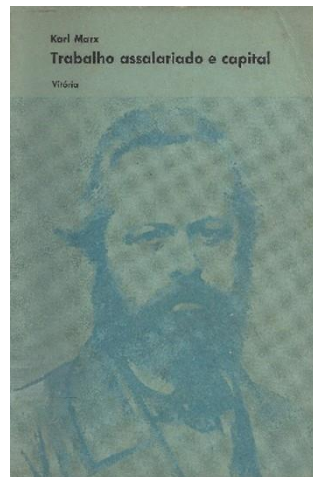
Figuras 167-178. Capas de Mauro Vinhas de Queiroz.



Figuras 179-190. Capas de Mauro Vinhas de Queiroz.



Figuras 191-192. Capas de Mauro Vinhas de Queiroz.



Por fim, algumas capas dos anos 1960 foram de autoria de outros artistas. *Canto Provisório*, de Geir Campos (figura 193), ficou a cargo do pintor Israel Pedrosa; *Anum Branco e Outros Contos*, de Renato Mazze Lucas (figura 194), contou com o trabalho do artista gráfico Leonardo Alencar; *Noite e Esperança*, de Milton Pedrosa (figura 195), traz capa de Carlos Scliar; e a quinta e última edição do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels (figura 196) traz capa de Paulo Werneck.

Werneck



Enfim, o trabalho presente nas capas da Editorial Vitória mostra o quanto os comunistas estavam alinhados às tendências do design gráfico durante o período de existência da editora e, mais do que isso, como os intelectuais e artistas pecebistas ou próximos ao partido tiveram participação direta na construção e difusão da tendência modernista nas artes gráficas, com destaque para Carlos Scliar e Mauro Vinhas de Queiroz. Fica evidente como o PCB tinha poder de atração sobre a intelectualidade, tendo como caso emblemático, pensando nas artes visuais, Candido Portinari, que traz para o partido vários artistas da sua convivência e que foram seus auxiliares. É interessante notar também que a influência do partido estava presente em outros aparelhos culturais que não necessariamente eram dele, pelo simples fato de ter militantes em cargos de destaque, como é o caso de Carlos Scliar na revista *Senhor*.

Analisadas as capas da editora, partimos agora para os demais paratextos, observando ano a ano o catálogo da Vitória em dois momentos diferentes: o período stalinista (1944-1956) e o período da desestalinização (1956-1964).

Capítulo 4

O Catálogo da Editorial Vitória:

O Período Stalinista (1944-1956)

Nos próximos dois capítulos daremos sequência à análise dos paratextos editoriais, explorando prefácios, posfácios, contracapas, orelhas, folhas de rosto e qualquer outro elemento que se encaixe nessa definição e nos esclareça sobre o processo de edição das obras da Vitória e sua relação com a linha política do PCB. Serão analisados os paratextos de 180 obras, de um total de 255, que serão citadas no seu respectivo ano de lançamento.

A Editorial Vitória foi a mais formidável empreitada editorial do PCB, nascida do seu período de legalidade nos anos 1940. Em quase vinte anos de existência, seu catálogo foi extremamente vasto, passando por romances, livros sobre a Segunda Guerra e de divulgação da ideologia marxista¹⁹⁰. Suas atividades tiveram início com o lançamento do romance *Morte ao Invasor Alemão*, de Ilya Ehrenburg, e sua estrutura estava ligada à Secretaria Nacional de Agitação e Propaganda do partido, ainda que mantivesse uma organização comercial como qualquer outra empresa.

Um exemplo dessa dupla natureza ocorre, por exemplo, nos anos 1950, quando o diretor da editora era Luiz Papi, porém quem definia de fato sua linha editorial era Alberto Passos Guimarães, quadro diretamente ligado à direção nacional do partido¹⁹¹. Na seleção de material a ser publicado, era possível que pessoas alinhadas com o PCB fossem consultadas, ainda que não fizessem parte da estrutura partidária, como foi o caso de alguns intelectuais.

¹⁹⁰ CARONE, Edgard, “O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964”, *op. cit.*, pp. 68-69.

¹⁹¹ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, *op. cit.*, p. 156.

No mais, essa escolha era feita pela secretaria da *agitprop* junto ao diretor da editora, ainda que em alguns casos o próprio Comitê Central tenha decidido pela publicação de determinados livros, como foi o caso das obras de Stalin, das quais foram lançados seis volumes, em um total de cinco mil exemplares¹⁹².

A editora também foi utilizada pelo partido como um instrumento de fomento para a produção cultural que se alinhasse às teses comunistas. Um exemplo foi o concurso encampado pela Vitória para a escolha do melhor trabalho sobre a Revolução Praieira, que oferecia um prêmio de cinco mil cruzeiros e contava com um júri formado por nomes como Graciliano Ramos, Edison Carneiro, Dalcídio Jurandir e Aníbal Machado, grandes quadros ligados ao partido no período.

As campanhas de venda da editora tinham um viés abertamente ideológico, como são os casos da Pequena Biblioteca Stalin, composta por dez volumes, oito do líder soviético e “genial discípulo e continuador de Lenin”, com 50% de desconto na semana de aniversário dele. Outro exemplo foi a divulgação da Pequena Biblioteca do Operário, constituída por livros de Stalin, Lenin, Engels e Marx¹⁹³.

Vale ressaltar o fato de a editora ser uma porta de entrada no Brasil para o intercâmbio cultural realizado pelo partido com outros partidos comunistas, países socialistas, ou com movimentos políticos e culturais hegemônicos pelo movimento comunista mundo afora. Nesse caso, se destaca o intercâmbio entre obras de escritores brasileiros, traduzidos, por exemplo, para o russo, como Jorge Amado, Dalcídio Jurandir, Dias Gomes, Afonso Schmitt, entre outros¹⁹⁴, e obras desse circuito traduzidas no Brasil, como veremos a seguir no catálogo da Editorial Vitória.

¹⁹² *Idem*, p. 157.

¹⁹³ *Idem*, *ibidem*.

¹⁹⁴ *Idem*, pp. 220-221.

Em seus quase vinte anos de atividades, a Editorial Vitória construiu um catálogo rico em obras de referência da literatura marxista mundial, passando por romances, obras de teoria e doutrina, relatos de viagens para a URSS e análises da conjuntura política, tanto do movimento comunista mundial, quanto brasileiro. Nesse tempo foram organizadas quinze coleções, sendo cinco nos anos 1940, nove nos anos 1950 e uma na fase derradeira da editora, já nos anos 1960. Neste capítulo serão analisadas cada uma dessas coleções, com destaques para aquelas de maior relevância em termos de números de obras, trabalho editorial e de divulgação, além das obras avulsas lançadas pela editora no período. Começamos pelas coleções dos anos 1940.

1. Anos 1940

1.1. Testando a repressão: romances, livros sobre a Guerra e antifascistas

Os anos 1940, por conta da Segunda Guerra Mundial, obrigaram diversos países a passar por mudanças políticas e econômicas, como no caso do Brasil, que a partir desse momento inicia um processo de abertura política da ditadura do Estado Novo e, economicamente, dá início a um processo de industrialização para a substituição de importações, procurando sanar a dificuldade de acesso ao mercado externo devido à Guerra¹⁹⁵.

Mais especificamente sobre a produção de livros, a mudança foi significativa. A impossibilidade de importação de livros portugueses, franceses e, mais tarde, hispano-americanos forçou o mercado editorial brasileiro a produzir os livros no próprio país, além da compra dos direitos para a tradução de obras internacionais¹⁹⁶. Em seu trabalho *O Livro no Brasil*, Laurence Hallewell afirma que no período da Guerra a produção de livros no país cresce 300%, na proporção de três para um entre livros e folhetos, tendência

¹⁹⁵ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, op. cit., p. 485.

¹⁹⁶ MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil*, op. cit., p. 76.

que persistirá até 1947¹⁹⁷. Essas informações são corroboradas pelo sociólogo Sergio Miceli em *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*, no qual ele afirma que a partir de 1942 circulam, no país, uma proporção de 2,5 livros estrangeiros para cada 7,5 livros nacionais¹⁹⁸. O autor afirma que foi somente nesse período que o Brasil terminou de consolidar a infraestrutura básica necessária para a produção de livros em escala industrial.

Nesse momento, além do impacto positivo da Guerra na estrutura macroeconômica do país, que segundo Hallewell teve como uma das principais consequências a recuperação do poder aquisitivo do mil-réis, o que afetará diretamente no *boom* da economia do livro¹⁹⁹, as transformações no âmbito da política também foram significativas. A partir de 1942, com a entrada do Brasil na Guerra ao lado dos EUA, da União Soviética e da Inglaterra, a ditadura do Estado Novo passa a tomar medidas democratizantes, já que se encontrava em um paradoxo, sendo uma ditadura no âmbito interno lutando em defesa da democracia e contra o nazifascismo no âmbito externo.

O PCB aproveita essa conjuntura para dar início à sua reorganização e realiza a II Conferência Nacional do partido em 1943, ainda na clandestinidade, na Serra da Mantiqueira. A “Conferência da Mantiqueira” reuniu os grupos que passaram a se reorganizar após 1942, sendo eles: o grupo comunista de São Paulo, liderado por Caio Prado Jr. e Heitor Ferreira Lima, que defendia a luta externa contra as potências nazifascistas e a luta interna contra o Estado Novo; o grupo de Fernando de Lacerda, que defendia a luta contra o inimigo externo e o adiamento da luta interna, inclusive anulando tudo o que pudesse atrapalhar no esforço de guerra, defendendo a dissolução do próprio PCB; e o grupo do Rio de Janeiro e da Bahia, que se autointitulava CNOP (Comissão

¹⁹⁷ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, op. cit., p. 493.

¹⁹⁸ MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil*, op. cit., p. 77.

¹⁹⁹ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, op. cit., pp. 491-493.

Nacional de Organização Provisória), liderado por Maurício Grabois, Amarílio de Vasconcelos, Arruda Câmara, Carlos Marighella, Giocondo Dias e outros, que defendia a luta contra o inimigo externo e o adiamento para o fim da Guerra da luta contra o inimigo interno.

Nesse momento, o grupo da CNOP é o mais próximo de Luiz Carlos Prestes, que continua preso. Dessa maneira, sua linha política se torna a oficial do partido a partir da conferência, com a eleição de seus líderes para o novo Comitê Central e de Prestes como secretário-geral *in absentia*, cargo que ele assumirá de fato após a anistia de 1945²⁰⁰.

Após a conferência, o PCB reestrutura a máquina partidária e realiza, entre outras coisas, a organização do seu aparato político-cultural, com o aparecimento do periódico intitulado *Tribuna Popular* e das suas editoras. Durante o período da legalidade, o PCB manteve a linha política de “coexistência pacífica”²⁰¹, em defesa da democracia e da paz, defendendo a luta política pela via parlamentar.

É nesse contexto que ocorrem os primeiros esforços editoriais da Editorial Vitória. Seu início de atividades foi marcado por duas coleções: Grandes Mestres da Literatura e Escritores Contemporâneos. Ainda que não fossem voltadas para obras propriamente marxistas ou de temáticas políticas, os escritores editados tinham uma clara ligação com a realidade soviética, como era o caso de Máximo Gorki e Ilya Ehrenburg. Essa era uma estratégia para “testar” o quanto o ambiente do país permitia a edição desses autores, já

²⁰⁰ CARONE, Edgard. *O PCB*. Vol. 1: 1922-1943, *op. cit.*, p. 14.

²⁰¹ Como afirma Edgard Carone em seu livro *O PCB (1943-1964)*: “O súbito arrebatamento do movimento provoca reação das classes dirigentes que, neste momento pós-guerra, ficam impedidas de negar o papel do PCB e o esforço da URSS no conflito europeu. A época de intolerância e incompreensão parecia distante e tudo levava a crer que dentro do atual sistema democrático brasileiro houvesse lugar para a participação da esquerda comunista. Ainda mais, o esforço da CNOP e, a partir de 1945, a própria posição oficial do partido demonstrou que sempre realçaram o papel da burguesia nacional, mostrando que o país deveria desenvolver-se sem grandes convulsões. Esta política, denominada de *Coexistência Pacífica*, marca a posição do partido desde 1943, momento em que, no plano internacional, Stalin dissolve a III Internacional, gesto de boa vontade com os seus aliados de guerra.” p.5.

que o país continuava sob o comando da ditadura estado-novista de Getúlio Vargas, apesar da abertura que se iniciava nesse período.

Segundo Leôncio Basbaum:

Não havia ainda condições para editar livros que mencionassem Marx, Engels e muito menos Lenin e Stalin, e outros monstros do comunismo. Passamos a editar romances e livros clássicos (dois de Gorki) com o objetivo de criar uma organização comercial que nos permitisse, no futuro, lançar-nos a voos mais altos²⁰².

De Gorki são editados na coleção Grandes Mestres da Literatura os livros *O Espião*, com tradução de Milton Tavares, e *A Mãe*, de tradução desconhecida. Ambas as capas são de autoria de J. Moraes. Na orelha do segundo livro há uma breve biografia do autor. Ele é definido como “um magnífico talento, continuador de uma nova época, artista que soube ligar a riquíssima tradição da literatura russa aos objetivos de construção pacífica de sua pátria”. Impossível não perceber aqui os ecos da concepção leninista de cultura, na qual a nova cultura comunista seria construída englobando o que havia de melhor da tradição cultural burguesa²⁰³.

O texto ainda cita o posicionamento abertamente antifascista do autor. Esse trecho diz que

À visão perspicaz de Gorki não escaparam os complicados processos políticos que se desenvolveram no oeste europeu depois da primeira guerra mundial. Quando viu aparecer o fascismo, o odiou como só podia odiá-lo um escritor progressista, humanista profundo e adversário do parasitismo sob qualquer disfarce. Por isso os fascistas estipendiaram mercenários covardes que roubaram a vida do grande escritor. Mas não puderam assassinar a palavra ardorosa e o pensamento de Gorki. Ele está hoje, com o seu povo e as demais Nações Unidas, na grande guerra de independência contra a Alemanha hitlerista²⁰⁴.

²⁰² BASBAUM, Leôncio. *Uma Vida em Seis Tempos*, op. cit., p. 181.

²⁰³ URONDO-CLAUDÍN, Carmen. *Lenin y la Revolucion Cultural*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1978, p. 23.

²⁰⁴ A morte de Máximo Gorki é cercada de controvérsia até os dias de hoje. Em um primeiro momento, os médicos anunciaram como *causa mortis* uma pneumonia, mas não tardou para a versão oficial mudar para um atentado orquestrado por “agentes de Leon Trotski e fascistas”, segundo Stalin e seu governo. O fato é que essa foi uma das principais acusações no julgamento contra o assim chamado “bloco de direita trotskista

Vale ressaltar que nesse período as publicações referentes à Guerra eram uma constante, devido à atualidade do tema, fazendo parte, por exemplo, do catálogo da Editorial Calvino, outra editora ligada ao PCB nos anos 1940²⁰⁵. Ainda que a obra não tratasse diretamente dessa temática, o editor não deixou de trazer no paratexto a linha política antifascista do PCB vigente naquele momento. Por fim, são lançadas ainda por essa coleção as obras *Polikuchka*, de Leon Tolstói, e *Memórias de Duas Jovens Casadas*, de Honoré de Balzac²⁰⁶.

Outro autor importante para o mundo soviético e editado na coleção Escritores Contemporâneos foi Ilya Ehrenburg. Seu livro *Treze Cachimbos* venceu o Prêmio Stalin de 1942, segundo consta na folha de rosto, uma honraria do estado soviético naqueles anos. A edição da Vitória foi traduzida por David Medeiros e traz capa, mais uma vez, de J. Medeiros.

A orelha do livro apresenta uma declaração do autor feita durante uma reunião do Clube de Escritores de Moscou, sobre o seu trabalho naqueles anos. Segundo ele, o foco é escrever sobre a Guerra, tendo escrito “provavelmente um número não inferior a mil” de artigos sobre o tema no período soviético *Krasnaia Svesdá*. Ehrenburg segue afirmando que

Esforço-me para escrever de maneira mais concreta possível. Os artigos são lidos em voz alta nos tanques e nas trincheiras. Quero escrever de tal forma para que a leitura seja feita “em uma só tirada”. Os combatentes da frente muito me ajudam: enviam-me cartas com os diários dos *fritzs*, escrevem-me sobre suas façanhas nos combates, sobre seus camaradas, sobre suas ideias e seus sentimentos. Manter esta correspondência custa muito tempo, mas o seu resultado é eficiente.

e antissoviético”, que acabou no fuzilamento de Genrikh Iagoda, chefe da Polícia Secreta soviética, Vladimir Kriutchov, secretário de Gorki e agente da política, e vários médicos do Kremlin. A acusação seria rebatida por Trotski que acusou Stalin pelo envenenamento do autor. No paratexto do livro editado pela editora oficial do PCB, claramente prevalece a versão stalinista, como não podia deixar de ser, naquele momento. Sobre o caso ver: *Gorki foi assassinado?* Em: <https://www.publico.pt/2006/06/18/jornal/gorki-foi-assassinado-84670>. Acesso em out. 2022.

²⁰⁵ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros*, op. cit., p. 93.

²⁰⁶ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória”, op. cit., pp. 132-133.

Cada viagem que faço à frente é para mim um acontecimento. Tudo o que ouço e vejo enriquece minha capacidade de escrever.

Nesse trecho, o autor não só descreve o seu método de escrita, partindo de suas observações do front e das correspondências trocadas com os soldados, mas também cria expectativas sobre a recepção de sua obra pelos combatentes, buscando adequar o seu estilo ao tempo do campo de batalha. Vale ressaltar o fato de os soldados reproduzirem em meio a aridez da guerra o método de leitura em voz alta, tão comum em outros tempos e circunstâncias²⁰⁷.

Ehrenburg finaliza seu relato da seguinte maneira

Na guerra os homens se tornam mais rústicos, mas sua sensibilidade se duplica. O ódio interior capacita-os distinguir as palavras vazias. O combatente no “front” espera a palavra viva e humana. Quer encontrar no escritor um amigo. Grande é a importância dos nossos camaradas que trabalham nos jornais do exército. Eles realizam uma ação bela e grandiosa. Estes escritores têm minutos de verdadeira satisfação ao saber que suas palavras mantiveram a firmeza do lutador em um instante difícil.

O autor, ao exaltar o trabalho dos escritores e jornalistas e sua importância junto aos soldados durante a Guerra, reafirma a ideia do “escritor-militante” tão cara à cultura comunista, na qual o trabalho intelectual, assim como quem o produz, não deve estar apartados da realidade dos trabalhadores, pelo contrário, deve estar a serviço de sua emancipação. Consequentemente, o faz também como elogio ao aparato político-editorial organizado pelos comunistas e sua influência nas camadas populares.

No prefácio, o editor exalta a figura de Ehrenburg, descrevendo a sua produção literária composta por romances, contos, ensaios e textos jornalísticos. São citados seus principais romances. Entre eles, *As Aventuras de Júlio Jurenito e de seus discípulos: Monsieur Delhaie, Karl Schmidt, Mister Cool, Alexis Fivhine, Ercole Bambuci, Elias*

²⁰⁷ MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 59.

Ehrenberg e o negro Aicha e Fábrica de Sonhos. Outro título, *Citroen*, teria inspirado Charlie Chaplin na composição de *Tempos Modernos*. Já as mais de duas mil crônicas escritas para os jornais em que trabalhava lhe renderam o Prêmio Stalin.

O texto continua exaltando outros escritores russos que estiveram no *front* junto de Ehrenburg, como foi o caso de Mikhail Cholókhov, “considerado o maior romancista de seu país”, que será publicado pela Vitória nos anos 1950 na Coleção Romances do Povo, e Eugênio Petrov, que também fará parte do catálogo da editora. Em seguida, Ilya Ehrenburg é mais uma vez elogiado pela luta no *front* contra os nazistas, assim reafirmando “as tradições progressistas dos escritores russos”, sendo por isso agraciado com a maior honraria soviética: a Ordem de Lenin.

Por fim, afirma o editor que

A Editorial Vitória Ltda. lançando “13 cachimbos” coletânea dos melhores contos de Ehrenburg, escritos antes da guerra patriótica de seu país, tem como objetivo vulgarizar a obra de um dos grandes nomes da literatura soviética a serviço da liberdade e progresso dos povos.

Ehrenburg é um escritor que aparecerá no catálogo da editora diversas vezes, reiterando seu papel de destaque no mundo das letras do bloco comunista. Nesse primeiro momento, na impossibilidade de editar as grandes lideranças marxistas, o nome dele e o de Gorki pareciam ideais para testar a tolerância das forças de repressão do Estado Novo, ajudando a editora a pensar nos seus próximos passos.

Nessa mesma linha, é editado na coleção Escritores Contemporâneos o romance *A Aventura das Doze Cadeiras*, de Ilya Ilf e Eugen Petrov, também soviéticos. Segundo consta na folha de rosto, a tradução é de Milton Tavares e a capa de J. Moraes. A orelha da obra traz um breve relato de Petrov sobre como conheceu o parceiro de escrita. Ambos trabalhavam no jornal *Gudok*, onde começaram a escrever o romance juntos. Ilf era cinco anos mais velho que Petrov e àquela altura já havia falecido, de tuberculose.

O livro traz ainda um prefácio dos editores, dando mais algumas informações biográficas dos autores e sobre sua obra:

[...] Depois do sucesso do seu primeiro volume em colaboração, que hoje apresentamos ao público brasileiro, “A aventura das doze cadeiras”, Ilf e Petrov escreveram outros livros no gênero humorístico e também as coisas mais graves e sérias disfarçadas sob a roupagem do humor. Viajaram, fizeram reportagens famosas, foram correspondentes dos mais importantes jornais do país, observaram e participaram das transformações por que a nação passou, sempre colocando seus talentos de escritores a serviço da causa do povo. E puderam, através da identidade de ideias, ligar-se entre si e se compreenderem, um ao outro, como terá sido difícil a outros intelectuais acostumados ao trabalho de equipe.

[...] Já sabemos do fim de Ilf, entre poético e prosaico [...]. Mas Petrov redimiu o prosaísmo (digamos assim) da morte na cama, que teve seu companheiro. Correspondente de guerra do “Pravda”, ele arrebatava os leitores com as suas crônicas perpassadas de amor patriótico, enviadas das trincheiras de Sebastopol, quando tombou no posto de honra como outros milhares de heróis e com o sétimo correspondente, na sua Pátria, em condições iguais, até 1941.

Deu o melhor exemplo que podem dar os intelectuais progressistas, num período como o que atravessou o seu país natal. E morreu em Sebastopol, bem próximo a Odessa, outra cidade heroica, mas que para o judeu Ilf e o russo Petrov sempre teve uma significação toda particular: lá haviam nascido e nas mesmas ruas em que o povo, com uma determinação invencível, soube resistir à metralha nazista e à destruição, eles cresceram e prepararam o espírito para o grande voo, para a carreira gloriosa que fizeram nas letras do seu imenso país.

O texto dos editores exalta a carreira jornalística dos autores e sua participação nas transformações de seu país. E vai além, ressaltando a morte heroica de Petrov na Grande Guerra, em luta contra os invasores nazistas, dando o “melhor exemplo” que poderiam dar os intelectuais, se engajando diretamente na luta. A exaltação da práxis de luta dos homens de letras soviéticos aparecerá com bastante frequência nos paratextos da editora.

O tema da Guerra aparecerá também na obra *Falange: O Exército Secreto do Eixo na América*, de Allan Chase, que surge como obra avulsa, sem fazer parte de nenhuma coleção. O livro traz uma apresentação escrita pelo embaixador do México no Brasil, José Maria D’Ávila, e um prefácio do coronel Francisco Galan.

O embaixador escreve sobre o perigo fascista presente nos países da América Latina e a importância do livro de Chase na denúncia dessa “contaminação” que estaria presente no continente. Segundo ele:

[...] De todos os perigos latentes que temos o dever de destruir, nenhum pior para os países da América Latina do que essa pestilenta organização que tem tratado de semear a discórdia, o derrotismo, a desconfiança e o ódio, sob a pele de cordeiro de uma mal chamada “hispanidad” e sob o signo fatídico das flechas falangistas, produto bastardo dos “fascies” de Mussolini e da “suástica” de Hitler.

As revelações de Allan Chase sobre os tentáculos falangistas na América devem ser conhecidas não só pelos leitores de língua inglesa ou espanhola, mas muito particularmente pelos deste grande povo do Brasil, que entrou na guerra contra as nações totalitárias contribuindo generosamente com o sangue de seus filhos nos procelosos mares e nos campos de batalha da velha Europa. Porque a leitura deste livro não só traz consigo a vantagem de conhecer muitos casos e nomes suspeitos, senão que incita o leitor a procurar outras pistas, a precaver-se de outros perigos e a coadjuvar com as autoridades na perseguição do inimigo emboscado.

Oxalá surjam novas publicações como esta e tenham, como de certo terão, grande acolhida entre os leitores, pois a única maneira de preparar-se contra a ameaça, é conhecer o perigo e só se pode ser bom democrata quando se está disposto a descobrir, apontar e aniquilar o traidor que habita ou pretende habitar em nosso meio.

Falange deve ser lido com atenção, como se leem os artigos de revista e as instruções sanitárias que nos previnem contra as endemias ou as epidemias que podem assolar nosso torrão natal.

O embaixador critica a forma como o fascismo se apropria de traços nacionais para espalhar o seu projeto político, e enfatiza a importância de o público brasileiro conhecer a obra de Allan Chase, já que o país se engajou na luta contra o nazifascismo na Europa. Vale lembrar que nesse período a linha política do PCB conclamava a “União Nacional”, seguindo a diretriz do movimento comunista internacional de Frente Ampla contra o nazifascismo, apoiando, dessa forma, o governo Vargas no esforço de guerra²⁰⁸.

O prefácio do coronel Francisco Galan, oficial antifascista exilado no Uruguai, ressalta o quanto a Falange Franquista está fortalecida na Espanha, independente da

²⁰⁸ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*, op. cit., p. 48.

derrota de Hitler, e suas pretensões de se expandir para a América Latina. A denúncia feita por Chase nesse sentido é exaltada, e mais uma vez é enfatizada a importância de leitura do livro:

[...] Por tudo o que antecede, penso que este livro se destina a merecer especial acolhida em todos os setores do grande povo brasileiro. Impõe-se sua leitura se se deseja saber a verdade sobre “o que aconteceu na Espanha”, e o que nós espanhóis não desejamos que suceda na América. Acho, porém, que Allan Chase não nos deve privar de seu sadio impulso criador. Deveria dedicar seu tempo a nos escrever um segundo livro, com as vitórias e derrotas desse exército, até ontem “invisível”. Prestaria assim um serviço inapreciável aos povos da América e também ao povo da minha pátria.

A obra ainda traz um prefácio do próprio autor. Ele relata alguns encontros com informantes que lhe permitiram escrever o livro, afirmando que seria de bom tom agradecê-los nominalmente, mas que seria impossível, pois nesse caso significaria o “beijo da morte” para cada um deles. O fato de o livro trazer uma apresentação e dois prefácios, inclusive explicitando posicionamentos do partido, mostra o cuidado da editora com essa edição e o crescimento da ação política dos comunistas apesar das forças de repressão.

Ainda em 1944 é editado o romance *Sete Palmos de Terra*, de Raymundo Souza Dantas, também de forma avulsa. A orelha do livro apresenta uma pequena biografia do autor, que era jornalista e colaborador de alguns periódicos do partido: as revistas *Leitura*, *Vamos Ler* e a *Revista do Brasil*. Apresenta também um fato curioso ocorrido durante a preparação da edição:

Fato curioso ocorreu por ocasião da confecção do romance de Raymundo Souza Dantas. Trata-se da opinião espontânea do linotipista Pietro Del Zenero que, ao terminar a composição de *Sete Palmos de Terra*, escreveu o seguinte bilhete para o autor:

“O linotipista que compôs este livro é milanês. Agradece ao autor pela brilhante personagem de Vitor Missano: verdadeiro tipo de proletário consciente e leal. O livro é interessantíssimo”.

É possível notar que desde o início os romances da editora já apresentavam traços do realismo socialista, em voga na União Soviética como política de Estado e estética artística desde 1934, como, por exemplo, os personagens sempre positivos e em destaque da classe operária. Essa estética será analisada de forma mais detalhada posteriormente. Além disso, o “bilhete do linotipista” é uma ótima propaganda: nada melhor do que um elogio vindo de um legítimo operário, mais ainda se responsável pela produção do livro.

Nesse ano ainda são editados de forma avulsa outras obras como *Uma Luz na Enseada*, livro de contos de Oswaldo Alves, *Contos de Natal*, de Charles Dickens, *Morte ao Invasor Alemão!*, de Ilya Ehrenburg, *Preto no Branco: História do Livro e da Iluminação*, de M. Ilin, *Como o Homem se Fez Gigante*, de M. Ilin e E. Segal, *O Imenso Mar*, autobiografia de Langston Hughes, e *Meu Tio Benjamin*, de Cláudio Tillier.

1.2. As primeiras obras do marxismo-leninismo: A Coleção Unidade e a Coleção Clássicos do Marxismo

O ano de 1945 marca o início das edições abertamente marxistas da Editorial Vitória, com a conquista da legalidade pelo PCB em abril de 1945²⁰⁹. Nesse ano a editora começa a editar duas coleções para difundir os clássicos do chamado “marxismo-leninismo”, a doutrina socialista da União Soviética: a Coleção Unidade e a Coleção Clássicos do Marxismo.

A primeira será editada entre 1945 e 1947, sendo formada por nove obras, manuais soviéticos sobre História e Filosofia, além de obras de Lenin e Stalin. Ela traz no seu nome um valor muito caro ao comunismo soviético àquela altura: Unidade. O centralismo democrático do PCUS prezava pela unidade ideológica e de ação de seus quadros, não

²⁰⁹ *Idem*, p. 49.

tolerando divergências à sua linha política, nesse momento personificada na figura de Stalin.

Quanto aos manuais, temos *História da Filosofia*, organizado pelo professor A. V. Shcheglov e “escrito por historiadores do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS”, como consta na capa. Segundo o índice, o volume traz artigos sobre Filosofia Antiga, Filosofia da Idade Média, Filosofia da época do Renascimento, A Luta entre o Materialismo e o Idealismo nos séculos XVII e XVIII, Idealismo Clássico Alemão, Filosofia Burguesa dos séculos XIX e XX, História da Filosofia na Rússia, um capítulo sobre Plekhanov e um sobre Filosofia do Marxismo, com ênfase nas ideias de Marx e Engels e seu posterior desenvolvimento por Lenin e Stalin. A tradução foi feita do espanhol por David Medeiros Filho.

No prefácio do livro são apresentados os objetivos da obra:

A história marxista-leninista da filosofia, repousa no materialismo dialético; oferece um quadro autêntico da evolução da filosofia e indica o lugar que esta última ocupa na vida social dos homens. A história da filosofia deve trazer à luz, desmascarar, o caráter reacionário das correntes burguesas e materialistas vulgares que combatem o marxismo-leninismo; deve dotar a classe operária de uma arma para sua luta contra toda reação burguesa no campo ideológico.

A tarefa a que este compêndio se propõe é dar uma breve e, na medida do possível, exposição popular da história da filosofia antiga, medieval e moderna, da russa entre elas; demonstrar a relação que existe entre a filosofia, a luta de classes e a evolução geral da ciência. O presente compêndio aspira investigar como surgiram as premissas históricas do materialismo dialético, e assinalar o que de novo Lenin e Stalin introduziram na filosofia do marxismo.

A apresentação deixa bastante claro ao que se propõe esse livro, ou seja, combater a “filosofia burguesa” em nome do marxismo-leninismo, a “arma ideológica” da classe operária contra a “reação burguesa”. A obra pretende dar ao leitor uma formação básica de filosofia sob o ponto de vista da doutrina filosófica soviética, inclusive sob a ótica daqueles que seriam seus grandes formuladores, Lenin e Stalin. A intrínseca relação entre o caráter missionário e editorial do movimento comunista fica evidente nesse prefácio, com o livro

sendo entendido, com todas as letras, como uma arma de luta ideológica. A figura de Stalin será onipresente nas edições desse período, como grande contribuidor nas mais diversas áreas, lembrando que o líder soviético vive o auge da sua popularidade no pós-Segunda Guerra Mundial, algo que perdurará até 1956, ano do XX Congresso do PCUS.

Outro manual presente nessa coleção é *História da Época do Capitalismo Industrial*, de A. Efimov e N. Freiberg, lançado em dois volumes. A tradução é de Paim Júnior e Alina Paim. O índice do II volume, ao qual tivemos acesso, apresenta quatro capítulos: “A Revolução de 1848 na Alemanha”, “A Luta pela Independência e a Guerra Civil na América do Norte”, “Época da Primeira Internacional e da Comuna de Paris” e, por último, “A Comuna de Paris”. O livro apresenta um compilado de eventos marcantes para o desenvolvimento da luta de classes segundo a perspectiva do marxismo soviético, seguindo a linha presente no manual de filosofia.

Mais um manual nesses mesmos moldes presente na coleção é *A Cultura Soviética*, livro que traz uma série de artigos sobre os mais diversos traços da cultura soviética. Seus autores são: Alexei Tolstoi, Henry A. Sigerist, B.D. Grekov e E.V. Tarlé, L.A. Orbeli, Paulo Alexandrov e Andrei Kholmogorov, Vera Varsanofieva, T. D. Lyssenko, Nikolai Tikhonov e A.Pozharsky. A tradução é de Paim Júnior.

O índice da obra traz os seguintes capítulos: “Correntes da Literatura Soviética”, “Os Princípios da Medicina Soviética”, “A Investigação Histórica na União Soviética”, “O Desenvolvimento da Biologia na União Soviética”, “As Matemáticas na Rússia”, “O Desenvolvimento da Geologia na União Soviética”, “Algumas Descobertas no Sentido de Dirigir a Natureza das Plantas”, “Arte e Literatura – A Literatura Soviética em Tempo de Guerra – Plenum da Reunião dos Escritores Soviéticos”, “A Futura Stalingrado” e “A Universidade de Leningrado em Tempo de Guerra”.

Existia um grande esforço por parte dos soviéticos em desmistificar discursos sobre seu país que eram disseminados no Ocidente, em um exercício de contranarrativa. Dessa forma, serão comuns obras que apresentem artigos sobre áreas específicas da realidade soviética, inclusive uma coleção com esse intento, a qual analisaremos posteriormente.

Mais uma obra presente na Coleção Unidade é, talvez, uma das mais importantes do catálogo da editora, dada a sua importância no mundo comunista e a ênfase conferida a ela pela direção do PCB, tanto na divulgação quanto nas indicações de leitura para a militância. Trata-se de *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, que será comercializado a Cr\$ 30,00. Na folha de rosto consta que se trata de “compêndio redigido pela Comissão do Comitê Central do P.C. (b) da U.R.S.S.” e “aprovado pelo Comitê Central do P.C. (b) da U.R.S.S.” no ano de 1938. Trata-se da história oficial da Revolução Russa e do partido segundo as diretrizes soviéticas. A orelha do livro apresenta trecho de informe de Luiz Carlos Prestes tecendo considerações sobre o livro:

A elevação do nível ideológico do Partido Comunista é uma das medidas mais importantes na luta contra o trabalho de sapa do inimigo e contra o fator de decomposição que representa a influência da ideologia burguesa sobre os elos mais fracos do Partido. O atraso teórico dos Partidos Comunistas foi, entre outras, uma das causas de que os Partidos Comunistas não se tenha dado conta de que o trotskismo se havia convertido num bando desenfreado e sem princípios de sabotadores, agentes de diversão, espões e assassinos que atuam por conta dos serviços de espionagem de potências estrangeiras’ dizia Manuilsky em 1939, repetindo em parte palavras de Stalin, e agregando logo a seguir: ‘No trabalho da liquidação desse atraso teórico dos Partidos Comunistas tem uma grande importância as traduções dos clássicos do marxismo-leninismo, Marx, Engels, Lenin e Stalin, e, sobretudo, a publicação em numerosos idiomas do ‘Compêndio de História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS’.

É este sem dúvida o livro que mais necessitamos no momento e cuja leitura mesmo individual permitirá aos nossos militantes elevar o nível teórico de sua cultura marxista a par das asoerbantes tarefas do momento que atravessamos, em que quadros relativamente pequenos se veem a frente de um novo e grande Partido em rápido crescimento.

(Do informe de Luiz Carlos Prestes, quando da primeira reunião pública do C.N. do Partido Comunista do Brasil).

Esse texto reforça mais uma vez o significado do nome “Unidade” para essa coleção, citando trecho de um discurso de Manuilsky, importante dirigente da Internacional Comunista, no qual ele se refere ao trotskismo em termos bem pouco elogiosos e reforça a luta contra essa dissidência. Fica bastante evidente que o programa dessa coleção segue uma determinação de publicações recomendada pelo Comintern, que incluía as lideranças sacralizadas do marxismo-leninismo (Marx, Engels, Lenin e Stalin) e o compêndio sobre a história do partido soviético.

A importância da leitura desse livro é enfatizada pelo próprio secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, como forma de elevação do “nível teórico” da “cultura marxista”, visando a tarefa de construção do partido que crescia nesse período de legalidade, tendo saltado de 3.100 membros em 1944 para 82.000 em 1945²¹⁰.

De fato, *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS* foi publicado em inúmeros idiomas, como pretendia o dirigente da Internacional Comunista. Segundo a historiadora Lilly Marcou, entre 1938 e 1947 essa obra teve duzentas edições em 62 línguas diferentes, com uma tiragem de 33 milhões de exemplares, sendo cerca de 27 em russo, cinco nas outras línguas da União Soviética e outro milhão nas línguas de países estrangeiros²¹¹.

Segundo Serge Wolikow, a edição do chamado “marxismo-leninismo” será o vetor de organização e seleção das edições comunistas mundo afora nesse período, seguindo a tendência em voga, com obras que levam de Marx a Stalin, passando por Lenin. Nesse sentido, a publicação das obras de Marx e Lenin se tornam parte de uma doutrina que tem Stalin como seu profeta. A publicação da primeira edição de *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS* em 1938 marcou definitivamente a

²¹⁰ SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros*, op. cit., p. 195.

²¹¹ PENNETIER, Claude e PUDAL, Bernard. “Do Partido Bolchevique ao Partido Stalinista”. In: DREYFUS, Michel et al. (orgs.). *O Século dos Comunismos*, op. cit., p. 383.

tendência de se escrever uma história que legitima o papel preponderante de Stalin em acontecimentos nos quais ele teve presença menor, o transformando, a partir disso, em uma liderança onisciente. A forma do livro, que combina passagens teóricas e narrações descritivas com uma abordagem pedagógica explícita, abole a diferença até então existente entre a literatura teórica e os textos vulgarizados destinados aos militantes.

O livro, que se destinava a um público mais amplo, passou a ser de leitura obrigatória na União Soviética²¹², tanto que seus trechos eram citados inclusive nas cartas de reclamações que a população endereçava ao governo, nas quais também eram citados trechos de livros de Marx, Lenin e Stalin²¹³. Nos países em que os partidos comunistas não estavam no poder, ele se torna a marca definitiva de adesão ao partido, definindo aqueles que faziam parte dos círculos de stalinistas mais ferrenhos. As obras de Stalin definirão a forma de agir de muitos partidos comunistas durante um longo período, que, copiando o exemplo russo, irão editar as obras de seus secretários-gerais no mesmo modelo²¹⁴.

O índice da obra apresenta doze capítulos, na seguinte ordem:

- Capítulo 1. A Luta pela Criação do Partido Operário Social-Democrata na Rússia (1883-1901).
- Capítulo 2. Formação do Partido Operário Social-Democrata da Rússia. Surgem No Partido duas facções: a Bolchevique e a Menchevique.
- Capítulo 3. Os Mencheviques e os Bolcheviques no período da Guerra Russo-Japonesa e da Primeira Revolução Russa (1904-1907)
- Capítulo 4. Os Mencheviques e os Bolcheviques durante o período da reação stolipyniana. Os Bolcheviques passam a formar um partido marxista independente (1908-1912)
- Capítulo 5. O Partido Bolchevique durante os anos do auge do movimento operário que precederam a Primeira Guerra Imperialista (1912-1914).
- Capítulo 6. O Partido Bolchevique durante o período da Guerra Imperialista. A Segunda Revolução na Rússia (1914-março de 1917)
- Capítulo 7. O Partido Bolchevique durante o período de preparação e realização da Revolução Socialista de Outubro (Abril 1917-1918)

²¹² WOLIKOW, Serge. “História do Livro e da Edição no Mundo Comunista Europeu”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*, op. cit., pp. 320-321.

²¹³ FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*, op. cit., p. 261.

²¹⁴ WOLIKOW, Serge. “História do Livro e da Edição no Mundo Comunista Europeu”, op. cit., p. 321.

Capítulo 8. O Partido Bolchevique durante o período da intervenção militar estrangeira e da Guerra Civil (1918-1920)
Capítulo 9. O Partido Bolchevique durante o período de transição ao trabalho pacífico de restauração da economia nacional (1921-1925)
Capítulo 10. O Partido Bolchevique na luta pela industrialização socialista do país (1926-1929)
Capítulo 11. O Partido Bolchevique na luta pela coletivização da agricultura (1930-1934)
Capítulo 12. O Partido Bolchevique na luta pelo coroamento da edificação da sociedade socialista e implantação da nova constituição (1935-1937)

A obra é constituída por diversos momentos considerados fundadores da sociedade socialista soviética: a formação do Partido Bolchevique, as Revoluções Russas, a Guerra Civil, a implantação dos Planos Quinquenais, a coletivização da terra e, por fim, o processo de implantação da Constituição Soviética de 1936, conhecida como a “Constituição Stalin”. E, mais do que qualquer liderança, o grande construtor da nova sociedade é o próprio Partido, esse ente que age acima das individualidades e aponta os caminhos que devem ser traçados. Esse foi o guia de consolidação dos PCs mundo afora e de formação de seus quadros e da sua militância.

Essa foi uma obra fundamental na formação de uma cultura comunista em comum nas mais diversas partes do mundo. O “falar bolchevique” deveria ser aprendido por todo trabalhador, que deveria estar ciente dos costumes e rituais do ambiente soviético de trabalho, as regras das assembleias e a linguagem pública dos periódicos. Era importante saber pronunciar um discurso e propor monções, entender os conceitos de “luta de classes” e “emulação socialista” e estar informado sobre a situação internacional²¹⁵. O livro *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, obra coletiva que tem como principal autor Alexandr Busygin, fazia com que “cada um sinta que está aprendendo a maneira de pensar bolchevique”, segundo uma trabalhadora que se filiou ao partido junto com o marido após a leitura da obra²¹⁶.

²¹⁵ FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*, op. cit., p. 124.

²¹⁶ *Idem*, p. 125.

Outra obra editada nessa coleção foi *Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática*, de Lenin, sendo a primeira obra do líder da Revolução de Outubro a constar no catálogo da editora. A obra foi traduzida do espanhol por Aldenor Campos. Ela traz um prefácio do próprio autor explicando o contexto em que a obra foi escrita e quais deveriam ser os próximos passos dos bolcheviques após a Revolução de 1905.

O índice apresenta a seguinte sequência de capítulos: “Um problema político fundamental”, “Que nos diz a Resolução do Terceiro Congresso do POSDR sobre o Governo Provisório revolucionário?”, “O que quer dizer ‘vitória decisiva da Revolução sobre o Tzarismo?’”, “A liquidação do regime monárquico e a república”, “Como ‘impulsionar a revolução para a frente?’”, “Onde está o perigo que ameaça o proletariado de ver-se de mãos amarradas na luta contra a burguesia inconsequente?”, “A tática da ‘eliminação dos conservadores do governo’”, “A corrente do ‘osvobozhdenie’ e o neo-iskrismo”, “Que significa ser o Partido da oposição extrema durante a revolução?”, “As ‘comunas revolucionárias’ e a ditadura revolucionário-democrática do proletariado e dos camponeses”, “Comparação sumária de algumas resoluções do Terceiro Congresso do Partido operário social-democrático da Rússia e da ‘Conferência’”, “Será menor o alcance da revolução democrática se a burguesia lhe voltar as costas?”, “Conclusão: nos atrevemos a triunfar?” E um apêndice intitulado “Nota ao Capítulo 10 do folheto ‘Duas Táticas’”.

É desse ano *As Montanhas e os Homens*, de M. Ilin. O livro traz um prólogo escrito por Máximo Gorki elogiando a ode ao progresso presente na obra:

As Montanhas e os Homens nos mostra como a energia dos seres humanos está sendo convertida numa luta contra a natureza, numa luta para dominar as suas forças e submetê-la à vontade do homem; como a energia coletiva introduz de forma sistemática e constante uma ordem de coisas inteligente dentro do jogo elementar das forças naturais, em benefício de toda humanidade. Os desertos são irrigados, os pântanos dessecados, regulado o curso dos rios – e novas regiões são criadas; constantemente novas provisões de combustíveis, fertilizantes e metais

são postos à disposição da humanidade; o cultivo das gramíneas se estende cada vez mais para o Norte; a terra se torna cada vez mais fértil, mais dócil diante do labor de seu dono humano.

As Montanhas e os Homens é um poema em prosa que expõe maravilhosamente o que na realidade acontece em nossa época. [...]

Desejamos para *As Montanhas e os Homens* o êxito que tão amplamente merece. Esperamos que ele consiga varrer o pó que turva as mentes dos homens e lhes impede de ver quão profunda e irreconciliável é a divisão que atualmente separa a raça humana em grupos antagônicos.

Nesse ano ainda foram editados os romances *O Povo é Imortal*, de Vassili Grossman, que tem como pano de fundo a Grande Guerra, e *Zamor*, de Pedro Motta Lima.

A linha de “coexistência pacífica” terá pouca duração, já que a partir de 1946, com a nova conjuntura da Guerra Fria e do anticomunismo do governo Dutra, os comunistas voltam a ser reprimidos. Apesar disso, não há nenhuma mudança perceptível nas atividades da editora nesse ano. A Editorial Vitória dá continuidade à Coleção Unidade com diversas obras de Lenin e Stalin. A primeira delas é *Que Fazer? Problemas Candentes de Nosso Movimento*, de Lenin, com tradução de Paim Júnior e Alina Paim. A abertura do livro apresenta o seguinte parágrafo, trecho de uma carta de Lassalle a Marx de junho de 1852:

[...] A luta interna dá ao Partido força e vitalidade; a maior prova de debilidade de um partido é sua dispersão e o desaparecimento de fronteiras nitidamente marcadas; o Partido se fortalece, depurando-se...

Essa citação dá o tom da obra que discute o funcionamento do partido. Ela traz um prefácio do autor e seu índice, dividido em um prólogo e cinco capítulos: “Dogmatismo e Liberdade de Crítica”, “A Espontaneidade das Massas e a Consciência da Social-Democracia”, “Política Tradeunionista e Política Social-Democrata”, “Os Métodos Primitivos do Trabalho dos Economistas e a Organização dos Revolucionários” e “‘Plano’ de um Periódico Político Destinado a Toda Rússia”. Há ainda a conclusão, um

anexo com dois títulos: “Tentativa de fundir Iskra com ‘Rabocheie Dielo’” e “Emenda para ‘Que Fazer?’”.

As obras de Lenin continuam com *A Doença Infantil do “Esquerdismo” no Comunismo*, traduzido do espanhol por Aldenor Campos. O índice do livro apresenta dez capítulos: “Em Qual Sentido Podemos Falar da Significação Internacional da Revolução Russa?”, “Uma das Condições Fundamentais do Êxito Bolchevique”, “As Principais Etapas da História do Bolchevismo”, “Quais os Inimigos que o Bolchevismo Combateu no Interior do Movimento Proletário Crescendo, Fortalecendo-se e Temperando-se nesta Luta?”, “O Comunismo ‘de Esquerda’ na Alemanha. Chefes, Partido, Classe, Massa”, “Devem os Revolucionários Atuar nos Sindicatos Reacionários?”, “Deve-se Participar nos Parlamentos Burgueses?”, “Nenhum Compromisso?”, “O Comunismo de ‘de esquerda’ na Inglaterra” e “Algumas Conclusões”. A obra ainda traz um anexo em quatro partes: “A Cisão dos Comunistas Alemães”, “Comunistas e Independentes na Alemanha”, “Turati e Companhia na Itália” e “Conclusões Falsas de Premissas Justas”.

Nesse ano ainda aparece *O Estado e a Revolução*, também do líder da Revolução de Outubro. A sinopse na orelha da obra apresenta o seguinte texto:

O Estado e a Revolução é o livro em que V.I. Lenin demonstra o papel do Estado como instrumento de dominação de uma classe, destruindo a concepção vulgar do Estado acima das classes, órgão de equilíbrio e harmonização entre os diferentes interesses de classe, dentro de uma nação. Escrita nos dias da fundação do Estado proletário, resultante da Revolução Russa de outubro de 1917, essa obra se recomenda ainda por seu caráter polêmico. O pensamento marxista se enriqueceu naquela grande experiência histórica, pondo a nu os disparates da tese anarquista e as deformações da teoria socialista que os mencheviques, os reformistas da Segunda Internacional e demais pseudo-marxistas pequeno-burgueses, da “esquerda” como da “direita”, impingiram em seus contrabandos ideológicos. O genial pensador e homem de ação bolchevique analisa o aparecimento do Estado nos vários períodos históricos, comprovando o caráter de classe do Estado burguês, a que tem de substituir o Estado proletário, como instrumento indispensável à construção do socialismo, na marcha para a sociedade sem classe, quando então desaparecerá a necessidade do sistema de dominação que o Estado representa.

O Estado e Revolução é um livro que se impõe como elemento de cultura social e econômica, não só para os militantes marxistas, como para os demais estudiosos de ciências econômicas, políticas e sociais.

Essa obra expõe, mais uma vez, a linha de unidade ideológica preconizada pelo movimento comunista e conseqüentemente pelo PCB, ao se referir às abordagens divergentes a de Lenin sobre o Estado como “disparates” no caso dos anarquistas, “deformações teóricas” se referindo aos social-democratas mencheviques e da Segunda Internacional, além dos “pseudo-marxistas pequeno-burgueses”. Nessa mesma linha, Lenin ganha o epíteto de “genial”, o que será comum nas publicações do partido, representação da sacralização da figura do líder bolchevique pelas estruturas de propaganda soviéticas do período stalinista. O livro ainda traz dois prólogos do autor, contextualizando o livro, reforçando seu antagonismo com várias figuras do movimento socialista, com destaque para Karl Kautski e a Segunda Internacional, e sua intenção de apresentar balanços das revoluções de 1905 e a de 1917, como “revoluções criadas pelas guerras imperialistas”.

Além de Lenin, o próprio Stalin ganha destaque na coleção com o livro *O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial*, com tradução de Brasil Gerson. A orelha da obra apresenta uma sinopse que diz muito sobre a hegemonia stalinista no movimento comunista mundial, inclusive com o tratamento dispensado ao líder soviético:

Neste livro, Stalin expõe o problema nacional em seus diversos aspectos. *Com a clareza, a objetividade, o senso de exatidão que lhe são peculiares* [grifo meu], define o que é uma nação: uma comunidade estável, historicamente formada na base do idioma, do território, da vida econômica e da psicologia, manifestada esta através de uma cultura comum. Parte escrito antes da Revolução de Outubro de 1917 e antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, parte já depois da experiência da formação do Estado multinacional que constitui a União Soviética, este livro contém estudos polêmicos, sobre as posições dos grupos reformistas e oportunistas em relação ao problema nacional e colonial, ao nacionalismo, ao separatismo, às minorias nacionais, e suas reivindicações próprias, bem como a definição exata dessas questões e o significado que tem segundo cada momento histórico. Aprecia ainda

a luta dos povos coloniais e semidependentes, relacionada com o movimento proletário e a marcha do socialismo no plano mundial.

Esse livro apresenta a leitura de Stalin em relação à questão nacional, que se tornará a oficial do movimento comunista. São reafirmadas as teses do Comintern em relação aos países da periferia do capitalismo considerados “coloniais ou semidependentes”, como é o caso do Brasil, análise que balizará a construção das linhas políticas do PCB até, ao menos, os anos 1960. Os ares de líder quase infalível aparecem de forma explícita no primeiro parágrafo, ressaltando a “clareza”, a “objetividade” e o “senso de exatidão” do teórico Stalin. Esse tratamento laudatório ao secretário-geral do PCUS se reforça com a onda de popularidade da União Soviética, do comunismo e dele próprio após a vitória na Segunda Guerra Mundial sobre o nazifascismo, no qual o povo soviético e sua liderança tiveram um papel fundamental. A visão crítica sobre a figura de Stalin, nesse momento, fica restrita a grupos dissidentes minoritários e apenas se tornará hegemônica após o XX Congresso do PCUS e o “relatório Krushev” de 1956.

Em 1946, a Vitória edita outra coleção, chamada Clássicos do Marxismo, que apresenta apenas três títulos, todos lançados nesse ano. O primeiro deles é *As Guerras Camponesas na Alemanha*, de Friedrich Engels, com tradução de B.A. Montenegro. A obra traz um prefácio do próprio autor, no qual ele explica a base teórico-metodológica de seu livro, demonstrando como essas guerras eram fruto de novas condições materiais presentes no país dado o seu desenvolvimento econômico, o que levava a novos conflitos entre as classes. O texto da orelha do livro diz o seguinte:

Entre os grandes livros dos clássicos marxistas *As Guerras Camponesas na Alemanha*, de Friedrich Engels, tem um lugar de relevo. Estudando os acontecimentos históricos de 1848-49 nos Estados Germânicos ainda recuados em relação à Inglaterra, à França e aos Países Baixos, que haviam realizado já, àquela época, sua Revolução Industrial, o companheiro de Marx na fundação do socialismo científico proporciona-nos um dos seus geniais ensaios sobre o problema agrário. Salienta a importância do problema em países onde a abolição da

propriedade feudal da terra interessa a toda a sociedade e assume o caráter de questão eminentemente nacional.

Engels faz o paralelo da luta dos camponeses chefiados por Munzer, em 1848-49, com a de 1525, assinalando as características próprias de cada movimento e as condições históricas em que ocorreram. Apresenta o problema em toda a sua profundidade, bem como o papel da burguesia e da pequena-burguesia alemãs, interessadas na Revolução Agrária, mas já então capitulando e cedendo aos latifundiários, sobretudo por medo ao “companheiro de viagem”, o proletariado, em vista da posição independente e combativa assumida pelos trabalhadores na França. Aparece, o proletariado como a única classe capaz de levar o movimento agrário até o fim.

A apresentação do livro ressalta a “genialidade” da análise de Engels em relação ao movimento dos camponeses na Alemanha, seguindo com a tendência de sacralização de sua figura ao lado de Marx, Lenin e Stalin, além de ressaltar o papel do proletariado como classe verdadeiramente revolucionária frente aos camponeses, conceito que se repetirá na análise de Lenin sobre a Revolução na Rússia.

A primeira obra de Marx a ser editada pela Editorial Vitória será *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, parte integrante dessa coleção. A obra apresenta dois prefácios. Um do próprio autor, da segunda edição, no qual ele critica outras obras que trataram do Golpe de Estado de Luís Bonaparte na França, principalmente a de Victor Hugo, e afirma como o seu livro, que saiu primeiro nos EUA, explica os acontecimentos franceses pela dinâmica da luta de classes e não por vontade de um indivíduo. O prefácio seguinte é de Engels, da terceira edição, no qual ele ressalta a atualidade da obra, mesmo depois de 33 anos de sua primeira edição, devido à perspicácia presente na análise de Marx dos acontecimentos franceses.

O último título dessa coleção é *A Luta pela Unidade da Classe Operária contra o Fascismo*, de Jorge Dimitrov, com tradução de Alina Paim. A orelha do livro apresenta o seguinte texto:

É um grande livro, de importância excepcional e comprovada influência nos acontecimentos históricos da última década, de 1935 a 1945. O autor, Jorge Dimitrov, atual chefe do governo de sua pátria, a

Bulgária, aparecia já então como o herói máximo da luta antifascista, depois de transformar-se de réu em acusador dos nazistas, no Tribunal de Leipzig.

Com essa autoridade o grande teórico e homem de ação indicou à classe operária o caminho da unidade e a todos os antifascistas o valor das alianças mais amplas, a fim de deter a marcha do fascismo, miná-lo onde ele chegou a dominar transitoriamente, e, por fim, batê-lo.

Inspiraram-se nesse ensinamento as batalhas do povo brasileiro em 1935, contra o nazi-integralismo. O mesmo se pode dizer da resistência oposta à Carta corporativista de 37 e à fascistização do Brasil com o golpe de 10 de novembro e a fundação do Estado Novo. Para o combate aos restos do fascismo em nosso país e no mundo, quando os setores mais reacionários do imperialismo visam reagrupar os remanescentes das quintas-colunas contra a democracia e contra a paz, este livro de Dimitrof torna-se de grande atualidade.

O livro da unidade sindical, da unidade da juventude, da unidade feminina, da união nacional. É ainda o livro da frente única dos povos dependentes, coloniais e semicoloniais, contra a dominação imperialista.

Há alguns pontos interessantes a serem destacados nessa sinopse. O primeiro é o fato de o autor, Dimitrof, ser o chefe do partido e do governo na Bulgária. O modelo soviético de sacralização do secretário-geral do partido é reproduzido em todo o movimento comunista, com suas lideranças ganhando visibilidade por meio de suas obras. Aqui no Brasil esse fenômeno será muito claro em relação a Luiz Carlos Prestes, algo que analisaremos posteriormente. O segundo é o fato de pela primeira vez aparecer um paratexto falando diretamente de questões nacionais, citando a luta contra a ditadura do Estado Novo e a linha do PCB de união nacional em torno da defesa da democracia e da paz. De novo a ênfase na questão da unidade é conclamada, inclusive quanto à união dos “povos dependentes, coloniais e semicoloniais”.

Nesse ano a editora ainda edita *Voltarei um Dia*, de Acúrcio Soares Estima, *Como o Homem se Fez Gigante*, romance para crianças de M. Ilin e E. Segal e último título da coleção Escritores Contemporâneos, a obra *Diderot*, de L.K. Luppol, na qual o autor retoma as ideias do iluminista francês e o coloca como precursor do materialismo dialético de Marx e *Um Ano de Legalidade*, obra de vários autores ligados ao partido, em coedição com a Edições Horizonte.

1.3. O agravamento da luta política e a predominância dos panfletos

Aliás, o ano de 1947 é marcado pelo lançamento de diversos panfletos com discursos das lideranças partidárias, que se encontravam na luta pela manutenção da legalidade do partido e dos mandatos de seus parlamentares contra o autoritário anticomunismo do governo Dutra. São edições que variam entre Cr\$ 0,50 e Cr\$ 4,00, que pretendiam massificar a luta travada pelo PCB naquele momento.

São editados nesse modelo *Em Defesa dos Mandatos do Povo e pela Renúncia do Ditador*, de João Amazonas, Carlos Marighella e Maurício Grabois, *Contra a Cassação dos Mandatos e pela Defesa da Economia Nacional*, de João Amazonas, *Liberdade de Ser Comunista*, de Sinval Palmeira, *Os Comunistas em Defesa da Economia Nacional*, de Maurício Grabois, *Os Comunistas e o Orçamento para 1948*, de Carlos Marighella, *Contra a Cassação dos Mandatos e Frente Nacional para a Libertação da Pátria*, de Luiz Carlos Prestes.

Mas nenhum folheto foi tão bem-sucedido quanto *Zé Brasil*, escrito por Monteiro Lobato, com capa e ilustrações de Percy Deane. A obra encomendada pelo partido ao veterano escritor contava a história de Zé Brasil, uma espécie de Jeca Tatu politizado pela exploração e luta, contra o Coronel Tatuíra, que encontra o sentido de sua vida ao conhecer a palavra de Luiz Carlos Prestes e o Partido Comunista do Brasil. O folheto apresenta dois posfácios. O primeiro traz um trecho de *Organizar o Povo para a Democracia – Discurso pronunciado no Pacaembu – S.Paulo*, de Prestes:

Sobre a Organização das Massas Camponesas

Através da luta pelas reivindicações mais sentidas será possível unir em organismos os mais diversos – clubes, associações ou ligas camponesas – as grandes massas de trabalhadores rurais, desde os sítiantes e pequenos proprietários, mais ou menos abastados, ou arrendatários capitalistas, mais ou menos independentes, até aquela maioria, a mais miserável, explorada e oprimida de toda a população do

país, constituída pelos agregados, colonos, moradores, meeiros, posseiros, vaqueiros, peões de estâncias e trabalhadores de eito.

O segundo apresenta um trecho das *Resoluções da IIIª Conferência Nacional do*

PCB:

Organização e Reivindicações

A posse da terra é, certamente, a maior reivindicação das massas camponesas, mas seria errôneo pretender mobilizar essas massas em torno dessa palavra de ordem apresentada isoladamente, sem ligá-las àquelas reivindicações menos radicais, porém capazes, uma vez conquistadas, de trazer melhoras, por menores que sejam, à situação de miséria dos camponeses. É, pois, da maior importância, saber levantar as reivindicações, como as de melhores condições de trabalho e contrato de arrendamento, a abolição de vales e barracões, maior prazo nos contratos de arrendamento e garantias ao camponês de poder reformá-lo, liberdade de comércio, diminuição dos impostos e fretes, crédito barato, além de outras que possam existir, que variam de Estado a Estado, de município a município e até de fazenda a fazenda.

Ambos tratavam das questões do campesinato brasileiro e do posicionamento do partido frente a esse grupo da classe trabalhadora, que ainda representava a maioria da força de trabalho no Brasil àquela altura. A fórmula que unia um escritor renomado com uma história anedótica de cunho pedagógico foi de grande sucesso, como já apontamos no capítulo 2. *Zé Brasil* foi um *best-seller* da editora e chegou até sua 5ª edição, tendo sido editado também pela Editorial Calvino em 1948²¹⁷. Com essa estratégia, o partido conseguiu divulgar sua linha política em relação aos camponeses, que se baseava na organização política desses trabalhadores com foco em pautas imediatas, mantendo no horizonte a reivindicação da reforma agrária.

O quanto a obra impactou nessa organização do campesinato é difícil saber, assim como é incerta a forma de recepção dessa obra àqueles para quem ela foi destinada, dadas as condições materiais precárias de boa parte dessa população, além do analfabetismo. Porém, é um fato que essa foi a obra de maior sucesso da Editorial Vitória e com um

²¹⁷ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros, op. cit.*, p. 157.

grande alcance Brasil afora, como vimos no capítulo 2. O panfleto, inclusive, causou incômodo nos poderes constituídos, já que nesse ano foram apreendidos mil exemplares dele a mando do governo da Bahia²¹⁸, o mesmo ocorrendo em São Paulo a mando de seu governador, Adhemar de Barros²¹⁹.

A obra ainda traz um anúncio de venda de toda obra de Monteiro Lobato, a qual, ao que tudo indica, era distribuída pela editora comunista naquele momento. Há ainda uma propaganda daquele que foi o livro com o maior esforço editorial por parte da Vitória naquele ano: *Problemas Atuais da Democracia*, de Luiz Carlos Prestes. Diz o anúncio:

Um marco no movimento editorial brasileiro, escrito pelo Senador Luiz Carlos Prestes.

Estudo aprofundado da História contemporânea de nossa Pátria, analisada com precisão científica, pelo grande líder do proletariado e do povo brasileiro.

Adquira conhecimentos e argumentos sobre a situação atual do Brasil, a luta de nosso povo pelo progresso, pela sua emancipação econômica, pela democracia e pela paz, contra a reação, os restos do fascismo e o imperialismo.

Essa obra contava com um prefácio de Pedro Pomar e capa de Tomás Santa Rosa.

A orelha do livro apresenta um trecho do texto de Pomar:

A edição dos trabalhos de Prestes sobre a situação de nossa pátria, particularmente no que tange aos acontecimentos políticos desses últimos anos e meses de sua formidável participação nesses acontecimentos, tornava-se mais do que oportuna. Adquire-se mesmo enorme significação para a compreensão dos problemas atuais e futuros do nosso povo.

Com uma visão de verdadeiro gênio revolucionário, colocando-se no campo do marxismo criador, Prestes compreendeu toda a importância da vitória militar contra o fascismo e os rumos que tomaria a humanidade na sua marcha progressista e democrática. Reforçou por isso a orientação do Partido Comunista na sua luta pela União Nacional para a Paz e a Democracia, dando-lhe maior conteúdo revolucionário e mostrando todas as formas novas de luta a serem utilizadas pelo povo para sua organização e sua unidade.

Situou o caráter da revolução brasileira dentro dos quadros políticos do mundo atual e alertou-nos contra o desvio pequeno-burguês, em que vínhamos caindo, que consistia na subestimação dos

²¹⁸ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, op. cit., p. 570.

²¹⁹ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p. 208.

camponeses como aliado principal do proletariado na revolução brasileira. A questão da terra, do latifúndio, do monopólio da propriedade territorial, foi posta aos nossos olhos com grande força pela maneira lógica e clara como Prestes colocava o problema da reforma agrária como condição indispensável para progredirmos e golpearmos a base da reação e do imperialismo no Brasil.

E todos aqueles que duvidavam da capacidade política de Prestes como mestre de estratégia e da tática do proletariado podem encontrar neste volume o atestado vivo da habilidade tática e da visão estratégica desse político de novo tipo, desse guia tenaz e infatigável do nosso povo. O desmascaramento do golpismo e do imperialismo e as vitórias democráticas conseguidas contra a reação e os restos do fascismo em desespero, são frutos da sabedoria de Prestes.

Que os patriotas e democratas, que o proletariado e os amigos e simpatizantes do Partido Comunista do Brasil, recebam a edição desta coletânea dos trabalhos de Prestes com espírito compreensivo e como a melhor ajuda de um amigo, de um companheiro, de um chefe, para assim emprendermos, com profunda convicção, e verdadeiramente unidos, a marcha vitoriosa na construção de um Brasil democrático e independente.

O livro é uma compilação de vários discursos e informes de Prestes. Nesse prefácio se repete com o secretário-geral do PCB o mesmo modelo de tratamento laudatório ao “genial” líder repleto de qualidades e visão política aguçada. Em outro trecho, Pomar afirma ser Prestes “um guia revolucionário que utiliza a ciência social do marxismo-leninismo-stalinismo com segurança e maestria, um verdadeiro chefe proletário comunista”.

Mais uma vez a linha política de União Nacional pela democracia e a paz é exaltada. É interessante como existiu uma mudança de percepção dessa linha política no pós-Guerra: se em um primeiro momento ela surge com o sentido de união a Vargas no contexto de guerra contra o nazifascismo, com a ascensão de Dutra e seu anticomunismo esse sentido se modifica, com a “união nacional” agora sendo entendida como a de todo o povo patriota, incluindo os setores progressistas da burguesia, contra os resquícios do fascismo, inclusive aquele representado pelo presidente brasileiro. Por essa linha o PCB pretendia se construir como um partido de massas e não mais um partido de vanguarda.

Segundo o índice, a obra se divide em duas partes. A primeira, intitulada “Documentos da Prisão”, é formada por “Carta a Roberto Sisson”, “Cartas ao Tenente Severo Fournier (1938)”, “Carta a Agildo Barata (1942)”, “Telegrama a ‘La Razon’, de Montevideú (1942)”, “Comentários a um documento aliancista aparecido nos últimos meses de 1943 (1944)”, “Projeto de declaração da ANL e do PCB (1944)”, “A propósito da reorganização de nossas forças (1944)”, “Carta a um amigo (1944)” e “A situação no Brasil e no mundo (1944)”.

A segunda parte, intitulada “O PCB na Legalidade”, é formada pelos documentos “União Nacional para a Democracia e o Progresso”, “Organizar o povo para a Democracia”, “Os Comunistas na Luta pela Democracia”, “O Partido Comunista quer, precisa, deseja ser compreendido”, “O PCB na luta pela paz e pela Democracia”, “A Bancada Comunista na Constituinte”, “Contra a Guerra e o Imperialismo”, “Paz Indivisível”, “O Problema da Terra e a Constituição de 1946”, “Solução imediata para os problemas do povo”, “Os comunistas lutam pela ordem e pela consolidação da Democracia” e “Em marcha para um grande partido de massas”.

Completam o catálogo desse ano *História de um Pracinha*, de Lia Correa Dutra, mais algumas obras de Lenin: *A Catástrofe que nos Ameaça e como Combatê-la*, *O Socialismo e a Guerra* e o último título lançado pela Coleção Unidade: *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. São editados também *Gottwald*, sem autor, e *Engels*, de Palmiro Togliatti, ambos pela coleção Líderes do Proletariado e do Povo, que apresentou apenas esses dois números; *Os Problemas da Juventude Brasileira*, de Apolônio de Carvalho e *Trajatória de Castro Alves: uma Interpretação Política (1847-71)*, de Edison Carneiro.

Esse último apresenta o seguinte texto de apresentação nas orelhas do livro:

Castro Alves, poeta da República e da democracia, se revela neste livro, que a Editorial Vitória apresenta ao público. Falando sobre as

comemorações do centenário do nascimento do poeta baiano, Edison Carneiro teve oportunidade de declarar:

“Podemos dizer que Castro Alves foi o mais coerente dos republicanos, no seu tempo. Não se limitou a ser um propagandista da República... Pelo contrário, defendia, pessoalmente e nos seus versos, os direitos do homem que se corporificam na República – as liberdades de imprensa, de palavra, de pensamento, de reunião, de culto (inclusive a separação da Igreja do Estado).

Nenhum poeta brasileiro se colocou tão inteiramente ao lado do povo como Castro Alves. Foi um antecipador. Propôs a emancipação do escravo cerca de vinte anos antes de que essa ideia fosse esposada pelos abolicionistas mais avançados. Desde 1864 tomou posição pela República e pela democracia – e defendeu os postulados republicanos com mais vigor e mais coerência do que os signatários do Manifesto Republicano de 1870.

Fez a justificação do voto feminino em 1871, exatamente sessenta anos antes de que o voto fosse concedido às mulheres pelos vacilantes democratas do país. Condenou a guerra e as aventuras militares, levantou a sua “voz de ferro” contra todas as formas de tirania. Foi um precursor do sentimento panamericano, não o de Monroe, mas o de Bolívar. E chegou a ter a visão da sociedade sem classes. Toda a sua obra é republicana e democrática, abolicionista, anticlerical, antiobscurantista e antiguerreira, sem qualquer espécie de jacobinismo”.

Este livro de Edison Carneiro é um estudo da obra de Castro Alves, de que se tiram lições de solidariedade humana e de luta pela conquista e na defesa dos direitos do homem, que são um exemplo e um estímulo para todos os democratas brasileiros.

O líder do movimento negro Edison Carneiro exalta a figura de Castro Alves quase como um comunista *avante la lettre*. O poeta baiano é o autor do passado mais evocado pelos intelectuais comunistas na busca por uma tradição literária brasileira genuinamente ligada à causa social²²⁰. Por fim, ainda constam na edição o anúncio de outras obras do autor, como *Religiões Negras* e *Negro Bantus*, editados pela Civilização Brasileira, *Castro Alves*, pela Livraria José Olympio, *O Quilombo dos Palmares*, pela Editora Brasiliense, e que teve uma edição em espanhol pelo Fondo de Cultura Econômica do México. Estavam previstos os lançamentos de *Ursa Maior*, *Antologia do Negro Brasileiro* e *Candomblés da Bahia*.

²²⁰ RUBIM, Antônio Canellas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*, op. cit., p. 90.

Ainda nesse ano o PCB tem a sua legalidade cassada, e no início de 1948 todos os seus parlamentares perdem seus mandatos. Dessa forma, novamente na ilegalidade, o partido passa por uma total reformulação da sua linha política. Soma-se a isso a criação do Cominform (Agência de Informação dos Partidos Comunistas) em 1947, que volta a centralizar as decisões sobre os caminhos que devem ser trilhados pelo movimento comunista mundial em Moscou²²¹.

A nova linha política do PCB começa a ser esboçada no *Manifesto de Janeiro de 1948*, que é aprimorado no *Manifesto de Agosto de 1950*. Ambos criticavam a política de aliança com a “burguesia progressista” levada a cabo no período anterior, além de desacreditar completamente qualquer mudança realmente significativa por meio da participação dos trabalhadores na “democracia burguesa”. A partir de agora a estratégia partidária estaria voltada para a construção da “revolução agrária e anti-imperialista” no Brasil, por meio da criação de uma “Frente Democrática de Libertação Nacional”²²².

Apesar das dificuldades, a editora sobrevive e continua a editar, ainda que em ritmo menor, em 1948. A Vitória segue com o lançamento de uma série de folhetos com preços que variavam entre Cr\$ 0,50 e Cr\$ 2,00. De Prestes serão lançados *Eis a Conduta de um Patriota* e *Depoimento Perante a Comissão de Inquérito sobre Atos Delituosos da Ditadura*. De outros autores aparecem *O Empréstimo à Light: Traição ao Povo Brasileiro*, de Diógenes Arruda Câmara e *Luta Vigorosa por Aumento de Salários*, de Miguel Almeida.

Nesse ano são editados dois livros. Surge também uma nova coleção: A Verdade sobre a URSS. Seu primeiro volume se intitulava *A Vida no Campo na URSS*, de V. Karpinski, com tradução de J. Maciel. Segundo informações da primeira página do livro, a foto de capa é da camponesa Chamana Gasanova, chefe da *kholkoz* 1º de maio, detentora

²²¹ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*, op. cit., p. 61.

²²² *Idem*, p. 62.

da medalha Herói do Trabalho Socialista do ano de 1946 por ter recolhido “97 quintais de algodão de cada um dos 5 hectares em que trabalha sua equipe”. O prefácio da obra exalta a coletivização das terras como um avanço histórico na vida dos camponeses, que defenderam as fazendas coletivas de forma heroica contra a invasão nazifascista. A obra toda está organizada para explicar como se deu a implantação das fazendas coletivas e seu papel na moderna economia soviética, sempre sob um viés bastante positivo.

Por fim, nesse ano a Editorial Vitória lança sua primeira edição do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels, sob o selo da coleção Biblioteca da Nova Cultura, que terá grande peso no catálogo da editora nos anos 1950. Na folha de rosto a obra é apresentada como “Edição do Centenário (1848-1948)”. O livro apresenta um texto introdutório intitulado “Edições Brasileiras do ‘Manifesto Comunista’”. Segundo os autores, a primeira edição saiu no Brasil em 1924, uma tradução de Octávio Brandão da versão francesa de Laura Lafargue, filha de Marx. Ela foi lançada em Porto Alegre, custeada pelo PCB daquela cidade. Na época, centenas de exemplares foram queimados pelos Correios da cidade, que se negou a entregar os livros. Essa tradução foi veiculada pelo jornal *Voz Cosmopolita* do Rio de Janeiro entre 1923 e 1924, sendo que outra tradução já havia circulado no país dessa forma em 1919 pelo jornal *Vanguarda*, órgão socialista de São Paulo, que acabou não publicando a obra até o final, devido à descontinuação do jornal.

O texto ainda afirma ser provável que a divulgação do *Manifesto Comunista* no Brasil tenha sido feita muito antes, por meio de edições portuguesas, em italiano, espanhol, francês, alemão e inglês. A referência mais antiga sobre o livro em periódicos brasileiros data de 1871-1872 no *Echo Americano*, produzido em Londres e redigido em português por autores brasileiros. O jornal homenageou Karl Marx em publicação de 1872, na qual o *Manifesto* é citado.

Apareceram no Brasil em 1931 e 1932 duas edições na Coleção Sociológica da Edições Unitas e outras quatro em 1945: na Coleção Clássicos do Marxismo das Edições Horizonte, nas Edições Triângulo com um prefácio de Lenin, na Coleção Popular de Obras Sociais da Edições Incahuasi e na Editorial Calvino com introdução de Riazanov e um apêndice contendo o estatuto da Liga dos Comunistas e outros documentos históricos. O texto se encerra com a informação de que a edição da Editorial Vitória tem como base o texto da Edições Horizonte revisado e confrontado com as edições francesa, inglesa e alemã. A apresentação é assinada pela Comissão Comemorativa do Centenário do Manifesto Comunista. O livro ainda apresenta três prefácios, o da primeira edição de Marx e Engels, o da edição lançada logo após a morte de Marx e um terceiro, não especificado de qual momento, os dois últimos assinados por Engels.

Em 1949 as dificuldades organizacionais decorrentes das novas condições políticas começam a refletir na Vitória, que perde fôlego no seu ritmo de edições. A editora mantém o lançamento de panfletos, dessa vez focados em Stalin. São desse ano *A Luta contra o Trotskismo* e *O Partido e Sobre o Problema da China*, que variavam entre Cr\$ 1,00 e Cr\$ 5,00. É lançado ainda *Os Povos da América Latina Contra o Imperialismo* de Prestes.

É editado também *Lenin, Stalin e a Paz*, de vários autores. Esse livro traz um prefácio de Maurício Grabois, no qual o autor enfatiza a importância de os comunistas se engajarem contra a eclosão de uma Terceira Guerra Mundial que estaria sendo engendrada pelos EUA e pela recém-criada OTAN contra a União Soviética e as democracias populares. O uso da bomba atômica pelos EUA contra os soviéticos seria uma realidade, segundo ele. Vale lembrar que nesse momento a construção de movimentos pela paz pelos comunistas mundo afora era de interesse da política externa soviética, já

que eles ainda não tinham dominado a tecnologia da bomba atômica, logo, estavam em desvantagem em relação ao bloco militar ocidental²²³.

Nesse ano a editora lança *Stalin*, uma biografia do líder máximo da União Soviética. Na folha de rosto consta se tratar de uma “edição comemorativa do 70º aniversário do generalíssimo Stalin – 21 de dezembro de 1949”. O livro foi escrito a muitas mãos pela Edições Políticas do Estado, ligada ao Instituto Marx-Engels-Lenin. Consta uma nota da editora na primeira página esclarecendo que a tradução foi feita da edição espanhola de Moscou, baseada na segunda edição russa, corrigida e aumentada. Além disso, dessa edição foram tirados cinquenta exemplares especiais em papel *bouffant*, numerados de 1 a 50, que não estavam à venda.

Outro livro editado nesse ano foi *Testamento sob a Força*, de Julio Fuchik, com tradução de Lia Corrêa Dutra e prefácio de Dalcídio Jurandir. Segundo o texto do militante e autor brasileiro, a obra conta a história de Fuchik, que foi uma liderança comunista na Tchecoslováquia, comandante da resistência ao regime nazista, o qual o capturou na primavera de 1942, o torturou, sem ele arrefecer, resistindo a tudo com “o maior estoicismo”. Ele foi assassinado em Berlim em 1943, sem ter entregado um companheiro sequer, o que o transformava em um militante comunista exemplar.

A Herança e sua Variabilidade, de D. Lyssenko, aparecerá também nesse ano, marcando o primeiro lançamento da editora sobre os avanços científicos na União Soviética. O livro contém uma apresentação enfatizando que foi a importância “histórica e científica” do debate encabeçado por Lyssenko que fez a Vitória editar essa obra. Consta também uma fala de Louis Aragon, líder do PCF, afirmando que “jamais, em qualquer país, em nenhum momento da história humana, uma discussão científica terá sido acompanhada assim por milhares de homens e mulheres”, que segundo ele o fazem

²²³ RIDENTI, Marcelo. *O Segredo das Senhoras Americanas: Intelectuais, Internacionalização e Financiamento na Guerra Fria Cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2022, p. 42.

porque houve na União Soviética a “criação de uma inteligência de novo tipo, constituída de milhões de leitores, suscetíveis de se interessarem por uma discussão sobre biologia, sustentada por sábios e capazes de segui-la”. O texto ainda enfatiza o quanto foi livre o debate de ideias que resultou no livro, desmentindo os “caluniadores da cultura soviética”.

Por fim, ainda em 1949, a editora lança *História Popular da Revolução Praieira*, de Fernando Segismundo. Na folha de rosto consta os dizeres “Prêmio único do Concurso da Editorial Vitória”. Isso porque esse livro é fruto de um concurso cultural promovido pela editora em busca do melhor livro sobre a Insurreição Praieira, com um júri formado por diversos intelectuais do partido, como Graciliano Ramos, Édison Carneiro, Dalcídio Jurandir e Aníbal Machado²²⁴.

Enfim, nos anos 1940 a Editorial Vitória publicou 84 títulos e seis coleções, sendo 23 em 1945, quinze em 1946, dezessete em 1947, vinte em 1948 e nove em 1949. Foram editados romances, livros de teoria e doutrina, além de uma série de informes e discursos das lideranças comunistas. Inclusive, é bastante evidente a prioridade dada aos panfletos a partir de 1947, ano em que o partido é colocado novamente na ilegalidade, e 1948, ano em que os mandatos de todos os seus parlamentares são cassados. A luta política imediata exigia um tipo de edição de menor custo e maior alcance. Os números mostram a perda de fôlego no ano de 1949, com certeza decorrente da nova situação política de ilegalidade e perseguição na qual se encontrava o PCB, além do sectarismo de sua nova linha política. Situação que vai se agravar no início dos anos 1950.

2. Anos 1950

O início dos anos 1950 apresenta o esgotamento do *boom* da produção editorial brasileira ocorrida na conjuntura da Segunda Guerra Mundial. A maioria das novas firmas

²²⁴ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p.157.

surgidas no período conseguiu sobreviver só até o final da década de 1940. A partir de 1947 o setor livreiro já estava estagnado e a competição entre as editoras torna-se mais dura: na medida em que a quantidade de editoras era maior, cada uma buscava manter a sua parcela do mercado, o que levou a uma redução das tiragens médias de cada edição e à diminuição dos lucros. Para se ter uma ideia, no ano de 1953 o Brasil tinha menos editoras do que em 1936²²⁵.

A recuperação real da indústria editorial no Brasil só vai ocorrer no governo Juscelino Kubitschek, a partir de 1956. No período JK a indústria gráfica cresceu 143,3% entre 1950 e 1960, a quinta maior taxa de crescimento entre as indústrias do país, ainda que grande parte desse aumento fosse em função da produção de jornais. Muitas medidas foram responsáveis por esse resultado, como a isenção tributária para o setor livreiro e o da produção de papel para livros, que tiveram todos os impostos zerados com a exceção do Imposto de Renda. As tarifas postais referentes aos livros também foram reduzidas e o papel brasileiro passou a ser subsidiado para competir com o importado²²⁶.

Além disso, os impostos alfandegários sobre livros estrangeiros foram abolidos, exceto para livros com encadernação de luxo e em língua portuguesa impressos fora de Portugal, a taxa de câmbio especial para a importação de livros é extinta no início de 1959. Essa medida, somada à redução do preço do papel, permitiu a publicação de traduções brasileiras a preços competitivos em relação aos originais importados, o que fez com que, em pouco tempo, as traduções brasileiras fossem vendidas por um terço do preço de venda no país de um livro americano. Isso, do ponto de vista comercial, permitiu o aumento considerável da produção de obras especializadas em português, que em 1963 já era maior no Brasil do que em qualquer país da América Latina²²⁷. Os anos de euforia

²²⁵ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil, op. cit.*, p. 544.

²²⁶ *Idem*, p. 586.

²²⁷ *Idem*, p.586.

da “Era JK” foram marcados por taxas de crescimento de sete a oito por cento ao ano e um exponencial aumento da produção editorial, que triplicou entre 1955 e 1962²²⁸.

Quanto ao partido, o PCB passará por uma metamorfose entre o final dos anos 1940 e 1950, com a cassação de seu registro em 1947 e de seus parlamentares em 1948, colocando fim a um curto período de legalidade e participação ativa na vida democrática brasileira, no contexto pós-Segunda Guerra Mundial e de redemocratização do país com o fim do Estado Novo varguista. Nesse período ocorrerão importantes mudanças no movimento comunista mundial, provocadas pela criação da Agência de Informação dos Partidos Comunistas (Cominform), em 1947. Esse novo aparato ligado ao PCUS retomará, em boa medida, o papel de centro dirigente desempenhado até 1943 pela Internacional Comunista (IC). Sua prática será marcada pelo dogmatismo stalinista e terá influência clara nas práticas e concepções defendidas pelo PCB até a sua extinção, em 1956²²⁹.

Os comunistas brasileiros iniciam uma nova linha política com o *Manifesto de Janeiro de 1948*, que serviria de base para o importante *Manifesto de Agosto de 1950*. Em linhas gerais, ambos criticavam a linha seguida pelo partido no período anterior, de aliança com a “burguesia progressista” e de aposta na política institucional. Apontam como erros políticos a falta de um posicionamento enfático contra o governo Dutra e a Carta Constitucional de 1946, responsável pela redemocratização do país. Ainda apontam como erro estratégico a pouca atenção dada às lutas camponesas, reafirmam que o Brasil permanece sendo um país “atrasado, semifeudal e semicolonial”, e que por isso, a Revolução Brasileira naquele momento seria “agrária e anti-imperialista”²³⁰.

O *Manifesto de Agosto de 1950* carrega nas tintas ao caracterizar o governo Dutra como “fascista”, de “traição nacional” e responsável pelo “servilismo” aos EUA, e pela

²²⁸ *Idem*, pp. 599-600.

²²⁹ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*, op. cit., p. 61.

²³⁰ *Idem*, p. 62.

marcha rumo ao “caminho da escravidão colonial e da perda total de nossa soberania nacional”. Os comunistas nesse momento, partindo de uma visão absolutamente sectária, colocam de um lado o governo e todos os partidos ditos “burgueses”, e do outro, as massas trabalhadoras, operários e camponeses, os “intelectuais honestos” e classes médias, que sob a liderança comunista, lutariam contra a dominação imperialista em uma “Frente Democrática de Libertação Nacional”²³¹. Enfim, o manifesto ainda defende a construção de um governo “democrático e popular” revolucionário “sob a direção do proletariado em substituição a atual ditadura feudal-burguesa serviçal do imperialismo”, e faz um chamado, ao final, pela formação de um “exército popular de libertação nacional”²³².

Na prática, a nova linha partidária, bastante estreita, sectária e voluntarista, reflete também o momento de acirramento da luta política e ideológica entre União Soviética e EUA no contexto da Guerra Fria, e irá levar os comunistas ao isolamento político nos mais diversos espaços de atuação do partido. No meio sindical, por exemplo, a prática de criar sindicatos próprios, sem base real, e de promover greves “na marra”, mina a credibilidade dos comunistas junto aos operários organizados, fazendo com que o espaço deixado seja ocupado pelos trabalhistas e outras forças políticas²³³. Nos meios intelectuais o impacto também foi bastante negativo. Aqueles que não utilizassem seu trabalho teórico como instrumento para a divulgação das teses partidárias eram acusados de “desvios burgueses”. No campo estético, o artista que não seguisse as diretrizes do “realismo socialista” era execrado publicamente pelas lideranças partidárias.

Nesse contexto o partido só tem algum sucesso justamente quando deixa de lado, momentaneamente, a política sectária e voluntarista que vinha colocando em prática. Isso fica bastante evidente em movimentos de massa como a campanha pelo monopólio estatal

²³¹ *Idem*, p. 64.

²³² *Idem*, *ibidem*.

²³³ *Idem*, p. 65.

do petróleo e contra a Guerra da Coreia. Não é à toa que na toada desses movimentos o partido consegue eleger para a Câmara Federal o líder sindicalista Roberto Morena em 1950²³⁴.

A partir dessas experiências, o ano de 1951 já apresenta mudanças na atividade partidária. No meio sindical, a própria militância rompe com a linha do partido, voltando a uma política de aliança com os trabalhistas e em medidas concretas de construção do PCB nas empresas. Essa mudança leva ao fortalecimento dos comunistas no meio sindical e à ampliação de sua influência no movimento operário, obrigando a direção partidária a oficializar essa linha de atuação para os sindicatos. Ainda assim, a direção mantém sua linha sectária no essencial, como por exemplo, considerando o líder trabalhista, e agora novamente presidente, Getúlio Vargas, como o grande inimigo a ser combatido. A linha desagregadora da direção colocava empecilhos para a bem-sucedida política da base partidária²³⁵.

É justamente na base operária do partido que se inicia o processo de aliança política com os trabalhistas, muitos anos antes de a direção do PCB adotar como sua essa linha partidária. Os comunistas passam, por exemplo, a defender a aplicação da legislação social, com destaque para a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), carro-chefe da política varguista para os operários.

A luta nacionalista dos trabalhistas também passa a ser defendida, o que leva, com o passar do tempo, ao engajamento dos comunistas no processo político democrático na luta pelo “capitalismo autônomo”, sem latifúndio e sem o domínio do capital estrangeiro. É esse processo, com seus acertos e limitações, que permitirá, por exemplo, que o PCB

²³⁴ *Idem*, p. 66.

²³⁵ *Idem*, p. 67.

conquiste as direções dos sindicatos mais importantes do país, seja em aliança com os trabalhistas, seja com esses e os católicos, ou mesmo de forma exclusiva²³⁶.

Mesmo essa nova postura de atuação no movimento operário e de massas deixando bastante evidente que havia pressões da militância para uma mudança definitiva de linha política, a cúpula partidária manteve-se irredutível ainda por muito tempo. Tanto é que no dia 24 de agosto de 1954, quando o país acordava atônito com o suicídio de Getúlio Vargas, o jornal do partido, *Imprensa Popular*, trazia a manchete “Abaixo o Governo de Traição Nacional de Vargas”. O suicídio do presidente trabalhista, em meio a pressões externas e de setores da classe dominante brasileira, fez surgir uma onda de simpatia por Getúlio, com inúmeras manifestações país afora, e perseguição aos seus opositores. O PCB precisou recolher às pressas seu jornal das bancas e se unir às massas que tomavam as ruas. Ainda assim, em Porto Alegre, a *Tribuna Gaúcha*, jornal do partido, não escapou da depredação de sua sede pela turba popular ensandecida²³⁷.

Toda a comoção nacional e crise política que dela se seguiu não foi suficiente para a direção do PCB mudar a linha política partidária que vinha defendendo de forma mais bem acabada desde 1950. O IV Congresso do PCB se dá nesse contexto, com a cúpula partidária fechando ao máximo o processo, o que gerou críticas de inúmeras lideranças de base quanto às práticas antidemocráticas do Comitê Central. Dessa forma, pouco mudou em relação às teses defendidas pela cúpula pecebista.

A única mudança digna de nota foi o status da “Burguesia Nacional”, que agora passava a ser entendida como aliada “por determinado período” da revolução “contra o imperialismo e contra o latifúndio e os restos feudais”. O partido entendia que naquele momento se tratava de construir uma “revolução democrático-popular”²³⁸, ainda

²³⁶ *Idem*, p. 68.

²³⁷ *Idem*, pp. 69-70.

²³⁸ *Idem*, p. 73.

reproduzindo a tese do “etapismo” stalinista. A tímida mudança foi fruto do impacto do suicídio de Getúlio nas fileiras partidárias, além do fracasso nas eleições parlamentares e para governadores daquele ano. E o primeiro desdobramento dessa linha política retificada foi o apoio do PCB à candidatura de Juscelino Kubitschek pelo PSD (Partido Social Democrático), em aliança com os trabalhistas²³⁹.

2.1. A retomada

A crise do setor editorial brasileiro entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1950, somada às dificuldades e mudanças bruscas pelas quais passou o PCB no âmbito político, quase levou a editora a fechar suas portas. Prova disso é o fato de a Vitória ter lançado apenas um título em 1950, a 5ª edição de *Zé Brasil* de Monteiro Lobato.

A efetiva retomada do ritmo de produção da editora se dará apenas em 1951, que tem início com o lançamento de *O Mundo da Paz: União Soviética e Democracias Populares*, de Jorge Amado, fruto das andanças do escritor baiano pelo Leste Europeu por conta de seu exílio, que terá uma 2ª edição em 1952. A orelha da obra apresenta o seguinte texto:

Jorge Amado nos conta nas páginas impregnadas de poesia e confiança de *O Mundo da Paz* as suas admiráveis experiências vividas naquele mundo de esperanças realizadas, naquele mundo de Primavera e de Paz. Acompanhando o autor na sua empolgante viagem pelos novos caminhos da terra teremos uma visão da URSS, onde *podemos sonhar sem dormir*. Ali vive a fraternal família dos trabalhadores e cresce um homem novo e melhor.

Comprendemos por que todo um povo discute o problema da cultura, enquanto os preços baixam. Saberemos que *o escritor é tão responsável quanto um estadista*, uma vez que na URSS existe a verdadeira *liberdade de crítica* para todos os atos da vida pública. Jorge Amado nos mostra porque o povo soviético reconstrói cidades, ergue centrais elétricas, planta florestas, doma as forças da natureza e as converte em aliadas do *Homem novo* e da *Mulher libertada*.

Vem depois a História de um castelo na Tchecoslováquia, precisamente o castelo de Dobris, onde aliás vive e escreveu seu último

²³⁹ *Idem*, p. 74.

livro. Nas vitrines de Praga Jorge Amado encontra tudo aquilo de que o povo necessita a preços que o povo pode pagar.

Nesse texto é interessante notar as partes grifadas que realçam o tom laudatório típico das obras que tratam da União Soviética e das Democracias Populares. Basicamente, o mundo soviético seria a expressão concreta de todos os sonhos comunistas. São rebatidas também críticas comumente feitas ao mundo soviético, como por exemplo a questão da liberdade de expressão, algo comum em obras que se proponham a apresentar “a verdade” sobre a “pátria do Socialismo”.

A obra apresenta a seguinte dedicatória:

A Zélia, companheira de viagem.

Aos meus amigos soviéticos, nas pessoas de Alexandre Fadeev, Ilya Ehrenburg, Alexandre Korneichuk, Fedor Keliin e Nikolai Gabinski.

Aos meus amigos das democracias populares, nas pessoas de Ludmir Civrny, Jan Drna, Jaroslav Kuchvalek, Jerzy Borejsza, Zacarias Stancu e Ion Vitner.

Vale destacar que alguns desses nomes estarão presente na Coleção Romances do Povo, dirigida por Jorge Amado, que analisaremos posteriormente. O livro ainda apresenta a seguinte nota do autor:

Passei o inverno de 1948-1949 na União Soviética, a convite da União de Escritores Soviéticos; visitei nos últimos dois anos, vários países de democracia popular: a Tchecoslováquia, a Polônia, a Hungria, a Romênia, a Bulgária. Junto neste livro algumas observações feitas por mim no decurso dessas viagens. Não se trata nem de um livro de ensaios, nem de um estudo político, tão pouco de um volume de reportagens. São simples notas de viagem, despretensiosas.

Escrevi estas páginas pensando no meu povo brasileiro, sobre o qual uma imprensa reacionária e vendida ao imperialismo ianque vomita, quotidianamente, infâmias e calúnias sobre a URSS e as democracias populares. O povo brasileiro não deseja a guerra e luta contra os que a querem provocar. Escrevendo este livro, anotações sobre a vida dos povos soviéticos e dos povos das democracias populares, pretendi colaborar para o restabelecimento da verdade e para mostrar como o trabalho construtivo da URSS e das democracias populares interessa ao mundo inteiro, é fator essencial na defesa da paz.

Sentir-me-ei alegre se este meu livro for útil à luta do povo brasileiro contra o imperialismo ianque, pela sua libertação nacional e

pela paz. Como uma contribuição à luta pela paz eu o escrevi e como homenagem de um escritor brasileiro ao camarada Stalin, no seu 70º aniversário, sábio dirigente dos povos do mundo na luta pela felicidade do homem sobre a terra.

J.A.

No Castelo da União dos Escritores Tchecoslovacos

Dobris, dezembro de 1949 – janeiro de 1950

Além de afirmar que seu livro pretende desmentir afirmações da “imprensa reacionária e vendida ao imperialismo” sobre a realidade soviética, o escritor brasileiro dedica a obra a nada mais, nada menos que Stalin, em homenagem ao seu aniversário. Esse livro teria sido o principal motivo para Alexandre Fadeiev, presidente da União dos Escritores de Moscou, ter dado a Jorge Amado o Prêmio Stalin da Paz, segundo documento do inventário do autor soviético²⁴⁰. Vale lembrar que Jorge Amado renegará a obra *Mundo da Paz* após romper com o partido e seu passado stalinista, jamais permitindo a reedição desse livro.

O livro se divide em duas partes. A primeira, intitulada “Visão da URSS”, traz os capítulos “A Estrela Vermelha sobre Berlim”, “Onde Cresce um Homem Novo e Melhor”, “Onde a Cultura está colocada a serviço do povo” e “Os cães ladram e a caravana passa”. A segunda parte, intitulada *As Democracias Populares em Marcha para o Socialismo*, se divide nos capítulos “Não há cortina de ferro, mas há uma cortina de dólares”, “Flagrantes da vida e do trabalho”, “A Albânia é uma festa”, “Onde o Imperialismo foi derrotado” e “Ganhemos a Batalha da Paz”.

A edição ainda apresenta uma nota sobre as obras de Jorge Amado, afirmando que naquele momento o escritor já era traduzido em 22 línguas: espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, holandês, dinamarquês, tcheco, finlandês, eslovaco, polonês, russo, hebreu, búlgaro, ídiche, húngaro, romeno, servo-croata, georgiano, letão, lituano e sueco. Além disso, informava que o romance *Terras do Sem Fim* estava adaptado para o cinema,

²⁴⁰ RIDENTI, Marcelo. *O Segredo das Senhoras Americanas*, op. cit., p. 51.

o teatro e o rádio, *Mar Morto*, *Jubiabá*, *São Jorge dos Ilhéus* e a biografia *Vida de Luiz Carlos Prestes* estavam adaptados para o rádio. As adaptações se davam no Brasil, na Argentina e na Tchecoslováquia. Por fim, Dorival Caymmi compôs músicas com temas de *Mar Morto* e *Terras do Sem Fim*.

Nesse ano é editado também o segundo volume da coleção A Verdade Sobre a URSS, intitulado *O Plano Quinquenal (1946-1950)*, escrito pelo Comitê do Plano do Estado da URSS e pela Direção Central de Estatística da URSS. Foram anunciados para a continuidade dessa coleção as obras *Os Direitos do Cidadão na URSS*, de K. Sevrikov, e *A Democracia Soviética*, de D. Zaslavski, que acabaram não sendo lançadas.

Nessa retomada, a editora aposta mais uma vez nos romances, provavelmente visando a sua estabilização financeira. São desse ano, *O Coração Descoberto*, de Lila Ripoll, *O Arco-Íris*, de Wanda Wassilevska, e *7 Histórias Verdadeiras*, de Graciliano Ramos, literatura infantil com capa e ilustrações de Percy Deane. A Vitória também aposta em livros de poesia como *Poemas de Mãos Calejadas*, de Wlodzimierz Domeradski, com tradução de Ary de Andrade.

De teoria marxista há apenas um lançamento, *O Método Dialético Marxista*, de M. Rosental, primeiro e único volume do que seria a Coleção Estudos Filosóficos. Essa obra era anunciada pela editora desde os anos 1940, mas é lançada apenas nesse ano. Quanto a doutrina, é lançado *Stalin: Porta Bandeira da Paz*, sem autor especificado. A editora publica também a *Constituição da URSS*, a Cr\$ 2,00 cada exemplar.

Os lançamentos desse ano mostram o esforço da editora em retomar suas atividades, focando em obras de temas mais gerais e romances, com a teoria marxista propriamente dita ficando em segundo plano, o que reflete a nova conjuntura política. É sintomático disso, por exemplo, o fato de nenhuma obra de Prestes ter sido editada esse ano.

É só em 1952 que a editora retoma de forma mais efetiva a edição de livros abertamente marxistas, apostando nas obras doutrinárias e de teoria. Nesse ano a editora começa aquela que deveria ser a sua empreitada mais importante até ali: a publicação das obras completas de Stalin. São lançados os dois primeiros volumes de *Obras*, um abordando do período de 1901 a 1907 e o outro de 1907 a 1913. Na primeira página do volume de lançamento há um aviso de que mil exemplares, numerados de um a mil, são de uma leva feita de papel especial e encadernados (o livro da biblioteca Edgard Carone ao qual tivemos acesso é o de número 31). Foram tirados ainda cinquenta exemplares, em encadernação de luxo, numerados de I a L. É a segunda obra relacionada a Stalin que tem uma tiragem especial, o que mostra a importância dada a elas pela editora e pelo partido.

Há uma nota do editor explicando o processo de tradução da obra: o primeiro volume foi traduzido da versão italiana da Edizioni Rinascita, de 1949. Para o estudo *Anarquismo ou Socialismo?* foram utilizados, porém, as versões espanhola e inglesa do Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou. As revisões foram feitas confrontando o texto com a segunda edição italiana e a edição alemã. As notas do autor estavam indicadas no rodapé da página e as redigidas pelo Instituto Marx-Engels-Lenin no final do volume. Por fim, sempre que aconselhável e possível eram indicadas as edições brasileiras das obras citadas.

A edição apresenta ainda três prefácios: dois do Instituto Marx-Engels-Lenin e outro atribuído a Stalin. No “Prefácio do Instituto Marx-Engels-Lenin à Edição Russa” é apresentado o programa das obras completas de Stalin, que teriam dezoito volumes, dos quais apenas seis foram editados, dada a mudança de panorama política na União Soviética a partir de 1956. É curioso notar que nesse texto o décimo quinto volume seria uma reedição de *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, agora definitivamente atribuído ao próprio Stalin e não mais como obra coletiva. Isso demonstra

como a exaltação a figura de Stalin veio em uma crescente dos anos 1930 até esse momento. O “Prefácio do Instituto Marx-Engels Lenin ao Primeiro Volume” apresenta um panorama da obra e o “Prefácio do Autor ao Primeiro Volume” traz algumas observações de Stalin, afirmando que no momento da escrita daqueles artigos ele ainda não era um “marxista-leninista completamente formado”, logo, algumas passagens deveriam ser relevadas. O volume dois também foi traduzido do italiano e teve as mesmas tiragens especiais, e o prefácio do Instituto Marx-Engels-Lenin traz um panorama temático sobre o período da obra.

Pela primeira vez aparece no catálogo da Editorial Vitória uma obra de um dos líderes da Revolução Chinesa. Trata-se de *A Luta Interna no Partido*, de Liu Chao Tsi. Na contracapa há uma apresentação biográfica do revolucionário chinês, que era vice-presidente do Governo Popular Central da República Popular da China e membro do Secretariado do Comitê Central do Partido Comunista da China, e foi um dos líderes do movimento revolucionário, bem como do movimento sindical chinês. A introdução traz um discurso de Liu conclamando a tese de Stalin sobre a necessidade de superação das divergências internas para a consolidação e o fortalecimento do partido.

A editora publica a 1ª edição da obra de Engels *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, mais um título que vinha sendo anunciado desde os anos 1940 e só foi lançado nesse ano. Outros lançamentos foram *A Formação da Moral Comunista*, de N.I. Boldyriev, o romance infantil *O Livro de Fusilico*, de Zora Braga, com capa de Candido Portinari. *Viagem à União Soviética*, de Branca Fialho, fecha os lançamentos da editora de 1952, com duas edições. Esse livro apresenta a seguinte introdução:

Por ocasião do Congresso Internacional do Direito ao Serviço da Paz, constou que os magistrados brasileiros presentes ao Congresso seriam convidados a visitar a União Soviética.

Mas dizem tanta coisa! Diziam também que não se consegue entrar na URSS, só os comunistas, e isso mesmo nem todos podem obter um

visto. Em que acreditar? Já estávamos de volta a Paris quando chegamos o convite.

Infelizmente, dois magistrados brasileiros, que haviam comparecido ao Congresso em Berlim já não se achavam em Paris, e o convite ficou aguardando por eles. E nenhum era comunista! Nós seguimos imediatamente para Praga e de lá para Moscou. Estávamos muito curiosos de ver esse imenso país.

Os livros de viagem para a União Soviética não eram novidade nos catálogos das editoras comunistas. Nos anos 1930 a Calvino Filho já havia editado *Rússia*, de Maurício de Medeiros, que chegou a seis edições, algo em torno de sete mil exemplares, tornando-se um *best-seller* da editora²⁴¹. Nos anos 1950 esse tipo de literatura ganhou novo impulso em meio ao acirramento das tensões da Guerra Fria, com o aumento do fluxo de viajantes para o Leste Europeu. Parte dessas pessoas aproveitavam a participação em eventos internacionais na Europa para conhecer o “mundo socialista”, enquanto outros eram convidados do governo soviético que investia nas relações públicas do país, atraindo intelectuais e líderes de movimentos sociais. O caso de Branca Fialho parece unir essas duas tendências.

Nesse período fica evidente o investimento do PCB e do PCUS nessas viagens e na edição de livros sobre elas. Era uma forma de combater a forte propaganda antissoviética e anticomunista amplamente difundida no mundo ocidental²⁴². Entre 1951 e 1961, período de tensão entre as superpotências e no qual o Brasil não manteve relações com a União Soviética, foram publicados 33 relatos de viagem de brasileiros até lá, escritos por 54 pessoas, entre comunistas, simpatizantes, anticomunistas e observadores considerados neutros, segundo a tese de Raquel Torres²⁴³. Nesse contexto, é digno de nota o relato de viagem à Tchecoslováquia e à União Soviética de Graciliano Ramos, *Viagem*, de 1954,

²⁴¹ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros*, op. cit., p.15.

²⁴² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “A Verdadeira Pátria dos Trabalhadores: A URSS e as Edições Comunistas”. In: ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp/ALB, 2005, p. 360.

²⁴³ TORRES, Raquel Mundim. *Transpondo a Cortina de Ferro: Relatos de Viagem de Brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 2019.

tido como um relato mais crítico se comparado ao de Jorge Amado, ainda que o autor também fosse comunista²⁴⁴.

Em 1953 a editora continua editando esse gênero. São desse ano *Uma Jovem Brasileira na União Soviética*, de Zuleika Alambert, e *Um Marítimo Brasileiro na União Soviética*, de Humberto Alves Campelo. Um traço comum nessas obras são as inúmeras fotos que ilustram o dia a dia soviético presenciado pelos autores, com uma constante presença de fotos em escolas, universidades, laboratórios, fábricas, visitas a monumentos, a espetáculos teatrais, jogos de futebol, desfiles comemorativos, além de retratos da vida nas fazendas coletivas e das mudanças arquitetônicas nas cidades.

²⁴⁴ RIDENTI, Marcelo. *O Segredo das Senhoras Americanas*, op. cit., pp.51-52.

Figura 1297. Branca Fialho e a delegação brasileira em visita a uma fazenda coletiva no Cazaquistão.



No kolkhoz (no Kazakstan). — Observar a roupa acolchoada e o boné do velho, assim como o tipo tibetano. — Na parede, cartaz de propaganda pela paz, vendo-se escrito za mir (pela paz).

Do livro *Viagem à União Soviética* (1952)
Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

Figura 198. A vida dos camponeses nas fazendas coletivas.



Um colono soviético e sua esposa passeiam em seu carro pelos campos da Geórgia

*Tratores em série para as fazendas
soviéticas*

*Um casal de camponeses em sua
confortável residência*

Do livro *Um Marítimo na União Soviética* (1953)
Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

Figura 199. A delegação brasileira se despede de Moscou.



Do livro *Um Marítimo na União Soviética* (1953)
Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

Figura 200. A delegação brasileira assiste a um jogo do Dínamo de Moscou.



Do livro *Um Marítimo na União Soviética* (1953)
Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

Nesse ano a editora publica três títulos de Stalin: *Problemas Econômicos do Socialismo na URSS*, *Em Marcha para o Comunismo: Documentos do XIX Congresso do PC (Bolchevique) da URSS*, em parceria com Malenkov e outras lideranças, contendo o discurso de encerramento feito por Stalin, um informe do Comitê Central e os estatutos do partido, e o terceiro volume de suas obras completas. Esta segue o padrão das anteriores, com a tradução sendo feita do italiano e contando com uma tiragem especial. Esse volume abarcava o período de março a outubro de 1917, com o prefácio do Instituto Marx-Engels-Lenin afirmando se tratar do período em que “Stalin dirigiu em estreita colaboração com Lenin o Partido Bolchevique e a classe operária em luta pela conquista do poder estatal”, colocando os dois em pé de igualdade quanto ao papel exercido durante

a Revolução de Outubro. Por fim, é editado ainda o panfleto *O 50º Aniversário do Partido Comunista da União Soviética*, de autoria coletiva do PCUS.

Chama a atenção nesse ano a quantidade de títulos atribuídos a Stalin: três dos sete lançamentos levam o nome do líder soviético. Vale destacar também que em 1953 começa a ser editada a Coleção Romances do Povo, que será analisada a parte posteriormente.

Em 1954 o catálogo da Vitória segue a mesma tendência do ano anterior. São lançados mais dois livros sobre viagens para a União Soviética: *Atravessando as Fronteiras da URSS (Entrevistas)*, organizado pela Federação de Mulheres do Brasil, que traz no prefácio de Branca Fialho a seguinte definição para a obra:

[...]Se for possível fazer com que os povos se conheçam eles se compreenderão e a propaganda de mentiras e calúnias daqueles interessados na guerra não encontrarão mais clima onde se desenvolver...

Pensando assim, algumas brasileiras têm procurado visitar os países além da cortina de “fumaça” criada por certos jornais, e têm ido à URSS.

Pensou a Federação de Mulheres do Brasil ajudar a causa da paz, entrevistando essas mulheres, tão diversas entre si, mas tão sinceras todas, e divulgando seus depoimentos. Por eles o público verá que esses “monstros” que nos descrevem, são iguais a nós – amam, lutam, constroem e defendem seus lares e procuram pelo modo que se lhes afigura mais propício construir um mundo melhor para seus filhos. Ajudando assim a destruir muitos preconceitos estamos certas de trabalhar para a paz e felicidade de todos.

Fica evidente mais uma vez que o principal objetivo desse tipo de literatura era desmistificar a União Soviética para o grande público. O índice da obra apresenta a lista de entrevistadas: Heloísa Helena Duarte Pereira, Virgínia Modesto de Souza, Olga Rechulski, Maria Della Costa, Edi Duarte Pereira, Fanny Tabak, Ofélia do Amaral, Cristine Rose Marie, Santina Peloia Serrano, Elisa Branco, Heloísa Ramos, Branca Fialho, Jovina Pessoa, Nair Batista, Helena Boaventura Netto e Zélia Amado (Zélia Gattai assinava com o sobrenome do marido nessa época).

Figura 201. A delegação brasileira em visita a Leningrado.



Do livro *Atravessando as Fronteiras da União Soviética* (1954)
Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

Figura 202. Maria Della Costa em visita a uma fábrica soviética.



Do livro *Atravessando as Fronteiras da União Soviética* (1954)
Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

Figura 203. A delegação brasileira acompanha o desfile do 1º de Maio na Praça Vermelha.



Do livro *Atravessando as Fronteiras da União Soviética* (1954)
Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP.

A segunda obra se intitula *25 Dias na URSS*, de autoria de Olympio Fernandes Mello, que faz a seguinte dedicatória:

À Confederação dos Trabalhadores do Brasil, que aceitou a inclusão de meu nome entre os integrantes da Delegação Sindical que visitou a URSS, a certeza de que saberei aproveitar as lutas sindicais em nossa pátria as experiências obtidas em minha viagem e o entusiasmo redobrado pela causa do proletariado.

Aos bancários, meus companheiros de lutas sindicais há mais de 18 anos, ofereço o relato sincero de tudo quanto vi na URSS, esperando, assim, contribuir para que muitos de meus colegas não mais se deixem envenenar pela propaganda reacionária.

E afirma no prefácio do livro:

[...] Desnecessário será salientar que, ao concordar com a publicação desta coletânea de cartas, não me move outro objetivo senão o desejo de, pela magnífica oportunidade que tive de visitar a URSS, contribuir

para contrabalançar as calúnias que levantam contra o grande povo do país de Lenin e Stalin, numa inglória tentativa de ocultar a verdade.

Esse é um caso de líder de movimento social, no caso um bancário, líder sindicalista, contemplado com a ida para a União Soviética, que posteriormente deu origem ao seu livro. Os pressupostos são sempre os mesmos: revelar a “verdade” sobre o mundo socialista e rebater as “calúnias” contra o “país de Lenin e Stalin”.

Figura 204. A delegação brasileira visita o túmulo de Stalin na Praça Vermelha-



As delegações brasileiras depositam coroas de flores no túmulo de Stálin, na Praça Vermelha

Do livro *25 Dias na União Soviética* (1954)

Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

Figura 205. Brasileiros visitam uma escola na Armênia-



Do livro *25 Dias na União Soviética* (1954)

Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

São editados mais dois volumes das *Obras* de Stalin. Os volumes 4 e 5 seguem as mesmas diretrizes dos números anteriores. O 4 apresenta textos do período de 1917 até 1920, compreendendo dos primeiros esforços de implantação do governo socialista e os esforços durante a Guerra Civil, segundo o prefácio do Instituto Marx-Engels-Lenin. O 5 traz textos do período de 1921 até 1923, sobre a reconstrução econômica e a implantação da NEP (Nova Política Econômica).

A Vitória editará ainda *A Educação Comunista (Discursos e Artigos Escolhidos)*, de M.I. Kalinin, guia de formação moral e política que traz a seguinte nota do autor, definindo quais seriam os princípios comunistas:

Os princípios comunistas tomados em seu aspecto mais simples, são os princípios de um homem altamente instruído, honrado e de vanguarda; e esses princípios são: o amor à pátria socialista, a amizade,

a camaradagem, o sentimento humano, a honradez, o carinho pelo trabalho socialista e uma série de outras elevadas qualidades fáceis de compreender para qualquer pessoa. A educação, o cultivo dessas virtudes, destas elevadas qualidades, é a parte mais importante da educação comunista.

A obra foi traduzida da versão em espanhol da *Ediciones en Lenguas Extranjeras* de Moscou, lançada em 1949. Em 1954 a editora dá início a mais uma coleção: Coletânea de Estudos Científicos, com enfoque nas discussões científicas e nos avanços do programa espacial soviético. Seu primeiro volume é *O Voo no Espaço Cósmico*, de A. Sternfeld, que ganhará uma segunda edição em 1957. Será editado mais um livro de poesias de Carrera Guerra, *Poemas do Companheiro*, e, por fim, a editora dará início a outra importante coleção, intitulada Biblioteca da Nova Cultura, que também será analisada em tópico a parte.

Em 1955 a editora terá o seu ano mais prolífico da década até ali, com dezoito títulos, contabilizando também as coleções Romances do Povo e Biblioteca da Nova Cultura. Nesse ano é lançado o último volume das *Obras* de Stalin. A coleção, que deveria ter dezoito volumes, é interrompida no ano seguinte, devido aos desdobramentos do XX Congresso do PCUS e do “relatório Krushev”. Esse volume segue o padrão do restante da coleção e compreende o ano de 1924, ano da morte de Lenin e do início da ascensão de Stalin ao posto de secretário-geral do partido, segundo o prefácio do Instituto Marx-Engels-Lenin.

Mais um livro de viagem à União Soviética é lançado, *Médicos Brasileiros na URSS: Impressões de Viagem e Aspectos da Medicina Soviética*, dos doutores Milton Lobato e Reinaldo Machado. Na introdução, Lobato afirma ter realizado uma série de conferências Brasil afora sobre a medicina soviética, além de ter publicado diversos artigos no Brasil sobre o tema. Segundo ele, naquele momento qualquer viagem à União Soviética “impõe a responsabilidade da divulgação do que se viu na sexta parte do mundo”. Ele ainda critica o

fato de o Brasil não reatar relações com a União Soviética e afirma que seu livro era um esforço no sentido de aproximar culturalmente os brasileiros e os soviéticos.

Figura 206. Recepção aos médicos brasileiros em Moscou.



Do livro *Médicos Brasileiros na URSS* (1955)

Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

A editora inicia uma coleção intitulada Obras Escolhidas de Lenin. O volume 1 traz uma “Nota do Editor Brasileiro” explicando que a obra foi traduzida da edição espanhola, feita de acordo com a última edição russa de 1946. A coleção brasileira deveria contar com nove volumes, dos quais aparecerão apenas três, o que, ao que tudo indica, também tem relação com os acontecimentos do XX Congresso do PCUS.

No prefácio desse volume, de autoria do Instituto Marx-Engels-Lenin, é dado um panorama de todos os textos que constarão na coleção, além de ressaltar o quanto a “teoria revolucionária do marxismo-leninismo” era “uma arma poderosa” que “dá aos práticos o

poder de orientação, a clareza de perspectiva, a segurança no trabalho, a fé na vitória de nossa causa”, nas palavras de Stalin.

É curioso, porém completamente compreensível para o contexto da época, o fato de um volume dedicado a obras de Lenin ter a sua primeira parte integralmente com artigos de Stalin, reproduzidos de sua obra *Lenin e o Leninismo*. Apenas a segunda parte trará a reprodução de textos de Lenin: “Três Fontes e Três Partes Integrantes do Marxismo”, “Vicissitudes Históricas da Doutrina de Carlos Marx”, “Marxismo e Revisionismo” e “A Luta pela Criação do Partido Operário Social-Democrata Russo”.

No final do livro ainda há uma nota atribuída ao secretário-geral do partido que tem ares de oração a Lenin, o que denota o auge da sacralização da figura do líder da Revolução de Outubro pelas lideranças stalinistas:

Recordai, amai e estudai Ilitch, nosso mestre, nosso chefe.
Combatei e venci os inimigos internos e externos – como fez Ilitch.
Construí a nova vida, as novas condições de existência, a nova cultura – como fez Ilitch.
Nunca vos recuseis a fazer pequenas coisas, pois com as pequenas coisas se constroem as grandes – este foi um dos importantes legados de Ilitch.
J. Stalin

O volume 2 das Obras Escolhidas segue o mesmo padrão de organização do volume 1, e sua temática gira em torno das disputas entre Bolcheviques e Mencheviques no POSDR (Partido Operário Social-Democrata Russo), com a reprodução da obra *Que Fazer?* Ainda sobre Lenin, é editada esse ano sua biografia de autoria do Instituto Marx-Engels-Lenin, traduzida do francês, da edição da Edições em Línguas Estrangeiras de 1946. Aparecem ainda, em 1955, *Polônia 1939*, de Victor Grosz, *Adam Mickiewicz*, de Mieczyslaw Jastrun, *Saga dos Homens Independentes*, de Halldor Laxness, e *A Educação na URSS*, de Paschoal Lemme.

O ano de 1956 é ainda melhor em termos de títulos publicados, alcançando 22 no total, sendo esse não só o melhor desempenho da Vitória na década, mas também de todos os seus vinte anos de existência. É desse ano a Coleção Novos Horizontes, que trouxe em seu primeiro volume a obra de Jorge Amado dedicada a Prestes, *O Cavaleiro da Esperança*, em sua nona edição, a primeira pela Vitória – as anteriores saíram pela Livraria Martins. No prefácio da obra, Amado coloca Prestes como um herói nacional responsável, entre outras coisas, pelo movimento modernista nas artes e na literatura. Segundo ele:

[...] A moderna literatura brasileira, aquela que deu os grandes romances sociais, os estudos de sociologia, a reabilitação do negro, os estudos históricos, resulta diretamente do ciclo de movimentos iniciados em 22, que só encontrará seu término com o pleno desenvolvimento da revolução democrático-burguesa. 22, 24, 26, 30 e 35, trouxeram o povo à tona, interessaram-nos nos problemas do Brasil, deram-lhe uma ânsia de cultura da qual resultou o movimento literário atual. E como Luiz Carlos Prestes foi e é a figura máxima de todos esses movimentos, chefe, condutor e general, a sua ligação com a moderna literatura brasileira é indiscutível.

O autor ainda ressalta que era seu dever com o povo brasileiro escrever essa biografia de Prestes, assim como escreveu a de Castro Alves, duas figuras comprometidas com as causas dos trabalhadores. E ainda critica os escritores ligados ao Estado Novo, que estariam distanciando o povo da literatura voltando às “formas caducas” da “arte pela arte”. No posfácio, Jorge Amado contextualiza a escrita do livro, que, em 1942, quando foi editado em Buenos Aires devido à proibição de sua circulação no Brasil, teve importante papel na campanha da anistia a Prestes, que se encontrava preso pelo Estado Novo. Ele ainda relata alguns fatos curiosos sobre a primeira edição da obra, que foi o livro mais vendido na América Latina durante meses após o seu lançamento:

A primeira edição brasileira – à qual se sucederam, rapidamente, outras seis – só pode circular em 1945, quando se aproximava o fim da guerra e quando a campanha pela anistia de Prestes adquiria proporções grandiosas. Antes disso, no entanto, milhares de exemplares da edição

argentina haviam entrado clandestinamente no Brasil e circulavam de mão em mão. Circularam cópias datilografadas e fac-símiles fotográficos. Maquinistas de trem, choferes de caminhões e ônibus, caixeiros-viajantes, marinheiros, aviadores, encarregaram-se de divulgar este livro proibido por todo o imenso território nacional. Cada exemplar chegado da Argentina era lido por dezenas de pessoas. O povo dava-lhe títulos diversos quando a ele se referia: *Vida de São Luiz*, *Vida do Rei Luiz*, *Aventuras de Luizinho*. Os livreiros o vendiam com sobrecapa de obras de Churchill e de outros ilustres reacionários.

Depois, a edição argentina foi, por ordem de Perón, apreendida e queimada. Aumentaram de valor os exemplares que circulavam no Brasil e houve quem vivesse da profissão de alugá-los. Na luta pela anistia, pela democratização do Brasil, e sobretudo, na luta contra o fascismo, este livro foi uma arma.

Ele ainda afirma que quinze anos depois da primeira edição, mais uma vez a obra aparecia em um momento de luta pela anistia de Prestes, que naquele momento estava sendo perseguido e processado, e tinha contra ele uma ordem de prisão preventiva decretada. Isso talvez explique o quase desaparecimento de Prestes do catálogo da editora, que, fora poucas obras sobre ele, nada mais editou de sua autoria. O temor da perseguição policial e da apreensão de livros provavelmente motivava esse fato.

Os volumes 2 e 3 dessa coleção são as duas partes do romance *Longe de Moscou*, de V. Ajaev, com tradução de Ary de Andrade e capas de Otávio Araújo. Outras seis obras foram anunciadas pela Novos Horizontes mas não foram publicadas: *Teatro* de Bertolt Brecht, *A Jovem Guarda*, de Alexandre Fadeiev, *O Bom Soldado Schweik*, de Jaroslav Hasek, *Antologia Poética*, de A. Maiakóvski, *O Diário de Tchesny*, de Igor Newerly e *Descalços*, de Zaharia Stancu.

É desse ano o terceiro e último volume das Obras Escolhidas de Lenin, com a reedição da obra *Um Passo a Frente, Dois Passos Atrás*. É desse ano também o primeiro volume das Obras Escolhidas de Marx e Engels. Ela era traduzida da edição soviética do Instituto Marx-Engels-Lenin e publicada pelas Edições em Línguas Estrangeiras de Moscou. Foram utilizados os textos soviéticos em inglês e espanhol, confrontados quando necessário com as edições francesas. Esse primeiro volume trazia a reedição de textos

como o *Manifesto Comunista*, *As Lutas de Classe na França* e *Salário, Preço e Lucro* e *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, além de alguns textos inéditos *A Burguesia e a Contrarrevolução*, de Marx e *A “Contribuição à Crítica da Economia Política”* de Karl Marx, de Engels.

Há também a continuidade da coleção Coletânea de Estudos Científicos, com mais um lançamento: *A Albumina e a Vida*, de A.E. Braunstein, traduzido da edição francesa por Tancredo Alves, com capa e diagramação de Mauro Vinhas de Queiroz. Já nesse ano a obra ganhará sua segunda edição. A orelha do livro apresenta a obra mostrando como sua fundamentação remetia a duas obras de Engels, o que mostra o predomínio das grandes lideranças sacralizadas pelo marxismo-leninismo inclusive na Ciência:

Em 1878 no capítulo VIII de seu livro *Anti-Duhring*, Engels apresentava diversas ideias a respeito do mundo orgânico, destacando a importância da albumina. Formulou aí a sua definição da vida: ‘A vida é o modo de existência dos corpos albuminóides, modo de existência que consiste essencialmente na renovação constante, autoconducente, dos componentes químicos desses corpos’. Mais tarde em sua *Dialética da Natureza* (publicada pela primeira vez em 1925, trinta anos depois da morte de Engels), ele retoma este tema, trazendo novas ideias. Atualmente, com o grande progresso das ciências da Bioquímica e da Biologia, pode-se constatar a correção de Engels, formuladas numa época em que o estudo da albumina e do protoplasma ainda se encontrava marcado por insuficiências e erros.

Este é o tema tratado no livro do cientista soviético A.E. Braunstein, *A Albumina e a Vida*, que a Editorial Vitória publica agora em segunda edição. Depois de situar o pensamento de Engels no desenvolvimento científico da época em que foi enunciado, Braunstein passa a examinar a função da albumina na organização da matéria viva, a albumina como fundamento dos processos vitais, e as formações albuminóides. No curso desta exposição, apresenta extensa documentação de aprofundados estudos sobre os componentes da substância viva, realizados com os métodos mais modernos da pesquisa.

Os problemas tratados neste livro, de grande importância para a compreensão do significado orgânico da vida e de sua origem, são, apesar de sua complexidade, expostos da maneira mais clara possível, mesmo para os leitores não familiarizados com o assunto.

É editado também o primeiro volume da coleção Biblioteca Pedagógica, com o livro *O Socialismo e a Educação dos Filhos*, de A.S. Makarenko. A obra foi traduzida da

versão francesa, com exceção da “8ª Conferência”, traduzida do espanhol. A orelha do livro apresenta o seguinte texto, apresentando Makarenko como uma referência da pedagogia socialista em contraposição à “pedagogia burguesa”:

Anton Semionovitch Makarenko foi um dos maiores educadores que o mundo já teve. Nascido em 1888, na Ucrânia, tornou-se professor, e era inspetor do ensino secundário quando lhe foi confiada, em 1920, a direção de uma colônia de jovens delinquentes.

Sua riquíssima experiência pedagógica está retratada em suas obras, entre as quais se destacam o *Poema Pedagógico*, *Bandeiras sobre as Torres*, *Um Livro para os Pais* e *O Socialismo e a Educação dos Filhos*. Esta última, apesar de seu pequeno volume, é o trabalho mais maduro de Makarenko.

Por se dirigir aos homens e mulheres da sociedade soviética, Makarenko é levado a opor a educação na família soviética à educação na “sociedade burguesa”. Mas é claro que na “sociedade burguesa” a educação varia segundo as classes sociais. Além disso, se tomarmos a educação do espírito coletivista, por exemplo, vê-se claramente que esse espírito não só é atributo das massas laboriosas, como também é indispensável para que possa ter vigência o princípio democrático da estrita igualdade entre os homens.

As conferências de Makarenko aqui reunidas têm como característica dominante o valor prático dos conselhos dados aos pais. Não teorias, mas situações comuns e ações fáceis de empreender. Tudo isto tendo como fundo uma concepção pedagógica essencialmente otimista e dotada de valor universal, da força de um exemplo e do mérito de um guia.

Apresentando pela primeira vez em nosso país um dos mais famosos trabalhos de Makarenko, a Editorial Vitória tem a grata satisfação de ao mesmo tempo iniciar o lançamento de uma coleção - *Biblioteca Pedagógica* - que, estamos convictos, merecerá ao leitor brasileiro a mesma acolhida que obtiveram outros dos seus empreendimentos editoriais.

A edição traz ainda uma “Nota Sobre o Autor”, que esclarece que Makarenko representa uma importante corrente da pedagogia socialista, ainda que não seja a única, e que o seu reconhecimento como um grande pedagogo e referência no país se deu pelas experiências na Colônia Gorki, “para menores delinquentes, transformada em poucos anos em uma coletividade laboriosa, sadia e feliz” e na Comuna Dzerjinski, que transformou meninos abandonados em operários cultos e qualificados. É interessante notar que a sacralização stalinista das grandes lideranças é uma lógica que se reproduz em todas as áreas, com seus “heróis exemplares” que acabam se tornando a referência a ser seguida.

Outro volume dessa coleção lançada esse ano é *A Educação Norte-Americana em Crise*, de autoria da Federação Internacional Sindical do Ensino, com prefácio de Paschoal Lemme. Nesse texto o professor brasileiro reproduz algumas opiniões dos autores do livro, como por exemplo as críticas à “pedagogia de projetos” de John Dewey, que segundo Lemme havia sido aplicada de forma mecânica às precárias escolas brasileiras, levando ao aumento da “anarquia”. Tanto lá quanto aqui também era visto como um problema a perda dos valores familiares que impactavam na escola, além de um dos grandes fatores de degeneração da juventude: os *comic books*, as histórias em quadrinhos.

Já o índice apresenta outros temas abordados pelo livro, como os problemas estruturais da educação nos EUA, as desigualdades educacionais pelo país, o conteúdo escolar contaminado pela Guerra Fria, a dificuldade de acesso ao ensino superior pelos trabalhadores, a supressão da liberdade acadêmica pelo “macartismo” e a luta dos professores contra todas essas mazelas. O espírito acirrado de disputa da Guerra Fria fica bastante evidente nessa coleção: de um lado um livro que exalta a “pedagogia socialista” e suas benesses, do outro, um que aponta todas as falhas e limitações do “sistema educacional burguês”, no caso, dos EUA. Por fim, é editado esse ano *O Parto sem Dor*, de Fernand Lamaze.

É perceptível como os anos 1950, principalmente a partir de 1953, marcam o auge dos cânones stalinistas nas obras da editora, tanto do ponto de vista da sacralização das lideranças soviéticas, principalmente Stalin, quanto do ponto de vista temático e estético. Esse auge ficará ainda mais evidente nas duas principais coleções dessa década, as mais representativas dos vinte anos da Editorial Vitória: Biblioteca da Nova Cultura e Coleção Romances do Povo, que analisaremos agora.

2.2. Biblioteca da Nova Cultura

A Biblioteca da Nova Cultura foi a iniciativa mais bem-sucedida da editora na sistematização de obras canônicas da doutrina soviética, o chamado “marxismo-leninismo” ou “marxismo-leninismo-stalinismo”, como também aparece algumas vezes. Essa coleção, em termos temáticos, pode ser considerada uma continuação e um aprofundamento da Coleção Unidade dos anos 1940. Inclusive a primeira obra sob o selo da Biblioteca da Nova Cultura saiu em 1948, a primeira edição do *Manifesto Comunista* da Vitória. É provável que pela conjuntura política, de perseguição ao partido e seu retorno à ilegalidade, a editora tenha ficado sem condições de dar sequência à coleção já naquele momento.

A primeira obra sob esse selo nos anos 1950 será *O Programa Agrário da Social-Democracia na Primeira Revolução Russa*, escrita em 1905-1907 por Lenin, editada em 1954. O livro traz apenas um prefácio, sem assinatura, mas que tudo leva a crer se tratar de texto do Instituto Marx-Engels-Lenin-Stalin (a mudança de nome ocorre após a morte de Stalin), fazendo considerações sobre os interesses dos camponeses e o significado de sua luta pela terra. Esse prefácio afirma que o POSDR apresentava uma plataforma para essa classe, contemplando verdadeiramente um programa agrário camponês, diferente da burguesia liberal. Lenin colocava como base fundamental para a compreensão da questão camponesa as condições econômicas dessa classe, diferente dos “socialistas pequeno-burgueses”, que tomariam como ponto de partida a “justiça abstrata”, e da burguesia liberal reformista, que sob o “ponto de vista dos interesses do estado encobre a defesa dos interesses dos exploradores, sempre que se verifica uma reforma qualquer”.

O livro é estruturado em cinco capítulos: “As bases econômicas e a essência da revolução agrária russa”, “Os programas agrários POSDR e sua comprovação no curso da primeira revolução”, “Os fundamentos teóricos da nacionalização e da municipalização”,

“Considerações de ordem política e tática em torno das questões do programa agrário” e “As classes e os partidos nos debates sobre o problema agrário na segunda DUMA”.

É desse ano também a 3ª edição do *Manifesto do Partido Comunista*, idêntica às outras duas, com os mesmos prefácios já analisados anteriormente. Outra obra que ganha sua 2ª edição, a primeira sob o selo dessa coleção, é *Trabalho Assalariado e Capital*, de Karl Marx, que trazia uma introdução de Engels.

Em 1955 é lançada a 2ª edição da obra *Materialismo Dialético (Manual)*, de autoria do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS. É curioso o fato desse livro constar em sua folha de rosto como o “vol. 6” da coleção, já que as edições anteriores não apresentavam essa numeração. A obra foi traduzida do russo e o sumário apresenta os seguintes artigos: “O Materialismo Dialético”, “Concepção do Mundo do Partido Marxista-Leninista” (V.P. Tchertkov), “A Dialética Marxista e a Conexão Mútua e a Interdependência dos Fenômenos da Natureza e da Sociedade” (V.S. Molodtsov), “O Movimento e o Desenvolvimento da Natureza e da Sociedade” (D.M. Trochin), “O Desenvolvimento como Passagem das Mudanças Quantitativas às Transformações Radicais de Qualidade” (K.V. Moroz), “O Desenvolvimento como Luta entre os Contrários” (F.I. Kalochin), “A Materialidade do Mundo e as Leis de seu Desenvolvimento” (N.F. Ovtchinnikov), “O Caráter Primário da Matéria e Secundário da Consciência” (P.T. Belov), “A Cognoscibilidade do Mundo e de suas Leis” (I.G. Gaidukov) e “Materialismo Dialético e Histórico, Fundamento Teórico do Comunismo” (M.A. Leonov).

Logo após é editado *O Cinquentenário da Revolução Russa (Teses)*, do Instituto Marx-Engels-Lenin-Stalin, “anexo ao C.C. do PCUS”, segundo a folha de rosto. O prefácio exalta o cinquentenário da Revolução de Outubro e faz uma retrospectiva das Revoluções de 1905-1907 – o “ensaio geral” da Revolução de 1917, segundo Lenin –, exaltando esse

momento como de construção da aliança entre o proletariado e o campesinato, que, enfim, saiu vitoriosa dez anos depois daquela primeira tentativa.

A última obra editada pela coleção nesse ano é *Salário, Preço e Lucro*, de Karl Marx, em sua 2ª edição. A “Nota do Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou à Edição Russa” explica que a obra é fruto de uma conferência de Marx na I Internacional, debatendo com seus oponentes sobre a pertinência ou não da luta por melhores salários por parte da classe trabalhadora. A primeira edição do livro foi lançada postumamente em 1898 por Eleanor Marx e Edward Aveling.

Em 1956, o primeiro livro da coleção a ser editado é *O Socialismo e a Emancipação da Mulher*, de V.I. Lenin. O sumário da obra apresenta os seguintes capítulos: “O Trabalho da Mulher na Fábrica”, “A Classe Operária e o Neomalthusianismo”, “O V Congresso Internacional de Luta Contra a Prostituição”, “O Trabalho da Mulher na Agricultura no Regime Capitalista”, “O Direito ao Divórcio”, “Discurso no Primeiro Congresso Pan-Russo das Operárias”, “A Contribuição da Mulher na Construção do Socialismo”, “As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Soviets”, “O Poder Soviético e a Situação das Mulheres”, “As Operárias”, “O Dia Internacional da Mulher (1920)”, “O Dia Internacional da Mulher (1921)”, “A Instituição do Divórcio Não Destrói a Família” e um apêndice com o artigo “Lenin e o Movimento Feminino”, de Clara Zetkin.

Mais uma obra de Marx é editada nesse ano pela Biblioteca da Nova Cultura: *As Lutas de Classes na França (1848-1850)*. A primeira página traz um aviso de que a tradução é “da responsabilidade da Editorial Vitória”, mas não aponta o tradutor e nem de qual versão a obra foi traduzida. Além disso, o livro apresenta um prefácio de Engels, segundo o sumário. *Da Teoria Marxista do Conhecimento*, de M. Rosental, aparece como

nono volume da edição, com tradução de Victor B. Linhares, partindo da versão russa editada pela Editora Estatal de Literatura Política de Moscou, de 1955.

O décimo primeiro volume da coleção é novamente uma obra de Marx: *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. O aviso sobre a tradução ser de “responsabilidade da Editorial Vitória” aparece novamente, sem maiores detalhes. O livro apresenta dois prefácios: um do próprio autor para a segunda edição e um de Engels para a terceira edição, que trazem a informação de que o livro foi traduzido da versão soviética, em inglês, de 1950.

Em sequência são editados dois livros de Plekhanov. O primeiro é *A Concepção Materialista da História/O Papel do Indivíduo na História*. Há uma “Nota dos Editores” que esclarece que Plekhanov esteve na maior parte do tempo de sua atuação política em divergência com Lenin e os Bolcheviques, o que não impediu o reconhecimento do líder da Revolução de Outubro sobre a qualidade de suas obras na abordagem do materialismo histórico. O texto ainda apresenta os artigos que compõem o livro: “Da Filosofia da História”, no qual o autor expõe as diversas interpretações da História para melhor contrastá-las com o ponto de vista materialista, “Da Concepção Materialista da História” e “O Papel do Indivíduo na História”, ambos analisando os desdobramentos do materialismo histórico marxista.

Por fim, a última obra da coleção é *Questões Fundamentais do Marxismo*, apresentada como o décimo segundo volume da coleção, com tradução de João Batista de Lima e Silva, partindo da versão francesa das Éditions Sociales de Paris. A obra, segundo o sumário, era formada por dois artigos: “Questões Fundamentais do Marxismo” e “A Filosofia de Hegel”.

Dessa coleção foram anunciados e não editados: *A Concepção Monista da História e Materialismo Militante*, de G. Plekhanov, *Dicionário de Filosofia*, de M.

Rosental, *Estudos Filosóficos*, de Mao Tsé-Tung, e *Manual de Economia – 2 Volumes*, sem autor especificado.

A Biblioteca da Nova Cultura é uma coleção formada em sua maioria por reedições de obras já editadas pela Vitória, sete no total, e cinco obras inéditas: duas de Lenin, *O Programa Agrário da Social-Democracia* e *O Socialismo e a Emancipação da Mulher*; uma de Marx, *As Lutas de Classes na França*; uma de Plekhanov, *Questões Fundamentais do Marxismo*; e uma de Rosental, *Da Teoria Marxista do Conhecimento*. Essas obras são traduzidas das edições sob a tutela do Instituto Marx-Engels-Lenin-Stalin, reproduzindo os livros de teoria canônicos de Marx e Lenin, e a doutrina marxista-leninista soviética.

Segundo Sheila Fitzpatrick, para os de fora, esses livros doutrinários, esse marxismo “condensado” dos manuais soviéticos, pode soar como uma espécie de catequese, extremamente simplista. Mas para os partidários comunistas era uma cosmovisão “científica” que permitia a libertação de si e dos demais de todo tipo de superstições. Além disso, esses quadros aprendiam uma forma muito peculiar de debater com base nessas obras, calcada no uso do sarcasmo contra seus opositores e sua “essência de classe”. A petulância e a tautologia, junto com o vigor polêmico, seriam as características mais destacadas do marxismo soviético²⁴⁵.

Essa foi a coleção de maior destaque da trajetória da editora quando se considera obras dessa natureza, e não à toa ela aparece no auge da hegemonia stalinista sob o movimento comunista mundial. Ainda assim, a coleção mais importante e com maior alcance da década e da trajetória da Editorial Vitória foi outra: a Coleção Romances do Povo, à qual passaremos agora.

²⁴⁵ FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*, op. cit., p.33.

2.2. Coleção Romances do Povo

Nos anos 1950, a Editorial Vitória se manteve como a principal empresa editorial ligada ao PCB, tendo nessa década expandido o seu catálogo. Os clássicos do marxismo-leninismo continuam presentes, além das edições dos líderes comunistas do Brasil e do mundo. Mas o “carro-chefe” da editora nesse período serão livros de outra natureza: romances proletários.

A coleção Romances do Povo será a grande empreitada editorial dos comunistas brasileiros nesse momento, em anos de profundas mudanças tanto para o PCB quanto para o movimento comunista mundial. O diretor da coleção era nada mais, nada menos que Jorge Amado²⁴⁶, um dos intelectuais mais importantes do partido e escritor respeitado no mundo todo, o que só enfatiza ainda mais a importância dessa coleção para o partido.

²⁴⁶ Vale citar que Jorge Amado teve uma experiência anterior em 1945, pela editora Brasiliense, com livros da mesma natureza. Tratava-se da Coleção Ontem e Hoje, que editou diversos autores do universo do realismo socialista e trazia o escritor baiano como um de seus tradutores. Segundo Dainis Karepovs, há menções de que Amado apenas emprestasse seu nome e prestígio para a coleção e não fosse de fato tradutor. Dos dezesseis títulos dessa coleção, onze tem a sua tradução atribuída a ele.

Figura 207. Capa da carta de apresentação e do catálogo da Coleção Romances do Povo.



(Acervo Cedem/Unesp)

2.2.1. Jorge Amado e o realismo socialista

Segundo o historiador Geferson Santana, o escritor Jorge Amado ingressou no PCB nos anos 1930, por intermédio da relação de amizade que tinha com a escritora cearense Rachel de Queiroz, que naquele momento já era militante do partido. Desde o início, o escritor assumiu a função de ser o principal promotor do romance proletário no Brasil, conforme as diretrizes da Internacional Comunista²⁴⁷. Nesse período, Amado publicou os seguintes romances, todos dentro dessa estética: *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá*

²⁴⁷ Sobre o debate que levou a gênese do realismo socialista, ver STRADA, Vittorio. “Da ‘Revolução Cultural’ ao ‘Realismo Socialista’”. In: HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol. 9, pp.109-150 e, do mesmo autor, “Do ‘Realismo Socialista’ ao ‘Zhdanovismo’”. In: HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo*, op. cit., vol. 9, pp. 151-220.

(1935), *Seara Vermelha* (1946), *Os Subterrâneos da Terra* (1954)²⁴⁸.

Vale ressaltar que ele programava escrever mais um livro inserido nas diretrizes do romance proletário, que deveria ser lançado em 1956. O escritor chegou inclusive a preparar um esboço inicial desse romance, com o roteiro geral e os personagens da história, mas desistiu de lançá-lo após seu desligamento do partido em 1956. Amado, em seu livro de memórias *Navegação de Cabotagem* (1992), afirma que sua desilusão com o comunismo soviético havia começado em 1951, mas o autor só deixa o PCB após o XX Congresso do PCUS e a publicação do “relatório Krushev” com a revelação dos crimes da era Stalin²⁴⁹.

Nesse meio tempo, Jorge Amado ainda dirigiu a Coleção Romances do Povo da Editorial Vitória, que teve seu início em 1953. Sobre esse fato, Alberto Passos Guimarães afirma que o escritor baiano opinava sobre a indicação de alguns títulos, assim como outros intelectuais, mas que a escolha da maior parte dos romances a serem editados era da direção do partido²⁵⁰.

Quanto à estética na qual o romance proletário se enquadra, o chamado realismo socialista, esse começou a ser elaborado como doutrina oficial para a Cultura na União Soviética a partir dos anos 1930, após décadas de debates estéticos que tiveram início com a Revolução de Outubro de 1917. Nesse processo, o Congresso dos Escritores Soviéticos de 1934 foi fundamental, principalmente pelo discurso de Alexandrovich Zhdanov, figura do alto escalão do Partido, muito próximo a Stalin, que a partir de então seria uma voz decisiva nos rumos da cultura soviética. Nesse discurso, Zhdanov enfatiza as características que definiriam o realismo socialista e o romance proletário, exaltando a

²⁴⁸ SANTANA, Geferson. “O Romance Proletário Cacau: Produção Literária de Jorge Amado nos Moldes do Realismo Socialista da URSS”. *Revista Amoxltli*, n. 2, 2019, p. 57.

²⁴⁹ DARMAROS, Marina. “Gabriela, Cravo e Canela e o Degelo Soviético: O Apagamento da Primeira Obra Escrita por Amado após *Os Subterrâneos da Liberdade*”. *Revista Teresa*, n. 19, 2018, p.218.

²⁵⁰ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p. 158.

literatura soviética. Segundo ele, o realismo socialista se define da seguinte forma:

Em nosso país, os principais heróis das obras literárias são os construtores de uma nova vida: homens e mulheres operários, homens e mulheres das fazendas coletivas, membros do Partido, comerciantes, engenheiros, membros da Liga Comunista de Jovens, Pioneiros. Tais são os principais tipos e heróis de nossa literatura soviética. Nossa literatura está impregnada com entusiasmo e espírito de tarefas heroicas. É otimista, mas no sentido que sua essência é otimista por ser a literatura da classe do proletariado que vem se alçando a única classe avançada e progressista. Nossa literatura soviética é forte pela virtude do fato que vem servindo a uma nova causa, a causa da construção do socialismo. [...]

Além disso, a fidelidade e concretude histórica da representação artística deve ser combinado com a remodelagem ideológica e educação do povo trabalhador sob o espírito do socialismo. Este método em belas letras e criticismo literário é o que chamamos de realismo socialista²⁵¹.

Nesse mesmo discurso, o dirigente soviético discorre sobre a “decadência da literatura burguesa”, para enfatizar a diferença entre essa tradição e a literatura soviética:

O atual estado da literatura burguesa é tal que não é mais capaz de criar grandes trabalhos artísticos. A decadência e desintegração da literatura burguesa, resultando do colapso e decadência do sistema capitalista, representa um traço característico, uma característica peculiar do estado da cultura e literatura burguesas na vida atual. Não se retornará mais aos tempos quando a literatura burguesa, refletindo a vitória da revolução burguesa sobre o feudalismo, era capaz de criar grandes trabalhos da época quando o capitalismo estava nascendo. Tudo agora está crescendo de forma atrofiada, temas, talentos, autores, heróis.

Fica evidente o tom de embate contra o mundo capitalista e suas representações.

Por fim, Zhdanov define o que seria o romance proletário:

Nossa literatura, que mantém ambos os pés firmemente plantados em uma base materialista, não pode ser hostil ao romantismo, mas deve ser um romantismo de novo tipo, romantismo revolucionário. Dizemos que o realismo socialista é o método básico das belas letras soviético e criticismo literário, e isso pressupõe que o romantismo revolucionário deva entrar na criação literária como uma parte componente, de toda a vida do nosso Partido, de toda a vida da classe operária, e sua luta consiste em uma combinação de trabalho prático austero e sóbrio com o espírito superior de feitos heroicos e magníficas perspectivas futuras. [...] A literatura soviética deve ser capaz de retratar nossos heróis; deve

²⁵¹ ZHDANOV, Andrei Alexandrovich. *Escritos*. São Paulo: Nova Cultura, 2015, p. 115.

ser capaz de vislumbrar o nosso amanhã. Isso não será nenhum sonho utópico, pelo nosso amanhã já estar sendo preparado hoje às custas de um trabalho planejado consciente²⁵².

Segundo Geferson Santana, o realismo socialista a partir dos anos 1930 passou a ser considerado um método de descrição do real na literatura, com o intuito de educar o proletariado, despertando sua consciência de classe e o espírito do socialismo, ou seja, a arte soviética passou a ter também um caráter pedagógico²⁵³. Além disso, essa estética seria o reflexo artístico do próprio socialismo soviético que estava sendo construído por meio da direção do Partido, de forma planejada e “consciente” com os Planos Quinquenais.

A cultura proletária zhdanovista é elaborada a partir da eliminação de alternativas e aparece como cultura única e monolítica, se tornando a expressão cultural do período stalinista. Imposta indistintamente como cultura pós-revolucionária como acontecia na União Soviética e como cultura instigadora da revolução nos países capitalistas, esta cultura, acima de tudo, deveria ser reduzida a dimensões político-ideológicas e tornada instrumento tático imediato da ação partidária²⁵⁴. Assim foi com o PCB e a Coleção Romances do Povo.

2.2.2. “Os romances da paz e da esperança”

No Brasil, o romance proletário ganha novo impulso a partir de 1953, quando a Editorial Vitória começa a editar a Coleção Romances do Povo. Não por acaso, o escolhido para dirigir a coleção foi o principal autor do gênero no país até aquele momento, o grande nome entre os intelectuais do PCB e um dos mais reconhecidos pelo movimento comunista: Jorge Amado.

²⁵² *Idem*, p. 116.

²⁵³ SANTANA, Geferson. “O Romance Proletário Cacau”, *op. cit.*, p. 61.

²⁵⁴ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, *op. cit.*, p. 312.

O escritor retornava de seu exílio no Leste Europeu, para onde foi após as perseguições do governo anticomunista de Dutra, como um importante agente do circuito cultural do mundo comunista, com a intenção de reproduzir no Brasil a estética do realismo socialista²⁵⁵.

A coleção teve uma carta-proposta com as diretrizes que a guiavam, com uma carta de apresentação assinada por ele, o catálogo de livros a serem lançados e as condições de financiamento da coleção. Eis o texto de apresentação, que vale a pena ser transcrito na íntegra:

A Coleção Romances do Povo, cuja publicação a Editorial Vitória inicia com o lançamento do grande livro de Bóris Palevoi, *Um Homem de Verdade*, dispõe-se a apresentar ao público brasileiro as mais notáveis obras da literatura progressista contemporânea: os romances que têm como tema a construção de um mundo novo e luta por uma vida feliz.

Através dessa coleção, o leitor brasileiro entrará em contato com os criadores da mais bela e mais avançada literatura do nosso tempo. De Gorki, fundador do realismo socialista, até os romancistas surgidos após a última guerra mundial, como o francês André Still ou o russo E. Kasakievitch. Alguns desses romancistas, um Gorki, um Ilya Ehreburg, uma Anna Seghers, um Howard Fast, já são conhecidos no Brasil. Mas, em verdade, só temos tido algumas raras traduções de autores progressistas, enquanto que a enorme riqueza da literatura nascida do povo tem sido, de fato, subtraída ao conhecimento dos nossos leitores.

Quando se fala em crise editorial, deixa-se de mencionar um dos fatores dessa crise: a qualidade dos livros, que em geral refletem uma literatura decadente, suicida e impopular, sem qualquer interesse para a grande massa de leitores.

Estamos certos de que a coleção que ora apresentamos irá obter um grande êxito de livraria. O público brasileiro encontrará nela exatamente o oposto daquela literatura de decadência e de fuga da vida, produzida por uma sociedade moribunda. Encontrará os romances diretamente nascidos do povo, inspirados em sua caminhada para a construção da felicidade do homem sobre a terra.

Pretendem a Editora e o Diretor desta coleção dar ao público brasileiro uma visão da universalidade dessa literatura, apresentando, ao lado dos mestres do romance soviético, os novos romancistas dos países da democracia popular e os combativos escritores da vanguarda do mundo capitalista, alguns dos quais nomes tão importantes no cenário da literatura contemporânea como o indiano Mulk-Raj-Amand ou o haitiano Jacques Roumain. Sem esquecer os novos romancistas brasileiros que tentam levar a nossa novelística mais além dos limites

²⁵⁵ RIDENTI, Marcelo. *O Segredo das Senhoras Americanas*, op. cit., p. 29.

por ela já atingidos, colocando-a a serviço das causas mais belas e generosas do nosso povo.

Uma bem cuidada feição gráfica, ilustrações assinadas pelos maiores nomes das nossas artes plásticas, concorrerão para dar digna apresentação a esses romances do povo que provam ser a literatura realmente um poderoso instrumento do homem na criação de um mundo de fraternidade entre todos os povos, os romances da paz e da esperança.

Rio de Janeiro, janeiro de 1953.

Jorge Amado

Logo de início, salta aos olhos uma série de semelhanças entre o discurso de Zhdanov, citado anteriormente, e o texto de apresentação da coleção. Justamente por isso o texto ganha um ar oficioso com frases como “as mais notáveis obras da literatura progressista contemporânea” ou quando se refere a uma “literatura decadente, suicida e impopular”, clara descrição da chamada “literatura burguesa”.

Outros pontos valem ser ressaltados, por exemplo, a clara intenção da coleção, como diz Amado em seu texto, de apresentar ao público brasileiro os romances que retratam “a construção de um mundo novo e a luta por uma vida feliz”. Em outras palavras, a coleção tem como função primordial apresentar ao público a construção do socialismo pelas lentes do romance proletário. Também fica claro como o esforço editorial de difusão dessas obras é considerado fundamental pelo partido na frase final da carta, quando Amado afirma que “a literatura é realmente um poderoso instrumento do homem na criação de um mundo de fraternidade entre todos os povos, os romances da paz e da esperança”. Ele também ressalta a qualidade gráfica das edições da coleção, que ficaram a cargo do artista plástico Percy Deane.

Mais um aspecto bastante interessante é o fato de Jorge Amado ressaltar o “valor universal” dessa literatura, ressoando na apresentação da coleção a ideia do internacionalismo proletário, afirmação que justifica mencionando que estarão presentes no catálogo autores soviéticos, das democracias populares, mas também a “vanguarda” dos autores do mundo capitalista, ou seja, os comunistas. Cabe observar em uma análise

mais detalhada das obras se essa universalidade se confirma a partir das particularidades do proletariado e do campesinato de cada país, retratados pelos autores das diferentes nacionalidades.

A carta-proposta também nos permite analisar a coleção do ponto de vista quantitativo. São anunciados no total 37 títulos, sendo 21 de escritores soviéticos, quatro das democracias populares (dois romenos e dois tchecos), um grego, um haitiano, um francês, um alemão, dois estadunidenses e quatro brasileiros. A periodicidade de lançamento dos livros seria mensal, sendo que cada um teria uma tiragem mínima de dez mil exemplares, e uma parte desses livros seria impressa em material mais barato para serem vendidos como “edições populares”. Não é estipulado, porém, quantos desses livros seriam editados para a venda por preços correntes e quantos a preços populares.

Por fim, também é explicitada a forma de financiamento da coleção. A empresa se comprometia a participar com 30% do capital necessário, sendo os demais 70% de responsabilidade dos sócios avulsos, à razão de três mil cruzeiros por cota subscrita. Cada quota deveria ser paga em três prestações de mil cruzeiros cada, até o dia dez do mês seguinte ao vencimento da prestação.

A editora ainda coloca como garantia do cumprimento do contrato seus próprios bens, além do número de exemplares de qualquer dos livros pertencentes à edição que corresponda ao valor do crédito do sócio. Fica definido que esse poderá resgatar seu crédito e lucros devidos em livros da coleção, considerando o preço da capa menos o desconto de 30%.

Quanto às obras publicadas nessa coleção, a primeira a ser lançada foi *Um Homem de Verdade*, do soviético Bóris Polevói, em 1953. A organização gráfica da coleção será sempre a mesma: além do mesmo design das capas, aparecem perfis biográficos dos autores e uma apresentação da obra nas orelhas do livro; na primeira página, o título da

obra; na página seguinte, o nome da coleção, logo abaixo a informação de que o diretor é Jorge Amado, além do endereço da editora. Na folha de rosto aparecem o nome do autor, o título da obra, o emblema da editora (uma reprodução estilizada da estátua Operário e Mulher Kolkosiana), cidade e ano de publicação. Por fim, na página seguinte, nomes do tradutor e do capista. A quarta capa traz sempre uma sinopse do próximo volume a ser lançado pela coleção.

A sinopse da obra de Polevói traz as seguintes informações:

Com um prefácio especial do autor para a edição brasileira. Esse romance situou Boris Polevói entre os maiores escritores do nosso tempo. Uma das mais emocionantes histórias da guerra contra o nazismo, baseada num fato real: o aviador Alexis Mareseev, tendo perdido as duas pernas num combate aéreo, volta a pilotar aviões e a derrubar aparelhos inimigos. Um livro empolgante, um dos maiores êxitos da atual literatura russa.

O texto nos dá algumas pistas sobre o enredo da obra: uma história que retrata o heroísmo de um herói de guerra soviético na luta contra os nazistas, além de alçar o autor e seu livro ao panteão dos “maiores escritores do nosso tempo”. O prefácio escrito pelo autor reforça essas percepções:

Tive grande alegria em saber que uma das minhas obras seria publicada no Brasil. *Um Homem de Verdade* não é uma história fantástica. Tudo que ali está escrito realmente aconteceu. O herói do livro Alexis Meressiev, que durante a guerra realizou feitos tão extraordinários, está vivo. Após a desmobilização, como todos nós homens soviéticos, Alexis Meressiev é até a medula um homem que ama a paz. Agora, muitas vezes, nos encontramos em congressos mundiais, não como o herói e o autor de um livro, mas como delegados do nosso povo.

É interessante notar que nesse texto o autor faz questão de ressaltar a veracidade da história, colocando seu romance como um relato do que realmente ocorreu, traço marcante da estética do realismo socialista presente no romance proletário. Além disso,

Polevói faz questão de enfatizar que, naquele momento, autor e herói se encontravam vez ou outra em congressos mundiais, nunca em condição hierárquica, mas sim como iguais.

Isso reforça a imagem de que os heróis do mundo comunista, na verdade, estão em condições de igualdade com qualquer pessoa; a ideia que se depreende desse fato é que, na cultura comunista de valorização da igualdade, todos podem ser potencialmente heróis na construção do socialismo.

O segundo livro da coleção a ser lançado foi o clássico *Assim Foi Temperado o Aço*, de Nicolai Ostrovsky. A biografia do autor na orelha do livro diz o seguinte:

Nicolai Ostrovsky nasceu em 1904 na aldeia de Villa, província de Volin. Seu pai trabalhava em uma fábrica de levedura e sua mãe como cozinheira. A família vivia pobremente. Aos dez anos, Ostrovsky ingressou na escola primária, mas não pode estudar muito tempo. Aos doze anos foi trabalhar na copa de um restaurante. Depois, num armazém, e, em seguida, como ajudante de foguista e de eletricitista. Por mais pesado que fosse o trabalho, por mais tempo que lhe tomasse, o rapaz, sobrepondo-se ao cansaço, dedicava todas as horas de folga à leitura.

Em 1930, quase cego, começou a escrever a novela *Assim Foi Temperado o Aço*. Seu nome tornou-se célebre, imediatamente entre milhões de leitores, que apreciaram o livro em todo seu valor e o receberam com todo carinho.

O texto de apresentação do autor constrói uma história de superação, do garoto pobre que venceu todas as dificuldades por meio do estudo e, mesmo quase cego, escreveu sua grande obra. Trajetória “heroica”, tal qual as histórias dos romances da coleção. A sinopse da obra a descreve da seguinte forma:

Assim se Forjou o Aço é o título do próximo livro que Jorge Amado selecionou para a “Coleção Romances do Povo”.

Os leitores brasileiros terão oportunidade de conhecer uma das maiores obras da nova literatura. Nesse romance autobiográfico, o grande escritor Nicolai Ostrovsky retrata uma época marcada por acontecimentos de grande significação e profundas transformações na vida de seu povo.

Assim se Forjou o Aço é considerado autêntica obra prima, figurando entre as grandes realizações literárias modernas. Foi escrito em plena juventude do autor, quando Ostrovsky, vítima de grande ferimento recebido na guerra civil, se encontrava preso no leito e quase cego.

É um livro inspirado em uma existência heroica, cheio de ternura humana e entusiástica confiança no futuro.

A primeira questão a ser notada é o nome do livro, que nessa sinopse aparece diferente, sendo alterado antes de seu lançamento. Mais uma vez, a figura de Jorge Amado é usada para legitimar a qualidade da obra, escolhida diretamente por ele, segundo o anúncio. Além disso, trata-se de uma obra autobiográfica, do período em que o autor participou da guerra civil, retratando sua “existência heroica”. São evidentes os ecos das diretrizes do realismo socialista na apresentação da edição.

Segundo relato reproduzido por Sheila Fitzpatrick, uma mulher, cujo marido lia com dificuldades e sem vontade, fez com que ele se interessasse pela Educação Superior lendo em voz alta para ele essa obra de Ostrovsky²⁵⁶.

O terceiro volume da coleção é *A Lã e a Neve*, de Ferreira de Castro, o único exemplar da *Romances do Povo* que não foi possível encontrar nos arquivos consultados. Segundo o blog dedicado à obra do autor, Castro era português e essa obra seria o segundo romance do autor mais traduzido no mundo. Muito próximo de Jorge Amado desde os anos 1930, o romance estava longe dos cânones estéticos do realismo socialista, dado o alinhamento do autor ao anarquismo durante a vida. A escolha por sua publicação partiu de um desejo pessoal de Amado, por se tratar de seu romance preferido do amigo. Ainda segundo ele, o objetivo com a coleção seria o de “dar uma visão da literatura dos países socialistas, da literatura progressista, mas não obrigatoriamente a do Partido”²⁵⁷.

Quanto à sinopse, o livro conta a história da proletarização nas fábricas têxteis da Covilhã de Horácio, tendo como personagem principal um pastor da Serra da Estrela que pretendeu melhorar de vida após ter tido contato com outras realidades durante o serviço

²⁵⁶ FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*, op. cit., p. 125.

²⁵⁷ Blog Ferreira de Castro, postado em 24.4.2007.

Disponível em <http://ferreiradecastro.blogspot.com/2007/04/l-e-neve-de-chico-da-cuf.html>.

militar. A obra teria entusiasmado muito os comunistas, sendo, inclusive, citada constantemente por Álvaro Cunhal, líder do PCP, como exemplo de “arte ascendente”. Para os autores, o principal ponto para esse romance não se encaixar nas diretrizes do realismo socialista são seus personagens “revestidos de humanidade”, diferente dos arquétipos positivos e negativos da estética soviética²⁵⁸.

A presença desse romance na coleção da Editorial Vitória e as circunstâncias de sua escolha seriam um forte indicativo de que Jorge Amado de fato tinha ingerência real na escolha de ao menos algumas das obras a serem lançadas, não sendo uma escolha apenas da direção do PCB. Retomaremos essa discussão posteriormente.

A quarta obra a ser lançada pela coleção foi *O Grande Norte*, de Tikhon Siomuchkin. Diz a biografia do autor:

Tikhon Siomuchkin é um dos valores novos da literatura russa contemporânea, tão do agrado do público leitor do mundo inteiro.

Durante longos anos Tikhon Siomuchkin viveu em estreito convívio com os naturais de desérticas e geladas regiões próximas ao Polo Norte, assistindo e participando da integração de um povo primitivo – os chukchis – no mundo civilizado.

Impressionado por esses acontecimentos, tendo uma grande confiança nos homens, seus livros abordam sempre temas ligados à vida dos chukchis, tendo o seu último livro *O Grande Norte* obtido o mais alto prêmio literário russo de 1949: o “Prêmio Stalin”.

Trata-se de mais um autor soviético, que segue o mesmo roteiro: autor que decide escrever um romance sobre algum conflito marcante do qual participou ou acompanhou. Mais uma vez, a “escrita sobre coisas reais” dá o tom da obra. O Siomuchkin tem sua importância comprovada na literatura do mundo comunista por conta da principal honraria que um escritor poderia almejar inserido nesse universo: o Prêmio Stalin. A sinopse do livro é a seguinte:

O Grande Norte figura entre as maiores obras da literatura russa do nosso tempo.

²⁵⁸ *Idem.*

[...] Na luta para impedir a luta pelo progresso e a civilização, juntam-se os esforços de Alitet, chefe nativo desejoso de manter seu poder pessoal, à ambição e à insídia de homens civilizados – contrabandistas e marginais da lei e da justiça, que encontravam nessas longínquas regiões o seu refúgio.

Um romance de ação e aventuras em estranha e selvagem região, onde as noites e os dias duram seis meses, foi a obra que Jorge Amado selecionou para o próximo lançamento da “Coleção Romances do Povo”.

Novamente o nome do diretor da coleção é invocado em uma sinopse buscando legitimação para a obra. Aqui temos uma quebra no padrão dos escritores russos que apareceram na coleção até o momento, já que o relato da obra não se passa em nenhum grande conflito armado da história soviética, ainda que, mais uma vez, se trate de questões referentes à realidade russa, já que os chukchis são um povo nativo da Sibéria.

O quinto livro a ser lançado, *Os Donos do Orvalho*, do escritor haitiano Jacques Roumain, traz a seguinte biografia do autor:

Jacques Roumain, já conhecido no Brasil através de sua obra poética, foi a maior figura intelectual do Haiti, até hoje. Tendo estudado na Suíça e na França, percorreu vários países da Europa e, voltando à sua terra aos vinte anos, passa a desenvolver intensa atividade cultural e política. Ligando-se às grandes camadas pobres da população negra da pequena república das Antilhas, põe a seu serviço toda a sua atividade intelectual e política, quer como poeta, romancista ou etnólogo, quer como líder político da mocidade haitiana. Nascido em 1907, faleceu no México em 1946, onde se encontrava a serviço da diplomacia de seu país, e onde escreveu seu último livro *Donos do Orvalho*.

A biografia do autor enfatiza sua atividade política junto às camadas mais pobres da população negra do Haiti, além de apresentar todo caminho de formação e de militância do escritor e afirmar que sua obra poética já era conhecida no país. Traz ainda a informação de que Roumain teria falecido no México, mas há controvérsias a esse respeito²⁵⁹.

²⁵⁹ Segundo o site francês *Babelio*, Jacques Roumain faleceu no próprio Haiti, três dias após retornar de uma viagem a Cuba. O motivo de sua morte é controverso. O autor também foi o fundador do extinto Partido Comunista do Haiti, além de ter desenvolvido um importante trabalho etnográfico como

Quanto à sinopse, ela traz a seguinte descrição:

Os Donos do Orvalho, do escritor haitiano Jacques Roumain, há pouco falecido, acha-se traduzido em mais de vinte línguas e é considerado uma das maiores obras literárias latino-americanas da atualidade.

Em seu romance simples e cheio de poesia, que tem como cenário os vales e montanhas ressequidos da pequena república negra das Antilhas, descreve-nos o autor a vida dos camponeses pobres do Haiti e sua luta pela irrigação das pequenas parcelas de terra que cultivam.

O amor de Manuel e Anaísa – turbado pelo ódio existente entre suas famílias e ameaçado pela vingança cruel de Grevilén, perverso rival – termina por vencer, unindo a todos em um só esforço na canalização da água para as terras.

O realismo que impregna todo o romance, o vigor literário com que é retratado fielmente o ambiente local em todos os seus aspectos, usos e costumes, farão de *Os Donos do Orvalho* um livro ao gosto do público brasileiro. Esse é o próximo romance selecionado por Jorge Amado para quinto lançamento da *Coleção Romances do Povo*.

Essa é a primeira obra de um escritor não europeu presente na coleção. A sinopse apresenta o enredo do livro: trata-se de uma história sobre os camponeses haitianos na luta pela água, permeada por uma história de amor, o que aparece como novidade nas temáticas presentes na coleção. É realçada a “simplicidade” do romance e o seu realismo.

Na sequência, é lançado *Tchapaiev*, de Dmitri Furmanov, sexto volume da *Romances do Povo*. Na orelha do livro há uma apresentação do autor:

Dmitri Furmanov é descendente de uma família de humildes camponeses. Aos 5 anos seus pais se transferiram para a cidade, onde passou a infância num ambiente corrompido, em que cenas humilhantes ficaram gravadas em seu íntimo.

Formou-se pela Escola de Comércio, não se dedicando a profissão porque se sentia atraído pela carreira literária. Frequentou, também, a Escola de Artes, Direito e a Academia de Letras.

Atravessou um período de miséria e fome, sendo forçado a lecionar para viver, sem, contudo, abandonar a literatura. Gostava imensamente de ler e anotava tudo o que via nos jornais, apreciando muito os clássicos da literatura russa.

Começou escrevendo poemas e depois da guerra civil da Rússia, da qual tomou parte, como membro do Estado-Maior TCHAPAIÉV,

pesquisador da Universidade Columbia em Nova York, durante seu exílio. Ver: <https://www.babelio.com/auteur/Jacques-Roumain/15154>. Acesso em jul. 2019.

resolveu escrever sobre os acontecimentos que viveu, apresentando a história heroica de TCHAPAIÉV, conhecida e admirada no mundo inteiro.

É interessante como as diretrizes do realismo socialista trazem não só histórias grandiloquentes e personagens heroicos, mas também autores que se encaixam nesses pré-requisitos. Furmanov é a personificação da ascensão das classes subalternas graças ao governo soviético, superando uma infância de pobreza e se tornando um renomado escritor. Além, é claro, de ter participado ativamente da guerra civil, em seu papel de intelectual revolucionário para além das letras, relatando sua experiência posteriormente nesse romance.

A sinopse da obra diz o seguinte:

Tchapaiév, a maior obra do escritor russo Dmitri Furmanov é o romance dos feitos militares de uma das mais heroicas figuras da guerra civil na Rússia.

De simples carpinteiro, quase analfabeto, empolgado pelos acontecimentos que abalaram o mundo em que vivemos, torna-se Tchapaiév um dos mais corajosos e hábeis comandantes militares. Nunca soube o que era uma derrota e morreu combatendo, à frente de suas tropas.

Um livro escrito em linguagem simples, repleto de aventuras e lances épicos, por um escritor que viveu os acontecimentos que relata, como membro do Estado-Maior da Brigada de Tchapaiév, tal é a obra escolhida por Jorge Amado para o próximo lançamento da *Coleção Romances do Povo*.

A sinopse complementa as informações contidas no perfil biográfico do autor e reafirma valores presentes nas descrições das demais obras, principalmente dos autores russos: a trajetória “heroica” e de superação do autor e do personagem, a ênfase no realismo do que está sendo contado e a simplicidade da escrita. Vale ressaltar esse último ponto, já que publicar livros que fossem acessíveis para um público mais amplo era um dos objetivos dessa coleção.

A sétima obra a ser lançada é *A Colheita*, de Galina Nikolaieva, primeira mulher a aparecer na *Romances do Povo*. Diz a biografia da escritora:

Galina Nikolaieva é, sem dúvida, a maior revelação da literatura russa, nos últimos anos. Embora sua vocação literária se manifeste desde a adolescência, escolheu o magistério como profissão e, logo após a guerra, exerceu, durante algum tempo, o cargo de professora numa aldeia. Aí muito observou sobre as imensas transformações, que se processavam, não só na organização e economia das fazendas coletivas, como também na própria consciência dos camponeses russos. Esse material permitiu-lhe criar o romance *A Colheita*. Apoteótica foi a acolhida que lhe deu o público da sua terra: praticamente da noite para o dia, Galina Nikolaieva se viu transformada, de obscura professora rural num dos nomes mais representativos da literatura russa. Atualmente, dedica-se inteiramente a escrever, abordando inclusive o ensaio e a crítica.

A autora foi professora no campo, onde teria observado o funcionamento das fazendas coletivas, empreitada central na planificação econômica do período stalinista e um dos elementos mais controversos do desenvolvimento econômico soviético. Não surpreende que apareça um romance com essa temática, com um olhar positivo dessa experiência. Galina também apresenta uma trajetória de ascensão social, mantendo a regra presente na coleção quando se trata dos escritores soviéticos.

Uma pequena sinopse sobre o livro presente na carta-proposta da coleção traz a seguinte descrição:

Um dos maiores sucessos do romance mundial nos últimos anos. Com esse livro sobre a vida no campo soviético, onde a mais importante personagem é a nova mulher russa, Nicolaieva se colocou na primeira fila dos romancistas russos.

O texto enfatiza que a personagem principal do romance é a representação da “nova mulher russa”, tema bastante caro na edificação do socialismo soviético, tendo sido inclusive tema de diversos artigos do próprio Lenin nos primeiros anos da Revolução, e de lideranças como Alexandra Kollontai e Clara Zetkin.

Ainda nesse ano, são lançados os volumes oito e nove da coleção: *A Tempestade*, de Ilya Ehrenburg. Diz a sinopse:

O autor de *A Queda de Paris* dispensa apresentação, pois através de diversas obras já traduzidas para o português, o mais discutido autor

russo da atualidade tornou-se bastante conhecido do público leitor brasileiro.

A *Tempestade* reflete uma época heroica e sangrenta para a humanidade. Nela encontramos descritos, com realismo, a luta dos povos francês e russo, contra o agressor nazista, desde os feitos gloriosos da Resistência e da Batalha de Stalingrado até o levante de Paris e a tomada de Berlim. Desenrolam-se em suas páginas densas de heroísmo e poesia, os grandes acontecimentos que resultaram na vitória sobre o fascismo, assim como se delineiam inesquecíveis personagens, suas paixões, tragédias e alegrias.

Essas qualidades tornam o livro escolhido por Jorge Amado, para 8º e 9º volumes da *Coleção Romances do Povo*, leitura obrigatório para o público brasileiro.

Fica evidente a importância de Ehrenburg, o “autor russo mais discutido da atualidade”, que já era conhecido no Brasil, com outras obras lançadas inclusive pela própria Editorial Vitória, como já abordamos anteriormente. A temática da obra ressalta dois símbolos caros à cultura comunista quando se trata do combate ao nazifascismo: a Resistência Francesa e a Batalha de Stalingrado. É enfatizado o “heroísmo” das personagens, traço fundamental do realismo socialista, como já abordamos. É interessante notar, novamente, como a sinopse faz questão de enfatizar que o livro foi escolhido por Jorge Amado, argumento de legitimação da qualidade da obra recorrente nas sinopses da coleção.

A coleção Romances do Povo segue no ano de 1955, com o lançamento do décimo volume, *Espartaco*, do escritor estadunidense Howard Fast, vencedor do “Prêmio Stalin da Paz” em 1950²⁶⁰. Dessa vez, a orelha do livro traz uma sinopse da obra ao invés de uma biografia do autor:

A Antiga Roma tem sido o cenário de muitos romances famosos. Não existirá, porém, nenhum tão compreensivo, que tão profundamente analise a estrutura e o desenvolvimento histórico da sociedade romana, quanto *Espartaco*.

Essa compreensão, essa análise, nada apresentam, no entanto, de enfadonho ou didático. Misturam-se a uma fascinante composição romanesca: surge naturalmente ao espírito do leitor, ante o conflito de caracteres, a eclosão das paixões, o movimento exterior e interior dos personagens.

²⁶⁰ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p. 221.

O tema é grandioso: a Grande Guerra Servil que abalou os alicerces de Roma. Atinge muitas vezes uma ressonância homérica a história daqueles milhares de escravos que, no centro da potência, que em sua época dominava o mundo, levantaram bem alto a bandeira de libertação e igualdade. Uma técnica moderníssima, um forte senso poético, uma admirável maestria no traço das figuras e das situações, realçam todas as riquezas desta verdadeira obra-prima.

Fast foi um notório escritor de obras de cunho político, e sua militância antifascista lhe custou a prisão em 1951, no período da perseguição macarthista nos EUA. O livro *Espartaco* foi escrito durante esse período em que esteve preso²⁶¹. Mais uma vez temos uma guerra como pano de fundo para o romance, mudando apenas o cenário, nesse caso, a Roma Antiga. Aqui a trajetória de luta grandiloquente fica a cargo dos escravos que lutam por sua libertação, transformando-se assim nos personagens heroicos e positivos da história.

A dedicatória reforça a visão que a obra busca defender, de valores que devem servir de guia para as gerações futuras, inspiradas pelo exemplo do personagem principal do romance:

Este livro é para minha filha, Raquel, e para meu filho, Jonathan. É uma história de homens e mulheres indômitos que viveram há muito tempo, mas cujos nomes jamais foram esquecidos. Os heróis dessa história amavam a liberdade e a dignidade e viveram nobre e honradamente. Possam os que a leram dela tirar forças para o nosso futuro conturbado e, também, lutar contra a opressão e o mal, a fim de que o sonho de Espartaco se realize em nosso tempo.

O décimo primeiro volume é o livro *A Hora Próxima*, de Alina Paim. A escritora sergipana é a primeira e única representante brasileira na coleção. Sobre ela, escreveu o jornalista Gilfrancisco:

Alina Leite Paim nasceu na cidade de Estância (68 km de Aracaju) berço da imprensa sergipana, a 10 de outubro de 1919, filha de Manuel Vieira Leite e de Maria Portela de Andrade Leite, ambos sergipanos. [...]

²⁶¹ Biografia de Howard Fast. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/autor/11615-howard-fast> Acesso em 6 jan. 2023.

Casou-se em 1943, com o médico baiano Isaías Paim e mudou-se em seguida para o Rio de Janeiro, onde reside com uma de suas filhas. Como na época não conseguisse trabalho, foi ensinar na Escola para filhos de pescadores, na Ilha de Marambaia. Aí escreveu seu primeiro romance, *Estrada da Liberdade*. [...]

Em 1944, a jovem Alina Paim se dirigiu a Barboza Mello, ligado ao Partido Comunista, então diretor da Editora Leitura, levada pelo jornalista Osvaldo Alves para entregar os originais do livro *Estrada da Liberdade*, e durante esse primeiro contato, a jovem foi contando como e porque o escreve. [...]

Publicado pela Editora Leitura, do Rio em 1944, o romance *Estrada da Liberdade* retrata a vida de uma professora cheia de ideias, em contato com a amarga realidade de sua comunidade de bairro proletário, onde tenta aplicar métodos modernos de aprendizagem. Alina baseou-se em sua infeliz experiência para escrever. Conheceu a fome e a miséria da infância baiana abandonada, de quem ela se apaixonou e que muito contribuiu para levá-la a colocar a sua arte a serviço do povo. [...]

A partir daí, seguem vários romances que denunciam o poder dos fortes sobre os fracos. Mostra, também, o amor como forma de realização e destruição do ser humano; a exploração do homem como força-trabalho, que caracteriza a sociedade brasileira. Suas obras sempre refletem um tipo de crítica humanitária. [...]

Em 1949 a Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil edita o romance Simão Dias, com apresentação de Graciliano Ramos, amigo e grande incentivador da tímida escritora sergipana. [...]

A literatura popular refletiu as lutas desse período. Em particular a coleção, “Romances do Povo”, dirigida por Jorge Amado, publicada pela Editora Vitória que reuniu 25 títulos de autores de vários países. Um desses livros, *A Hora Próxima*, é de Alina Paim, escritora sergipana militante do Partido Comunista do Brasil e colaborou na elaboração de uma narrativa literária que espalham as lutas do povo, revelando o futuro de inevitáveis conquistas para o proletariado. *A Hora Próxima*, título que compõe a coleção (Vol. XI), vendeu 10 mil exemplares somente na primeira tiragem, em 1955. O livro foi traduzido para o russo e chinês, segue as pegadas de Jorge Amado, introdutor e praticante-mor do realismo socialista no Brasil. [...]

A ação central do livro é uma greve dos ferroviários em 1950, em vários entroncamentos da Rede Mineira. A estrada da Rede, em Cruzeiro, é tomada por um piquete de mulheres com a tarefa de deter a locomotiva 437, que se prepara para engatar uma composição e seguir viagem. O maquinista titubeia e, ante a firmeza e ousadia do grupo de mulheres, para a 437, que imediatamente tem a caldeira esfriada e posta fora de combate. A locomotiva se tornará a bandeira do movimento grevista. Escrito há cinquenta e seis anos, *A Hora Próxima*, se refere ao grande momento em que as massas, protagonistas de uma ação política organizada e revolucionária, dirigirão a humanidade ao rompimento da aurora. A narrativa de Alina Paim se prende à ação das massas, sem, contudo, tornar-se aprisionada de factualismos e justificativas. [...]

Segundo Jacob Gorender, em 1950, ouve uma reunião no Rio de Janeiro, num apartamento em Copacabana dirigida por Diógenes Arruda, então braço direito de Carlos Prestes, contando com a presença de aproximadamente 30 intelectuais militantes, entre eles Alina Paim, James Amado, Carrera Guerra, Astrojildo Pereira, Werneck de Castro, Oswaldino Marques e outros. O objetivo do encontro era “implantar a

teoria do realismo socialista entre os intelectuais comunistas”. Arruda tentou orientar a produção cultural dos militantes, mas encontrou resistência, porém, entre os próprios intelectuais alinhados, caso de Graciliano Ramos²⁶².

É interessante notar como Alina Paim era uma intelectual respeitada no partido, tendo trânsito direto com figuras do Comitê Central, caso de Arruda Câmara, sendo a única mulher na citada reunião dos intelectuais comunistas. Ela já havia publicado por outra editora ligada ao PCB, a Leitura, seu primeiro romance, e teve importante apoio de Graciliano Ramos em sua trajetória literária. Se destaca o relato de como a direção partidária tentou guiar a produção literária de seus quadros, encontrando resistência de alguns nomes como Graciliano e, como sabemos, também de Jorge Amado.

O romance traz a luta grevista de operários da Rede Ferroviária de Minas Gerais, com ênfase para a participação das mulheres nesse processo. Não deixa de ser sintomático que os dois livros da coleção a ressaltar o papel da mulher nas lutas operárias e na construção do socialismo sejam escritos por autoras, tema que não merece o mesmo destaque pela pena dos autores.

Em uma das orelhas do livro consta uma sinopse da obra, seguida por uma declaração da própria autora sobre o romance:

O tema central do livro é a greve da Rede Mineira de Viação, com a luta dos trabalhadores e a atitude firme das mulheres. São esposas, mães e irmãs, personagens que vivem, sofrem e lutam. Um longo desfile, humano e forte, a que assistimos empolgados e comovidos. Alina Paim o conduz em linguagem simples, utilizando aquela acuidade e aqueles recursos de expressão de que fala o crítico, para erguer com admirável felicidade as suas figuras vivas.

Recentemente, frisando considerar esse livro o ponto de partida de uma nova fase em seu trabalho literário, Alina Paim declarou: ‘Escrevi *A Hora Próxima* procurando captar na ação, nos caracteres, no estilo, a humanidade exuberante do povo brasileiro, no que ele tem de mais novo e poderoso, o impulso e o crescimento do movimento operário.’

Eis o primeiro lançamento de autor nacional na *Coleção Romances do Povo*. O interesse da narrativa, o sentido e a realização do livro asseguram-lhe um êxito certo. Em *A Hora Próxima* encontraremos

²⁶² Gilfrancisco, “A Romancista Alina Paim”. Página *O Arquivo de Renato Suttana*. Disponível em <http://www.arquivors.com/gilfrancisco7.htm>. Acesso em 6 jan. 2023.

aspectos magníficos da vida dos trabalhadores, elementos e costumes da nossa terra e da nossa gente. Homens e mulheres cujas palavras e ações nos transmitem um permanente calor combativo. O mesmo calor humano e a mesma exuberante combatividade que integram a nossa tradição operária, e que Alina Paim soube apreender, que a inspiraram e a fizeram tomar um caminho novo, um caminho seguido por um número sempre maior de escritores.

Mais uma vez é ressaltada a “linguagem simples” do romance, a exaltação da classe operária e o fato de ser o primeiro autor nacional na coleção. É enfatizado o quanto essa obra abriu um “caminho novo” na produção da autora, ou seja, fica a sugestão de que foi a partir desse romance que Alina Paim aderiu ao realismo socialista. Por fim, essa obra aparecia com outro nome na carta-proposta da coleção: *Ferrovários*.

O décimo segundo volume da coleção é *A Felicidade*, de Piotr Pavlenko. A sinopse da obra nos apresenta o seguinte:

Esse é o próximo lançamento da *Coleção Romances do Povo*: a obra prima do grande romancista e autor de cenários cinematográficos Piotr Pavlenko. Popularíssimo na sua pátria, Pavlenko recebeu o maior prêmio literário russo de 1949, mas pouco depois faleceu, ainda em plena força criadora. *A Felicidade* se reveste por isso do aspecto de um testamento literário: nesse comovente romance, denso de paixões e profundos conflitos psicológicos, como que se resume a filosofia de vida, não só de Pavlenko, mas de todos os que tem fé no homem-indivíduo e no contínuo progresso das sociedades humanas.

“Que é a felicidade?” – eis a pergunta que se fazem os personagens de Pavlenko.

E, à medida que procuram encontrar-lhe a resposta, nos dias febris que marcaram o fim da II Guerra Mundial, estes homens e mulheres, não obstante os seus imensos problemas de ventura pessoal, constroem um mundo de esperanças e paz.

A Felicidade constituirá sem dúvida um êxito de livraria, pelo seu valor literário e documental.

Poucos romances nos terão mostrado com tamanha minúcia o verdadeiro espírito da humanidade.

É mais um romance de um autor soviético premiado em seu país. É interessante o roteiro apresentado pelo texto: homens e mulheres em crise existencial em um período de extrema dificuldade procuram o caminho da felicidade, que encontram na construção coletiva de “um mundo de esperanças e paz”, ou seja, no socialismo soviético. Aqui fica

bastante evidente o contraponto àquilo chamado por Zhdanov de “literatura burguesa”, presa às questões individuais.

A décima terceira obra lançada pela coleção é *A Estrada de Volokolamsk*, de Alexandr Bek. Diz a sinopse do livro:

Em fins de 1941, as hordas nazistas forçavam os acessos da capital da União Soviética, dispendo de uma superioridade esmagadora, tanto em número quanto em material de guerra.

A Estrada de Volokolamsk é a história de um batalhão integrante da divisão comandada pelo general Panfilov, um dos grandes heróis da Batalha de Moscou.

A fim de amortecer o ímpeto do inimigo, o batalhão recebeu ordens de defender, até o último homem, a região circunvizinha à estrada de Volokolamsk, artéria asfaltada que levava diretamente ao coração da Rússia, Moscou.

Hitler dera essa ordem terminante aos seus soldados “Almoçar em Volokolamsk! Cear em Moscou!” ...

A ação do romance, intensamente dramática e de profundo conteúdo humano, tem por eixo principal essa estrada, em torno da qual se desenrolaram sangrentos combates.

Numa narrativa bela, simples e fluente, o autor relata pela boca da personagem principal – o comandante do batalhão – as vicissitudes por que passaram aqueles que tinham uma tarefa sem igual: salvar Moscou!

Pelas páginas do livro, desfilam tipos de carne e osso, de qualidades excepcionais e algumas fraquezas, também, todos eles moldados pela disciplina que o chefe soubera impor-lhes, com energia e profunda compreensão da alma humana.

E eles conheceram a alegria da vida.

Trata-se de mais um livro com temática de guerra, ambientado em uma das batalhas mais importantes para a União Soviética na Segunda Guerra Mundial, que marcou a primeira vitória contra o exército de Hitler. O heroísmo dos personagens é mais uma vez exaltado, além da disciplina imposta pelo chefe, porém com “profunda compreensão da alma humana”, o que não deixa de ser uma referência ao partido e sua relação com os quadros e militantes comunistas.

O décimo quarto livro da coleção é outra obra do escritor Howard Fast, o único autor a aparecer duas vezes na Romances do Povo. Trata-se de *A Tragédia de Sacco e Vanzetti*. Diz o texto presente nas duas orelhas do livro:

Howard Fast não é um nome novo para os leitores brasileiros. Dele tivemos, no décimo lançamento da *Coleção Romances do Povo* o extraordinário *Espartaco*. A receptividade que o público dispensou ao livro animou-nos a lançar agora a história de Sacco e Vanzetti, os dois heroicos operários italianos, radicados nos Estados Unidos, que pagaram, em 1927, com a vida, na cadeira elétrica, a dedicação às lutas da classe operária, a posição firme adotada contra a guerra, a certeza de que seria realmente possível construir um mundo melhor.

O livro revela mais uma vez a extraordinária capacidade que tem Howard Fast de abordar, com simplicidade e vigor, os assuntos heroicos, sem, todavia, desumanizá-los, fundindo muitas vezes o épico e o lírico em uma página. E paralelamente a tragédia dos dois inocentes condenados, enfileiram-se no romance alguns tipos admiráveis, entre os quais se destacam Celestino Madeiros, o ladrão e assassino que se redime perante a humanidade e revela, na morte, dignidade surpreendente, e o professor de Direito Penal, o intelectual honrado que, malgrado inúmeras dúvidas e angústias, não se deixou corromper.

E que tipos outros, duros, cruéis, mas verdadeiros! O governador do Estado, o Reitor da Universidade, o Magistrado, simbólico e autêntico, o Presidente...Compondo o fundo dramático da narrativa, o povo norte-americano, o povo do mundo inteiro, nos protestos do Rio de Janeiro, de Paris ou de Bombaim, no piquete do protesto de Boston, na Praça União, em Nova York, o povo de quem se arrancava um pouco de vida ao tirar barbaramente a vida dos mártires sacrificados.

Pode-se dizer, sem receio de exagero, que Sacco e Vanzetti, por sua atitude elevada, pela majestade com que enfrentaram um processo e uma execução ignominiosos, pela orgulhosa inocência que os animava, passaram hoje a ser dois símbolos queridos aos povos do mundo inteiro, como Sócrates antigamente e como o casal Rosenberg há tão pouco tempo.

Ninguém melhor do que Howard Fast romanearia o processo que se tornou famoso e seus protagonistas. Um grande livro integrando uma coleção cujo êxito entre o público fala mais alto do que outra qualquer referência: eis *A Tragédia de Sacco e Vanzetti*, 14ª seleção dos *Romances do Povo*.

Destaca-se no texto a informação de que o segundo livro de Fast é editado na coleção por conta do sucesso de *Espartaco*, primeiro livro do autor presente na *Romances do Povo*, o que mostra a boa aceitação desses romances pelo público. A direção da coleção consegue com essa obra se aproveitar de um tema de destaque mundial e de evidente identidade com o movimento operário, a história da luta pela vida de Sacco e Vanzetti, ao mesmo tempo que reforça todos os valores literários do realismo socialista. Assim como no primeiro livro de Fast, esse também traz uma dedicatória:

Aos bravos americanos que, ontem como hoje, preferiram a prisão, e mesmo a morte, a trair os princípios em que acreditavam, o país que amavam, e o povo cuja confiança mereceram.

O último livro lançado pela coleção no ano de 1955 é *Primeiras Alegrias*, de Konstantin Fédin, o décimo quinto volume. A sinopse do romance traz as seguintes informações:

Primeiras Alegrias, de Konstantin Fédin, um dos mais belos e vigorosos romances da literatura soviética, é o próximo lançamento da *Coleção Romances do Povo*. Nele, encontrarão os leitores a história da pequena Aninha, cuja infância atribulada se processa na década anterior à primeira guerra mundial.

Nele, a par de retratos humanos, admiravelmente bem traçados, encontrarão os leitores alguns dos aspectos mais interessantes da vida russa de então, da vida do povo, de seus problemas, em diversas camadas sociais, de suas lutas ininterruptas, num panorama, de grande amplitude, que vai dos processos políticos, dos “pogroms” e das deportações, à existência irregular e singular da gente de teatro.

Primeiras Alegrias revela um autor ainda inédito em português, desconhecido da grande maioria dos leitores brasileiros, um mestre do gênero, senhor inclusive de uma técnica literária segura, fiel à cultura de sua pátria e cuja obra tem lugar de honra assegurado na história da literatura.

De cara existe uma incongruência na grafia do nome do autor, que na edição que será lançada constará como “Konstantin” e não “Constantin”. A história, mais uma vez, se debruça sobre a realidade russa, dessa vez anterior ao período da Revolução, demonstrando todas as dificuldades pelas quais a protagonista terá que passar para sobreviver, ou seja, mais uma história de superação entre inúmeras presentes na coleção. O texto ainda afirma se tratar de “autor inédito em português”, o que será contradito na orelha do livro, que traz o seguinte texto:

De Konstantin Fédin foram traduzidos para o português os romances *O Sanatório do Doutor Kleber* e, posteriormente, *As Cidades e os Anos*, de ampla aceitação.

O aparecimento de *Primeiras Alegrias* consagra Fédin, definitivamente, como um mestre do gênero, senhor inclusive de uma técnica literária segura, fiel à cuja obra tem lugar de cultura de sua pátria e honra assegurado na história da literatura.

Ao selecionar este volume, o décimo quinto lançamento da *Coleção Romances do Povo*, estamos certos de satisfazer aos nossos leitores, contribuindo ainda para a difusão da obra de um autor que efetivamente merece ser lido e divulgado.

Fédin já havia sido editado no Brasil por outras casas editoriais, como aponta o texto, já sendo conhecido do público. A coleção decide editar mais um autor soviético, o que a essa altura já fica evidente ser a predominância no catálogo dessa coleção.

No ano de 1956 foram lançados mais cinco volumes dos Romances do Povo. O primeiro foi *A Torrente de Ferro*, de Alexandr Serafimovitch, décima sexta obra da coleção. Relata a sinopse do livro:

Que escritor melhor que Serafimovitch, nascido de família cossaca, para descrever os costumes, a tradição e as lutas do povo cossaco?

Depois de cursar a Faculdade de Ciências da Universidade de São Petersburgo, Serafimovitch, já então vinculado ao movimento revolucionário que inflamava a Rússia de 1887, foi deportado por motivos políticos.

Data dessa época o início da atividade literária do escritor, que escreve alguns trabalhos sobre os mineiros do Donetz, os pescadores e os operários das grandes fábricas. Em 1905 aparece seu primeiro romance, *A Cidade na Estepe*. Foi correspondente de guerra em 1915. Mais tarde, e agora estreitamente ligado ao movimento político que conduziu milhões de homens aos dias agitados de 1917, Serafimovitch inicia uma série de volumes que têm por título geral *A Luta*. O primeiro desses volumes, *A Torrente de Ferro*, será o próximo lançamento da *Coleção Romances do Povo* para 1956. Reputada obra prima dentre os trinta livros que escreveu, Serafimovitch levanta em *A Torrente de Ferro*, numa perspectiva rigorosa as principais personagens, fazendo refletir nelas a alma coletiva de um povo ameaçado de morte por seu apoio à Revolução, de uma multidão sofredora e combatente. Indica com justiça os erros e as expansões de ingenuidade da horda cossaca: descreve com piedade os sofrimentos da gente simples e os sacrifícios dos combatentes mais responsáveis: traça, inclusive, com delicadeza, os rasgos do inimigo, chegando em certos momentos a elevar a narrativa ao tom da verdadeira epopeia.

Trata-se de um escritor ligado aos movimentos revolucionários na Rússia desde o século XIX e que escreveu diversas obras sobre os trabalhadores russos, como mineiros, pescadores e operários. O livro lançado pela coleção era parte de uma obra maior do

escritor, que tem como tônica a valorização dos grandes agentes coletivos, da “alma coletiva” de “uma multidão sofredora e combatente”.

O texto nas orelhas do livro complementa essas informações:

A pena vigorosa de Alexandr Serafimovitch em *A Torrente de Ferro*, traça em pinceladas fortes a história do povo cossaco na luta pela terra, contra a fome e o jugo dos feudais.

Oriundo de família cossaca, Serafimovitch achava-se em melhores condições do que ninguém para descrever, com exatidão realista, e como que ao vivo, a existência dos cossacos e as duras batalhas que se travaram, em pleno coração da Rússia, pela libertação dos camponeses e proletários.

As trágicas experiências e o heroísmo da Revolução inspiraram sua pena e ele pode assim escrever *A Torrente de Ferro*, com um colorido totalmente novo, com um ardor comunicativo, com esse sopro que distingue os narradores populares quando estão na posse de um tema digno de memória.

Serafimovitch levantou, numa perspectiva vigorosa, as principais personagens deste empolgante livro, fazendo refletir nelas a alma coletiva de um povo ameaçado de morte por seu apoio a Revolução, de uma multidão sofredora e combatente. Soube indicar com justiça os erros e as expansões de ingenuidade da horda; descreveu com piedade os sofrimentos da gente simples e os sacrifícios dos dirigentes; traçou, inclusive, os rasgos do inimigo e soube, em vários momentos, elevar a narrativa ao tom da epopeia.

A Torrente de Ferro, que vem aumentar a vitoriosa *Coleção Romances do Povo*, exprime vigorosamente o espírito e existência dos defensores da Revolução Russa.

Os traços realistas são mais uma vez realçados nessa apresentação do autor e do romance. Serafimovitch não só é parte do povo que é retratado na história, como o fez “com exatidão realista, como que ao vivo”, ou seja, é o realismo elevado a outro patamar. Camponeses e proletários novamente são os protagonistas.

O décimo sétimo volume da coleção é *Sol Sobre o Rio Sangkan*, de Ting Ling, primeira obra de um escritor asiático e segunda autora a aparecer na *Romances do Povo*.

O perfil biográfico presente na orelha da obra traz as seguintes informações:

Ting Ling, nascida em família de proprietários rurais arruinados, na província de Hunan, fez o curso superior em Xangai, onde foi residir em companhia da mãe, e ali ingressou no movimento revolucionário que combatia a dominação feudal no país vindo finalmente, durante

dois anos, a participar de várias comissões de reforma agrária no norte da China.

O início de sua atividade de escritora foi procedido de um apaixonante convívio com as melhores obras da literatura mundial. Seus autores prediletos eram Balzac, Tolstói e Gorki.

Estreando no romance em 1927, seus primeiros livros – *Meng Ko* e *O Diário de Sofia* – causaram excelente impressão.

Pela primeira vez a China e seu processo revolucionário são cenários de um dos romances da coleção, surgindo pela pena de uma ex-proprietária de terras que aderiu à Revolução. Não deixa de ser curioso as referências de escritores elencadas como inspiração da escritora, todos ocidentais, ainda que guardassem alguma relação com o movimento socialista: Balzac, grande crítico dos valores burgueses no século XIX, Tolstói, crítico da aristocracia russa do período czarista, e Gorki, um dos grandes literatos ligados ao governo bolchevique e à construção do socialismo soviético.

Na sinopse do livro lemos o seguinte:

Um livro da Nova China, que retrata ao vivo a reforma agrária numa aldeia. Em *Sol Sobre o Rio Sangkan*, o leitor viverá a grandiosa etapa da distribuição da terra aos camponeses pobres, e trará conhecimento com os homens e mulheres que nela se empenharam com dedicação, lutando ao mesmo tempo para erradicar ingênuos preconceitos e tradições entre as vítimas dos senhores feudais. [...]

Sol Sobre o Rio Sangkan, próximo lançamento da *Coleção Romances do Povo*, já traduzido em 13 idiomas, não é apenas a obra de uma autora que testemunhou a reforma agrária, mas o resultado das experiências por ela vividas na própria luta que deu a terra aos que a trabalhavam.

O livro trata da experiência da reforma agrária na China vivenciada pela escritora, mantendo os cânones do realismo socialista balizadores da coleção. Ou seja, ainda que a realidade seja outra, o foco continua sendo nos feitos dos trabalhadores, com base em relatos de feitos reais. A obra contava já com treze traduções em diversas línguas, o que denota sua ampla difusão mundial naquele momento.

O décimo oitavo volume da Romances do Povo mantém o foco no continente asiático, nesse caso, na Índia. Trata-se da obra *Coolie*, de Mulk Raj Anand. Diz o texto presente nas orelhas do livro:

Mulk Raj Anand, famoso escritor indiano, embora quase desconhecido em nosso país, é uma das figuras mais expressivas da literatura asiática atual.

Romancista de indiscutível mérito, conhecedor profundo da arte de fazer prosa no melhor estilo, buscando inspiração naquilo que há de mais característico na humanidade indiana, – costumes e modos secularmente cultivados no velho Hindustão – Mulk Raj Anand além da sua grande atividade de romancista, em cuja bagagem literária destacam-se livros como *Os Intocáveis – Duas Folhas e Um Botão – A Aldeia e Sete Varões*, é também ensaísta conceituado e autor de vários livros infantis.

O livro que a *Coleção Romances do Povo* agora apresenta, *Coolie*, traduzido já em vários idiomas, conserva aquelas mesmas características de suas obras anteriores.

Numa linguagem de acentuado lirismo e que atinge por vezes o canto das grandes ações heroicas, Mulk Raj Anand narra a impressionante história de um jovem xátria, nascido nas montanhas de Kangra, na Índia setentrional, que percorre o país de norte a sul, varando cidades, fixando-se por fim em Bombaim e depois em Simla, onde vive seus últimos dias.

Miúnu, era uma criança de temperamento alegre, e mesmo endiabrado. Levado pelo espírito de aventura, sem dinheiro, com a confiança de um ingênuo, ansiando por ser um homem dono de si mesmo, desejoso de fugir à mísera condição de trapo humano, como os seus irmãos das camadas inferiores, faz trabalhos diversos e vive intensamente peripécias, onde ressaltam as ações patéticas ou jocosas que despertem comiseração.

A Índia milenária está presente nas páginas de *Coolie*, em cada pensamento do autor. Mulk Raj Anand transporta até nós o mundo multifário da velha civilização, com seus mausoléus, templos e palácios orientais. Uma civilização que conserva ainda em nossos dias as agudas diferenças de castas que dividem os homens em categorias hierárquicas: dos *Marajás*, *Rai Bahadurs* e *Babus* mais eminentes até o outro extremo da mais baixa condição humana – os *coolies*.

Em *Coolie*, retrato de uma Índia enleada pelos mais absurdos preconceitos, sobressai também a singular confiança dos homens que não se deixaram vencer pelo medo. Estes, os heróis anônimos da multidão de infelizes, espicam os grandes *Baras* d'aquém e d'além das “águas negras” sob os olhares assustados daquela gente cujo destino era a servidão.

Esse romance parece ser dos poucos que destoam das diretrizes gerais da coleção. O enredo, ainda que tenha as desigualdades indianas como pano de fundo, parece focar muito mais nas circunstâncias do personagem principal, que nada parecem ter a ver com

as diretrizes do realismo socialista. É mais um indício das disputas internas entre os dirigentes e intelectuais do partido em relação aos caminhos da coleção.

O décimo nono volume, penúltimo a ser lançado, é *Os Mortos Permanecem Jovens*, da escritora alemã Anna Seghers, a terceira autora a ser editada na Romances do Povo e vencedora do Prêmio Stalin da Paz em 1950²⁶³. O texto das orelhas do livro diz o seguinte:

O leitor brasileiro, já há alguns anos, tomou conhecimento de Anna Seghers através de seu romance *A Sétima Cruz*, do qual foi extraído o tema de um dos grandes filmes aparecidos durante a Segunda Guerra Mundial. É um romance de alta categoria, cheio de dor e heroísmo, refletindo a vida alemã sob o regime nazista. A crítica, na Europa e na América, foi unânime em afirmar que Anna Seghers se filia entre os grandes romancistas do século.

Os Mortos Permanecem Jovens é um formidável, é o termo, retrato da Alemanha, constituído de mil e um flagrantes, cenas dramáticas, detalhes inesquecíveis, de comédia e tragédia, um povo, de corpo inteiro, fixado ao longo de um romance.

O leitor encontrará, de fato, a sociedade alemã circulando inteira nesta epopeia. São as classes sociais em movimento, os conflitos do indivíduo, da família e do meio social, a nação em crise interna e em face dos acontecimentos mundiais. O período em que se desenrola o romance abrange os anos da guerra de 14, da Revolução Russa, dos sucessos políticos na Alemanha, até o golpe de Hitler. Segue-se o tempo heroico e escuro da luta contra o nazismo e logo depois a Segunda Guerra Mundial.

O romance parece um tumulto constante, cortado de sucessivos episódios que tomam diferentes rumos onde as criaturas humanas seguem seus desiguais destinos e se agitam com seus sentimentos e seus trabalhos. Mas em toda estrutura e ramificações do romance, em todo seu desenvolvimento, o que sentimos, decerto, é uma vigorosa unidade. O olhar da romancista está ali atento, vendo em todos os ângulos e psicologia de seus numerosos personagens e fixando, com segurança, clareza e intenso calor narrativo, as situações e os fatos que ali se entrelaçam. Ora é um operário que nos mostra a sua alma, suas paixões, suas lutas, ora um camponês que desata aos nossos olhos o mistério de sua existência, ora é um *junker* que nos parece tão conhecido, ora é um combatente em plena esperança ou em pleno ardor de sua ação.

Os Mortos Permanecem Jovens é um painel romanesco que faz lembrar por sua grandeza épica, *Guerra e Paz* de Tolstói. Na moderna literatura alemã, Anna Seghers, com o seu livro, coloca-se ao lado de Tomás Mann, de Brecht e Remarque. A romancista soube ver o povo alemão no seu martírio e nas suas ásperas incertezas, no amor e no ódio, entre o horror e a esperança, mas nunca entregue à ruína moral e ao jugo definitivo do fascismo. As últimas páginas do romance indicam,

²⁶³ RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit., p. 221.

realmente, o caminho que agora vem seguindo o povo alemão, irmão de todos os povos do mundo.

Mas deixemos ao leitor o romance. Estamos certos de que não só confirmará o que agora dizemos, como maior será sua emoção e sua admiração pela arte e a humanidade de Anna Seghers.

E o texto da sinopse complementa:

[...] Desfilam diante do leitor dezenas e dezenas de personagens, com sua maneira de lutar e esperar, sofrer e amar, e de fazer prevalecer acima de tudo, a dignidade humana. A grandeza do romance está precisamente em fixar do povo alemão a essência de seus conflitos que o não rebaixam nunca, ao contrário, o engrandecem. É um drama da Alemanha, em sua época mais terrível, drama de nossa época e de cada um de nós também.

A vida em *Os Mortes Permanecem Jovens* é descrita com realismo e intenso amor humano. Não podemos esquecer mais as figuras de homens e mulheres que se entrecruzaram nesse livro que comove e prende, aqueles que tiveram suas vidas unidas no sofrimento e na luta em meio das trevas do fascismo alemão e orientados pela certeza da libertação.

Há muito anunciado, o público brasileiro terá, agora, a oportunidade de ler esse admirável livro numa apresentação da *Coleção Romances do Povo* para o mês de maio.

Aqui a coleção retorna para a sua toada anterior, com um romance ambientado entre as duas Grandes Guerras, e trazendo em seus personagens os arquétipos sociais do operário, do camponês, do *junker* (o burguês alemão) e o combatente em pleno conflito, todos em suas jornadas de superação. E claro, a linha realista da história é mais uma vez enfatizado. Vale ressaltar também um novo tipo de argumento de autoridade que surge do anúncio para legitimar a obra: colocar a escritora em pé de igualdade com grandes nomes renomados do mundo literário, nesse caso, Thomas Mann, Brecht e Remarque. O romance é equiparado, inclusive, a nada mais, nada menos que *Guerra e Paz* de Tolstoi.

O vigésimo e último volume da coleção foi *Terra e Sangue*, de Mikhail Cholokhov. Diz as orelhas do livro:

No domínio da ficção realista, a História da Literatura Universal assinala com justo destaque, por sua qualidade e quantidade, a contribuição dos escritores russos. A grandeza artística e humana dessa contribuição mede-se pela envergadura de obras como as de Turguenev,

Dostoiévski, Gogol, Tolstoi e Gorki, definitivamente incorporadas ao patrimônio cultural da humanidade. Entre os continuadores dessa magnífica trajetória, encontra-se, modernamente, entre outros, Mikhail Cholokhov, autor do presente lançamento da *Coleção Romances do Povo*. O segredo das qualidades excepcionais deste *Terra e Sangue*, encontra-se precisamente, à parte sua personalíssima expressão artística, no realismo viril, impregnado de um poderoso humanismo e não raro de uma surpreendente força poética, características presentes em seu autor como em seus geniais predecessores. No sóbrio realismo de *Terra e Sangue*, ao mesmo tempo tão popular e de tão elevado teor literário, temos a narrativa arrebatadora das peripécias de que constaram uma das mais ingentes transformações sociais trazidas no seio da Grande Revolução de Outubro: a coletivização da terra. Neste romance, através da caracterização de tipos em que palpita uma veraz e pungente humanidade, o drama dos conflitos resultantes das dificuldades e incompreensões do arraigado espírito religioso, calcado em lendas e superstições, é magistralmente descrito.

Com o mesmo vigoroso impulso criador fixa-se aqui também a tenacidade, a abnegação, a capacidade de sacrifício, a fé sem limites, no homem, a inquebrantável fibra dos revolucionários russos em sua marcha ascensional pela edificação de um mundo novo.

Cholokhov, escritor dos dias presentes, é por assim dizer, filho da construção do socialismo. Por isso, sua obra profunda o estudo dos problemas, ganha corpo, ultrapassa de muito o aspecto meramente documentário, incorporando-se ao número das belas criações épicas de todos os tempos.

Terra e Sangue é um dos mais extraordinários exemplos que se conhecem da moderna literatura soviética. Desse realismo autêntico que se encaminha para uma compreensão cada vez mais lúcida e completa do homem e que poderá ajudá-lo decisivamente a realizar todas as suas potencialidades.

E complementa a sinopse:

[...] o escritor Mikhail Cholokhov – hoje universalmente famoso, mestre da arte de fazer grandes histórias – figura entre os mais destacados romancistas da atualidade. *O Don Silencioso* – livro que marcou sua carreira e o levou à consagração definitiva como dos mais expressivos representantes do realismo socialista na literatura russa – transpôs fronteiras, foi aclamado e admirado como obra épica que retrata a grandeza de um povo na construção de um mundo que a tantos parecia impossível.

Dessa fonte de criação, de onde saíram páginas cuja força dramática revela uma vigorosa e incomum capacidade de narração que a todos impressiona, desse imaginoso romancista que soube elevar a mais alto nível as melhores qualidades da obra ciclópica do Don, desse admirável Cholokhov veio mais tarde *Terra e Sangue*, livro que muitos atribuem categoria de obra-prima.

A estratégia de elevar o autor ao patamar de grandes nomes da literatura mundial se repete aqui, dessa vez o colocando lado a lado de nomes como Turguenev, Dostoiévski,

Gogol, Tolstoi e Gorki. Interessante notar essa construção narrativa que coloca os autores soviéticos como continuadores de uma cultura literária russa anterior, algo que vai ao encontro da concepção de Lenin sobre cultura, da necessária apropriação de toda produção cultural da humanidade, inclusive da burguesia, pelo proletariado.

Vale frisar que esse é o primeiro romance da coleção que é anunciado, com todas as letras, como sendo escrito por um representante do realismo socialista, de um legítimo “filho da construção do socialismo”, e é mais uma obra sobre a questão da coletivização das fazendas soviéticas.

Apesar de esse ter sido o último livro a ter saído pela Romances do Povo, existia a sinopse e o anúncio de mais uma edição, que seria a vigésima primeira: *A Derrocada*, outra obra de Konstantin Fédin, primeiro tomo de *Um Verão Extraordinário*, que contava com um segundo tomo chamado *O Amanhecer*. Essa obra não chegou a conhecer a luz do dia, o que mostra a interrupção abrupta da coleção, que não passou ilesa ao terremoto que sacudiu o movimento comunista em 1956: o XX Congresso do PCUS e a denúncia de Krushev dos crimes de Stalin. Muitos intelectuais se afastam do partido, inclusive o diretor da coleção, Jorge Amado²⁶⁴. É importante notar que a editora anunciou outros títulos no decorrer dos anos em que a coleção esteve ativa, que tão pouco foram lançados: *O Cavaleiro da Estrela de Ouro*, de Babalevsky, *A Rena Veloz*, de Nikolai Chundik, *Fronteiras ao Vento*, de Alfredo Gravina, *Gente Independente*, de Halldor Laxness, *Aldeia Natal*, de V. Nekrassov, *Celulose* e *O Diário de Tchesny*, de Igor Neverly, *Ana*, de Ivan Olbracht, *Crônica dos Pobres Amantes*, de Vasco Pratolini e *O Tormentoso Caminho*, de Alexei Tolstoi.

Nesse momento, vale uma comparação daquilo que a carta-proposta da coleção se propunha a realizar e o que de fato foi feito. Dos 37 romances iniciais, apenas vinte foram

²⁶⁴ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória”, *op. cit.*, p. 143.

efetivamente lançados. Constavam ainda na relação original: *Ribeira Clara*, de Vera Panova, romance sobre a reconstrução de um *kolkhos* (fazenda coletiva); *A Jovem Guarda*, de Alexandre Fadeev, obra sobre o engajamento da juventude soviética durante a Guerra; *Felizes e Livres*, de Howard Fast, sobre a Guerra de Independência dos EUA; os dois volumes de *O Primeiro Choque*, de André Still, sobre a Resistência Francesa; *Vida de Klim Sanguine*, o último romance de Máximo Gorki; *Os Indomáveis*, de Boris Gorbátov, sobre a resistência soviética contra os alemães na Segunda Guerra Mundial; *O Posto*, de James Amado, sobre a luta de camponeses e indígenas de Ilhéus contra os latifundiários; *O Rio Escuro*, de Alfredo Varela, sobre a luta dos plantadores de erva-mate na Argentina; *O Caminho de Ferro*, de Alexandre Saxton, sobre a vida dos operários ferroviários nos EUA; *Mitrea Kokor*, de Michael Sadoveanu, sobre a vida de um camponês romeno antes e depois da implementação Democracia Popular, obra vencedora da Medalha de Ouro da Paz; *Século xx*, de Melpo Axioti, romance sobre a vida do povo grego; *Avante!*, de Vaclav Rezarc, sobre a transformação na vida no campo com a implementação da Democracia Popular na Tchecoslováquia; *Pés Descalços*, de Zaharia Stancu, a história dos camponeses romenos contada pelo “Gorki da Romênia”; *Companheiros*, de Dalcídio Jurandir, sobre a luta do proletariado gaúcho; *Edificação*, de Leonidas Leoniv, sobre a industrialização na União Soviética; *A Derrota*, de Alexandre Fadeev, sobre a guerra civil e a formação do Exército Vermelho; *O Tormentoso Caminho*, de Alexis Tolstoi, uma trilogia sobre os primeiros anos da União Soviética; *Aurora do Norte*, de N. Nikitine, sobre a luta contra a invasão dos EUA das costas nórdicas da União Soviética; *O Cavaleiro da Estrela de Ouro*, sobre os ex-soldados que se engajam na construção do socialismo soviético no pós-guerra; *Terra de Kuznetsk*, de Alexandre Volochine, outro romance sobre a indústria soviética; *Longe de Moscou*, de Ajaev, sobre a construção de um oleoduto na Sibéria durante a guerra; *A Barricada Muda*, de Jan Drda,

sobre a resistência tcheca contra a ocupação alemã; *Estudantes*, de Trifonov, sobre a vida dos estudantes moscovitas; *O Bezerro de Ouro*, de Ilya Ilf e Eugenio Petrov, “romance humorístico” sobre a época da industrialização; e *A Estrela*, de Emanuel Kazakievitch, drama sobre a luta soviética na Segunda Guerra Mundial.

É interessante notar que na carta-proposta só constavam onze romances que foram efetivamente lançados: *Um Homem de Verdade*, de Bóris Polevoi; *Tchapaiev*, de Furmanov; *Os Donos do Orvalho*, de Jacques Romain; *Coolie*, de Mulk Raj Anan; *A Hora Próxima*, de Alina Paim; *A Tempestade*, de Ilya Ehrenburg; *Assim Foi Temperado o Aço*, de Ostrovsky; *Os Mortos Permanecem Jovens*, de Anna Seghers; *A Colheita*, de Nicolaieva; *A Torrente de Ferro*, de Serafimovitch; e *O Grande Norte*, de Siomuchkin. Vale frisar que *Longe de Moscou* de Ajaev foi lançado ainda em 1956, mas fora da coleção. E *Companheiros* de Dalcídio Jurandir foi editado apenas em 1959 com o nome *Linha do Parque*, também de forma avulsa²⁶⁵. Ou seja, houve uma mudança de planos no meio do caminho, com a escolha de outros romances que não estavam previstos inicialmente, o que é mais um indício das disputas que havia quanto aos rumos da coleção.

Sobre esse ponto, existe um debate sobre quem efetivamente decidia quais livros seriam lançados pela Romances do Povo. Em entrevista para Antônio Rubim, Alberto Passos Guimarães reivindica a escolha dos títulos da coleção para a direção da editora e do partido, que Jorge Amado havia apenas “emprestado seu nome” e indicado alguns títulos, assim como outras pessoas²⁶⁶.

²⁶⁵ Sobre esse livro, relata Antônio Rubim: “Através de um longo trecho que é importante transcrever, Osvaldo Peralva dá sua versão dos acontecimentos que envolveram Alina Paim e Dalcídio Jurandir e seus romances. Peralva afirma que por longo tempo os romances estiveram nas mãos dos dirigentes do PC para serem lidos e posteriormente publicados pela Vitória na *Coleção Romances do Povo* o que só ocorreu com um texto da escritora. Quanto aos originais do livro de Dalcídio Jurandir, após 2 anos mofando nas gavetas da direção do PCB, foram devolvidos ao autor acompanhados da seguinte nota crítica: ‘Dalcídio abusa do emprego de 3 pontos’. Quando buscavam reconquistar o apoio dos intelectuais em face da debandada ocorrida no curso da luta interna é que a editora pecebista pediu os originais e publicou o livro.” (RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, op. cit. p. 353).

²⁶⁶ *Idem*, p. 158.

Jorge Amado deu algumas declarações sobre sua participação como diretor da Romances do Povo. Segundo ele, a coleção não era muito apreciada pela direção do partido e ele havia:

comprado muitas brigas na direção para manter a linha da coleção sem cair no sectarismo, sem sobretudo publicar uma série de romances medíocres sobre “kolkhoz”, industrialização e coisas assim que a direção do partido às vezes queria impor. Às vezes porque um fulano qualquer havia lido...a direção não lia coisa alguma, ainda bem²⁶⁷.

Pela análise dos livros não lançados fica bastante evidente que Jorge Amado teve algum sucesso nesse intento, já que vários romances sobre a industrialização e as fazendas coletivas soviéticas deixaram de ser editados. Ele ainda afirmou ser uma “bestice” considerar a coleção de realismo socialista, ainda que reconhecesse que alguns dos romances seguissem a estética stalinista²⁶⁸.

Quanto a essa afirmação, é preciso levar em conta que ela foi feita em um momento em que o próprio há muito já estava afastado do partido. É possível que ele quisesse relativizar a natureza dos romances da coleção justamente para se isentar de ter colaborado para a difusão de livros que trouxessem uma imagem da União Soviética com a qual ele já não concordava, ligada de forma direta à figura de Stalin. Exemplo disso é o autor nunca ter autorizado a reedição de *Mundo da Paz*, ode à União Soviética stalinista e às Democracias Populares editada pela Editorial Vitória em 1951²⁶⁹.

Não querer se responsabilizar por romances que, provavelmente, não primavam pela qualidade literária segundo seus critérios também pode explicar esse posicionamento do escritor. No mais, pela análise dos paratextos, fica bastante evidente que se tratava sim de uma coleção de realismo socialista, na qual as exceções apenas confirmam a regra.

²⁶⁷ RUBIM, Antônio Canellas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*, op. cit., p. 45.

²⁶⁸ *Idem*, pp. 45-46.

²⁶⁹ DARMAROS, Marina. “Gabriela, Cravo e Canela e o Degelo Soviético”, op. cit., p. 226.

Armênio Guedes, outro importante intelectual do partido, afirma que a intenção da direção era mesmo afirmar e divulgar o realismo socialista, ainda que o bom gosto de Jorge Amado, somado a certa “ignorância” da direção do partido, tenha permitido que ele colocasse na coleção obras que não estavam alinhadas com essa estética²⁷⁰.

Outro elemento que pode iluminar esse debate é a participação destacada de Jorge Amado na rede de intelectuais comunistas construída principalmente nos anos 1950. Muitos intelectuais latino-americanos se exilaram em Paris nessa década fugindo da repressão anticomunista em seus países, como foi o caso do chileno Pablo Neruda, do cubano Nicolas Guillén e do próprio Amado²⁷¹. O espaço propiciado pelo PCF a esses intelectuais em sua imprensa fez com que a sua influência no mundo comunista crescesse paulatinamente. No caso do escritor brasileiro, o auge se deu com a vice-presidência do Conselho Mundial da Paz (CMP), entidade nascida do movimento mundial pela paz encabeçado pelos comunistas no pós-Segunda Guerra Mundial. Jorge Amado viu o número de traduções de seus livros explodirem no mundo todo, de cinco para dezoito línguas diferentes, principalmente nos países socialistas, e sua figura se tornar uma referência entre os escritores alinhados a Moscou²⁷². A “coroação” desse processo veio com a entrega a Jorge Amado do Prêmio Internacional Stalin da Paz em 1951, o Nobel da Paz do bloco comunista²⁷³.

Nesse processo, Amado ampliou sua rede de contatos com escritores alinhados com a União Soviética e o realismo socialista, muitos publicados na Coleção Romances do Povo. Fizeram parte do círculo social do escritor brasileiro nesse período o escritor argentino Alfredo Varela²⁷⁴, os dirigentes intelectuais soviéticos Ilya Ehrenburg e

²⁷⁰ *Idem*, p. 46.

²⁷¹ RIDENTI, Marcelo. *O Segredo das Senhoras Americanas*, *op. cit.*, p. 17.

²⁷² *Idem*, p. 45.

²⁷³ *Idem*, p. 46.

²⁷⁴ *Idem*, p. 17.

Alexandre Fadeiev²⁷⁵, este sucessor de Andrei Zhdanov, o também soviético Mikhail Cholókhov, o francês Louis Aragon²⁷⁶, o português Ferreira de Castro²⁷⁷, o estadunidense Michael Gold²⁷⁸, a alemã Anna Seghers²⁷⁹, a chinesa Ting Ling²⁸⁰, o romeno Zaharia Stancu²⁸¹ e o tcheco Jan Drda²⁸².

Fadeiev, o sucessor de Zhdanov e responsável pela política cultural soviética, era amigo íntimo de Jorge Amado e de sua companheira Zélia Gattai. Ehrenburg, diplomata soviético e o escritor mais aclamado do mundo comunista naquele período, não só era amigo como também compadre de Amado e Gattai, já que havia batizado (em cerimônia laica, é bom que se diga) a filha mais nova do casal. Isso vale também para Anna Seghers, que foi presença constante no Palácio de Dobris na Tchecoslováquia, quando lá estava exilado o casal de escritores brasileiros, no início dos anos 1950. Quanto a Cholókhov, Jorge Amado o detestava, era um “bêbado, homem do aparelho do Partido, da intriga e da denúncia”, mas “grande, imenso romancista” segundo ele²⁸³.

Dessa forma, não parece coincidência que todos esses nomes tenham sido em algum momento cogitados para a coleção, com a exceção de Louis Aragon, e muitos tenham sido efetivamente editados. Se por um lado eram escritores consagrados no mundo comunista, o que sem dúvida gerava interesse na direção do partido na sua publicação, não é possível menosprezar os laços pessoais de Jorge Amado, o diretor da coleção, com esses escritores. Dessa forma, as divergências entre o escritor e a direção do PCB, naquele momento, sobre os romances a serem editados podem ser bem menores e muito mais pontuais do que se acreditava até agora. A importância que o escritor

²⁷⁵ *Idem*, p. 18.

²⁷⁶ *Idem*, p. 17.

²⁷⁷ *Idem*, p. 36.

²⁷⁸ *Idem, ibidem*.

²⁷⁹ *Idem, ibidem*.

²⁸⁰ *Idem*, p. 40.

²⁸¹ *Idem*, p. 52.

²⁸² *Idem*, p. 54.

²⁸³ *Idem*, p. 50.

alcançou entre os intelectuais comunistas do mundo todo também nos faz duvidar que ele apenas emprestaria o nome para a coleção, sem uma ingerência efetiva e predominante nas publicações. As visões de Alberto Passos Guimarães e do próprio Jorge Amado sobre essa questão, construídas *a posteriori*, parecem permeadas por rusgas e um certo grau de negação de como as coisas se desenrolaram nos anos 1950, seja com Guimarães diminuindo a importância do escritor para a coleção, seja com Amado renegando o realismo socialista.

A Coleção Romances do Povo da Editorial Vitória se configura como um esforço claro de divulgação do romance proletário no Brasil, difundindo no país obras alinhadas com as diretrizes do realismo socialista soviético. Ela apresenta uma discrepância clara entre o número de autores soviéticos e de outras nacionalidades. Fica claro que a intenção primordial era difundir, em primeiro lugar, os romances que tratassem da realidade do socialismo soviético. Pode-se considerar que a prioridade da política externa soviética era justamente apresentar seu país como um exemplo a ser seguido e defendido, como a “verdadeira pátria dos trabalhadores”, citando Rodrigo Patto Sá Motta²⁸⁴. Outras realidades nacionais ficariam, nesse caso, em segundo plano.

Vale notar que não há qualquer indício daquela parcela de livros reservados para “edições populares” prometida na carta-proposta. Ao que tudo indica, essa ideia referente a essa coleção acabou ficando pelo caminho com a sua interrupção. No mais, as obras buscam a construção de tipos heroicos (a palavra se repete uma dúzia de vezes nas apresentações dos romances), sempre pertencentes às classes populares, nas suas narrativas. Fica claro que a nacionalidade dos autores não altera as diretrizes da estética do realismo socialista em suas obras.

²⁸⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002, p. 352.

O romance proletário demonstra ter um papel fundamental na formação de uma cultura comunista que fosse compartilhada em todas as partes do mundo, difundindo valores, ideias e símbolos, enfatizando a importância dos livros para o movimento comunista na “construção de um mundo novo e na luta por uma vida feliz”, parafraseando a frase de Jorge Amado na carta-proposta. E ainda que os temas dos romances pareçam estranhos à primeira vista (fazendas coletivas, industrialização, conflitos de povos nativos nos rincões da Sibéria), eles fazem sentido quando entendidos dentro do universo comunista, no qual a realidade da União Soviética, “a pátria do socialismo”, deveria ser conhecida e apreendida por todo militante comunista mundo afora.

É possível afirmar com toda certeza que a Coleção Romances do Povo foi a grande empreitada editorial da história da Editorial Vitória, com ampla divulgação na imprensa partidária, cartazes pelas ruas das cidades e tiragens de dez mil exemplares²⁸⁵. E foi um sucesso, vide a sua circulação no exterior e a vendagem dos grandes *best-sellers* da coleção: *A Hora Próxima*, de Alina Paim, *Um Homem de Verdade*, de Bóris Polevoi, e *Assim Foi Temperado o Aço*, de Nicolau Ostrovsky. Os dois últimos em anúncio da editora em 1960 constavam como esgotados, sendo os demais títulos restantes vendidos a 100 cruzeiros cada.

²⁸⁵ RUBIM, Antônio Canellas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*, op. cit., p. 48.

Capítulo 5

O Catálogo da Editorial Vitória:

O Período da Desestalinização (1956-1964)

Se a primeira metade dos anos 1950 marca o auge do controle stalinista na organização partidária, e conseqüentemente em suas estruturas culturais, simbólicas e editoriais, o ano de 1956 apresenta uma inflexão nesse processo. O XX Congresso do PCUS é palco para as denúncias do novo secretário-geral do Partido, Nikita Krushev, contra o seu antecessor, Josef Stalin. O “relatório Krushev”, com as denúncias dos crimes do período de Stalin, cairá como uma bomba no movimento comunista mundo afora, levando a rupturas e cisões nos PCs por toda parte. Esse fato levou a uma enorme crise e uma debandada dos intelectuais do PCB, declínio do aparato político-cultural e início da quebra do monopólio do PC sobre o marxismo no Brasil²⁸⁶.

Os comunistas brasileiros se manterão em silêncio por sete meses a respeito do relatório, tamanho o impacto das denúncias. A imprensa pecebista continuará afirmando durante todo esse período que se tratava de uma falsificação do serviço secreto norte-americano. A primeira reunião do Comitê Central para discutir o tema se dará apenas em agosto de 1956, na qual as críticas mais severas se abateram no até então homem forte do partido, Diógenes de Arruda Câmara.

A partir de outubro daquele ano se abre um enorme debate na imprensa partidária, com destaque para os jornais *Voz Operária* e *Imprensa Popular*, debate no qual se colocam todas as críticas, dúvidas e ressentimentos que ficaram represados por anos. Com o desenvolvimento das discussões, a direção partidária publica um documento de

²⁸⁶ RUBIM, Antônio Canellas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*, op. cit., p. 69.

autocrítica, reconhecendo erros cometidos e, pela primeira vez, as deformações provocadas pelo stalinismo no seio partidário²⁸⁷. Os chamados “renovadores” acusavam o Comitê Central pelo retraimento político dos comunistas, sua menor influência na sociedade, a estagnação da imprensa partidária, e pela diminuição das fileiras do partido²⁸⁸.

A produção editorial não passa ilesa às críticas. Em artigo na revista *Novos Tempos*, o militante Horácio Macedo faz dura crítica à obra *Problemas Econômicos no Socialismo na URSS*, de Stalin, editada em 1953 pela Editorial Vitória. Segundo ele, essa obra foi ungida em “modelo de desenvolvimento criador do marxismo-leninismo”, “expressão mais alta”, “bússola” para todo comunista, entre outras expressões comuns na imprensa pecebista. Macedo afirma que:

À concepção de um mundo onde tudo já está conhecido, onde nada é realmente novo, onde para todos os processos e fenômenos, já existe explicação e interpretação pronta e acabada da filosofia, da política, da economia, limitar-se à análise e interpretação dos textos ortodoxos. Infelizmente isso aconteceu, em grande parte, com as obras de Marx, Engels e Lenin, e, em grau superlativo, nos anos cinquenta, com os escritos de Stalin²⁸⁹.

A direção partidária, apesar de reconhecer os excessos da disciplina militarizada imposta aos militantes, as críticas públicas violentas que criavam um ambiente de intimidação e o dogmatismo em termos teóricos e políticos, encerra as discussões na imprensa com o argumento de “restabelecer a ordem” e “manter a unidade partidária” em abril de 1957. Muitos militantes inconformados deixam o partido. No fim, o que acaba prevalecendo no interior do PCB, entre ortodoxos e renovadores, é uma corrente aberta a promover uma profunda autocrítica, mas sempre atenta à manutenção do partido.

²⁸⁷ *Idem*, p. 76.

²⁸⁸ SANTOS, Raimundo. *A Primeira Renovação Pecebista: Reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956-1957)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988, p.212.

²⁸⁹ *Idem*, p. 239.

Além disso, se entende a necessidade de uma nova reflexão sobre a “questão democrática” nos âmbitos partidários e da sociedade no geral, para evitar que as deformações stalinistas continuassem dando o tom no cotidiano partidário e na linha política seguida pelo PCB²⁹⁰.

Finalmente, no início de 1958 o partido lança a *Declaração de Março*, na qual consolidava sua autocrítica e salientava que o processo histórico de desenvolvimento do capitalismo no Brasil favorecia a luta pela democracia. O documento caracterizava, por exemplo, os acontecimentos de agosto de 1954, que levaram ao suicídio de Vargas, como um “golpe”, e defendia que as duas contradições fundamentais naquele momento eram a “da nação contra o imperialismo norte-americano e seus agentes internos”, e aquela entre “as forças produtivas em desenvolvimento e as relações de produção semifeudais na agricultura”. A contradição entre o proletariado e a burguesia continuava existindo, porém, nessa etapa do desenvolvimento brasileiro, ela se tornara secundária. A união contra o imperialismo norte-americano era o mais importante.

Dessa forma, “o desenvolvimento capitalista corresponde aos interesses do proletariado e de todo o povo”, dessa forma, “a revolução no Brasil, por conseguinte, não é ainda socialista, mas anti-imperialista e antifeudal, nacional e democrática”. A transição para o socialismo deixa de ser um objetivo imediato nessa fase histórica da luta no Brasil, segunda a nova orientação partidária.

Do ponto de vista da política prática, cotidiana, essa nova orientação implicava na necessidade de formação de uma frente única, ao mesmo tempo nacionalista e democrática. O documento ainda reconhece que as últimas grandes vitórias populares haviam sido fruto exatamente da unidade das forças progressistas do país. O documento também fazia uma crítica bastante clara à linha política seguida anteriormente,

²⁹⁰ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*, op. cit., p. 78.

caracterizando-a como “subjetivista” e “dogmática”, baseada em fórmulas genéricas que ignoravam as particularidades concretas do desenvolvimento histórico nacional.

Fica bastante evidente que a elaboração da nova política significou, de forma concreta, os primeiros ajustes de contas mais profundos do PCB com o stalinismo, seus dogmas e mandonismos dos mais variados tipos. A *Declaração de Março de 1958* é um marco de um novo momento para o partido, com uma profunda redefinição sobre o papel dos comunistas na luta democrática e nacionalista, na política de frente única e nos caminhos para a construção do socialismo no Brasil²⁹¹.

A partir desse momento, o PCB passa a participar de uma grande frente nacionalista junto aos trabalhistas, que leva a um crescimento da influência do partido na realidade brasileira. As teses político-intelectuais dos comunistas se tornam centrais nos anos 1960, tendo o seu auge entre 1964-1968²⁹².

1. 1956-1959: Rupturas e Continuidades no Catálogo da Editorial Vitória

O catálogo da editora, como não podia deixar de ser, não passará ileso aos inúmeros debates e autocríticas que dominam o PCB na segunda metade dos anos 1950, e o primeiro indício foi a publicação do livro *O que É o Stalinismo?*, uma compilação de textos críticos sobre o período de Stalin, que contava com artigos de lideranças como Palmiro Togliatti e Nikita Krushev, além do famigerado “testamento de Lenin”, texto do período final da vida do líder bolchevique que não poupa críticas a Stalin. No período anterior seria improvável, senão impossível, um livro como esse fazer parte do catálogo da editora do PCB. As orelhas da obra apresentam os seguintes textos:

O marxismo-leninismo reconhece que os dirigentes podem desempenhar importante papel na História. O povo e seu Partido precisam de personalidades eminentes que possam representar os

²⁹¹ *Idem*, p. 85.

²⁹² RUBIM, Antônio Canellas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*, op. cit., p. 69.

interesses e a vontade do povo, se mantenham na vanguarda da luta histórica e dirijam o povo. Seria completamente errôneo negar o papel do indivíduo, das vanguardas e dos dirigentes.

Mas, quando qualquer dirigente do Partido ou do Estado se coloca acima destes, quando se desliga das massas, perde a visão penetrante e completa dos negócios do país. Nestas circunstâncias, mesmo um homem eminente como Stalin inevitavelmente toma decisões irrealis e errôneas sobre importantes questões. Stalin falhou em extrair as lições dos erros particulares, locais e temporários, cometidos em certos assuntos, e fracassou assim na tarefa de evitar que os mesmos se transformassem em erros sérios afetando toda a nação durante um longo período.

Do JEMINJIPAO (“Diário do Povo”) de Pequim.

O texto do jornal comunista chinês apresenta uma nova tendência de tratamento à figura de Stalin que será adotada por parte do movimento comunista mundial e das lideranças soviéticas após o “relatório Krushev”: individualizar as falhas ocorridas na União Soviética na figura de Stalin, preservando os dogmas do “marxismo-leninismo”.

O texto do líder comunista italiano Togliatti critica essa nova linha:

“É necessário reconhecer aqui, abertamente e sem hesitação, que se o XX Congresso deu uma contribuição enorme à formulação e à solução de inúmeros, sérios e novos problemas do movimento democrático e socialista, e se assinala uma etapa muito importante no desenvolvimento da sociedade soviética, não se pode, entretanto, considerar satisfatório a posição tomada no Congresso e agora amplamente desenvolvida, na imprensa soviética, no que se refere aos erros de Stalin, às causas e condições que os tornaram possíveis. A causa de tudo residiria no ‘culto à personalidade’, e no culto a uma pessoa que teve defeitos muito graves, que carecia de modéstia, tendia ao poder pessoal e, muitas vezes, se equivocava por incompetência, que não era leal em suas relações com outros dirigentes, tinha uma louca mania de grandeza e um excessivo amor-próprio, que era desconfiado ao extremo, e que, por fim, através do exercício do poder pessoal, chegou a se afastar do povo, a negligenciar seu trabalho, e até a se deixar dominar por uma forma evidente de mania de perseguição. [...]”

Da entrevista de Togliatti à revista *Nuovi Argomenti*.

Togliatti é crítico dessa nova tendência, ainda que reconheça avanços nas abordagens e resoluções do XX Congresso. De fato, o movimento iniciado por Krushev e seguido pelo PCUS da denúncia ao “culto à personalidade” de Stalin parece um subterfúgio para livrar as lideranças soviéticas dos erros e crimes cometidos durante o período em

que Stalin esteve no poder. Por essa lógica, a culpabilização de uma única liderança e sua “desgraça” pública significariam um reconhecimento de que os crimes e as falhas eram reais, e, ao mesmo tempo, preservariam as estruturas de poder no partido e mesmo a importância do cargo de secretário-geral. As “leis gerais” do “marxismo-leninismo” também continuariam válidas, tudo não passando de desvios imperdoáveis de um único líder “instável”. Inclusive essa linha de argumentação não poupa a figura de Stalin de uma crescente patologização, quando se refere a pretensas manias de grandeza ou de perseguição. Basicamente, a mensagem era: a doença de um único homem não invalida todo um sistema.

O caminho escolhido nessa obra acaba sendo o meio termo em relação a Stalin, como os paratextos deixam bastante evidente, o que de certa forma reflete as incertezas vividas pelo próprio PCB. O sumário apresenta os seguintes artigos: “A Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado” (Editorial do *Jeminjipao*), “Os Estados Unidos e o Relatório Especial de Nikita S. Krushev” (Eugene Denis), “Os Problemas da Democracia Socialista” (Palmiro Togliatti), “Declaração do Birô Político do PC Francês, Aprovada pelo Comitê Central”, “A Luta pelo Caminho Italiano para o Socialismo” (Palmiro Togliatti), “A Superação do Culto à Personalidade e de Suas Consequências” (Resolução do Comitê Central do PCUS), “O Papel do Partido Comunista na Sociedade Soviética” (Editorial do Pravda), “O Testamento de Lenin” (V.I. Lenin) e “Do Informe ao XX Congresso do PCUS” (Nikita Krushev).

Não é difícil imaginar que esse movimento político de Krushev e da cúpula do poder soviético procurava garantir respaldo político para que o novo secretário-geral conseguisse governar, já que o seu antecessor fora colocado em um patamar de homem e líder quase perfeito, como ficou bastante evidente pelas inúmeras referências que analisamos nos livros da Editorial Vitória. Inclusive o próprio Krushev fazia parte do

círculo de confiança de Stalin. Além do mais, a tese do “culto à personalidade” é uma resposta satisfatória para uma estrutura de poder que não quer se reformar de fato, que evita repensar a sua natureza que constantemente criava “pequenos Stalin”²⁹³ no cotidiano soviético, sendo quaisquer erros frutos do funcionamento desse sistema e não culpa ou “desequilíbrio” de um único indivíduo. Inclusive, o “culto ao líder” ou a recepção pelo público russo da figura de Stalin tem uma relação muito maior com a tradição do Czar como “padrinho” do que com qualquer peculiaridade da Europa ocidental moderna, sendo que o “paternalismo” se reproduzia também nas lideranças regionais²⁹⁴.

Quanto à editora, o número de livros lançados em 1957 cai drasticamente em relação a 1956, sendo apenas cinco. Isso é reflexo da crise que se instaura no movimento comunista nesse período, das disputas internas do PCB em decorrência disso, e do afastamento de muitos intelectuais das fileiras partidárias. Das coleções, têm continuidade a Coletânea de Estudos Científicos, a Biblioteca Pedagógica e Obras Escolhidas de Marx e Engels. A Biblioteca da Nova Cultura e a Coleção Romances do Povo, os “carros-chefes” até 1956, são descontinuadas.

É lançada a obra *ABC do Sistema Solar*, de F.G. Fesenkov, com tradução de A. Fernandes e capa de Carlos Scliar, dando continuidade à Coleção de Estudos Científicos. O livro é apresentado no texto da orelha como sendo “de divulgação, de simplificação, sem falseamento”, voltado para a compreensão dos novos problemas levantados pela “conquista do espaço”, como é o caso do lançamento do satélite soviético Sputnik. É publicada também a 2ª edição de *Os Satélites Artificiais e os Voos Interplanetários*, de A. Sternfeld.

²⁹³ FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*, op. cit., p. 32.

²⁹⁴ *Idem, ibidem.*

Aparece nesse ano *Ainda Sobre A Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado*, do *Ji-Min-Ji-Pao (Diário de Pequim)*, traduzido da versão inglesa do texto chinês, publicada em *Political Affairs*, vol. 36, n. 2, de fevereiro de 1957, de Nova Iorque. Como subsidiária foi utilizada a versão em francês publicada em *France Nouvelle*, n. 578, de 10 de janeiro de 1957, de Paris, além da versão em espanhol editada pelas *Ediciones en Lenguas Extranjeras*, 1957, de Moscou e a tradução publicada em *A Voz Operária*, n. 406, de 16 de março de 1957, no Rio de Janeiro. Saiu também a 2ª edição de *A Luta Interna no Partido*, de Liu Cho-Tsi, *O Brasil e a Era Atômica*, de Olympio Guilherme, e o livro *O Arado Branco: Poemas (1947-1954)*, de Luiz Papi.

O ano de 1958 foi, mais uma vez, de quase inatividade, demonstrando que a editora ainda tentava se reorganizar após as inúmeras mudanças no partido pós-1956. Nesse ano foi editado um único título: *O Levante do Gueto de Varsóvia*, de Bernard Mark, com tradução de Guttorm Hansen e Alex Viany e capa de Carlos Scliar.

A editora fecha 1959 com um número um pouco maior de lançamentos em comparação ao ano anterior, mas ainda longe dos seus melhores anos: seis títulos. Nesse ano se destaca a Coleção Documentos Políticos, que traz uma série de brochuras com análises da conjuntura nacional e internacional, com destaque para Luiz Carlos Prestes com títulos como *A Situação Política e a Luta por um Governo Nacionalista e Democrático* e *Porque os Comunistas Apoiam Lott e Jango*, marcando seu retorno ao catálogo da editora como autor, e para Nikita Krushev, com títulos como *Sobre as Cifras de Controle de Desenvolvimento da Economia da URSS nos Anos 1959-1965*. É a primeira vez que o novo secretário-geral do PCUS é editado pela Vitória. Dessa coleção ainda é anunciado o título *Informe ao XXI Congresso do P.C.U.S.*, também de Krushev, que acaba não sendo editado.

O primeiro desses livros, *A Situação Política a Luta por um Governo Nacionalista e Democrático*, é um libelo em defesa da nova linha partidária, e isso fica bastante evidente nos paratextos da edição. Não há a presença de orelhas, nem mesmo de prefácios ou posfácios. O sumário acaba sendo o único paratexto digno de nota. No primeiro volume da coleção, o sumário traz os seguintes títulos:

- 1) Fortalecimento do campo socialista e avanço das lutas de libertação nacional;
- 2) Aprofunda-se a contradição que opõe a nação brasileira ao imperialismo norte-americano e aos agentes entreguistas;
- 3) A luta de massas por um novo rumo na política do governo;
- 4) As eleições de 3 de outubro;
- 5) A atividade dos comunistas na aplicação de sua linha política;
- 6) Por uma política de soluções nacionalistas e democráticas.

Fica evidente a reprodução da linha partidária em termos como “lutas de libertação nacional”, “imperialismo norte-americano e agentes entreguistas” e “política de soluções nacionalistas e democráticas”. E a importância que os comunistas passam a dar para a luta democrática dentro da legalidade, com um capítulo todo dedicado à discussão eleitoral. Na contracapa do livro, temos um anúncio do volume 2, que nesse caso aparece com o título provisório de *Informe ao XXI Congresso do PCUS – Nikita S. Krushiov*. A propaganda reproduz o seguinte trecho do livro:

O socialismo demonstrou plenamente sua absoluta superioridade sobre o capitalismo nos ritmos de desenvolvimento da produção. Agora entramos em uma nova etapa da emulação econômica com o capitalismo. A tarefa consiste agora em lograr a superioridade do sistema socialista sobre o sistema capitalista na produção mundial, em ultrapassar os países capitalistas mais desenvolvidos no que se refere à produtividade do trabalho social e à produção por habitante e em garantir o nível de vida mais elevado do mundo.

Aqui se explicita também o chamado “revisonismo”, a essa altura já a nova linha geopolítica seguida pela União Soviética, que pregava a superação do capitalismo pelo socialismo não mais pela revolução, mas sim pelo sucesso econômico. Ou seja, essa

coleção acabava expressando a combinação entre a orientação soviética da coexistência pacífica, no campo internacional, com a semilegalidade que o PCB passou a usufruir desde meados do governo JK, no campo nacional.

Vale ressaltar que aqui, mais uma vez, se revela de forma muito clara a linha política do partido em títulos da editora, já que desde o *Manifesto de Agosto de 1958* o PCB passou a priorizar uma linha de ação de aliança com a chamada “Burguesia Nacional”, visando a realização de uma “Revolução nacional e democrática”, leitura que servia de base para a participação do PCB na chamada Frente Nacionalista, em aliança com o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e apoio ao governo João Goulart e suas Reformas de Base²⁹⁵.

É finalmente editado o romance *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir, prometido desde a época da Coleção Romances do Povo, com capa de Carlos Scliar e dedicado a Candido Portinari. O livro traz uma pequena nota biográfica do autor, estudante de jornalismo, vencedor do 1º Prêmio Dom Casmurro-Casa Vecchi com seu romance de estreia *Chove nos Campos de Cachoeira*, escreveu também uma série de livros sobre o Pará. *Linha do Parque* foi inspirado e escrito em várias temporadas feitas pelo autor em 1950, 1951 e 1953 no Rio Grande do Sul.

Nesse ano aparece mais um livro do educador comunista Paschoal Lemme, *Problemas Brasileiros de Educação*, com capa de Marcel Gautherot, que reproduz o edifício do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro. O livro é dedicado a cinco educadores brasileiros: Fernando de Azevedo, Jonatas Serrano, Frota Pessoa, Francisco Venâncio Filho e Edgar Sussekind de Mendonça, e se divide em três partes: *A Crise Brasileira e a Educação*, *Prepara a Escola de Nosso Tempo as Crianças para a Vida de Amanhã?* e *A Situação da Educação na América Latina: Como Melhorá-la?*

²⁹⁵ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*, op. cit., p. 80.

São editados ainda esse ano *Cartas de Dois Mundos*, dos Irmãos Freitas de Azevedo, dois médicos que viajam à Europa Ocidental e aos países do bloco socialista e trocam impressões entre si por meio de cartas; e *O Olho e o Sol: A Luz, o Sol e a Visão*, de V. Vavilov, mais um volume da Coletânea de Estudos Científicos, fechando assim os anos 1950, apontando melhores perspectivas para a década seguinte, o que de fato se confirmará até 1964.

2. Anos 1960

Os anos 1960 já se iniciam com o desequilíbrio inflacionário decorrente da política expansionista do período JK. Em 1958 os custos de impressão haviam subido 30%. A situação se tornou ainda pior após a chegada de Jânio Quadros ao poder e toda a crise política posterior causada pela sua renúncia e a posse de João Goulart, situação que levou a economia do país a números negativos em 1964. Um efeito drástico da inflação foi a concentração cada vez maior da indústria no eixo Rio-São Paulo, negligenciando o restante do país. Em condições de custos e taxas de juros adversas, em alta, a distribuição de livros para pontos distantes do território nacional se torna praticamente inviável, logo as editoras passam a produzir edições menores voltadas para o eixo Rio-São Paulo, que se esgotam mais rápido²⁹⁶.

Ainda que os governos entre 1961 e 1964 tenham propiciado aumentos do salário para o operariado urbano, o poder aquisitivo das classes médias, os principais consumidores de livros, foi sendo corroído constantemente. Enquanto isso, os custos de produção explodiam, com um aumento de cerca de 250% nos últimos meses de 1961, com as tarifas postais passando de quarenta centavos para catorze cruzeiros por um único livro pequeno no mesmo período. Agravando esse quadro, Jânio Quadros reverte a política do papel

²⁹⁶ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, op. cit., p. 600-601.

adotada no período JK, colocando o papel brasileiro para disputar com os importados, com a taxa de câmbio sendo definida pelo mercado e retirando os subsídios dos produtores nacionais. Em seis meses, o preço do papel salta de seis para 150 cruzeiros. Sendo assim, as editoras brasileiras gastavam em torno de 75% de sua produção com papel até 1966, período em que uma editora passa a priorizar a edição de livros que realmente tivessem garantia de venda, para não amargar prejuízos²⁹⁷.

Quanto à questão política, vale citar que nesse meio tempo ocorre um processo fundamental para o movimento comunista mundial: a Revolução Cubana de 1959, que leva a uma nova onda de aproximação da juventude ao PCB²⁹⁸, que nesse período passa por profundas transformações.

Após a Conferência Nacional do partido em 1961, na qual seu nome é modificado de *Partido Comunista do Brasil* para *Partido Comunista Brasileiro*, buscando facilitar seu processo de legalização, e são retirados dos estatutos quaisquer referências à “ditadura do proletariado”, o grupo de Diógenes Arruda Câmara, João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar se retiraram definitivamente do PCB em 1962. Eles fundam um novo partido, o PCdoB, de linha maoista e defensor da luta armada²⁹⁹. Ao mesmo tempo, o PCB continua defendendo a luta dentro da legalidade, apoiando o governo João Goulart e as suas Reformas de Base, tendo papel fundamental nesse movimento.

Em 1960, animada pela Frente Ampla junto aos trabalhistas e pela ascensão das lutas populares no país, a Editorial Vitória retoma a edição de muitos títulos, sendo 21 nesse ano. É editado, por exemplo, o terceiro volume da Coleção Documentos Políticos, voltado também para as questões nacionais, intitulado *Porque os Comunistas Apoiam Lott e Jango*. Sua autoria é atribuída a Luiz Carlos Prestes, tal qual o volume 1, e trata-se

²⁹⁷ *Idem*, p. 602.

²⁹⁸ *Idem*, p. 69.

²⁹⁹ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*, *op. cit.*, p. 91.

de um manifesto em favor da candidatura presidencial trabalhista. O sumário aparece da seguinte forma:

- 1) Os comunistas e a sucessão presidencial;
- 2) Pela vitória da causa nacionalista e democrática nas eleições presidenciais;
- 3) Introdução;
- 4) Perspectivas concretas de cessação da “Guerra Fria”;
- 5) O quadro político da campanha sucessória;
- 6) Agravam-se as dificuldades no campo janista e consolida-se a candidatura Lott;
- 7) Concentrar a atividade política na luta eleitoral.

Mais uma vez a linha partidária que trazia a formação de uma frente única democrática e nacionalista como prioridade para os comunistas aparece de forma bastante evidente nessa edição. É enfatizada a centralidade da luta eleitoral, que nesse momento é compreendida pelos comunistas como o caminho tático que culminará na revolução democrático-popular, em aliança com os setores progressistas da burguesia nacional. Existe também um eco da nova linha política soviética no capítulo 4, que colocava em perspectiva a possibilidade real do fim da Guerra Fria, graças à nova orientação sob Krushev.

É desse ano mais um volume da coleção Biblioteca Pedagógica: *História da Antiguidade*, de A.V. Michulin, com tradução de Paschoal Lemme e capa e diagramação de Mauro Vinhas de Queiroz, composto e impresso na Gráfica Editora Itambé S/A. A capa e o frontispício reproduzem os desenhos de Martinet para águas-fortes que foram publicadas em *Le Temple de la Gloire*, de Auguste Jubé. A orelha do livro apresenta o seguinte texto:

Esta obra de Efímov, preparada como manual de história para os estudantes soviéticos, traduzida pelo professor Paschoal Lemme, que a Editorial Vitória apresenta agora, abarca o período histórico que começa às vésperas da Revolução Francesa (1789), com que se inaugura a fase do triunfo e da consolidação do capitalismo, e finaliza nos dias que precedem a Comuna de Paris (1871), a primeira revolução proletária, o primeiro ensaio de ditadura do proletariado.

Entre outros fatos, é aqui focalizado o aparecimento, em meados do século XIX, do socialismo científico, a teoria revolucionária do proletariado, criada por Marx e Engels, que viria conduzir o movimento operário pelo único caminho para a realização do socialismo. E é à luz dessa teoria – a doutrina marxista – que Eféimov analisa e interpreta os grandes acontecimentos de todo esse período histórico: a formação das nacionalidades, o auge do sistema capitalista, o antagonismo crescente entre as potências pela divisão dos mercados e as contradições internas em cada país.

É interessante notar que nesse novo momento do movimento comunista e da editora, o processo de “desestalinização” dos discursos fica bem evidente, com o conceito de “marxismo-leninismo”, por exemplo, caindo em desuso e dando lugar, simplesmente, a “doutrina marxista”. Outro livro dessa coleção a ser lançado é *História da Idade Média*, de E.A. Kosminsky, com tradução novamente de Paschoal Leme, mapas e ilustrações do texto de Acyndino C. de Oliveira e capa e diagramação de Mauro Vinhas de Queiroz.

Ainda na temática dos livros educativos, é lançado *Brincando de Matemática*, de Y.I. Perelman, com tradução de Mercedes Massera da versão em espanhol *Matemáticas Recreativas* publicada por Ediciones en Lenguas Extranjeras de Moscou em 1957. Capa e ilustrações são de Mauro Vinhas de Queiroz. O prólogo esclarece que nessa obra o leitor encontrará desde “uma numerosa coleção de quebra-cabeças e engenhosos truques sobre exercícios matemáticos” até “exemplos úteis e práticos de contabilidade e medidas”.

Alguns livros sobre a União Soviética também são editados, como *Além do Salário: O que Recebem os Trabalhadores na URSS*, de A. Zvérev, ministro da Fazenda da União Soviética e doutor em Ciências Econômicas. A obra foi traduzida do espanhol por Fausto Cupertino, o diagrama é de Mauro Vinhas de Queiroz e os gráficos de Acyndino C. Oliveira. O sumário da obra traz os seguintes temas:

- O Homem e a sociedade no socialismo
- Novas relações humanas
- A remuneração do trabalho
- Os serviços sociais
- O seguro social e as aposentadorias
- O seguro social

A assistência a mulher e a criança
As aposentadorias
O Estado vela pela saúde dos cidadãos
O médico na fábrica
Diferentes formas de assistência médica
O programa de saúde do setênio
Os gastos com a Educação Física e os Esportes
A cultura: patrimônio de todo povo
50 milhões estudam gratuitamente
A instrução geral das crianças
Um milhão de novos especialistas cada ano
A habilitação dos operários: os prêmios
A edificação de moradias e os aluguéis
Aumento do poder aquisitivo da população.

Sobre a URSS ainda saem *O que Dará o Plano Setenal ao Cidadão Soviético*, de Vitor Jukov, candidato a doutor em Ciências Econômicas na URSS. No prefácio, o autor deixa um recado sobre as intenções do livro:

[...] Nesse trabalho queremos dar uma resposta à pergunta: o que dará o plano setenal ao homem soviético? Logo surge a seguinte dificuldade: como iremos provar aos leitores estrangeiros coisas que para os habitantes da URSS são tão habituais e indiscutíveis que, por vezes, deixamos de lhes dar atenção? Qual o traço que distingue fundamentalmente a atitude do homem soviético frente à vida? *A confiança no dia de amanhã*. [grifo meu]

[...] Esse nosso trabalho terá um objetivo relativamente limitado: mostrar na base de fatos e números que cada trabalhador da URSS, cada cidadão soviético, está direta e pessoalmente interessado na bem-sucedida execução do programa previsto pelo novo plano setenal e que esse seu interesse é direto, material. Em outras palavras, mostrar que esse é um plano do próprio povo, criado para o povo. Isso, certamente, constitui uma das principais razões para que seja brilhantemente executado, como o foram todos os planos econômicos precedentes.

O discurso oficial em relação aos planos econômicos do governo soviético sempre apresenta a ideia do engajamento total do povo junto ao partido. Era bastante comum a ideia de que a construção do socialismo de amanhã, com condições dignas de vida para todos, fazia valer o sacrifício de hoje. Esse tipo de ideia sobre a “construção de um novo mundo” passou a ser cultivada a partir dos anos 1930, nos quais os jovens soviéticos se engajaram vivamente com a crença de que participavam de um processo histórico sem

igual, participando com entusiasmo e idealismo, por exemplo, da edificação de novas estruturas industriais em cidades remotas, acreditando na construção de um novo país.

A década de 1930, de fato, apresenta uma série de avanços, como a ascensão do número de mão de obra assalariada e da queda acentuada das taxas de analfabetismo. Ainda assim, junto aos avanços reais, vinham também muitos discursos de propaganda exagerados sobre as “façanhas” soviéticas, algo que passou a fazer parte do cotidiano das pessoas. Para isso era comum a edição de manuais estatísticos como o de Jukov, frequentemente em idiomas estrangeiros para além do russo. Era feito todo alarde possível sobre os avanços industriais e tecnológicos, ao mesmo tempo que eram excluídos desses manuais dados que não corroboravam essa visão otimista³⁰⁰. São editados ainda sobre a realidade soviética *União Soviética 1959/1965: Pequeno Guia Informativo*, de G. Samberski, e *Da Terra à Lua: Documentos Soviéticos*, de autoria do próprio PCUS, mais um volume da Coletânea de Estudos Científicos. São desse ano também as primeiras obras de Krushev editadas pela Vitória: *Missão de Paz: K na ONU* e *Uma Viagem Histórica: Krushiov nos Estados Unidos*.

A Diplomacia do Dólar, de L. Vladimirov, aparece nesse ano com tradução de Zuleika Alambert e Armênio Guedes, da versão em espanhol da Ediciones en Lenguas Extranjeras de 1958. O livro trata daquela que, segundo o autor, seria a “primeira guerra imperialista registrada pela História”: a dos EUA contra a Espanha em 1898, e como a diplomacia estadunidense agiu para favorecer os interesses de seu país. Não à toa esse tema aparece como sendo de interesse nesse momento, já que tem relação direta com a Revolução Cubana. Pela primeira vez a editora lança um livro sobre o processo de construção do socialismo em Cuba, *Mikoian em Cuba*, sem autor definido. O livro apresenta uma compilação de textos jornalísticos sobre a visita do ministro soviético à ilha caribenha.

³⁰⁰ FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*, op. cit., pp. 107-110.

Das obras teóricas temos a 4ª edição do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels, que, diferente das três edições anteriores, traz um prefácio a mais, aquele da edição alemã de 1890. Outra reedição é *A Doença Infantil do “Esquerdismo” no Comunismo*, de Lenin, em comemoração ao 90º aniversário do autor. A obra foi traduzida por Luiz Fernando da versão em espanhol publicada em julho de 1956 em Moscou pelas Ediciones em Lenguas Extranjeras feita do volume 31 da 4ª edição, em russo, das *Obras* de Lenin do Instituto Marx-Engels-Lenin. A organização gráfica, mais uma vez, ficou a cargo de Mauro Vinhas de Queiroz.

Ainda nas obras teóricas, é editado *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de Friedrich Engels. A tradução é de Leandro Konder, feita a partir da versão em espanhol das Ediciones em Lenguas Extranjeras e cotejada com a versão em inglês dessa mesma editora. A capa da edição brasileira é uma montagem feita a partir das obras *O Casamento, O Escudo de Aquiles*, uma gravura anagliptográfica de Flaxman, publicada em Londres, em 1846, no *Art Union Journal*, criação de Mauro Vinhas de Queiroz, assim como a diagramação da obra.

Por fim, são editadas algumas obras de autores brasileiros: *Tabelas de Amortização*, de Renato Amora, *Canto Provisório*, de Geir Campos, *O Sertão é Assim...*, de Zé Praxedi, *Noite e Esperança*, de Milton Pedrosa, que nas orelhas do livro apresenta algumas avaliações como a de Rui Facó, que considera o realismo da obra um ponto a ser ressaltado, sendo, portando “literatura para o povo, e não para uma minoria de privilegiados excêntricos”, o comparando a Jorge Amado e Guimarães Rosa. Floriano Alves segue a mesma linha, afirmando que o autor é “dos modernos contistas brasileiros um dos mais equipados para realizar a tarefa da estética do realismo de vanguarda, criador e estimulante das grandes massas”. Há ainda um elogio de Graciliano Ramos, se referindo aos contos do

autor como “bons, alguns excelentes”. É interessante notar que os valores do realismo socialista continuam pautando o olhar estético de uma parte dos intelectuais comunistas.

Por fim, aparece *Brasil Século XX*, de Rui Facó, com capa de Mauro Vinhas de Queiroz a partir de fotos de Marcel Gautherot. Vale reproduzir os textos de apresentação da obra presentes nas orelhas na íntegra:

Brasil Século XX, de Rui Facó, foi escrito a pedido de uma editora argentina, dentro de um plano geral de obra daquela casa dedicadas a cada um dos países latino-americanos. O editor argentino procurava sanar uma falta: a ausência de conhecimento recíproco dos nossos povos. Mas a verdade é que nós, brasileiros, também ainda conhecemos muito pouco o nosso país. Não se pode negar que nos últimos tempos tem havido esforço para uma tomada de consciência da nossa realidade. Vão aparecendo obras de real valor que contribuem para que o povo brasileiro se conheça a si próprio. Dificilmente, porém essas obras abarcam o Brasil em seu conjunto. Esperamos, neste sentido, suprir uma falha: *Brasil Século XX* contém alguns elementos essenciais da história do nosso país que tornam possível uma melhor compreensão do presente e uma perspectiva do futuro. É uma tentativa de interpretação do Brasil atual, do Brasil que vive o período mais dinâmico de sua história. Neste livro o autor busca mostrar o povo como o fator da história, dos acontecimentos decisivos na vida do país e, conseqüentemente, vê as diferentes classes sociais em função de seus interesses e relacionadas entre si. Vê os choques de classes e as forças políticas que as representam. Alguns assuntos tratados aqui têm sido muitas vezes uma espécie de tabu para muitos escritores da atualidade, como por exemplo as relações entre a Igreja e o Estado brasileiro de hoje. Naturalmente, neste livro a matéria é apenas abordada, mas contém indicações úteis não só para o leitor estrangeiro, como mesmo para o leitor brasileiro comum.

É também provável que para alguns seja estranho datar os principais acontecimentos aqui discutidos a partir do movimento revolucionário de 1930. Foi 1930 uma revolução? Não cabia tampouco debater miudamente questão assim complexa num livro destinado a fornecer a estrangeiros um panorama do Brasil. Mas o autor tem posição definida no sentido de que 1930 foi uma reviravolta em nossa história. Finalmente, desenha-se aqui uma probabilidade do futuro no desenvolvimento do Brasil. Onde nos leva o atual “desenvolvimentismo”? Podemos ignorar as grandes transformações operadas no mundo neste meio século? Empreenderemos o caminho tradicional dos países capitalistas? Somos infensos ao socialismo, como se afirmava durante o Estado Novo? Estas e outras questões são postas em discussão neste livro. Esperamos, oferecendo-o ao público brasileiro, contribuir para o seu esclarecimento. *Brasil Século XX* sairá simultaneamente no Brasil e na Argentina. Sua tradução já foi contratada por uma editora da Tchecoslováquia, ficando a cargo do professor Zdenek Hampej que se encontra no Rio para ministrar um curso de línguas românicas, nas quais é especialista, na Universidade do Brasil.

Na capa e contracapa, uma ligação do passado com o presente do Brasil: Ouro Preto, com a sede do que foi talvez sua primeira organização de trabalhadores, a Sociedade Operária Beneficente São José, e Brasília (a cúpula do Congresso Nacional, em primeiro plano, e os Ministérios, ao fundo). Nas orelhas da capa, a intenção foi a mesma: uma gravura de Vila Boa, de Iohann Emanuel Pohl (Viena, 1932) e os operários trabalhando nos alicerces de uma construção moderna.

O texto traz um tom de autocrítica quando afirma que os brasileiros desconhecem o próprio país, já que a própria editora sempre tratou de forma secundária os grandes temas nacionais, em favor dos temas internacionais ligados ao mundo comunista. Além disso, o fato de o autor afirmar que obras que se propõem a uma análise mais ampla sobre o país estarem aparecendo no “momento mais dinâmico de sua história” é uma forma de cancelar a linha política do partido de apoio ao “desenvolvimentismo” encabeçado pelos trabalhistas. Nessa mesma linha, é afirmado que o autor faz uma avaliação positiva da Revolução de 1930, tema caro aos trabalhistas, mas longe de ser um consenso entre os comunistas. É interessante o fato de essa edição ter lançamento simultâneo também na Argentina, ainda que, infelizmente, não seja citada qual casa editorial foi responsável por editá-la por lá. Por fim, capa e contracapa apresentam uma valorização de monumentos nacionais, com destaque para Brasília, fruto do “desenvolvimentismo” apoiado pelo PCB.

Vale notar que a partir de 1960 o processo de diagramação das obras da editora apresentou um salto de modernização e qualidade, com uma organização muito mais homogênea entre as obras, como por exemplo a presença das referências completas sobre a tradução, além de trazer o índice para o início dos livros. O responsável por essa mudança é Mauro Vinhas de Queiroz, que estará presente fazendo essa função de capista e diagramador das obras até 1964. Não deixa de ser curioso, quase paradoxal, uma editora comunista, com finalidades políticas, se adequando a exigências comerciais do mercado editorial.

O ano de 1961 marca o lançamento do segundo volume das Obras Escolhidas de Marx e Engels. Com tradução de Almir Matos a partir da edição do Instituto Marx-Engels-Lenin, tal qual o primeiro volume. Esse volume apresenta como novidade alguns prefácios e trechos de *O Capital*, além da *Crítica ao Programa de Gotha* e a reedição de *A Guerra Civil na França*, de Marx. De Engels, há a reedição de *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*.

De Lenin é reeditado *O Estado e a Revolução*, com tradução de Regina Maria de Mello e Fausto Cupertino da versão francesa presente na quarta edição do vigésimo quarto volume de *Oeuvres*, editado em Moscou em 1959, que, por sua vez, foi feito de acordo com o texto da brochura publicada pela Editora Kommounist em 1919, confrontado com a edição de 1918. Na orelha do livro, o texto de apresentação afirma que a primeira edição há muito estava esgotada e que a editora recebeu inúmeros pedidos de uma 2ª edição da obra. O livro ainda é apresentado como “uma obra clássica do marxismo-leninismo, de leitura obrigatória para a militância”, mostrando que esse conceito, tão caro ao período stalinista, passava por uma ressignificação nessa nova fase.

São editadas três coletâneas de artigos do líder da Revolução Bolchevique: *Aliança Operário-Camponesa*, com tradução de Renato Guimarães, Fausto Cupertino, Regina Maria Mello e Helga Hoffman, publicado por Ediciones en Lenguas Extranjeras, Moscou, 1957, e traduzido da edição do Instituto de Marxismo-Leninismo (novo nome do Instituto Marx-Engels-Lenin, que evita o “culto à personalidade”, segundo as novas diretrizes do PCUS) e lançada em 1954 pela Editorial Política de Estado. A obra traz os principais trabalhos de Lenin sobre a aliança entre a classe operária e o campesinato, reeditando, por exemplo, *A Catástrofe que nos Ameaça e Como Combatê-la* e *Dois Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática*, que já apareceram no catálogo da Vitória nos anos 1940.

A outra obra é *Sobre os Sindicatos*, com tradução de Armênio Guedes, Zuleika Alambert e Luís Fernando Cardoso, da versão em espanhol das Ediciones en Lenguas Extranjeras de Moscou de 1958, que por sua vez foi traduzida da 4ª edição em russo das *Obras* de Lenin, editadas pelo Instituto de Marxismo-Leninismo. Essa é outra obra com recorte temático, que seleciona textos do autor de diversas obras nas quais ele desenvolveu análises sobre a questão dos sindicatos, como *Um Passo Adiante, Dois Atrás* e *A Doença Infantil do “Esquerdismo” no Comunismo*, já editados pela Vitória.

A terceira é *O Trabalho do Partido entre as Massas*, com tradução de Fragmon Borges, feita do espanhol a partir da edição das Ediciones en Lenguas Extranjeras de Moscou de 1958, que por sua vez foi traduzida da 4ª edição em russo das *Obras* de Lenin, editadas pelo Instituto de Marxismo-Leninismo, tal qual o título anterior. O livro foi composto e impresso na Editora e Gráfica Polar. A obra traz uma compilação de textos e discursos de Lenin sobre a organização partidária e sindical. Diz o texto presente na orelha do livro:

[...] Os trabalhos de Lenin reunidos neste livro, têm, em seu conjunto, uma importância extraordinária: no terreno teórico, é a defesa do marxismo e de sua utilização de maneira criadora e a luta contra os dogmáticos; no terreno orgânico, é a luta persistente pela construção de um poderoso partido da classe operária, ideológica e numericamente. E no terreno político, é a demonstração da extraordinária capacidade de Lenin de, sem perder de vista os objetivos estratégicos do movimento, elaborar e definir com precisão a tática correspondente às condições objetivas da situação política em desenvolvimento. Aí, Lenin trava uma batalha decisiva contra as manifestações sectárias que, na Rússia e fora dela, só poderiam levar o Partido a isolar-se das massas.

É interessante notar como a narrativa oficial tem uma mudança clara de forma nesse novo momento em comparação à fase que durou até 1956. Mesmo em relação a Lenin, os adjetivos grandiloquentes foram deixados de lado, ainda que o líder bolchevique permaneça sendo uma grande referência ao lado de Marx e Engels. E a leitura por um novo viés da obra leninista permite que textos que já foram utilizados para reforçar

posições dogmáticas e sectárias agora o sejam para combater justamente essas tendências no movimento comunista.

O livro *Manual de Economia Política* da Academia de Ciências da União Soviética ganha sua 3ª edição, que foi traduzida diretamente do russo por Jacob Gorender e Josué de Almeida, da 3ª edição em russo publicada em Moscou no ano de 1959. A obra foi composta e impressa na Gráfica Record Editora Limitada no Rio de Janeiro. Diferente das primeiras edições, essa apresenta uma divisão em duas partes: na primeira apresenta uma análise da evolução do sistema capitalista mundial na época de sua “crise geral”, da Primeira Guerra Mundial até aqueles dias. Já a segunda parte apresenta uma análise sobre a construção do socialismo e “das leis que regem esta formação econômico-social”, presente naquele momento em uma extensa parte do globo. Ainda segundo a orelha do livro, essa obra traz pela primeira vez uma “sistematização científica e ao mesmo tempo didática” da construção da economia socialista na União Soviética e nos países democrático-populares, sendo uma obra de interesse para “partidários ou não do socialismo”.

É editada uma nova *História do Partido Comunista da União Soviética*, obra diferente daquela lançada nos anos 1940. Trata-se de um livro com autoria coletiva dirigido por B.N. Ponomariov, membro-correspondente da Academia de Ciências da URSS. A tradução é de Rui Facó, Josué Almeida e Almir Matos. No sumário é possível perceber que a divisão cronológica é bastante parecida com aquela da obra dos anos 1940, porém, o foco como agente de construção política do socialismo na União Soviética é “o partido”, em sentido coletivo, e não mais uma ou outra liderança. Essa edição também traz um capítulo dedicado ao XX Congresso do PCUS e sua “significação histórica”. O fato de toda produção científica ser atrelada de alguma forma às linhas centrais da política do Estado e do Partido mostra que, principalmente a história oficial, muda conforme o bel-

prazer dos líderes do momento, deixando claro que a continuidade de certas práticas sobrevivera ao desaparecimento de Stalin.

A Editorial Vitória edita pela primeira vez o líder da Revolução Chinesa, Mao Tsé-Tung. *Obras Escolhidas (vol.1)* foi traduzida por Renato Guimarães de *Selected Works of Mao Tse Tung, Volume One*, Lawrence and Wishart Ltd., Londres, 1954. O capítulo “Sobre a Contradição” pertence ao volume dois da edição inglesa supracitada. A abertura para tratar de outros processos revolucionários, com outras questões e leituras do marxismo, fazia com que a questão editorial também se tornasse um pouco mais plural, já que essa é uma das poucas obras que não foram traduzidas dos textos do Instituto de Marxismo-Leninismo de Moscou. Ainda que, é bom frisar, o processo chinês não fosse novidade no catálogo da Vitória, que já havia editado Liu Chao-Tsi e textos do *Diário de Pequim*.

Segundo texto da orelha do livro, essa obra de Mao estava dividida em quatro volumes, segundo a edição chinesa, mas apenas o primeiro foi lançado pela editora, sendo que nenhum outro foi sequer anunciado. O texto ainda ressalta a capacidade do líder chinês em unir uma correta interpretação do materialismo dialético com as particularidades chinesas, o que teria levado ao triunfo da revolução. Além disso, é ressaltado também o papel de Mao como estrategista militar e formulador original de novos desdobramentos da teoria marxista.

Outro processo revolucionário que aparece pela primeira vez de forma autoral no catálogo da Vitória é a Revolução Cubana, com o livro *Cuba: A Revolução na América*, de Almir Matos. A orelha apresenta a obra da seguinte forma:

A revolução cubana representa, sem dúvida, um dos mais importantes acontecimentos mundiais de nossa época. Na pequena ilha do Caribe, que há mais de dois anos ocupa as manchetes da imprensa de todos os países, desenvolve-se um processo de profundas transformações revolucionárias.

Após a queda da tirania de Batista, os heroicos combatentes da Sierra Maestra, sob a direção de Fidel Castro, realizaram a reforma agrária, nacionalizaram as empresas estrangeiras imperialistas e as da grande burguesia cubana, libertaram-se do monopólio norte-americano no comércio exterior, estabeleceram sólidas relações com os países socialistas, deram início à luta para erradicar o analfabetismo, elevaram o padrão de vida das massas e construíram um novo Estado, realmente soberano e democrático. Hoje, Cuba é um país em marcha para o socialismo. Aí estão as razões do porquê o povo cubano, unido em torno do Governo Revolucionário e de seu líder, Fidel Castro, ergueu-se como um só homem para repelir e esmagar a recente invasão da ilha, preparada e armada pelo governo dos Estados Unidos, conforme admitiu o próprio presidente John Kennedy.

Cuba: A Revolução na América, de Almir Matos, é um penetrante estudo sobre diversos aspectos dessa experiência extraordinariamente rica, sobretudo para os povos latino-americanos, que de um modo geral têm diante de si os mesmos problemas que o povo cubano enfrentava até janeiro de 1959. O autor teve a oportunidade de viver durante um mês entre os cubanos, ouvindo os seus dirigentes, conversando com o povo, visitando as fábricas e cooperativas, percorrendo enfim todo o país, de uma ponta a outra. Pôde, assim, estudar concretamente a revolução, transmitindo nesse livro as conclusões a que chegou.

A Editorial Vitória, lançando *Cuba: A Revolução na América*, está certa de que dá uma contribuição no sentido de esclarecer ao povo brasileiro os mais palpitantes problemas da gloriosa revolução cubana.

Cuba nesse momento surge como um novo paradigma de revolução, que se fez por meio da luta armada, com o apoio popular em torno de um grupo guerrilheiro, comandado por Fidel Castro. Logo, é uma revolução que precedeu a existência do partido, o que, de certa forma, negava o caminho preconizado pela ortodoxia soviética para a revolução. O fato de a Editorial Vitória editar essa obra é mais um sinal de que a editora começava a se abrir para novas tendências dentro do movimento comunista mundial, que vai deixando de ser hegemonizado pelas teses soviéticas após 1956. Esse livro pode ser enquadrado na categoria dos relatos de viagem, assim como os vários editados na década passada, ainda que o autor faça questão de frisar na introdução da obra que conversou tanto com os “revolucionários mais radicais” e “defensores incondicionais do Governo Revolucionário” quanto com “os que revelavam dúvidas e apreensões quanto ao futuro” e “se confessavam adversários do novo Poder”, procurando se mostrar justo na sua análise.

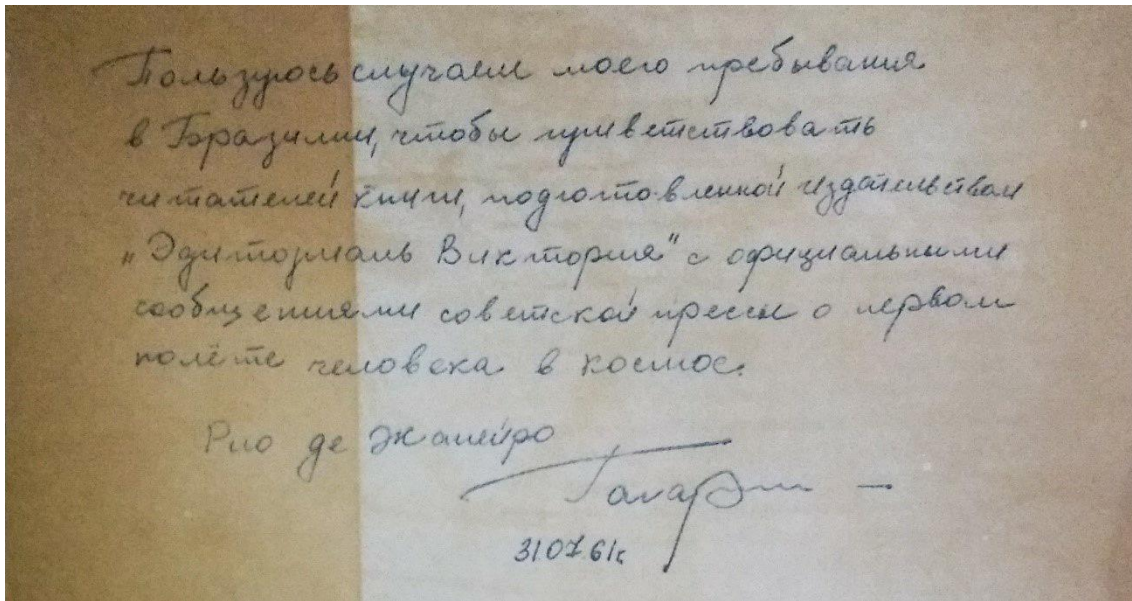
Existe ainda uma “Breve nota em vez de prefácio”, na qual o autor retoma o tema da invasão de Cuba pelas tropas dos EUA, a derrota destes na praia Girón e o descrédito no governo estadunidense após esse episódio, um tema “quente” naquele momento. Para ele, os EUA depois desse episódio jamais poderiam falar novamente em “panamericanismo” ou nos valores da “Doutrina Monroe”, e compara a agressão militar a Cuba a episódios da história como a invasão da Europa por Hitler ou o ataque japonês à base de Pearl Harbour. E ainda ressalta o quanto o povo cubano se uniu em um “bloco monolítico” na defesa do Governo Revolucionário, rechaçando a invasão e surpreendendo os EUA. Afirmou que o povo cubano se mostrava pronto a enfrentar “duras provas” e “decidido a triunfar, edificando em sua pátria a democracia e o socialismo”. E vaticinou: “triunfará, sem dúvida”.

Outra obra publicada esse ano foi a coletânea de artigos *Gagárin: o Homem Soviético no Cosmos*, de diversos autores, entre eles Nikita Krushev. A obra foi traduzida por Freitas Cruz, a partir de uma série de publicações da imprensa soviética. Na primeira página há um fac-símile de um manuscrito feito por Gagárin especialmente para a editora:

Aproveito o ensejo de minha estada no Brasil para saudar os leitores deste livro, preparado pela “Editorial Vitória” com informações oficiais da imprensa soviética sobre o primeiro voo do homem aos Cosmos.

Rio de Janeiro
Gagárin, 31/7/61

Figura 208. Fac-símile do bilhete de Iuri Gagárin para a Editorial Vitória



Do livro *Gagárin: o Homem Soviético no Cosmos* (1961)

Biblioteca Edgard Carone – Museu Republicano da USP

A orelha do livro apresenta um texto que lista as conquistas soviéticas a partir de 1957, até a façanha de Gagárin, um “jovem major aviador soviético, filho de uma família de camponeses colkhosianos, ex-operário” que alcance o Cosmos com a nave-satélite *Vostoc*. E enfatiza que essa “proeza magnífica” foi realizada “em nome da paz na Terra, em prol da felicidade de todos os povos”. É interessante notar que as características enfatizadas na trajetória de Gagárin o colocam como o “herói” perfeito para a narrativa soviética enquanto propaganda de seu sistema político: um ex-operário e filho de camponeses que por meio da transformação social promovida pelo partido alcançou o céu, literalmente.

O volume é composto pelos seguintes artigos: “Um marco notável no desenvolvimento da humanidade”, “Foi assim...”, “A vida do primeiro cosmonauta”, “A Pátria honra o herói”, “Triunfo do gênero humano” e “O primeiro voo do homem ao espaço cósmico”.

Nesse ano sai a primeira edição da obra *História Contemporânea* de V.M. Jvostov e L.I. Zubok pela Biblioteca Pedagógica, com tradução de Paschoal Lemme diretamente da coleção soviética História Universal, com um recorte que entende a história contemporânea à luz dos acontecimentos nos quais a classe operária foi protagonista, partindo da Comuna de Paris de 1871, passando pelo papel da Primeira e Segunda Internacionais, até chegar à Revolução de Outubro de 1917. Outro manual lançado esse ano é *História dos Tempos Atuais: 1917-1957*, de V.G. Revunenkov, além de *Escola Secundária para Todos*, de Brian Simon, outro volume da Biblioteca Pedagógica.

Nesse ano ainda são lançados alguns livros de literatura, como *Roteiro*, de Beatriz Bandeira, *O Coração Descoberto*, de Lila Ripoll, *Anum Branco e Outros Contos*, de Renato Mazze Lucas, que traz um elogioso prefácio de Astrojildo Pereira, principalmente ao “realismo” dos contos, e, por fim, o livro de memórias de Oscar Niemeyer, *Minha Experiência em Brasília*.

O ano de 1962 traz a terceira edição da obra *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, de Engels, com tradução de Almir Matos, feita a partir da edição soviética em espanhol contida nas Obras Escolhidas de Marx e Engels, preparada pelo Instituto Marx-Engels-Lenin e publicada pela Ediciones en Lenguas Extranjeras de Moscou em 1952. Afirma-se que o texto em espanhol foi confrontado quando necessário com o texto em inglês e com as edições francesas. Na orelha do livro há um aviso de que a editora atende pelo reembolso postal, algo que havia desaparecido nos anos 1950, e remete, a pedidos, catálogos de livros.

A editora continua com a publicação de manuais soviéticos. É editado nesse ano *Fundamentos do Marxismo-Leninismo*, uma compilação de artigos de diversos autores, organizado por O.V. Kuucinen. A tradução é de Jacob Gorender e Mário Alves, feita

diretamente do original em russo, edição de 1959 lançada pela Editora Estatal de Literatura Política, de Moscou. As orelhas da obra apresentam o seguinte texto:

Diretamente acessível às pessoas de menor nível cultural, quando traduzido em reivindicações políticas e sociais, que expressam as necessidades e aspirações das mais amplas camadas de trabalhadores e de toda humanidade progressista, o marxismo-leninismo, como doutrina científica não pode, porém, deixar de apresentar certas dificuldades aos que se iniciam no seu estudo. [...]

A peculiaridade do presente manual consiste, precisamente, em que, de maneira sistematizada e didática, visando a grande massa de leitores, soube condensar e explicar as teses básicas do marxismo-leninismo não apenas um campo especial, mas em todos os seus campos essenciais: o materialismo dialético, o materialismo histórico, a economia política do capitalismo, a teoria e a tática do movimento comunista internacional, a doutrina do socialismo e do comunismo. Filosofia, sociologia, história, economia política, luta de classes do proletariado e sua posição diante de problemas como o da paz e da guerra e o da conquista do poder, leis gerais e particularidades da construção do socialismo na União Soviética e nas democracias populares, perspectiva das linhas principais do futuro da humanidade – tudo isto é aqui focalizado do ponto de vista do marxismo-leninismo, com notável simplicidade e sem sacrificar a riqueza e a profundidade características da obra de Marx, Engels e Lenin.

Outro mérito de *Fundamentos do Marxismo-Leninismo*, e não dos menores, consiste em sua atualidade, isto é, no fato de que incorpora recentes aquisições teóricas, nas quais se refletem as modificações da situação internacional e as novas condições da luta pela democracia e o socialismo.

A apresentação da obra deixa bastante clara a sua intenção de popularização das teses do “marxismo-leninismo”, evitando que a vulgarização do texto, ao menos em tese, empobrecesse a obra de Marx, Engels e Lenin. Há um prefácio dos autores em que afirma se tratar do primeiro manual dessa natureza “em muitos anos”. Passado o período de “desestalinização”, com a consolidação de Khrushchev no poder, algumas práticas retornam, como o reaparecimento do “marxismo-leninismo” enquanto cânone teórico e doutrinário soviético, ainda que com mudanças importantes: por motivos óbvios, Stalin não faz mais parte dos autores editados, e agora as diretrizes krushevistas são incorporadas a ele, como

a defesa da linha de construção do socialismo por vias pacíficas e democráticas. Como afirmou Lincoln Secco, a “desestalinização” se deu no conteúdo e não na forma³⁰¹.

De publicações do próprio partido soviético aparecem *XXII Congresso do PCUS - Rumo ao Comunismo* e *XXII Congresso do PCUS - Informe sobre o Programa*. De Nikita Krushev é editado *Informe Sobre a Atividade do Comitê Central: Discurso de Encerramento ao XXII Congresso do PCUS*. O texto de apresentação ressalta que o congresso ocorrido em outubro de 1961 foi um acontecimento importante não apenas para o movimento comunista, mas “para todas as forças identificadas com a luta pela democracia, a independência nacional e o progresso social em todos os países”. E ainda reforça a nova linha revisionista do PCUS, ao ressaltar que a obra esclareceria o leitor brasileiro a respeito do “avanço alcançado pela URSS e o sistema socialista mundial, na emulação pacífica com o sistema capitalista”. Ainda nessa temática, é lançado *Informe Sobre as Modificações nos Estatutos do PCUS: Estatutos do PCUS*, de F.R. Koslov.

De autores brasileiros são editadas três obras: a primeira é *Formação do PCB*, de Astrojildo Pereira, obra em comemoração ao 40º aniversário de fundação do partido, que contou com a participação do autor, e que sob seu ponto de vista analisa a trajetória do PCB de seu surgimento em 1922 até o seu III Congresso em 1929, período em que Astrojildo foi o secretário-geral. No prefácio o autor relata justamente a dificuldade em se escrever a história de um partido que dos seus quarenta anos passou 35 na ilegalidade, sendo uma regra a menor produção de documentos possível. E que esse recorte presente na obra era fruto justamente do período no qual ele mais teve participação na vida partidária, tendo por isso uma visão mais completa e crítica para compartilhar. O livro é dedicado ao seu irmão Francisco, militante comunista falecido em 1929.

³⁰¹ SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros*, op. cit., p. 128.

A segunda obra é *O Movimento Sindical no Brasil*, de Jover Telles, operário e escritor e ex-deputado comunista no Rio Grande do Sul, que analisa no livro os desdobramentos da luta sindical brasileira entre os anos de 1946 e 1962. O livro é dedicado “à memória dos combatentes proletários que tombaram na luta por um Brasil independente, democrático e socialista”. Por fim, a terceira obra é o romance de Pedro Motta Lima, *Fábrica de Pedra*, com capa de Mercedes Massera, que relata a luta de um pequeno industrial no sertão alagoano contra o truste estrangeiro de energia elétrica.

Em 1963 é editado mais um manual com textos de autores soviéticos intitulado *Filosofia Marxista: Compêndio Popular*, de V.G. Afanassiev. O livro é resultado de uma premiação concedida pela Academia de Ciências Sociais do Comitê Central do PCUS, do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS e da Editora de Literatura Econômico Social. A tradução é de Mário Alves e Almir Matos da edição em russo da Editora de Literatura Econômico-Social de Moscou, lançado em 1961. A primeira página do livro anuncia que “este compêndio é destinado a amplas camadas de trabalhadores que, pela primeira vez, aprendem filosofia nos círculos de estudo, nos seminários ou por meio da leitura individual”. No texto presente nas orelhas da obra, mais uma vez, é enfatizado não se tratar de “uma obra para especialistas”, mas um “compêndio acessível a todos que desejam iniciar a aprendizagem do materialismo dialético e histórico, seja por meio da leitura individual, seja através dos círculos de estudo”. Além disso o texto enfatiza o quanto a filosofia tem uma ampla divulgação na União Soviética, diferente de outras sociedades onde é algo apenas para “iniciados”. Por fim, a obra é recomendada como introdução aos trabalhadores antes do aprofundamento no pensamento de cada autor marxista. Enfim, o discurso da popularização dos conceitos marxistas é de novo o carro-chefe da divulgação de um manual.

No prefácio, o autor faz algumas considerações sobre a filosofia marxista que valem ser reproduzidas:

[...] É imensa a significação prática da filosofia marxista. Constituindo uma parte integrante do marxismo-leninismo, revelando as leis mais gerais do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento, demonstrando a necessidade e a inevitabilidade da revolução socialista, iluminando o caminho para a construção do socialismo e do comunismo, ela presta uma ajuda inestimável aos trabalhadores em sua luta por um futuro melhor da humanidade. Para os homens soviéticos, que constroem o comunismo, a filosofia marxista é bússola fiel, o ponto de referência seguro no caminho para o porvir comunista.

Construir o comunismo – diz Krushev – significa realizar duas tarefas extraordinariamente importantes: criar a base material e técnica do comunismo e educar o novo homem da sociedade comunista. [...] Como a filosofia marxista indica às ciências o caminho do conhecimento [...] e revela as leis mais gerais, ajuda a aperfeiçoar a produção, a criar as premissas materiais do comunismo.

[...] Sendo organicamente ligada à vida, tendo assimilado a experiência espiritual e prática de muitas gerações, a filosofia marxista ensina aos homens soviéticos o amor ao trabalho e à ciência, desenvolve neles altas qualidades de espírito, a fidelidade ao povo e ao Partido, a intransigência diante da injustiça e dos males sociais.

[...] Em uma palavra, quem constrói o comunismo e há de viver nele, quem ama a verdade e se esforça para alcançá-la, quem quer penetrar nos segredos do universo e do ser humano deve conhecer a doutrina triunfante do marxismo-leninismo, sua filosofia combativa e confirmada pela vida.

Nesse trecho, a linha do partido soviético sob Krushev fica bastante evidente em ideias como a “inevitabilidade” do triunfo da revolução socialista, que virá por meio do avanço técnico e da ciência, para a qual a filosofia marxista serve de “bússola fiel”. Nessa linha, essa filosofia também tem um papel fundamental de educar o homem soviético, inclusive na “fidelidade” que deve ter ao Partido. Por fim, o marxismo-leninismo é apresentado como uma “doutrina triunfante” que foi “confirmada pela vida”. Fica claro como a necessidade de se conhecer e estudar o marxismo-leninismo, que sempre foi uma exigência do partido soviético, agora vem acompanhada de novos caminhos para o triunfo do socialismo. Logo, ainda que os fins sejam os mesmos, o revisionismo krushevista aponta outros caminhos para o triunfo do socialismo. Inserido ainda nas obras

doutrinárias, outro livro que ganha sua segunda edição é *A Concepção Materialista da História*, de Plekhanov.

Ainda no campo dos manuais, é editada a segunda edição de *História da Antiguidade*, de A.V. Michulin, mais uma obra lançada pela Biblioteca Pedagógica. O mesmo ocorre com *A Origem da Vida*, de A. Oparin, que ganha sua quinta edição, e *Albumina e a Vida*, de A.E. Braunstein, em sua segunda edição, ambas compondo os últimos números da Coletânea de Estudos Científicos.

I.P. Pávlov – Sua Vida e Obra Científica, de Asrotian, *A Origem da Célula*, de O.B. Lepechinskaia, *A Origem do Homem*, de Nestrurkh, *A Vida no Universo*, de A. Oparin, *Estudos de Fisiologia*, de A. Pavlov, *Manual de Psicologia*, de B.M Teplov, e *Lenin e os Problemas Filosóficos da Física Moderna*, de S. Vavilov, são os livros não lançado da Coletânea de Estudos Científicos.

Aparece o terceiro e último volume das Obras Escolhidas de Marx e Engels. Assim como os volumes anteriores, esse também foi feito com base na edição do Instituto Marx-Engels-Lenin (Instituto de Marxismo-Leninismo naquele momento, anexo ao Comitê Central do PCUS). A tradução da obra de Engels *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* foi feita por Leandro Konder e foi confrontada com o texto da edição alemã de Helga Hoffman, da *Dietz Verlag*, lançado em 1961 em Berlim, em dois tomos. O restante do volume foi traduzido por Apolônio de Carvalho e o confronto com a mesma edição alemã foi feita por Fausto Cupertino. Esse volume traz obras inéditas como *Teses a Feuerbach*, de Marx, e *O Problema Camponês na França e na Alemanha*, de Engels. Nesse ano o *Manifesto do Partido Comunista* ganha sua quinta edição, além das obras de Marx, *Salário, Preço e Lucro* em sua terceira edição e *Trabalho Assalariado e Capital* em sua segunda edição, todas idênticas às suas edições passadas.

Há mais uma edição que sustenta a linha de unidade com os trabalhistas. Trata-se de *O Pão, o Feijão, e as Forças Ocultas: Primeiro Livro de Leitura Popular*, de Jocelyn Brasil³⁰². As orelhas do livro trazem uma breve apresentação do autor e explicam a estratégia político-editorial por trás dessa edição. Sobre o autor, diz o texto:

Jocelyn Brasil é um nome que, há vários anos, vem granjeando a admiração e a simpatia do público leitor brasileiro. Militante dos mais ativos do movimento nacionalista e progressista, colocou sua pena e sua palavra, incansavelmente, a serviço da causa da libertação nacional e da democratização de nosso país.

Desde a campanha de defesa do petróleo brasileiro, que culminou com a criação da Petrobrás, o nome e a figura de Jocelyn Brasil se projetaram nacionalmente, através das palestras e comícios que realizou em todo o país, e através de seu célebre folheto ‘O Petróleo é Nosso’. Posteriormente, Jocelyn continuou participando ativamente de cada grande campanha do movimento nacionalista, escrevendo, em seu estilo vibrante e apaixonado, para a imprensa progressista e percorrendo o país em sua pregação patriótica.

Sobre as intenções colocadas na obra, o texto diz o seguinte:

“O Pão, o Feijão e as Forças Ocultas” é outra contribuição de Jocelyn Brasil à causa do esclarecimento e da emancipação de nosso povo. *Em linguagem fácil e didática*, o livro procura explicar ao povo os mecanismos por vezes complexos de alguns dos mais sérios e graves problemas que assaltam a nação brasileira.

As questões intrincadas do câmbio, do comércio exterior, do processo inflacionário, são aqui desenvolvidas, por Jocelyn Brasil, de forma acessível mesmo para aqueles que nunca tiveram contato com teorias e fórmulas econômico-financeiras. Lendo-o, *a gente simples do nosso povo* verá algumas das molas escondidas que lhe tornam a vida cada dia mais difícil e dura.

Nessa época, em que o povo é chamado a conhecer e opinar sobre os problemas fundamentais da vida econômica e social, em que a classe trabalhadora, que não gozou desse privilégio que é a cultura entre nós, é convocada para participar das grandes decisões da vida nacional, “O Pão, o Feijão e as Forças Ocultas” será um instrumento de indubitável

³⁰² “Jocelyn Barreto Brasil Lima (Sobral, 1908 – Fortaleza, 1999), mais conhecido como Jocelyn Brasil ou como Pedro Zamora (pseudônimo literário), foi um [jornalista](#), [escritor](#) e coronel-aviador da [Força Aérea Brasileira](#), de onde pediu reserva em 1952, como brigadeiro. Entre os livros que escreveu destacam-se: *Marxismo: a “Varinha de Condão”*; *O Mapa da Mina* (a luta pelo petróleo); *Você Acha que Entende de Futebol? Eu Também*; *Andanças e Lembranças* (memórias); *Memorial de um Cearense Enjeitado*; *Entre Letras e Baionetas – a Trajetória de Raimundo Jinkings*, além de outros. Em jornais e revistas publicou muitos trabalhos de crítica política e social. Assinava os artigos esportivos como Pedro Zamora” (cf. https://www.wikiwand.com/pt/Jocelyn_Brasil acesso em 30 jan. 2023).

utilidade na tarefa de elevação da consciência popular sobre os problemas nacionais. [grifo meu]

A partir dos grifos destacados fica bastante evidente qual era a intenção do partido ao editar essa obra. Ela é conscientemente concebida para ser “de fácil linguagem e didática”, voltada para um público-alvo bem-definido: “a gente simples do nosso povo”, visando a “tarefa de elevação da consciência popular”. Até mesmo o índice do livro, separado em “primeira lição”, “segunda lição” e assim por diante, denota a intenção didática da obra.

Esse era um livro voltado para a massa popular brasileira, com o intuito de esclarecer importantes questões a respeito da economia, a partir das teses defendidas pelo partido. E mais, a partir da escrita de um renomado nacionalista, o que demonstra como o nacionalismo era a força propulsora das lutas populares naquele período.

O livro do escritor nacionalista tem claramente o interesse de atingir um público mais amplo, para além das fileiras partidárias. Não é à toa que nele se percebe de forma muito mais presente a mão do editor, que cumpre a tarefa de apresentar de forma clara, por meio dos paratextos, a qual projeto servia aquele livro. Ou seja, aqui presenciamos a Editorial Vitória buscando divulgar a linha partidária para públicos diversos, por meio de estratégias editoriais diferentes.

A obra ainda traz um prefácio no mínimo curioso, cheio de ironias e afirmações ácidas, do jornalista e escritor Gondin da Fonseca³⁰³, que faz afirmações contra os EUA, os ministros do governo Jango, a imprensa brasileira, entre outros. São declarações do tipo:

³⁰³ “Manoel José Gondin da Fonseca ([Rio de Janeiro, 1899](#) – Rio de Janeiro, [1977](#)) foi um [escritor](#), [jornalista](#), [historiador](#) e [biógrafo brasileiro](#). A sua importância na cena brasileira, entre o lustro inicial dos anos 1950 e o golpe do 1º de abril de 1964, fica clara se referirmos o êxito da vendagem de alguns de seus títulos: *Que Sabe Você sobre Petróleo?*, em três anos (1955-1958), saiu em 16 edições; o seu *Machado de Assis e o Hipopótamo*, lançado em 1960, tirou 20 edições até 1974; já o opúsculo *A Miséria é Nossa*, entre 1961 e 1963, teve 10 edições. A destacada faceta da intensa atividade intelectual de Gondin foi exatamente o jornalismo e, sem dúvida, o reconhecimento que seus contemporâneos lhe conferiram neste campo facilitou a sua relação com o universo letrado do Rio de Janeiro e de São Paulo. Dos anos 1930 à primeira metade dos anos 1950, ele foi assíduo colunista da grande imprensa da época (*Correio da Manhã*, *Folha*

[...] Quando, hoje, neste país, onde outrora cantava o sabiá e hoje canta ignominiosamente Frank Sinatra, uma pessoa honrada escreve “forças ocultas” alude na certa aos ianques [...] Atualmente, ninguém o negará, o embaixador dos EUA manda muito mais em Brasília do que o governo, porque manda no governo através de seus ministros. [...]

Fonseca, além de elogiar o livro prefaciado, ainda deixa bastante evidente o sentimento anti-EUA que se exacerbava naquele período, em trechos como esse:

Conforme vereis neste compêndio de civismo de Jocelyn Brasil, toda a atividade dos Estados Unidos em nossa terra é para nos prejudicar, nos colonizar, nos escravizar, nos matar de fome. Embarcamos para os seus portos cada vez maiores toneladas de mercadorias e recebemos, em dólares, cada vez menos, enquanto eles valorizam o que nos vendem e arrancam por cada centavo empregado em nossa terra, bem mais do que os trinta dinheiros judeus.

É interessante notar que esse prefácio nos mostra que, apesar da linha política abertamente alinhada com os trabalhistas e de apoio ao governo Jango, as críticas existiam e eram colocados pelos comunistas, que prezavam pela manutenção de sua autonomia política dentro da frente única.

Por fim, mas não menos importante, a capa de rosto do livro traz uma dedicatória que, por si só, sintetiza a frente única entre comunistas e trabalhistas. Jocelyn dedica o seu livro em homenagem a duas lideranças maiúsculas da vida nacional brasileira do período: Luiz Carlos Prestes, pela “lealdade e dedicação à causa do povo”, nas palavras do autor, e a Leonel Brizola³⁰⁴, “grande líder nacionalista”, também a juízo do escritor.

da Noite). Tornou-se, porém, notória e nacionalmente conhecido sobretudo pelas suas intervenções n’*O Semanário*, o combativo jornal criado no Rio de Janeiro em 1956 por Oswaldo Costa e Joel Silveira – com circulação que cobria todo o país e tiragem de 60.000 exemplares. Em suas 376 edições, *O Semanário*, órgão corajoso e livre de quaisquer posições partidárias, sustentou teses nacionalistas, democráticas e populares – e, não por acaso, foi das primeiras vítimas da truculência desatada em abril de 1964” (cf. <https://blogdaboitempo.com.br/2017/10/23/na-galeria-dos-esquecidos-gondin-da-fonseca/> acesso em 30 jan. 2023).

³⁰⁴ “Leonel Brizola é considerado herdeiro político de Getúlio Vargas e João Goulart. Foi governador do Rio Grande do Sul, onde iniciou sua carreira política, e do Rio de Janeiro, onde fixou residência em meados da década de 1960. Simpatizante do presidente Getúlio Vargas, Brizola ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em agosto de 1945, integrando o primeiro núcleo gaúcho do novo partido. Foi eleito deputado estadual, quando participou da elaboração da Constituição gaúcha. Em 1950, Brizola se casou com Neuza Goulart, irmã do então deputado estadual João Goulart. O padrinho do casamento foi o próprio

Temos, basicamente, uma casa editorial comunista editando um autor anti-imperialista, que escreve em homenagem ao mais radical dos líderes trabalhistas. Definitivamente, um livro como prova do espírito do tempo. Outra obra de autores nacionais lançada nesse ano é *As Divergências no Movimento Comunista Mundial*, com artigos de diversos autores, encabeçada por Luiz Carlos Prestes. Esse é o último livro editado pela Editorial Vitória com uma contribuição do secretário-geral do PCB.

De Nikita Krushev são editadas três obras: a primeira é *O Imperialismo, Inimigo dos Povos, Inimigo da Paz*, traduzido por Maria Anunciada Cordeiro da versão em espanhol da Ediciones en Lenguas Extranjeras de Moscou em 1963. O texto da orelha do livro anunciava o lançamento simultâneo de cinco obras do secretário-geral do PCUS sobre temas da atualidade, nos quais o seu papel estaria sendo destacado enquanto líder da União Soviética. Além dessa seriam editadas também *O Movimento de Libertação Nacional, O Movimento Revolucionário Operário e Comunista, Impedir a Guerra É a*

Getúlio Vargas, que naquele mesmo ano foi eleito presidente da República. No mesmo pleito, Brizola foi reeleito deputado estadual. Em 1958, elegeu-se governador do Rio Grande do Sul, com mais de 55% dos votos válidos. Em 1961, liderou o levante que ficou conhecido como Movimento da Legalidade, que garantiu a posse de João Goulart. Em 1962, pela primeira vez, Brizola foi eleito deputado federal pelo antigo Estado da Guanabara. Como parlamentar, fez discursos veementes defendendo a implantação da reforma agrária e a distribuição de renda no Brasil. Com a deposição do presidente João Goulart pelos militares, em 1964, Leonel Brizola foi obrigado a se exilar no Uruguai. Brizola teve participação importante no Comício das Reformas, conhecido como Comício da Central, organizado na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em março de 1964. Na ocasião, Jango anunciou a decisão de implementar as chamadas reformas de base. Entre os oradores que precederam o discurso de Jango, Brizola foi o mais aplaudido. Ele exortou o presidente a “abandonar a política de conciliação” e instalar “uma Assembleia Constituinte com vistas à criação de um Congresso popular, composto de camponeses, operários, sargentos, oficiais nacionalistas e homens autenticamente populares”. Voltou ao Brasil somente em 1979, com a Lei da Anistia. Em 1984, apoiou a campanha das Diretas Já, um projeto derrotado do então deputado Dante de Oliveira. Cinco anos mais tarde, participou da primeira eleição direta à presidência da República no Brasil desde o golpe militar, ficando em terceiro lugar. Na época, no segundo turno, apoiou o ex-metalúrgico [Luiz Inácio Lula da Silva](#), derrotado por Fernando Collor. Em 1990, pela segunda vez, Brizola conquistou o governo do Rio de Janeiro. Com posições firmes em defesa dos produtores nacionais e sempre defendendo restrições ao capital estrangeiro no país, Brizola disputou novamente a presidência da República em 1994. Brizola foi candidato a vice-presidente na chapa encabeçada por Luiz Inácio Lula da Silva em 1998 e novamente foi derrotado, quando os eleitores brasileiros conduziram Fernando Henrique Cardoso à reeleição. Em dezembro de 2003, já com Lula como presidente, Leonel Brizola rompeu com a base aliada e começou a fazer críticas constantes à administração federal. Morreu aos 82 anos, em junho de 2004, de infarto decorrente de complicações infecciosas, no Rio de Janeiro” (cf. <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/leonel-brizola/> acesso em 30 jan. 2023).

Tarefa Fundamental e Socialismo e Comunismo, sendo que essas duas últimas saíram em 1964. Ainda segundo o texto:

[...] O leitor encontrará no presente livro uma profunda análise marxista-leninista do processo que se desenvolve atualmente no sistema dos Estados imperialistas com o desmascaramento das “liberdades” míticas de que se vangloria a propaganda do imperialismo, e a denúncia dos desígnios dos monopolistas, principalmente os monopolistas norte-americanos, de deter a evolução da humanidade e de fazê-la retroceder.

O conteúdo deste volume mostra claramente a natureza repasse do imperialismo, seu anseio de levar o mundo à beira de um conflito termonuclear exterminador, salientando ainda que, embora a natureza do imperialismo não se tenha modificado, suas possibilidades diminuíram sensivelmente, uma vez que nas condições atuais surgiram forças capazes de reprimir o imperialismo, de cortar pela raiz todas as suas tentativas de engajar o mundo numa catástrofe bélica. O poderio da União Soviética e dos outros países do sistema socialista, de todas as forças pacíficas são um obstáculo intransponível que barra o caminho às aventuras guerreiras do imperialismo.

A linha seguida aqui por Krushev é bastante parecida com aquela do pós-Guerra, quando a União Soviética patrocina os movimentos pela paz mundo afora. O bloco socialista é colocado como o grande entrave para o avanço do imperialismo no mundo, principalmente o dos EUA, e de uma guerra nuclear.

Dessa coletânea serão lançados, ainda em 1963, *O Movimento de Libertação Nacional*, sobre as guerras de libertação nos continentes africano e asiático e o papel da União Soviética em apoio a esses movimentos, e *O Movimento Revolucionário Operário e Comunista*, com tradução de Luiz Gazzaneo da versão em espanhol das Ediciones en Lenguas Extranjeras de Moscou, lançada nesse mesmo ano. A orelha da obra apresenta o seguinte texto, reforçando a linha política do PCUS em relação ao movimento comunista mundial:

[...] O presente volume inclui trabalhos de Nikita Krushev sobre a situação atual da luta de classes nos países capitalistas, o papel e a importância dos partidos marxista-leninistas (hoje em dia existem em cerca de 90 países e congregam em suas fileiras mais de 42 milhões de pessoas) na luta pela derrubada do domínio do imperialismo e o triunfo do socialismo. Trata igualmente da necessidade da unidade da classe

operária e do fortalecimento da união do movimento comunista mundial à base dos princípios do marxismo-leninismo.

Já em 1964, *Impedir a Guerra É a Tarefa Fundamental* foi traduzido por Renato Guimarães também da versão em espanhol editada em 1963 pelas Ediciones en Lenguas Extranjeras de Moscou. Diz o texto da orelha do livro:

[...] Este volume apresenta uma análise marxista-leninista da correlação de forças no campo internacional e ressalta a necessidade de fortalecer ainda mais a luta pela paz, contra os desígnios agressivos do imperialismo, e de unir todas as forças contrárias à guerra.

A coexistência pacífica de estados com regimes sociais diferentes é uma necessidade objetiva da evolução da humanidade. Uma luta constante pela paz, pelo triunfo da coexistência pacífica é a diretriz da política exterior da União Soviética, a qual corresponde aos interesses primordiais de todos os povos, aos interesses da luta revolucionária e de libertação dirigida contra o imperialismo e o colonialismo. Com a paz e a coexistência pacífica criam-se todas as possibilidades para o triunfo definitivo nessa luta, tornando mais próxima a hora da vitória sobre o caduco regime imperialista de exploração, de saque e de opressão.

Mais uma vez a política de “coexistência pacífica” é reafirmada não só como linha de atuação dos comunistas, mas como uma “necessidade objetiva” para a “evolução da humanidade”. Ainda que pareça contraditória a defesa dessa coexistência com o bloco capitalista ao mesmo tempo que se afirma a necessidade do triunfo da revolução socialista, isso é possível pela concepção defendida por Krushev da superação econômica do capitalismo pelo socialismo, e não mais pela tomada revolucionária do poder político do Estado pela classe trabalhadora.

Por fim, é editado *Socialismo e Comunismo*, com tradução de Laura Austregésilo, mais uma vez a partir da edição em espanhol em 1963 das Ediciones en Lenguas Extranjeras de Moscou. As orelhas do livro o apresentam da seguinte forma, reforçando o conteúdo presente nos volumes anteriores sobre a linha política do PCUS e do movimento comunista internacional:

[...] *Socialismo e Comunismo* reúne intervenções de Nikita Krushev sobre importantes questões práticas e teóricas da construção do socialismo e do comunismo, sobre problemas ligados ao desenvolvimento e fortalecimento das posições mundiais do socialismo, à emulação pacífica de dois sistemas sociais e econômicos que se processa na arena internacional.

Aqui se delineiam as novas situações que a construção do comunismo na União Soviética coloca não só para a prática como também para a teoria. As particularidades da passagem do socialismo para o comunismo são um dos pontos de interesse desta série de trabalhos de Nikita Krushev. A experiência soviética representa a maior fonte de experiências novas no campo social, político e tecnológico, sendo por isso um motivo de constante estudo e preocupação por todos os que se interessam por um futuro feliz para a humanidade.

A editora ainda lança a segunda edição de *História Contemporânea*, de Jvostov e Zubok, a última da Biblioteca Pedagógica. Vale ressaltar que essa coleção e a Coletânea de Estudos Científicos foram as coleções mais longevas da editora, as únicas que sobreviveram aos acontecimentos de 1956. Ambas tiveram ainda vários títulos anunciados e não lançados, o que demonstra que, provavelmente, se a editora não tivesse sido forçadamente fechada em 1964, outros livros dessas coleções conheceriam a luz do dia. Os livros não lançados da Biblioteca Pedagógica são: *As Origens da Religião*, de Hainchelin, *Makarenko, Pedagogo Soviético*, de Irene Lézine, *Bandeira Sobre as Torres* e *Conferências Para os Pais*, de A. Makarenko, e *A Pedagogia Soviética*, de vários autores da Biblioteca Pedagógica.

A editora ainda lança a segunda edição de *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de Engels antes de seu fechamento, que ocorre em decorrência do Golpe Civil-Militar de 31 de março/1º de abril de 1964. Já no dia 3 de abril a editora sofre uma diligência da polícia política, tanto em sua sede no Rio de Janeiro quanto no escritório de São Paulo, na qual há a apreensão de livros e a posterior interdição completa da Editorial Vitória. No documento da Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) referente a essa ação constava que “a referida editora é o maior centro de difusão de obras marxistas no Brasil, estando ainda vinculada ao PCB pela divulgação de informes que

dizem respeito às suas atividades extremistas [...]”. Importante frisar que mesmo antes do golpe a editora precisou conviver com a arbitrariedade das forças de segurança do Estado, que a invadiu nos anos de 1949, 1950, 1954 e 1956³⁰⁵.

Enfim, nos anos 1960 há uma consolidação das mudanças ocorridas no movimento comunista mundial e no próprio PCB que tiveram início na segunda metade dos anos 1950. Ainda assim, apesar das mudanças nas linhas políticas do PCUS e do PCB, o catálogo da editora continuou apresentando a mesma dinâmica, com a edição de obras de teoria e de doutrina, ênfase nos manuais soviéticos e algumas obras pontuais sobre a conjuntura nacional. Inclusive o excesso de traduções presentes nas revistas e na editora do partido eram alvos de críticas desde 1956, como, por exemplo, de Astrojildo Pereira no artigo “Desapreço ao trabalho intelectual” publicado no jornal *Imprensa Popular*³⁰⁶, o que demonstra que pouca coisa mudou nesse sentido em quase uma década. Talvez os únicos pontos de abertura desse catálogo a outras interpretações do marxismo e da própria revolução tenham sido as obras que trouxeram textos de Mao Tsé-Tung e sobre a Revolução Cubana. Vale ressaltar também que, apesar da crise inflacionária, a editora manteve um bom número de títulos publicados por ano, ainda que os preços dos livros tenham de fato subido, com títulos chegando até Cr\$ 400,00.

³⁰⁵ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória”, *op. cit.*, pp. 129-130.

³⁰⁶ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, *op. cit.*, p. 52.

Considerações Finais

Durante os seus vinte anos de existência, a Editorial Vitória foi uma importante estrutura no aparato político-ideológico do PCB, seja na formação dos quadros e militantes comunistas por meio da literatura marxista, seja como espaço de encontros e trocas entre a militância brasileira e de outros países. Sua trajetória não deixa dúvidas de que se tratava de uma editora política militante³⁰⁷, organicamente vinculada ao PCB e com um catálogo estruturado a partir do engajamento político e do simbolismo de suas obras, com o intuito de intervir na luta política por meio da divulgação das ideias do movimento comunista e pela defesa do socialismo soviético e das democracias populares do Leste Europeu.

Trata-se da editora oficial do Partido Comunista do Brasil, que manteve desde o início o padrão de incumbir algum de seus militantes na organização de suas atividades, como foi o caso de Leôncio Basbaum e tantos outros depois dele, mas sempre mantendo a direção da editora intimamente vinculada à direção partidária. A Vitória era um instrumento de luta política antes de ser uma empresa, dessa forma, a manutenção dessa estrutura pelo partido se dava para além da lógica do lucro, já que por diversas vezes a editora funcionou no seu limite financeiro. É uma lógica diferente, por exemplo, daquela seguida pela Editorial Calvino, também ligada ao partido nos anos 1940. Nesse caso, José Calvino Filho era dono de sua editora, ou seja, esta mantinha o caráter de empresa privada, e a colocava a serviço do partido do qual era militante, mantendo dessa forma uma relativa autonomia em relação aos caminhos de suas edições³⁰⁸.

³⁰⁷ MAUÉS, Flamarion. *Livros que Tomam Partido*, op. cit., p. 59.

³⁰⁸ *Idem*, pp. 49-50.

Dessa forma, a Editorial Vitória e todos os militantes responsáveis por essa estrutura realizaram um esforço extraordinário para garantir a difusão da literatura marxista por meio de suas obras, alcançando pela venda física em livrarias, mas principalmente pelo reembolso postal, boa parte do território nacional, conseguindo chegar inclusive a cidades do interior, para além da circulação desses livros em Portugal e, provavelmente, em outros espaços do mundo de língua portuguesa.

Quanto ao catálogo, a principal preocupação sempre foi a difusão dos textos oficiais soviéticos no Brasil, daquelas obras entendidas como cânones do “marxismo-leninismo”, a doutrina socialista soviética. Aqui estão incluídos também os romances, marcados pela estética oficial do realismo socialista. As traduções que chegavam ao público brasileiro tinham como base os textos do Instituto Marx-Engels-Lenin, ligado ao Comitê Central do PCUS. Em sua maioria essas traduções foram feitas do espanhol, das edições lançadas pelas Ediciones en Lenguas Extranjeras, editora oficial do partido soviético que visava justamente a divulgação das obras doutrinárias mundo afora. A Editorial Vitória foi no Brasil a correia de transmissão desses textos.

Se hoje nos parecem estranhas as descrições ultrapositivas, às vezes até hiperbólicas, da realidade soviética construídas pela literatura de viés stalinista em várias das obras da editora, e um sinal de que provavelmente a realidade não era tão tranquila e amena quanto a propaganda gostaria de fazer crer, essa não era a percepção dos quadros e militantes dos anos 1940 e 1950. Para aqueles homens e mulheres a União Soviética, mais do que um país, era um símbolo, um exemplo concreto de que era possível a construção de uma sociedade de tipo novo, para além do capitalismo. Stalin e os dirigentes soviéticos eram a própria encarnação do “Homem Novo” e da “Nova Cultura” tão apregoada nos livros. A reafirmação dessas crenças são parte da manutenção do movimento comunista sob a tutela de Moscou. Esses mesmos dirigentes

souberam utilizar muito bem dessa simbologia no encaminhado de suas questões de política externa, criando no mundo todo uma rede de defesa do seu país.

Isso vale também para o período da “desestalinização”, que vai da segunda metade dos anos 1950 até 1964. Após um breve período de incertezas e embates no movimento comunista, que se expande por todos os PCs do mundo, o que prevalece é uma reacomodação das direções partidárias no entorno das mesmas estruturas de poder que reproduzem os mesmos modelos do período anterior. A propalada crítica do “culto à personalidade” não eliminou a supervalorização da figura do secretário-geral do partido, algo evidente nas inúmeras obras editadas com textos e discursos de Krushev, ainda que, é importante frisar, nada que se comparasse à adoração criada em torno da figura de Stalin no período anterior. Da mesma forma que aos poucos uma série de símbolos vão sendo retomados, como a defesa da infalibilidade do partido e de sua doutrina, o “marxismo-leninismo”. Ainda que a linguagem utilizada pela editora na apresentação das obras tenha ficado mais sóbria e com um tom mais profissional, o conteúdo da mensagem pouco mudou. É verdade que novos temas ganharam espaço, como a Revolução Chinesa e a Revolução Cubana, e que apareceram obras sobre a realidade brasileira com uma abordagem mais arejada e menos dogmática; ainda assim, essas são exceções quando se considera o catálogo da editora como um todo.

Outro ponto bastante claro é a relação entre a linha política do PCB e a linha editorial da Vitória. Ambas caminham juntas durante os vinte anos analisados, com a editora não só reproduzindo as resoluções partidárias em seus livros, mas também acompanhando os momentos de ascensão e quedas do partido. Isso fica evidente com a pujante produção editorial do período da legalidade dos anos 1940, seguido pela quase extinção da editora no início dos anos 1950, com a constante recuperação das atividades da Vitória seguindo as mudanças do PCB principalmente em relação às suas alianças no

movimento sindical e a sua participação em movimentos de massa como “O Petróleo é Nosso”, além da aproximação com os trabalhistas. Nova queda ocorre após 1956 por conta dos desdobramentos do XX Congresso do PCUS, seguida de uma nova onda de recuperação nos anos 1960, quando o partido retoma sua relevância junto aos movimentos sociais e suas lutas em ascensão, principalmente durante o governo de João Goulart, interrompido pelo golpe civil-militar, tal qual a trajetória da editora.

Não se pode deixar de ressaltar o papel dos artistas e intelectuais ligados ou próximos ao PCB na produção editorial da Vitória, com destaque para Candido Portinari, e seu papel de articulador junto aos artistas visuais responsáveis por inúmeros trabalhos gráficos para a editora, e para Jorge Amado, responsável por aquela que foi a coleção mais importante em toda trajetória da Editorial Vitória, a Romances do Povo. Ele exerceu seu papel de diretor da mesma junto ao Comitê Central do PCB, além de articular o lançamento de uma série de livros de outros escritores importantes no mundo comunista, realizando essa ponte entre o Brasil e os países socialistas.

Ainda que a política editorial no mundo comunista fosse contraditória, permitindo por um lado a democratização da leitura e o acesso à cultura, e por outro controlando com mão de ferro o conjunto de publicações que deveriam ser editadas³⁰⁹, é fato que ela, em boa medida, alcançou o seu fim de impactar na formação dos quadros e da militância comunista. Isso fica claro em relatos de lideranças que fazem questão de frisar em suas memórias os livros que foram fundamentais na sua adesão ao comunismo. Muitas vezes o simples fato de ter o livro, sem necessariamente lê-lo, já era suficiente como gesto de pertencimento à causa³¹⁰. Por exemplo, quando da prisão de Carlos Marighella e José Maria Crispim no início dos anos 1940, a polícia apreende com eles

³⁰⁹ WOLIKOW, Serge. “História do Comunismo e da Edição no Mundo Comunista Europeu”, *op. cit.*, p. 324.

³¹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “A Verdadeira Pátria dos Trabalhadores: A URSS e as Edições Comunistas”, *op. cit.*, p. 364.

inúmeros exemplares de obras de Lenin, Stalin, livros de viagem à Rússia e romances proletários³¹¹. Da mesma forma citamos um trecho da autobiografia *Memórias* de Gregório Bezerra, na qual relata como se deu seu primeiro contato com a literatura marxista, nos anos 1930:

Nosso círculo socialista do Colégio Militar ia crescendo. A maior dificuldade era a falta de uma sede; nós nos reuníamos na praia, vez por outra fazíamos piquenique debaixo dos cajueiros; ou nos reuníamos em minha casa, que era pequena demais pra tanta gente. O círculo contava com uma diretoria de cinco elementos: um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro e um coordenador. Líamos alguns livros, como *O Estado e a Revolução*, de Lênin, *Os Dez Dias que Abalaram o Mundo*, *Mãe* (de Máximo Górkki), *A História do Socialismo e das Lutas Sociais* e outros; e, vez por outra, líamos algum exemplar da *Classe Operária*. Eu era muito fraco na teoria e na prática. Apesar disso, era acatado, mais devido à estima que os alunos me tinham do que mesmo à minha capacidade³¹².

É interessante notar como os livros que fizeram parte da formação ideológica dessas lideranças tinham exatamente a natureza das obras priorizadas pelo movimento comunista: teoria, doutrina, romances proletários e relatos de viagens. Isso demonstra tanto que esse aspecto da *agitprop* do partido era bem-sucedida quanto a disciplina dos quadros e da militância, que encarava como uma tarefa partidária suas leituras e sua formação intelectual baseada nos preceitos e valores do comunismo. E mais, demonstra o quanto as editoras eram uma estrutura fundamental para essa “cultura proletária”. No relato de Bezerra são citados dois títulos que mais tarde serão editados pela Editorial Vitória: *A Mãe*, de Máximo Gorki, e *O Estado e a Revolução*, de Lenin. Enquanto os livros teóricos apresentavam a linha ideológica a ser seguida, os livros de viagem e sobre o funcionamento do socialismo soviético davam um quadro concreto da construção da

³¹¹ CARONE, Edgard, “O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964”, *op. cit.*, p. 74.

³¹² BEZERRA, Gregório. *Memórias, 1900-1969*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, vol. 1, p. 56.

nova sociedade, e os romances cumpriam a função de representar a transfiguração imaginativa do real. Dessa forma era construída a mentalidade comunista³¹³.

Enfim, a Editorial Vitória cumpre um papel fundamental na difusão da literatura marxista no Brasil em seu período de existência, entre 1944 e 1964, alcançando mais de duzentos títulos lançados e se tornando a maior empreitada editorial da história dos comunistas brasileiros, além de reforçar a intrínseca relação entre a militância comunista e os livros. Traço que permanecerá vivo na cultura marxista pós-64, ainda que de formas diferentes e sem o mesmo ímpeto, tal qual o PCB, que se dividirá em inúmeras frações, o que torna a experiência editorial da Vitória única, definidora de um tempo que findará com o golpe civil-militar de 1964.

³¹³ CARONE, Edgard, “O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964”, *op. cit.*, p. 74.

Bibliografia e Fontes

Bibliografia

- ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp/ALB, 2005.
- ALBERTI, Verena & PEREIRA, Amílcar Araújo. “Entrevista com José Maria Nunes Pereira”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 39, jan.-jun. 2007.
- AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma Memória Silenciada: Ideias, Lutas e Desilusões na Vida do Revolucionário Octávio Brandão (1917-1980)*. Dissertação de mestrado, ICH/UFF, 2003.
- BARATA, Agildo. *Vida de um Revolucionário (Memórias)*. Rio de Janeiro: Melso, s.d.
- BARBERO, María Inés & JACOB, Raul. *La Nueva Historia de Empresas en América Latina y España*. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 2008.
- BARTZ, Frederico Duarte. “Abílio de Nequete (1888-1960): Os Múltiplos Caminhos de Uma Militância Operária”. *História Social*, n. 14/15, pp. 157-173, 2008.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma Vida em Seis Tempos (Memórias)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- BEZERRA, Gregório. *Memórias, 1900-1969*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, 2 vols.
- BOUJU, Marie-Cécile. “O Livro na Política: As Editoras do Partido Comunista Francês (1920-1958)”. In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo Horizonte: Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.
- BRANDÃO, Octavio. *Memórias*. Volume 2. Manuscrito, s.d.
- BRAUDEL, Fernand. *Reflexões Sobre a História*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CASTRO, Moacir Werneck de. *Europa 1935: Uma Aventura de Juventude*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CARDOSO, Rafael. *Design Para Um Mundo Complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Os Arquivos da Polícia Política Brasileira: Uma Alternativa para os Estudos de História do Brasil Contemporâneo*. Disponível em: http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo_arquivos_policia_politica.pdf
Acesso em 3 jan. 2023.
- CARONE, Edgard. *Da Esquerda à Direita*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

- _____. *Leituras Marxistas e Outros Estudos*. Org. Lincoln Secco e Marisa Midori Deaecto. São Paulo: Xamã, 2004.
- _____. *Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- _____. *O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964*. São Paulo: Dois Pontos, 1986.
- _____. *O PCB*. Vol. 1: 1922-1943. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. *O PCB*. Vol. 2: 1943-1964. São Paulo: Difel, 1982.
- CAVALCANTI, Paulo. *O Caso Eu Conto Como o Caso Foi*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985, 4 vols.
- CERUTTI, Mario (coord). *Los Estudios Empresariales en América Latina. Empresas y Grupos Empresariales en América Latina, España e Portugal*. México: Universidad Autónoma de Nueva León, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: Do Leitor ao Navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- DARMAROS, Marina. “Gabriela, Cravo e Canela e o Degelo Soviético: O Apagamento da Primeira Obra Escrita por Amado após *Os Subterrâneos da Liberdade*”. *Revista Teresa*, n. 19, 2018.
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DÁVILA LADRÓN DE GUEVARA, Carlos “La Historia Empresarial en América Latina”. In: ERRO, Carmen (dir.). *Historia Empresarial. Pasado, Presente y Retos de Futuro*. Barcelona: Ariel, 2003.
- DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo Horizonte: Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.
- DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa: A Política de Alianças do PCB (1928-1935)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- DIAS, Eduardo. *Um Imigrante e a Revolução: Memórias de um Militante Operário, 1934-1951*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DUPRAT, Andreia Carolina Duarte. “O PCB e as Artes no Brasil”. In: SECCO, Lincoln e PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). *História do PCB*. Cotia, Ateliê Editorial, 2022.
- DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, Nação e Edição: O Lugar dos Impressos na Construção da Vida Política (Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX)*. São Paulo: Annablume, 2006.
- FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero: Um Destino*. Porto: Asa, 1994.

- _____. & MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- FEIJÓ, Martin César. *Formação Política de Astrojildo Pereira (1890-1920)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- FERREIRA, Jerusa Pires (org.). *Editando o Editor 3: Ênio Silveira*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2002.
- FERNÁNDEZ PÉREZ, Paloma. “Reinstalando la Empresa Familiar en la Economía y la Historia Económica. Una Aproximación a Debates Recientes”. *Cuadernos de Economía y Dirección de Empresa*, n. 17, 2003.
- FERRÃO, Manuela; FONSECA, Teresa & OLIVEIRA, Susana. *Livros Proibidos no Estado Novo*. Lisboa, Divisão de Edições da Assembleia da República, 2005.
- FITZPATRICK, Sheila. *La Vida Cotidiana Durante el Estalinismo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2019.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia: O que É a Sociologia?*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- _____. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- GOMES, Alfredo de Freitas Dias. *Apenas um Subversivo (Autobiografia)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. São Paulo: Edusp, 2005.
- _____. *O Livro no Brasil: Sua História*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017.
- HERNANDEZ, Ignácio Agero. *Memória Operária*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2004.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Tempos Interessantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- JOHNSON, Hewlett. *O Poder Soviético*. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1943.
- JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *O PCB e os Livros: A Editorial Calvino no Período da Legalidade do Partido nos Anos 1940 (1943-1948)*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2016.
- KAREPOVS, Dainis. *A Classe Operária Vai ao Parlamento: O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930)*. São Paulo: Alameda, 2006.
- _____. “A Gráfico-Editora Unitas e seu Projeto Editorial de Difusão do Marxismo no Brasil dos anos 1930”. In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo Horizonte: Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.

- _____. *Luta Subterrânea: O PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- LACERDA, Felipe Castilho de. *Octávio Brandão e as Matrizes do Comunismo no Brasil*.
Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2017.
- _____. *Octávio Brandão e as Matrizes Intelectuais do Marxismo no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.
- LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro (Obra Adulta)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- _____. & ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009.
- LAGO, Mário. *Bagaço de Beira-Estrada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- LEITE, José Corrêa & SILVA, Luiz (Cutí). ... *E Disse o Velho Militante José Correia Leite*.
São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- LEMME, Paschoal. *Memórias*. São Paulo: Cortez/Inep, 1988, 3 vols.
- LIMA, Hermes. *Travessia – Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (org.). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986.
- LUCA, Tânia Regina de. “Zé Brasil em Perspectiva: Contexto de Produção e Circulação”. In: LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro (Obra Adulta)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, pp. 370-372.
- LUPTON, Ellen. *Pensar com Tipos: Guia para Designers, Escritores, Editores e Estudantes*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- _____. & PHILLIPS, Jennifer Cole. *Novos Fundamentos do Design*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- MACHADO, Ubiratan. *A Capa do Livro Brasileiro (1820-1950)*. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial/Sesi-SP, 2017.
- MADEIRA, João. *História do PCP: Das Origens ao 25 de Abril (1921-1974)*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2013.
- MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MARCHETTI, Fabiana. *A Primeira República: A Ideia de Revolução na Obra de Edgard Carone (1964-1985)*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2016.
- MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão Revolucionária. Mário Pedrosa e as Origens do Trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964)”. In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo

- Horizonte: Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.
- _____. “A Tortura Denunciada sem Meias Palavras: Um Livro Expõe os Porões da Ditadura”. In: *30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Santos, pp. 1-12, 2007.
- _____. *Editoras de Oposição no Período da Ditadura (1974-1985): Negócio e Política*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2005.
- _____. *Livros contra a Ditadura: Editoras de Oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.
- _____. *Livros que Tomam Partido: A Edição Política em Portugal (1968-1980)*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 2013.
- _____. *Livros Que Tomam Partido: Edição e Revolução em Portugal: 1968-1980*. Lisboa: Edições Parsifal, 2019.
- MAZZEO, Antônio Carlos & LAGOA, Maria Isabel (orgs.). *Corações Vermelhos: Os Comunistas Brasileiros no Século XX*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MEDEIROS, Nuno. “A Edição de Livros Como Formulação do Mundo: Ideias e Casos”. *Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)*, São Paulo, vol. 4, n. 2, pp. 31-41, 2015.
- _____. *O Livro no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Edições Outro Modo, 2018.
- MELLO, Chico Homem de & RAMOS, Elaine. *Linha do Tempo do Design Gráfico Brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MIRANDA, Mário Angelo Brandão de Oliveira. “Em Defesa da Democracia: O Debate em Torno do Processo de Proscrição do Partido Comunista do Brasil (1947-1948) e do Partido Comunista do Chile (1947-1948) sob uma Perspectiva Comparada”. In: *28º Simpósio Nacional de História – Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios*, Florianópolis, pp. 1-16, 2015.
- MOLLIER, Jean-Yves. “O Livro à Conquista do Mundo (Séculos XV-XXI)”. *Revista Graphos*, João Pessoa, vol. 17, n. 1, 2015.
- MOMESSO, Luiz. *José Duarte: Um Maquinista da História*. São Paulo: Oito de Março, 1988.
- MONTEIRO, Cláudia. “A Luta por um Partido de Massas: O PCB e os Comitês Democráticos no Paraná (1945-1947)”. In: *7º Congresso Internacional De História*, Maringá, pp. 1683-1694, 2015.

- MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil*. Vol. 1: *O Impacto das Revoluções*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- _____. (org.). *História do Marxismo no Brasil*. Vol. 3: *Teorias. Interpretações*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “A Verdadeira Pátria dos Trabalhadores: A URSS e as Edições Comunistas”. In: ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp/ALB, 2005.
- _____. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.
- NAPOLITANO, Marcos; MOTTA, Rodrigo Patto Sá & CZAJKA, Rodrigo (orgs.). *Comunistas Brasileiros – Cultura Política e Produção Cultural*. São Paulo: Humanitas, 2013.
- NIEMEYER, Oscar. *As Curvas do Tempo: Memórias*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os Novos Bárbaros: Escritores e Comunismo no Brasil (1928-1948)*. Tese de doutorado, IFCH/Unicamp, 2003.
- PANKRATOVA, A. “Lênin Como Propagandista”. *Problemas. Revista Mensal de Cultura Política*, n. 26, p. 2, maio 1950. Disponível em: http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/26/lenin.htm Acesso em: 2 ago. 2022.
- PENNETIER, Claude & PUDAL, Bernard. “Do Partido Bolchevique ao Partido Stalinista”. In: DREYFUS, Michel *et al.* (orgs.). *O Século dos Comunismos*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- _____. “Stalinismo, Culto Operário e Culto dos Dirigentes”. In: DREYFUS, Michel *et al.* (orgs.). *O Século dos Comunismos*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.
- _____. *Ensaio Histórico e Político*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. *A Lista Negra dos Livros Vermelhos: Uma Análise Etnográfica dos Livros Apreendidos Pela Polícia Política no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Museu Nacional/UFRJ, 2010.
- PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.
- PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PINTO JÚNIOR, Antônio Carlos Pimental. *A Biblioteca Vermelha de Raimundo Jinkings: Uma História de Livros*. Dissertação de Mestrado, ILC/UFPA, 2011.

- POMAR, Pedro Estevam da Rocha. *Comunicação, Cultura de Esquerda e Contra-Hegemonia: O Jornal Hoje (1945-1952)*. Tese de doutorado, ECA/USP, 2006.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: Um Comunista Brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- QUADROS, Carlos Fernando de. *Jacob Gorender, Um Militante Comunista: Estudo de uma Trajetória Política e Intelectual no Marxismo Brasileiro (1923-1970)*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2015.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Revolução Faltou ao Encontro – Os Comunistas no Brasil*. CNPq/Brasiliense, 1990.
- _____. *Luís Carlos Prestes: Um Revolucionário entre Dois Mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- RIDENTI, Marcelo. *Em Busca do Povo Brasileiro: Artista da Revolução, do CPC à Era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *O Segredo das Senhoras Americanas: Intelectuais, Internacionalização e Financiamento na Guerra Fria Cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- _____. & REIS, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*. Vol. 5: *Partidos e Organizações dos anos 1920 aos 1960*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- RISÉRIO, Antônio. *Adorável Comunista – História Política, Charme e Confidências de Fernando Sant’Anna*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2002.
- RUBIM, Antônio Canellas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. Salvador: Editora UFBA, 1995.
- _____. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 1986.
- SANTANA, Geferson. “O Romance Proletário Cacau: Produção Literária de Jorge Amado nos Moldes do Realismo Socialista da URSS”. *Revista Amoxtli*, n. 2, 2019.
- SANTOS, Raimundo. *A Primeira Renovação Pecebista: Reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956-1957)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.
- SAPELLI, Giulio. “La Construcción Social e Histórica de la Empresa: Para un Nuevo Modelo Teórico”. In: COMÍN, Francisco & ACEÑA, Pablo. *La Empresa en la Historia de España*. Madrid: Editorial Civitas, 1996.
- SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros: Formação da Esquerda no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.
- _____. *Caio Prado Júnior: O Sentido da Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- _____. “Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943)”. In: DEAECTO, Marisa Midori &

- MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo Horizonte: Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.
- _____. “Notas para a História Editorial de *O Capital*”. *Revista Novos Rumos*, Marília, ano 17, n. 37, pp. 3-22, 2002.
- _____. & PERICÁS, Luiz Bernardo (orgs.). *História do PCB*. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.
- SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um Escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *Memórias de um Soldado*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1988.
- SOUSA, Antônio Paulino de. “Gênese Social do Editor e as Novas Condições de Produção do Livro”. *Caderno CRH*, Salvador, vol. 28, n. 73, pp. 215-230, 2015.
- STRADA, Vittorio. “Da ‘Revolução Cultural’ ao ‘Realismo Socialista’”. In: HOBBSAWN, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol. 9.
- _____. “Do ‘Realismo Socialista’ ao ‘Zhdanovismo’”. In: HOBBSAWN, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol. 9.
- TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina: Sus Primeros Lectores Obreros, Intelectuales y Científicos*. 2. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2013.
- TORRES, Raquel Mundim. *Transpondo a Cortina de Ferro: Relatos de Viagem de Brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 2019.
- TSCHICHOLD, Jan. *A Forma do Livro: Ensaio sobre Tipografia e Estética do Livro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- URONDO-CLAUDÍN, Carmen. *Lenin y la Revolucion Cultural*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1978.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. *As Revoluções Africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- WELCH, Cliff & GERALDO, Sebastião. *Lutas Camponesas no Interior Paulista: Memórias de Irineu Luís de Moraes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WOLIKOW, Serge. “História do Livro e da Edição no Mundo Comunista Europeu”. In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo Horizonte: Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.
- _____. “Internacionalistas e Internacionalismos Comunistas”. In: DREYFUS, Michel *et al.*

(orgs.). *O Século dos Comunismos*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004,
ZHDANOV, Andrei Alexandrovich. *Escritos*. São Paulo: Nova Cultura, 2015.
ZIMBARG, Luis Alberto. *O Cidadão Armado: Comunismo e Tenentismo (1927-1945)*.
Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Franca, 2001.

Periódicos e revistas

(Disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional:
<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>)

Diário da Noite (São Paulo, SP)
Fundamentos (Rio de Janeiro, RJ)
Jornal Hoje (São Paulo, SP)
Imprensa Popular (Rio de Janeiro, RJ)
O Cruzeiro (Rio de Janeiro, RJ)
O Momento Feminino (Rio de Janeiro, RJ)
Tribuna da Imprensa (Rio de Janeiro, RJ)
Tribuna Gaúcha (Porto Alegre, RS)
Tribuna Popular (Rio de Janeiro, RJ)
Revista Divulgação Marxista (Rio de Janeiro, RJ)
Revista Leitura (Rio de Janeiro, RJ)
Vamos Ler! (Rio de Janeiro, RJ)

Arquivos e Fontes

Arquivo Nacional

Prontuário de Henrique Cordeiro.
Prontuário de Salomão Tabak.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa)

Arquivos da PIDE/DGS
Relatórios de livros censurados.
Prontuário de José Maria Nunes Pereira.

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp)

Fundo/Coleção Astrojildo Pereira

Fundo/Coleção Centro de Pesquisa e Documentação Social

Fundo/Coleção Edgard Leuenroth

Fundo/Coleção Heitor Ferreira Lima

Fundo/Coleção Hermínio Sacchetta

Fundo/Coleção Luiz Carlos Prestes

Fundo/Coleção Octávio Brandão

Fundo/Coleção Paulo Sérgio Pinheiro

Fundo/Coleção Partido Comunista Brasileiro

Fundo/Coleção Paschoal Lemme, livros diversos da Editorial Vitória.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

Fundo DOPS, Prontuário da Editorial Vitória, dossiê nº 1-3-20-14.

Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP)

Fundo DEOPS, Prontuário da Editorial Vitória, nº 120018.

Fundo DEOPS, Prontuário de Leôncio Basbaum, nº 99.854.

Biblioteca Nacional de Lisboa

Livros diversos da Editorial Vitória.

Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM)

Boletins Internos do PCB, 1945, nºs 3 e 4.

Catálogo da Editorial Vitória, anos 1950.

Catálogo da Coleção Romances do Povo.

Museu Republicano de Itu (USP)

Biblioteca Edgard Carone, livros diversos da Editorial Vitória.

Apêndice

1. Livros Editados pela Editorial Vitória (1944-1964)

O levantamento abaixo levou em conta informações sobre os livros editados pela Editorial Vitória presentes nos trabalhos *O Marxismo No Brasil*, de Edgard Carone³¹⁴, *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, de Antônio Rubim³¹⁵, *A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964)*, de Flamarion Maués³¹⁶ e em levantamento prévio sobre o catálogo da editora realizado e constituinte do acervo particular do historiador Dainis Karepovs, gentilmente cedido para o autor. Novos dados foram obtidos diretamente dos livros da editora, em catálogos publicados nas contracapas e orelhas das edições, consultados na Biblioteca Edgard Carone do Museu Republicano da USP e no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, além das propagandas nos jornais do partido como a *Tribuna Popular*. Dessa forma, chegou-se ao número de 233 títulos lançados, contabilizando reedições, e 55 anunciados e não editados.

³¹⁴ CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964*. São Paulo: Editora Dois Pontos, 1986.

³¹⁵ RUBIM, Antônio Canellas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 1986.

³¹⁶ MAUÉS, Flamarion. “A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964)”. In: DEAECTO, Marisa Midori e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/Belo Horizonte, Ateliê Editorial/Editora UFMG, 2013.

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1944	ALVES, Oswaldo	<i>Uma Luz na Enseada: Contos</i>				Cr\$ 16,00
1944	CHASE, Allan	<i>Falange: O Exército Secreto do Eixo na América</i>			Josué de Almeida	Cr\$ 25,00
1944	DANTAS, Raymundo Souza	<i>Sete Palmos de Terra (Romance)</i>		J. Moraes		Cr\$ 16,00
1944	DICKENS, Charles	<i>Contos de Natal</i>			Ruth Rowe	Cr\$ 15,00
1944	EHRENBURG, Ilya	<i>Treze Cachimbo</i>	Escritores Contemporâneos		David Medeiros	Cr\$ 18,00
1944	EHRENBURG, Ilya	<i>Morte ao Invasor Alemão!</i>			Moise Wainer	Cr\$ 15,00
1944	GORKI, Máximo	<i>O Espião</i>	Grandes Mestres da Literatura	J. Moraes	Milton Tavares	Cr\$ 15,00
1944	GORKI, Máximo	<i>A Mãe</i>	Grandes Mestres da Literatura	J. Moraes		Cr\$ 20,00
1944	ILF, Ilya e PETROF, Eugene	<i>Aventura das Doze Cadeiras (romance)</i>	Escritores Contemporâneos	J. Moraes	Milton Tavares	Cr\$ 18,00
1944	ILIN, M.	<i>Preto no Branco (A História do Livro e da Iluminação)</i>		J. Moraes	Josué de Almeida	Cr\$ 15,00
1944	ILIN, M. e SEGAL, E.	<i>Como o Homem se Fez Gigante</i>			Haydée Paraguassu	Cr\$ 18,00
1944	HUGHES, Langston	<i>O Imenso Mar (Autobiografia)</i>			Francisco Burkinskii	Cr\$ 25,00
1944	TILLIER, Cláudio	<i>Meu Tio Benjamin</i>				Cr\$ 15,00
1944	TOLSTOI, Leon	<i>Polikuchka</i>	Grandes Mestres da Literatura		Henrique Cordeiro	Cr\$ 15,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1945	BALZAC, H. de	<i>Memórias de Duas Jovens Casadas</i>	Grandes Mestres da Literatura			Cr\$ 20,00
1945	EFIMOV, A. e FREIBERG, N.	<i>História da Época do Capitalismo Industrial</i>	Unidade		Paim Júnior e Alina Paim	Cr\$ 18,00
1945	GROSSMAN, Vassili	<i>O Povo é Imortal</i>				Cr\$ 16,00
1945	ILIN, M.	<i>As Montanhas e os Homens</i>				Cr\$ 18,00
1945	LENIN, V.I.	<i>Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática</i>	Unidade		Aldenor Campos	Cr\$ 12,00
1945	LIMA, Pedro Motta	<i>Zamor (Romance)</i>				Cr\$ 18,00
1945	PARTIDO Comunista da União Soviética	<i>História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS</i>	Unidade			Cr\$ 30,00
1945	SHCHEGLOV, A. V. (Dir.)	<i>Compêndio de História da Filosofia</i>	Unidade		David Medeiros Filho	Cr\$ 30,00
1945	TOLSTOI, Alexei <i>et al.</i>	<i>A Cultura Soviética</i>	Unidade		Paim Júnior	Cr\$ 16,00
1946	DIMITROV, Jorge	<i>A Luta pela Unidade da Classe Operária contra o Fascismo</i>	Clássicos do Marxismo		Alina Paim	
1946	ENGELS, Friedrich	<i>As Guerras Camponesas na Alemanha</i>	Clássicos do Marxismo		B. A. Montenegro	Cr\$ 12,00
1946	ESTIMA, Acúrcio Soares	<i>Voltarei um Dia</i>				
1946	ILIN, M. e SEGAL, E.	<i>Como o Homem se Fez Gigante [2ª ed.]</i>	Escritores Contemporâneos	J. Moraes	Haydée Paraguassú	Cr\$ 28,00
1946	LENIN, V.I.	<i>Que Fazer? Problemas Candentes do</i>	Unidade		Paim Júnior e Alina	Cr\$ 12,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
		<i>Nosso Movimento</i>			Paim	
1946	LENIN, V.I.	<i>Um Passo Adiante, Dois Passos Atrás</i>	Unidade		Alina Paim e Gilberto Paim	Cr\$ 16,00
1946	LENIN, V.I.	<i>A Doença Infantil do Esquerdismo no Comunismo</i>	Unidade		Aldenor Campos	Cr\$ 10,00
1946	LENIN, V.I.	<i>O Estado e a Revolução. A Teoria Marxista do Estado e os Objetivos do Proletariado e da Revolução</i>	Unidade		Regina Maria de Mello e Fausto Cupertino	Cr\$ 10,00
1946	LUPPOL, L. K.	<i>Diderot</i>				Cr\$ 30,00
1946	MARX, Karl	<i>O 18 Brumário de Luís Bonaparte</i>	Clássicos do Marxismo			Cr\$ 10,00
1946	PARTIDO Comunista do Brasil	<i>Um Ano de Legalidade</i>	[Coed. com Edições Horizonte]			
1946	STALIN, J.	<i>O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial</i>	Unidade		Brasil Gerson	Cr\$ 30,00
1947	AMAZONAS, João; MARIGHELLA, Carlos; GRABOIS, Maurício	<i>Em Defesa dos Mandatos do Povo e pela Renúncia do Ditador</i>				Cr\$ 3,00
1947	AMAZONAS, João	<i>Contra a Cassação dos Mandatos e pela Defesa da Economia Nacional</i>				Cr\$ 1,00
1947	CARNEIRO, Edison	<i>Trajatória de Castro Alves (1847-71): Uma Interpretação Política</i>				
1947	CARVALHO, Apolônio de	<i>Os Problemas das Juventude Brasileira</i>				Cr\$ 1,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1947	DUTRA, Lia Correa	<i>História de um Pracinha</i>				Cr\$ 15,00
1947	GRABOIS, Maurício	<i>Os Comunistas em Defesa da Economia Nacional: Discurso proferido pelo Deputado Maurício Grabois, na Câmara dos Deputados, em sessão de 22-XII-47</i>				
1947	LENIN, V.I.	<i>A Catástrofe Que Nos Ameaça e Como Combatê-la</i>			Edison Carneiro	Cr\$ 5,00
1947	LENIN, V.I.	<i>O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo</i>	Unidade		Laura Austregésilo	
1947	LENIN, V.I.	<i>O Socialismo e a Guerra</i>			Edison Carneiro	Cr\$ 2,00
1947	LOBATO, Monteiro	<i>Zé Brasil [5ª ed., 1950]</i>		Percy Deane		Cr\$ 2,00
1947	MARIGHELLA, Carlos	<i>Os Comunistas e o Orçamento para 1948 (Discurso Pronunciado na Câmara dos Deputados – Transcrito do "Diário do Congresso" de 11 de Outubro de 1947)</i>				
1947	PALMEIRA, Sinval	<i>Liberdade de ser Comunista: Razões de Recurso Dirigidas ao Supremo Tribunal Federal pelo Partido Comunista do Brasil, no Processo de Cassação de seu Registro Eleitoral</i>				Cr\$ 4,00
1947	PRESTES, Luiz Carlos	<i>Contra a Cassação dos Mandatos (Voto proferido no Senado pela Inconstitucionalidade do Projeto Ivo D'Aquino)</i>				Cr\$ 1,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1947	PRESTES, Luiz Carlos	<i>Frente Nacional Para a Salvação da Pátria</i>				Cr\$ 3,50
1947	PRESTES, Luiz Carlos	<i>Problemas Atuais da Democracia</i>		Santa Rosa		Cr\$ 35,00
1947	Sem Autor	<i>Clemente Gottwald – Homenagem ao seu Cinquentenário</i>	Líderes do Proletariado e do Povo			
1947	TOGLIATTI, Palmiro	<i>Engels</i>	Líderes do Proletariado e do Povo		Paim Júnior	
1948	ARRUDA, Diógenes	<i>O Empréstimo à Light: Traição ao Povo Brasileiro</i>				Cr\$ 1,00
1948	ALMEIDA, Miguel	<i>Luta Vigorosa por Aumento de Salários</i>				Cr\$ 1,50
1948	KARPINSKI, V.	<i>A Vida no Campo na URSS</i>	A Verdade sobre a URSS, vol. 1		J. Maciel	Cr\$ 5,00
1948	MARIGHELLA, Carlos	<i>O Estudante Marighella nas Prisões do Estado Novo</i>				Cr\$ 1,00
1948	MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Manifesto do Partido Comunista: Edição do Centenário (1848-1948) [1ª ed.]</i>	Biblioteca da Nova Cultura			Cr\$ 5,00
1948	PRESTES, Luiz Carlos	<i>Eis a Conduta de um Patriota</i>				
1948	PRESTES, Luiz Carlos	<i>Depoimento Perante a Comissão de Inquérito sobre Atos Delituosos da Ditadura</i>				Cr\$ 2,00
1949	ALEXANDROV, G. F. et al	<i>Stalin. Biografia: Edição Comemorativa do 70º Aniversário do Generalíssimo Stalin – 21 de Dezembro de 1949</i>				Cr\$ 10,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1949	FUCHIK, Julio	<i>Testamento Sob a Força</i>			Lia Corrêa Dutra	
1949	LENIN, V.I. <i>et al</i>	<i>Lenin, Stalin e a Paz</i>				Cr\$ 5,00/ Cr\$ 2,00
1949	LYSSENKO, Trofim D.	<i>A Herança e sua Variabilidade: Uma Discussão Científica na URSS. Debate sobre o Estado Atual da Ciência Biológica</i>				
1949	PRESTES, Luiz Carlos	<i>Os Povos da América Latina Contra o Imperialismo</i>				Cr\$ 0,50
1949	SEGISMUNDO, Fernando	<i>História Popular da Revolução Praieira</i>				
1949	STALIN, J.	<i>A Luta Contra o Trotskismo</i>				Cr\$ 3,00
1949	STALIN, J.	<i>O Partido</i>				Cr\$ 1,00
1949	STALIN, J.	<i>Sobre o Problema da China</i>				Cr\$ 1,50
1950	LOBATO, Monteiro	<i>Zé Brasil [5ª ed.]</i>		Percy Deane		Cr\$ 2,00
1951	AMADO, Jorge	<i>O Mundo da Paz: União Soviética e Democracias Populares</i>				Cr\$ 30,00
1951	COMITÊ do Plano do Estado da URSS e DIREÇÃO Central de Estatística da URSS	<i>Balanço da Execução do Quarto Plano Quinquenal da URSS: Primeiro Plano de Após Guerra no Período de 1946 a 1950</i>	A Verdade Sobre a URSS, vol. 2			Cr\$ 3,00
1951	DOMERADZKI,	<i>Poemas de Mãos Calejadas</i>		Gronowski	Ary de Andrade	

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
	Wlodzimierz					
1951	RIPOLL, Lila	<i>O Coração Descoberto</i> [2ª ed. 1961]				
1951	RAMOS, Graciliano	<i>Sete Histórias Verdadeiras</i>		Percy Deane		
1951	ROSENTAL, M.	<i>O Método Dialético Marxista</i>	Coleção Estudos Filosóficos, vol. 1			Cr\$ 25,00
1951	WASSILEVSKA, Wanda	<i>O Arco-Íris</i>				
1951	Sem Autor	<i>Constituição da URSS</i>				Cr\$ 2,00
1951	Sem Autor	<i>Stalin: Porta Bandeira da Paz</i>				
1952	AMADO, Jorge	<i>O Mundo da Paz: União Soviética e Democracias Populares</i> [2ª ed.]				Cr\$ 30,00
1952	BOLDYRIEV, N. I.	<i>A Formação da Moral Comunista</i>				Cr\$ 3,00
1952	BRAGA, Zora	<i>O Livro de Fusilico: Viagem ao Rio Paraná – Reportagem para Crianças</i>		Candido Portinari		
1952	ENGELS, Friedrich	<i>Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico</i>				Cr\$ 2,00
1952	FIALHO, Branca	<i>Viagem à União Soviética</i>				
1952	LIU Chao-Tsi	<i>A Luta Interna no Partido</i>				Cr\$ 5,00
1952	STALIN, J.	<i>Obras (1901-1907), vol.1</i>				Cr\$ 30,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1952	STALIN, J.	<i>Obras (1907-1913), vol.2</i>				Cr\$ 30,00
1953	ALAMBERT, Zuleika	<i>Uma Jovem Brasileira na União Soviética</i>				
1953	CAMPELO, Humberto Alves	<i>Um Marítimo Brasileiro na União Soviética</i>				
1953	PARTIDO Comunista da União Soviética	<i>O 50º Aniversário do Partido Comunista da União Soviética</i>				
1953	POLEVÓI, Boris Nikolaevich	<i>Um Homem de Verdade</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 1	Percy Deane		Cr\$ 100,00
1953	STALIN, J.	<i>Obras (1917: Março-Outubro), vol. 3</i>				Cr\$ 30,00
1953	STALIN, J.	<i>Problemas Econômicos do Socialismo na URSS</i>				
1953	STALIN, J.; MALENKOV, G.M.; PARTIDO Comunista da URSS	<i>Em Marcha para o Comunismo: Documentos do XIX Congresso do PC(b) da URSS</i>				Cr\$ 30,00
1954	CASTRO, Ferreira de	<i>A Lã e a Neve</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 3	Percy Deane		Cr\$ 100,00
1954	EHRENBURG, Ilya	<i>A Tempestade, vol. 1</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 8	Percy Deane	Guttorm Hansen	Cr\$ 100,00
1954	EHRENBURG, Ilya	<i>A Tempestade, vol. 2</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 9	Percy Deane	Guttorm Hansen	Cr\$ 100,00
1954	FEDERAÇÃO de Mulheres do Brasil; Departamento de P	<i>Atravessando as Fronteiras da URSS (Entrevistas)</i>				

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1954	FURMANOV, Dmitri Andreevich	<i>Tchapáiev</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 6	Percy Deane	T. Oliveira	Cr\$ 100,00
1954	GUERRA, Carrera	<i>Poemas do Companheiro</i>		Fernando P. e Percy Deane		
1954	KALININ, Mikhail I.	<i>A Educação Comunista (Discursos e Artigos Escolhidos)</i>				
1954	LENIN, V.I.	<i>O Programa Agrário da Social-Democracia na Primeira Revolução Russa de 1905-1907</i>	Biblioteca da Nova Cultura			Cr\$ 10,00
1954	MARX, Karl	<i>Trabalho Assalariado e Capital</i>	Biblioteca da Nova Cultura			Cr\$ 10,00
1954	MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Manifesto do Partido Comunista [2ª ed.]</i>	Biblioteca da Nova Cultura			Cr\$ 10,00
1954	MELLO, Olympio Fernandes	<i>25 Dias na URSS</i>				
1954	NIKOLAIEVA, Galina	<i>A Colheita</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 7	Percy Deane	Ary de Andrade	Cr\$ 100,00
1954	OSTROVSKY, Nikolai	<i>Assim Foi Temperado o Aço</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 2	Percy Deane	Maria Delamare e Ouvar Davet (rev.)	Cr\$ 100,00
1954	ROUMAIN, Jacques	<i>Donos do Orvalho</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 5	Percy Deane	Emmo Duarte e James Amado (rev.)	Cr\$ 100,00
1954	SIOMÚCHKIN, Tikhon	<i>O Grande Norte</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 4	Percy Deane	James Amado e Emílio Carrera Guerra (rev.)	Cr\$ 100,00
1954	STALIN, J.	<i>Obras (1917-1920), vol. 4</i>				Cr\$ 30,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1954	STALIN, J.	<i>Obras (1921-1923), vol. 5</i>				Cr\$ 30,00
1954	STERNFELD, A.	<i>O Voo no Espaço Cósmico</i>	Coletânea de Estudos Científicos			Cr\$ 100,00
1955	ACADEMIA de Ciências da URSS/Instituto de Filosofia	<i>Materialismo Dialético (Manual)</i>	Biblioteca da Nova Cultura, vol. 6			Cr\$ 80,00
1955	BEK, Alexandr	<i>A Estrada de Volokolamsk</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 13		Gilda Linhares e Ouvar Davet	Cr\$ 100,00
1955	FAST, Howard	<i>A Tragédia de Sacco e Vanzetti</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 14		Antônio Bulhões	Cr\$ 100,00
1955	FAST, Howard	<i>Espartaco</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 10		Tati de Moraes	Cr\$ 100,00
1955	FÉDIN, Konstantin Alexandrovitch	<i>Primeiras Alegrias</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 15		Luiz Papi	Cr\$ 100,00
1955	GROSZ, Victor	<i>Polônia 1939</i>				
1955	INSTITUTO Marx-Engels-Lenin-Stalin	<i>O Cinquentenário da Primeira Revolução Russa (Teses)</i>	Biblioteca da Nova Cultura			Cr\$ 5,00
1955	INSTITUTO Marx-Engels-Lenin-Stalin	<i>Lenin: Biografia – Sua Vida e Sua Obra</i>				Cr\$ 35,00
1955	JASTRUN, Mieczyslaw	<i>Adam Mickiewicz</i>				
1955	LAXNESS, Halldor	<i>Saga dos Homens Independentes</i>				
1955	LEMME, Paschoal	<i>A Educação na URSS</i>				Cr\$ 60,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1955	LOBATO, Milton e MACHADO, Reinaldo	<i>Médicos Brasileiros na URSS: Impressões de Viagem e Aspectos da Medicina Soviética</i>				
1955	LENIN, V.I.	<i>Obras Escolhidas, vol. 1</i>				Cr\$ 25,00
1955	LENIN, V.I.	<i>Obras Escolhidas, vol. 2</i>				Cr\$ 45,00
1955	MARX, Karl	<i>Salário, Preço e Lucro</i>	Biblioteca da Nova Cultura			Cr\$ 10,00
1955	PAIM, Alina	<i>A Hora Próxima</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 11	Percy Deane		Cr\$ 100,00
1955	PAVLENKO, Piotr Andreevich	<i>A Felicidade</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 12	Percy Deane	Ricardo Ramos e Antônio Bulhões	Cr\$ 100,00
1955	STALIN, J.	<i>Obras (1924), vol. 6</i>				Cr\$ 35,00
1956	ACADEMIA de Ciências da URSS/Instituto de Filosofia	<i>Materialismo Dialético (Manual) [2ª ed.]</i>	Biblioteca da Nova Cultura, vol. 6			Cr\$ 80,00
1956	AJAEV, V.	<i>Longe de Moscou, vol. 1</i>	Coleção Novos Horizontes	Otávio Araújo	Ary de Andrade	
1956	AJAEV, V.	<i>Longe de Moscou, vol. 2</i>	Coleção Novos Horizontes	Otávio Araújo	Ary de Andrade	
1956	AMADO, Jorge	<i>O Cavaleiro da Esperança (Vida de Luiz Carlos Prestes) [9ª ed., 1956]</i>	Coleção Novos Horizontes	Vasco Prado		
1956	ANAND, Mulk Raj	<i>Coolie</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 18	Percy Deane	Ouvar Davet	Cr\$ 100,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1956	BRAUNSTEIN, Alexander Euseevitch	<i>A Albumina e a Vida</i> [2ª ed. 1963]	Coletânea de Estudos Científicos	Mauro Vinhas de Queiroz	Tancredo Alves	Cr\$ 25,00
1956	CHOLOKHOV, Mikhail	<i>Terra e Sangue</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 20		Luiz Papi	Cr\$ 100,00
1956	FEDERAÇÃO Internacional Sindical do Ensino <i>et al.</i>	<i>A Educação Norte-Americana em Crise</i>	Biblioteca Pedagógica			Cr\$ 70,00
1956	LAMAZE, Fernand	<i>O Parto Sem Dor</i>				
1956	LEMME, Paschoal	<i>A Educação na URSS (2ª ed.)</i>				Cr\$ 60,00
1956	LENIN, V.I.	<i>Obras Escolhidas (vol. 3)</i>				Cr\$ 45,00
1956	LENIN, V.I.	<i>O Socialismo e a Emancipação da Mulher</i>	Biblioteca da Nova Cultura, vol. 7			Cr\$ 20,00
1956	MAKARENKO, Anton Simionovitch	<i>O Socialismo e a Educação dos Filhos</i>	Biblioteca Pedagógica, vol. 1		Regina Rocha Freire	Cr\$ 40,00
1956	MARX, Karl	<i>As Lutas de Classes na França (1848 a 1850)</i>	Biblioteca da Nova Cultura, vol. 10			Cr\$ 40,00
1956	MARX, Karl	<i>O 18 Brumário de Luís Bonaparte</i> [2ª ed.]	Biblioteca da Nova Cultura, vol. 11			Cr\$ 40,00
1956	MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Obras Escolhidas (vol.1)</i> [2ª ed., 1961]				
1956	OPARIN, Aleksandr Ivanovich	<i>A Origem da Vida</i>	Coletânea de Estudos Científicos		Ernesto Luiz Maia	Cr\$ 40,00
1956	PLEKHANOV, Jorge	<i>A Concepção Materialista da História; O Papel do Indivíduo na História</i>	Biblioteca da Nova Cultura, vol. 12			Cr\$ 35,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1956	PLEKHANOV, Jorge	<i>Questões Fundamentais do Marxismo</i>	Biblioteca da Nova Cultura		João Batista de Lima e Silva	Cr\$ 50,00
1956	ROSENTAL, Mark Mousevitch	<i>Da Teoria Marxista do Conhecimento</i>	Biblioteca da Nova Cultura, vol. 9		Victor B. Linhares	Cr\$ 30,00
1956	SEGHERS, Anna	<i>Os Mortos Permanecem Jovens</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 19		Maria Werneck de Castro	Cr\$ 100,00
1956	SERAFIMOVITCH, Alexandr	<i>A Torrente de Ferro</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 16		Glauce Rocha	Cr\$ 100,00
1956	TING Ling	<i>Sol Sobre o Rio Sangkan</i>	Coleção Romances do Povo, vol. 17		Luiz Barreto de Sá	Cr\$ 100,00
1956	TOGLIATTI, Palmiro et al	<i>Que é o Stalinismo?</i>				Cr\$ 60,00
1957	FESENKOV, V. G.	<i>ABC do Sistema Solar</i>	Coletânea de Estudos Científicos, n. 4	Carlos Scliar	A. Fernandes	Cr\$ 100,00
1957	GUILHERME, Olympio	<i>O Brasil e a Era Atômica: Livro Negro dos Acordos de Minerais Atômicos Firmados Entre o Brasil e os Estados Unidos</i>				Cr\$ 120,00
1957	JIN-MIN JI-PAO (Diário do Povo de Pequim)	<i>Ainda Sobre a Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado</i>				Cr\$ 20,00
1957	LIU Chao-Tsi	<i>A Luta Interna no Partido</i> [2ª ed.]				Cr\$ 5,00
1957	PAPI, Luiz Francisco	<i>O Arado Branco: Poemas (1947-1954)</i>				
1957	STERNFELD, A.	<i>O Voo no Espaço Cósmico</i> [2ª ed.]	Coletânea de Estudos Científicos			Cr\$ 100,00

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1957	STERNFELD, A.	<i>Os Satélites Artificiais e os Voos Interplanetários</i>	Coletânea de Estudos Científicos			Cr\$ 60,00
1958	MARK, Bernard	<i>O Levante do Gueto de Varsóvia</i>		Carlos Scliar	Guttorm Hanssen e Alex Viany (rev.)	
1959	IRMÃOS Freitas Azevedo	<i>Cartas de Dois Mundos</i>		Violeta		
1959	JURANDIR, Dalcídio	<i>Linha do Parque</i>		Carlos Scliar		Cr\$ 300,00
1959	LEMME, Paschoal	<i>Problemas Brasileiros de Educação</i>		Marcel Gautherot		Cr\$ 140,00
1959	KRUSCHIOV, Nikita	<i>Sobre as Cifras de Controle de Desenvolvimento da Economia da URSS nos Anos de 1959-1965</i>	Documentos Políticos, vol. 2			
1959	PRESTES, Luiz Carlos	<i>A Situação Política e a Luta por Um Governo Nacionalista e Democrático</i>	Documentos Políticos, vol. 1			
1959	VAVILOV, V.	<i>O Olho e o Sol: A Luz, o Sol e a Visão</i>	Coletânea de Estudos Científicos			Cr\$ 140,00
1960	AMORA, Renato	<i>Tabelas de Amortização</i>				Cr\$ 400,00
1960	CAMPOS, Geir	<i>Canto Provisório</i>		Israel Pedrosa		
1960	EFIMOV, N.	<i>História Moderna: Da Santa Aliança (1815) até as Vésperas da Revolução de 1870</i>			Paschoal Lemme	
1960	ENGELS, Friedrich	<i>A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado: Trabalho relacionado com as investigações de L. H.</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Leandro Konder	

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
		<i>Morgan</i>				
1960	FACÓ, Rui	<i>Brasil Século XX</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1960	JUKOV, Vitor	<i>O Que Dará o Plano Setenal ao Cidadão Soviético</i>				
1960	KOSMINSKY, E. A.	<i>História da Idade Média</i>	Biblioteca Pedagógica			Cr\$ 250,00
1960	KRUSHIOV, Nikita	<i>Missão de Paz: K na ONU</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Fausto Cupertino	
1960	KRUSHIOV, Nikita	<i>Uma Viagem Histórica: Kruschiov nos Estados Unidos</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Luiz Gazzaneo	Cr\$ 20,00
1960	LENIN, V.I.	<i>A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo [2ª ed.]</i>			Luiz Fernando	Cr\$ 100,00
1960	MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Manifesto do Partido Comunista [4ª ed.]</i>				Cr\$ 40,00
1960	MICHULIN, A. V.	<i>História da Antiguidade</i>	Biblioteca Pedagógica		Paschoal Lemme	
1960	MIKOIAN, Anastas Hovhannesi	<i>Mikoian em Cuba</i>				
1960	PEDROSA, Milton	<i>Noite e Esperança</i>		Carlos Scliar		
1960	PERELMAN, Y. I.	<i>Brincando de Matemática</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Mercedes Massera	Cr\$ 160,00
1960	PRAXÉDI, Zé (pseud. de José Praxedes BARRETO)	<i>O Sertão é Assim...</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1960	PRESTES, Luiz Carlos	<i>Por que os Comunistas Apoiam Lott e Jango</i>				
1960	SAMBERSKI, G.	<i>União Soviética, 1959/1965: Pequeno Guia Informativo</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1960	URSS	<i>Da Terra à Lua: Documentos Soviéticos</i>	Coletânea de Estudos Científicos	Mauro Vinhas de Queiroz	Freitas Cruz	Cr\$ 130,00
1960	VLADIMIROV, L.	<i>A Diplomacia do Dólar: A guerra hispano-americana de 1898</i>			Armênio Guedes e Zuleika Alambert	
1960	ZVÉREV, Arseni	<i>Além do Salário - O que Recebem os Trabalhadores na URSS</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Fausto Cupertino	Cr\$ 50,00
1961	ACADEMIA de Ciências da URSS	<i>Manual de Economia Política [3ª ed.]</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Jacob Gorender e Josué de Almeida	
1961	BANDEIRA, Beatriz	<i>Roteiro</i>				
1961	JVOSTOV, V. M. e ZUBOK, L. I.	<i>História Contemporânea</i>	Biblioteca Pedagógica	Mauro Vinhas de Queiroz	Paschoal Lemme	
1961	KRUSHIOV, Nikita et al.	<i>Gagárin: O Homem Soviético no Cosmos</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Freitas Cruz	
1961	LENIN, V.I.	<i>O Trabalho do Partido Entre as Massas: Artigos e discursos</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Fragmon Borges	
1961	LENIN, V.I.	<i>O Estado e a Revolução: A Doutrina Marxista do Estado e as Tarefas do Proletariado na Revolução [2ª ed.]</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Regina Maria de Mello e Fausto Cupertino	
1961	LENIN, V.I.	<i>Sobre os Sindicatos</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Armênio Guedes, Zuleika Alambert e Luís Fernando Cardoso	

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1961	LENIN, V.I.	<i>A Aliança Operário-Camponesa</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Renato Guimarães; Fausto Cupertino; Regina Mello; e Helga Hoffman	
1961	LUCAS, Renato Mazze	<i>Anum Branco e Outros Contos</i>		Leonardo Alencar		
1961	MAO Tsé-Tung	<i>Obras Escolhidas (vol.1)</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Renato Guimarães	
1961	MATOS, Almir	<i>Cuba: A Revolução na América</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1961	NIEMEYER, Oscar	<i>Minha Experiência em Brasília</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1961	PONOMARIOV, B. N. (Coord.)	<i>História do Partido Comunista da União Soviética</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Rui Facó, Josué Almeida e Almir Matos	
1961	REVUNENKOV, V. G.	<i>História dos Tempos Atuais: 1917-1957</i>				
1961	RIPOLL, Lila	<i>O Coração Descoberto (Poesia)</i>				
1961	SIMON, Brian	<i>Escola Secundária para Todos</i>	Biblioteca Pedagógica			
1961	MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Obras Escolhidas (vol. 1) [2ª ed.]</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1961	MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Obras Escolhidas (vol. 2)</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1962	ENGELS, Friedrich	<i>Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico [3ª ed.]</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Almir Matos	

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1962	KOSLOV, F. R.	<i>Informe Sobre as Modificações nos Estatutos do PCUS; Estatutos do PCUS</i>				
1962	KRUSHIOV, Nikita	<i>Informe Sobre a Atividade do Comitê Central; Discurso de Encerramento ao XXII Congresso do PCUS</i>				
1962	KUUSINEN, Otto V. et alii	<i>Fundamentos do Marxismo-Leninismo</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Jacob Gorender e Mário Alves	
1962	LIMA, Pedro Motta	<i>Fábrica da Pedra</i>		Mercedes Massera e Mauro Vinhas de Queiroz		
1962	PARTIDO Comunista da União Soviética	<i>XXII Congresso do PCUS - Informe sobre o Programa</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1962	PARTIDO Comunista da União Soviética	<i>XXII Congresso do PCUS - Rumo ao Comunismo</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1962	PEREIRA, Astrojildo	<i>Formação do PCB (1922/1928) - Notas e Documentos</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1962	TELLES, Jover	<i>O Movimento Sindical no Brasil</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1963	AFANASSIEV, Victor Grigorievitch	<i>Filosofia Marxista: Compêndio Popular</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Mário Alves e Almir Matos	
1963	BRAUNSTEIN, A.E.	<i>A Albumina e a Vida</i>	Coletânea de Estudos Científicos	Mauro Vinhas de Queiroz	Tancredo Alves	
1963	BRASIL, Jocelyn	<i>O Pão, o Feijão e as Forças Ocultas</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1963	KRUSHIOV, Nikita	<i>O Imperialismo, Inimigo dos Povos, Inimigo da Paz: Trechos de Entrevistas, Informes e Discursos Pronunciados nos Anos 1956-1963</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Maria Anunciada Cordeiro	
1963	KRUSHIOV, Nikita	<i>O Movimento de Libertação Nacional: Trechos de Entrevistas, Informes e Discursos Pronunciados nos Anos 1956-1963</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Reynaldo Alves Ávila	
1963	KRUSHIOV, Nikita	<i>O Movimento Revolucionário Operário e Comunista: Trechos de Entrevistas, Informes e Discursos Pronunciados nos Anos 1956-1963</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Luiz Gazzaneo	
1963	KOSMINSKY, E. A.	<i>História da Idade Média</i> [2ª ed.]	Biblioteca Pedagógica			Cr\$ 250,00
1963	MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Obras Escolhidas (vol. 3)</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Leandro Konder, Apolônio de Carvalho e Fausto Cupertino	
1963	MARX, Karl	<i>Salário, Preço, Lucro</i> [3ª ed.]		Mauro Vinhas de Queiroz		
1963	MARX, Karl	<i>Trabalho Assalariado e Capital</i> [2ª ed.]		Mauro Vinhas de Queiroz		
1963	MARX, Karl e ENGELS, Friedrich	<i>Manifesto do Partido Comunista</i> [5ª ed.]		Paulo Werneck		
1963	MICHULIN, A.V.	<i>História da Antiguidade</i> [2ª ed.]	Biblioteca Pedagógica	Mauro Vinhas de Queiroz	Paschoal Lemme	

Ano	Autor	Título	Coleção	Capa	Tradução	Preço
1963	OPARIN, A.	<i>A Origem da Vida</i> [5ª ed.]	Coletânea de Estudos Científicos	Mauro Vinhas de Queiroz	Ernesto Luiz Maia	
1963	PLEKHANOV, Jorge	<i>A Concepção Materialista da História: Da Filosofia da História; Da Concepção Materialista da História; O Papel do Indivíduo na História</i> [2ª ed.]		Mauro Vinhas de Queiroz		
1963	PRESTES, Luiz Carlos et al.	<i>As Divergências no Movimento Comunista Mundial</i>		Mauro Vinhas de Queiroz		
1964	ENGELS, Friedrich	<i>A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado</i> [2ª ed.]			Leandro Konder	Cr\$ 260,00
1964	JVOSTOV, V. M. e ZUBOK, L. I.	<i>História Contemporânea</i> [2ª ed.]	Biblioteca Pedagógica	Mauro Vinhas de Queiroz	Paschoal Lemme	
1964	KRUSHIOV, Nikita	<i>Impedir a Guerra é a Tarefa Fundamental: Trechos de Entrevistas, Informes e Discursos Pronunciados nos Anos 1956-1963</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Renato Guimarães	
1964	KRUSHIOV, Nikita	<i>Socialismo e Comunismo: Trechos de Entrevistas, Informes e Discursos Pronunciados nos Anos 1956-1963</i>		Mauro Vinhas de Queiroz	Laura Austregésilo	
s.d.	CHOLOKHOV, Mikhail	<i>O Don Silencioso</i>				
s.d.	EHRENBURG, Ilya	<i>Beco de Moscou</i>				
s.d.	URSS	<i>Declaração Sobre o Acordo Atômico</i>				

2. Livros Anunciados pela Editorial Vitória e Não Editados

Autor	Título	Coleção
ASROTIAN	<i>I.P. Pávlov – Sua Vida e Obra Científica</i>	Coletânea de Estudos Científicos
BABALEVSY	<i>O Cavaleiro da Estrela de Ouro</i>	Coleção Romances do Povo
BRECHT, Bertolt.	<i>Teatro</i>	Coleção Novos Horizontes
BROWDER, Earl.	<i>Teerã</i>	
CHUNDIK, Nikolai.	<i>A Rena Veloz</i>	Coleção Romances do Povo
ENGELS, Friedrich.	<i>Anti-Duhring</i>	
FADEEV, Alexandre.	<i>A Jovem Guarda</i>	Coleção Novos Horizontes
FÉDIN, K.	<i>Um Verão Extraordinário</i>	Coleção Romances do Povo
GRAVINA, Alfredo.	<i>Fronteiras ao Vento</i>	Coleção Romances do Povo
GUKOVSKI e TRACHTENBERG	<i>História do Feudalismo</i>	Unidade
HAINCHELIN, Charles.	<i>As Origens da Religião</i>	Biblioteca Pedagógica
HASEK, Jaroslaw.	<i>O Bom Soldado Schweik</i>	Coleção Novos Horizontes
ILIN, M.	<i>História do Relógio</i>	
KRUSHIOV, Nikita.	<i>Informe ao XXI Congresso do P.C.U.S.</i>	Coleção Documentos Políticos
KUDRIAVTSEV, V.	<i>O Mundo dos Ultrassons</i>	
LAXNESS, Halldor.	<i>Gente Independente (Prêmio Nobel – 1955)</i>	Coleção Romances do Povo
LENIN, V.I.	<i>Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática [2ª ed.]</i>	
LENIN, V.I.	<i>O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo [2ª ed.]</i>	
LENIN, V.I.	<i>Obras Escolhidas (vol. 4)</i>	

LEPECHINSKAIA, O.B.	<i>A Origem da Célula</i>	Coletânea de Estudos Científicos
LEONTIEV, A.	<i>Economia Política</i>	Unidade
LÉZINE, Irene.	<i>Makarenko, Pedagogo Soviético</i>	Biblioteca Pedagógica
MAIAKÓVSKI, A.	<i>Antologia Poética</i>	Coleção Novos Horizontes
MAKARENKO, A.	<i>Bandeira Sobre as Torres</i>	Biblioteca Pedagógica
MAKARENKO, A.	<i>Conferências Para os Pais</i>	Biblioteca Pedagógica
MAO Tsé-Tung	<i>Estudos Filosóficos</i>	Biblioteca da Nova Cultura
MEYER, Gustav.	<i>Biografia de Engels</i>	
NEKRASSOV, V.	<i>A Aldeia Natal</i>	Coleção Romances do Povo
NÉSTRURKH	<i>A Origem do Homem</i>	Coletânea de Estudos Científicos
NEWERLY, Igor.	<i>Celulose</i>	Coleção Romances do Povo
NEWERLY, Igor.	<i>O Diário de Tchesny</i>	Coleção Romances do Povo/ Coleção Novos Horizontes
OLBRACHT, Ivan.	<i>Ana</i>	Coleção Romances do Povo
OPARÍN, A.	<i>A Vida no Universo</i>	Coletânea de Estudos Científicos
PÁVLOV, S.	<i>Estudos de Fisiologia</i>	Coletânea de Estudos Científicos
PLEKHANOV, G.	<i>A Concepção Monista da História</i>	Biblioteca da Nova Cultura
PLEKHANOV, G.	<i>Materialismo Militante</i>	Biblioteca da Nova Cultura
PRATOLINI, Vasco.	<i>Crônica dos Pobres Amantes</i>	Coleção Romances do Povo
ROSANOV, S.	<i>As Aventuras do Travuchka</i>	
ROSENTAL, M.	<i>Dicionário de Filosofia</i>	Biblioteca da Nova Cultura

SEVRIKOV, K.	<i>Os Direitos do Cidadão na URSS</i>	A Verdade Sobre a URSS, vol. 3
SIMON, Brian	<i>Os Testes contra a Escola Democrática</i>	
STALIN, J.	<i>As Questões do Leninismo</i>	Unidade
STANCU, Zaharia.	<i>Descalços</i>	Coleção Novos Horizontes
STENDHAL	<i>Crônicas Italianas</i>	
TEPLOV, B.M.	<i>Manual de Psicologia</i>	Coletânea de Estudos Científicos
TETZNER, Lisa.	<i>Hans e Sua Lebre Encantada</i>	
TOLSTOI, Alexei.	<i>O Tormentoso Caminho</i>	Coleção Romances do Povo
Vários Autores	<i>A Pedagogia Soviética</i>	Biblioteca Pedagógica
VAVILOV, S.	<i>Lenin e os Problemas Filosóficos da Física Moderna</i>	Coletânea de Estudos Científicos
WELLS, Harry K.	<i>O Pragmatismo, Filosofia do Imperialismo</i>	
ZASLAVSKI, D.	<i>A Democracia Soviética</i>	A Verdade Sobre a URSS, vol. 4
Autor não especificado	<i>Manual de Economia – 2 vols.</i>	Biblioteca da Nova Cultura
Autor não especificado	<i>Manual de Psicologia</i>	
Autor não especificado	<i>História da Filosofia</i>	
Autor não especificado	<i>Questões de Estética/Estética Marxista</i>	

3. Autores Mais Publicados pela Editorial Vitória

Autor	N. de Títulos
Lenin	17
Stalin	12
Karl Marx	10
Nikita Krushev	10
Luiz Carlos Prestes	9
Friedrich Engels	7
Ilya Ehrenburg	5
Partido Comunista da União Soviética	4
Carlos Marighella	3
M. Ilin	3
Howard Fast	2
Academia de Ciências da União Soviética	2
A. Sternfeld	2
Efimov	2
Instituto Marx-Engels-Lenin-Stalin	2
João Amazonas	2
Jorge Amado	2
Maurício Grabois	2
Máximo Gorki	2

Mikhail Cholokhov	2
M. Rosental	2
Palmiro Togliatti	2
Paschoal Lemme	2
Pedro Motta Lima	2
Plekhanov	2

4. Livros Editados pela Editorial Vitória por Ano (considerando reedições)

Ano	N. de Títulos Editados
1944	14
1945	9
1946	12
1947	16
1948	8
1949	8
1950	1
1951	9
1952	8
1953	7
1954	18
1955	18
1956	24
1957	7
1958	1
1959	6
1960	21
1961	18
1962	9
1963	15
1964	4
Total	233

Livros Editados pela Editorial Vitória por Ano (considerando reedições)

